

Seminário CONCEPÇÃO E REGIME DE PARTIDO



**APOSTILA SEMINÁRIO DE QUADROS
PSTU(B) – ABRIL de 2017**

ÍNDICE

BLOCO 1 – Concepção e Regime de Partido em Marx e Engels

1 - Uma pequena contextualização deste debate em Marx e Engels	06
2 - França, 1789 – 1897: Como nasceu o primeiro partido comunista da história? <i>Francesco Ricci</i>	07
3 - Manifesto do Partido Comunista	09
<i>Marx e Engels</i>	
4 - Notas aclaratórias (em Biografia do Manifesto Comunista, Editorial México, 1949)	10
<i>Riazanov</i>	
5 - Marx – Engels e a História do Movimento Operário	10
<i>Riazanov</i> (IV Conferencia)	
6 - Marx – Engels e a Luta do Movimento Operário	11
<i>Riazanov</i> (VIII Conferencia)	
7 - Discurso sobre a ação política da classe operária	16
<i>Engels</i> (21 de Setembro de 1871)	
8 - As pretensas cisões na Internacional	16
<i>Marx e Engels</i> (1872)	
9 - Sobre a autoridade	17
<i>Engels</i> (1873)	
10 - Carta à Friedrich Bolte	19
<i>Marx</i> (1871)	
11 - Carta à Friedrich Adolph Sorge	20
<i>Engels</i> (1874)	

BLOCO 2 – Concepção e Regime de Partido em Lenin (incluindo polemica com jovem Trotsky e Rosa Luxemburgo)

1 - Uma pequena contextualização deste debate em Lenin	21
2 - Lenin – Obras Completas: Tomo I (1894)	21
3 - Lenin – Obras Completas: Tomo II (1895 a 1897)	22
4 - Lenin – Obras Completas: Tomo IV (1898 a 1901)	23
5 - Que Fazer? Problemas Clandestinos do Nosso Movimento	24
<i>Lenin</i> (1902)	
6 - Lenin – Obras Completas: Tomo VII (1902 a 1904)	35
7 - Um Passo Adiante e Dois Atrás	36
<i>Lenin</i> (1904)	
8 - Questões de Organização da Socialdemocracia Russa	46
<i>Rosa Luxemburgo</i> (1903/1904)	
9 - Nossas Tarefas Políticas	51
<i>Trotsky</i> (1904)	

10 - Lenin – Obras Completas: Tomo IX (1904 a 1905)	54
11 - Lenin – Obras Completas: Tomo X (1905)	55
12 - Lenin – Obras Completas: Tomo XI (1905)	56
13 - Lenin – Obras Completas: Tomo XII (1905 a 1906)	56
14 - Lenin – Obras Completas: Tomo XXVI (1914 a 1915)	57
15 - Lenin – Obras Completas: Tomo XXX (1916 a 1917)	57
16 - Lenin – Obras Completas: Tomo XXXIII (1917)	57
17 - Lenin – Obras Completas: Tomo XXXXI (1920)	57
18 - Lenin – Obras Completas: Tomo XXXXII (1920 a 1921)	59
19 - Lenin – Obras Completas: Tomo XXXXV (1922 a 1923)	59
20 - A estrutura, os métodos e a ação dos partidos comunistas Teses da III Internacional (1921)	60

BLOCO 3 – Concepção e Regime de Partido em Trotsky e Cannon

1 – Uma pequena contextualização deste debate em Trotsky e Cannon	66
(Trotsky)	
2 - O Novo Curso	67
<i>Trotsky(1923)</i>	
3 - Lições de Outubro	72
<i>Trotsky(1924)</i>	
4 - Questões do Modo de Vida: A época do “militantismo cultural” e as suas tarefas	73
<i>Trotsky(1923)</i>	
5 - Stalin, o Grande Organizador de Derrotas	74
<i>Trotsky(1929)</i>	
6 - Devemos pôr um ponto final	75
<i>Trotsky(1933)</i>	
7 - As Frações e a IV Internacional	75
<i>Trotsky(1935)</i>	
8 - Luxemburgo e a IV Internacional	76
<i>Trotsky(1935)</i>	
9 - O Estalinismo e o Bolchevismo	77
<i>Trotsky(1937)</i>	
10 - Observações Adicionais Sobre o Regime do Partido	78
<i>Trotsky(1937)</i>	
11 - A Composição Social do Partido	79
<i>Trotsky(1937)</i>	
12 - Sobre o Centralismo Democrático	79
<i>Trotsky(1937)</i>	

13 - Em Defesa do Marxismo	80
<i>Trotsky (1939/1940)</i>	

(A EXPERIÊNCIA DO SWP/EUA - J. CANNON)

14 - A Situação Interna e o Caráter do Partido	83
<i>J. Cannon e M. Schachtman (1938)</i>	
15 - A luta por um Partido Proletário	84
<i>J. Cannon (1940)</i>	
16 - Luta Fracional e Direção do Partido	87
<i>J. Cannon (1953)</i>	
17 - Carta a Vincent Dunne	89
<i>J. Cannon (1955)</i>	

BLOCO 4 – Concepção e Regime de Partido em Nahuel Moreno

1 - Uma pequena contextualização deste debate em Moreno	92
2 - Partido Mandelista ou Partido Leninista	92
<i>Nahuel Moreno</i>	
3 - Teses para Atualização do Programa de Transição	97
<i>Nahuel Moreno (1980)</i>	
4 - Teses de Fundação da Liga Internacional dos Trabalhadores (IV Internacional)	99
<i>Nahuel Moreno</i>	
5 - Escola de Quadros da Venezuela	100
<i>Nahuel Moreno (1982)</i>	
6 - Problemas de Organização	101
<i>Nahuel Moreno (1984)</i>	
7 - Conversando com Moreno	107
<i>Nahuel Moreno</i>	

BLOCO 1 – CONCEPÇÃO e REGIME de PARTIDO em MARX e ENGELS

1 – Uma pequena contextualização deste debate em Marx e Engels

Para ajudar na contextualização deste debate em Marx e Engels inserimos extratos de um artigo do Ricci:

A Liga dos Comunistas e o *Manifesto*

(As primeiras batalhas de Marx e Engels para a construção do partido revolucionário)

Francesco Ricci

Os limites da Liga dos Justos e a necessidade de uma primeira "fração marxista"

Nos anos trinta se difunde nos círculos revolucionários da Europa o "babuvismo", alimentado pela incansável atividade organizativa de Filippo Buonarroti e pela difusão de seu livro *"Conspiração pela igualdade chamada Babeuf"* (1828). Sabemos que o próprio Marx leu o livro, provavelmente em Paris em 1844. (...)

E em Londres (...) no verão de 1845, Marx e Engels encontram o grupo dirigente da Liga dos Justos, composto por: Joseph Moll (relojoeiro), Heinrich Bauer (sapateiro), Hermann Ewerbeck (médico), Karl Schapper (tipógrafo) e, especialmente, Wilhelm Weitling (alfaiate), o principal teórico da organização.

(...) Engels escreverá a respeito dos dirigentes da Liga: "Eram os primeiros revolucionários que vi."

Mas as bases não-científicas da teoria da Liga e o programa ainda ingênuo (o lema da Liga é: "Todos os homens são irmãos") induzem Marx e Engels a não participarem e, ao invés, fundar em fevereiro de 1846, em Bruxelas, o Comitê de Correspondência Comunista. (...)

O Comitê de Correspondência Comunista é a primeira organização política a que Marx e Engels construiram. Reunia no máximo duas dúzias de membros, mas teve uma função muito importante: a de servir como fração organizada (...) para a batalha que Marx e Engels queriam desenvolver para ganhar a Liga dos Justos (...).

Os resultados da batalha de delimitação

(...) Marx e Engels influenciam do exterior a Liga dos Justos, com atividades jornalísticas e literárias. Na Liga dos Justos se liam os artigos dos dois amigos publicados nos *Anais Franco-alemães* e no *Vorwärts* (1844), bem como circulava o livro Engels, *"A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra"* (1845). A esta pressão "cultural" Marx e Engels acompanhavam uma batalha direta, especialmente aquela conduzida em Paris por Engels nas reuniões da Liga dos justos contra as teorias de Weitling e Proudhon (a este último Marx irá dedicar, em 1847, uma importante obra polêmica: *Miséria da Filosofia*). O verão de 1846 é gasto por Engels neste trabalho nas reuniões parisienses e o primeiro fruto não tarda a amadurecer: o setor mais firmemente ligado às posições de Weitling sai da Liga. Algo que Engels e Marx se alegram, já que não tinham (e nunca terão) a conceito "unitarista", que é típica do reformismo de hoje. É a partir de Marx e Engels, em suma, que Lênin aprendeu o método que mais tarde seria resumido no lema do Iskra: "Antes de nos unirmos e para nos unirmos, devemos antes de mais nada nos delimitarmos com firmeza e precisão."

A entrada para a Liga dos Justos

É só depois de ter arado o terreno e semeado as suas concepções programáticas que Marx e Engels se reúnem com Moll que veio a lhes propor de aderir com o Comitê de correspondência comunista, a Liga dos Justos. Nesse encontro com Moll fica claro que o grupo dirigente da Liga está amadurecendo uma superação da teoria de Weitling (o qual, neste meio tempo é expulso de vários países e se transfere para os EUA para fundar uma colônia baseada em seus princípios, onde morrerá isolado e esquecido).

É importante observar esta passagem: há agora - como não havia antes - aquelas bases suficientes para que agora Marx e Engels entrem na Liga. Mas se trata ainda de continuar internamente uma batalha de fração para consolidar estes resultados iniciais. Com os dirigentes da Liga é estabelecida a fusão do Comitê de Marx e Engels e a preparação conjunta de um congresso que rediscute o programa e de vida a um novo partido estruturado de forma diversa da Liga dos Justos. A mudança é ainda insuficiente, mas já é evidente e se reflete no novo lema (também publicado na única edição da revista da Liga Comunista, dois mil exemplares de tiragem): *"Proletários de todos os países, uni-vos!"*.

Inicia-se então um período de intenso debate nas seções Liga que desemboca no Congresso, que se reúne em Londres de 2 a 9 junho de 1847. Marx está ausente (...), mas Engels participa e inicia uma dura batalha política e consegue vencer, pelo menos em parte, as posição reformistas inrustidas de romantismos

conspirativos. É o fim da Liga dos Justos e o nascimento da Liga dos Comunistas. Este primeiro congresso terminou com a convocação de um segundo Congresso para o final do ano que aprove o programa e os Estatutos definitivos (...).

O II Congresso é realizado de 29 novembro a 10 dezembro em Londres. E nos meses de junho a novembro Marx e Engels continuaram a sua batalha de fração, em particular (Marx em Bruxelas e Engels em Paris) desenvolvem uma intensa discussão com os dirigentes e membros da Liga sobre a questão do programa do novo partido.

(...) O II Congresso terá a duração de dez dias intensos em que Marx e Engels fazem avançar rapidamente a sua hegemonia. Saem vencedores, por isso que é a Marx que novo o Comitê Central Partido confia a tarefa de preparar o programa definitivo da Liga dos comunistas: isto é tarefa não é confiada a um filósofo, mas ao dirigente da fração apoiada pela maioria no confronto político na liga.

É texto que se tornará famoso em todo o mundo como o *Manifesto do Partido Comunista*. O cerne das novas posições do partido internacional nasceu em dezembro 1847 e está contido no primeiro artigo dos novos Estatutos onde, eliminadas as velhas ingenuidades de Weitling, assim é definido o propósito da Liga dos comunistas: "a derrubada da burguesia, e o domínio do proletariado, a abolição da antiga sociedade burguesa apoiada em antagonismos entre as classes, e a fundação de uma nova sociedade sem classes e sem propriedade privada".

(...)

A Liga dos comunistas, que se torna tal quando Marx ganhou sua batalha de delimitação programática na Liga, era um partido de vanguarda organizado em torno de um programa revolucionário e estruturado na forma não muito diferente do como Lênin concebeu no início do século XX, o partido de vanguarda em contraposição a concepção menchevique de partido "frouxo" (não distinto da classe).

(...)

A Liga dos Comunista era apenas um embrião de partido revolucionário. Mas isso só porque as circunstâncias não permitiram um desenvolvimento diferente: não porque Marx fosse "privado de uma teoria de partido", ou não tivesse amadurecido uma teoria de partido programaticamente delimitado. Sobre este último ponto, ver a reconstrução que nós fizemos, na edição anterior desta revista, da história da Primeira Internacional: que foi a história de uma batalha de delimitação programática com a qual Marx e Engels procuram construir a internacional e partidos marxistas (tarefa que só Lênin terminou com o bolchevismo, mas não foi Lênin – e isto queremos dizer - a "inventar").

O fim da Primeira Internacional não foi devido a um confronto violento com Bakuniani, mas da necessidade de superar aquela experiência para aplicar as novas possibilidades que a Comuna tinha finalmente concretizado na construção, como disse Engels, os partidos inteiramente baseados no programa marxista. Um programa que, da metade do século XIX até os dias atuais, continua a dividir irreconciliavelmente comunismo e o reformismo em todas as variantes e a fazer, por isso, necessária a construção de um partido baseado no *Manifesto do Partido Comunista* nas suas linhas essenciais, mais atuais do que nunca: a derrubada a burguesia, a conquista revolucionária do poder, a instauração da ditadura do proletariado.

2 - França, 1789-1797: Como nasceu o primeiro partido comunista da história?

Francesco Ricci

(Seleção)

Muitos acreditam que o comunismo nasceu com Marx e que antes de Marx só existiam pensadores utópicos que escreviam livros sobre uma futura sociedade socialista (os vários Fourier, Owen, Saint-Simon com suas ingênuas fantasias). Outros tantos acreditam também que o partido revolucionário de vanguarda é uma invenção de Lenin (em efeito, habitualmente se usa a expressão "partido de tipo leninista").

Não é verdade nenhuma das duas ideias. Se é bela a imagem mitológica de Minerva, que nasceu já vestida com armadura e escudo de uma dor de cabeça de Júpiter, não coincide com a história o nascimento do comunismo da cabeça de Marx. Diferentemente das divindades da mitologia, como repetia o marxista Antonio Labriola (foi em seus livros que Trotsky estudou a concepção materialista da história), "as ideias não caem do céu". A concepção da história como a "história das ideias" segue sendo, apesar do desenvolvimento da ciência, um dos pilares da ideologia imposta pela classe dominante. Na realidade, a ciência mostra que as ideias (o pensamento, o espírito o a consciência) estão determinadas pela matéria (o ser). As teorias jurídicas e filosóficas são o produto da evolução histórico-social: como diz o *Manifesto Comunista*, a história é a história da luta de classes. Também o comunismo é filho da luta de classes e, em particular, é o filho do violento choque de classes que se produziu na França no século XVIII, com a revolução francesa (a primeira, porque depois a França conheceu outras). Para buscar as origens do comunismo devemos, então, voltar aos últimos anos do século XVIII.

(...)

O primeiro partido comunista na história segundo Marx

Quase todas as biografias de Marx, também aquelas que não se limitam a apresenta-o como “um filósofo” ou “um economista”, porém reconhece que foi sobretudo um revolucionário, passam por alto o fato de que o primeiro interesse de Marx foi pela história política (15) e que se aproximou ao estudo da economia a partir do impulso de Engels, depois do segundo encontro com ele em Paris em agosto de 1844 (16). Sabemos, em efeito, que no verão de 1843, pouco depois do casamento com Jenny, de férias na casa de sua sogra em Kreuznach, as leituras de Marx (com exceção dos romances de Balzac) se concentraram sobre a Revolução Francesa. Marx, como era seu costume, lia dezenas de livros escrevendo centenas de páginas de notas e de extratos (se trata aqui dos cinco *Cadernos de Kreuznach*). É neste período que pensa em escrever a história da Convenção (uma das muitas obras que lamentavelmente nunca teve tempo de escrever) (17).

É conhecida uma expressão utilizada por Kautsky (e retomada por Lenin) segundo a qual o marxismo nasceu de três fontes: a filosofia alemã (Hegel, Feuerbach), a economia inglesa (Ricardo) e o socialismo francês (18). Na realidade, como veremos, é necessário falar de socialismo “franco-italiano” (uma afirmação que não a fazemos evidentemente por chauvinismo). É o próprio Marx que analisa uma destas três fontes, em um texto pequeno de 1847 (19): “a primeira aparição de um partido comunista realmente operante foi na Revolução Francesa”.

É um fragmento importante e vamos analisar cada uma das palavras: Marx insiste que o comunismo nasce “na Revolução Francesa” (como já havia assinalado na *Sagrada Família*), ou seja, não da cabeça de qualquer filósofo, porém na luta de classes real. E acrescenta que o comunismo nasce junto a um partido “realmente existente” e não como uma abstração teórica, senão como um programa de luta. Marx sustenta, portanto, que não existe comunismo fora da luta de classes e sem um partido para organizar os revolucionários na luta de classes. Não se trata de uma simples frase: toda a vida de Marx e de Engels foi dedicada a construir um partido protagonista das lutas dos trabalhadores. Seu primeiro partido foi o Comitê de Correspondência Comunista (14 membros de conjunto; em 1847 entraram na Liga dos Justos; depois na Liga dos Comunistas, que na fase inicial reuniu 300 militantes).

Porém voltemos ao partido comunista que nasceu na Revolução Francesa, pouco depois da queda de Robespierre. É o partido, destaca Marx no texto que citamos, de Babeuf e Filippo Buonarroti (um italiano: aqui está a explicação da afirmação irônica que fizemos sobre o socialismo “franco-italiano”). Um partido que também no *Manifesto Comunista*, Marx e Engels classificaram separadamente dos teóricos utópicos, porque era “realmente operante” nas lutas.

A “conspiração dos iguais” para guiar às massas ao poder

François-Noël Babeuf, nome de guerra Gracchus (em honra aos tribunos da plebe de Roma), era um jornalista (colaborou com Marat), leitor (como Robespierre) de Rousseau (ainda que mais tarde o criticou por seu idealismo), inicialmente admirador dos jacobinos, logo se colocou muito mais à esquerda, sendo um dos primeiros a defender a abolição da propriedade privada como uma condição imprescindível para realizar uma verdadeira igualdade. Em fevereiro de 1793 se mudou para Paris e viveu as fases mais agudas da revolução como secretário da Comissão de subsistência da Comuna.

Seu nome está associado com a “conspiração dos iguais”, porém inclusive no movimento revolucionário se sabe pouco deste comunista e de seu partido, que Marx considerava “o primeiro partido comunista”. Os estudos históricos sobre a Revolução Francesa, especialmente os desenvolvidos no século XX sob a influência do estalinismo, de acordo com a concepção menchevique-estalinista (já descrita), relegaram Babeuf entre os utópicos, inventando um caráter extremista (quase pré-blauquista) dos iguais. Em efeito, se ignoramos os antagonismos de classes na fase mais aguda da revolução, não podemos entender a origem e o significado histórico do partido de Babeuf.

O principal historiador deste acontecimento foi um historiador russo, trotskista, Victor Daline. Seus e de alguns outros historiadores são os textos mais importantes sobre Babeuf e Buonarroti (20). Não podemos aqui contar em detalhes o que fizeram estes primeiros comunistas, que atuaram em um período em que não existia ainda um proletariado industrial e o próprio termo “comunismo” ainda não existia e Babeuf usava uma palavra depois abandonada: “*communautisme*”.

Queremos aqui retomar o que escrevemos no início: o primeiro verdadeiro partido “de tipo leninista” nasceu oitenta anos antes do nascimento de Lenin! É o Clube do Panteão, o partido de Babeuf, que se reunia em Paris, composto inicialmente por cerca de dois mil partidários que vinham do jacobinismo, do *hébertismo*, dos *enragés*, isto é, dos setores mais avançados da Comuna de 1793.

Não era uma seita “vanguardista”: foi somente a repressão do Diretório (que pôs o partido fora da lei) que impôs a adoção de métodos de um partido clandestino. Era um partido com um programa comunista (ou seja, um programa que punha como fim uma economia socializada e o poder dos trabalhadores); um partido que com este programa fazia propaganda entre as massas, com um jornal usado como um “organizador coletivo” (um século antes de Lenin); um partido que buscava construir a agitação política, organizando as primeiras greves nas manufaturas de Paris, e as lutas pelo pão; um partido com uma direção centralizada, de militantes que cotizavam. Como os partidos fundados nos séculos seguintes por Marx, Engels, Lenin e Trotsky, também o partido de Babeuf nascia do enfrentamento com as correntes que hoje chamaríamos de “reformistas” e que no Clube do Panteão propuseram uma colaboração de classes com o governo da burguesia (o Diretório). Não somente: o partido de Babeuf fazia propaganda no exército, constituindo núcleos revolucionários necessários para a insurgência e para estabelecer uma ditadura

revolucionária (aqui nasceu em sua forma “prematura” este conceito, meio século antes que Marx teorizara a ditadura do proletariado).

Foi justamente a influência de massas que estava adquirindo o partido de Babeuf, Buonarroti, Germain, Sylvain Maréchal (autor do *Manifesto dos iguais*), que assustou o Diretório que buscava primeiro corromper Babeuf, prometendo-lhe um trabalho no governo (corromper os dirigentes operários não é uma novidade de nossa época), depois conseguiu infiltrar seus agentes no partido e graças a um infiltrado, Grisel, conseguiu prender o grupo dirigente em maio de 1796. Da prisão Babeuf seguiu dirigindo o partido. No processo, o juiz acusou os iguais de “querer abolir a propriedade privada, ou seja, de querer destruir a humanidade”. Babeuf utilizou o tribunal como uma tribuna de propaganda contra o governo. O processo foi concluído com uma condenação à morte de Babeuf (executado em 27 de maio) e outros líderes. Sua obra continuou com Buonarroti (que conseguiu manter-se a salvo). Foi na experiência de Babeuf, transmitida no livro de Buonarroti, que se formaram nos anos trinta (do século XIX) os blanquistas franceses e os operários ingleses; não por acaso o livro foi traduzido para o inglês pelo líder dos cartistas Bronterre O'Brien. E é por isso que Engels escreveria que a Liga dos Comunistas era herdeira de Buonarroti e daquele “primeiro partido comunista realmente operante” nascido na Revolução Francesa.

O partido, ferramenta indispensável da revolução

O primeiro partido comunista da história nasce com Babeuf, em uma época em que o recém-nascido proletariado dava seus primeiros passos no cenário da luta de classes e já propunha como primeira tarefa a de construir um partido independente.

Buonarroti continuou aquele trabalho em escala internacional, na realidade concreta da luta de classes que crescia com o desenvolvimento da classe operária industrial.

Babeuf e Buonarroti tiveram o mérito de entender primeiro, há mais de dois séculos, que era necessário não somente um partido comunista para poder construir “a verdadeira igualdade” (o seja, o comunismo), porém que era também necessário que aquele partido fosse de militantes organizados, centralizado, independente da burguesia e de seus governos.

Entretanto, todavia faltou aos operários de Paris em 1848 o partido: por isso foram enganados pelos reformistas que desarmaram as lutas, colaborando com o governo burguês. O partido também lhes faltou na primavera de 1871, ainda que existisse um embrião de partido que possibilitou que a nova Comuna derrubasse o governo da burguesia e instaurasse um embrião de ditadura do proletariado (21). Devemos chegar à Rússia de 1917 para encontrar finalmente o primeiro partido comunista capaz de derrubar o capitalismo e de construir uma ditadura do proletariado. Porém como tantas vezes admitiram Lenin e Trotsky, aquele partido somente foi construído estudando as experiências da Comuna de 1871, de junho de 1848, de Babeuf, da Comuna de 1793.

Logo, também aquele partido (internacional) foi destruído (pelo estalinismo) deixando os trabalhadores desamparados diante da restauração do capitalismo. Em uma visão pessimista da história, se poderia dizer então que depois de dois séculos da tentativa de Babeuf o problema do partido ainda está no mesmo ponto de partida: como naquele quadro de Escher em que os monges depois de subir um quadrilátero de escadas se encontram de novo aos pés da escadaria. Porém não é assim. É verdade que a história do movimento operário não tem um crescimento linear: há saltos para frente e para trás. Entretanto, agora temos uma vantagem sobre os revolucionários dos séculos passados: podemos estudar suas experiências, seus erros e suas vitórias, para tentar construir o partido que, como Lenin afirmava, é simultaneamente o *pressuposto* e o *produto* das lutas dos trabalhadores. Aquele partido que necessitamos para que na próxima revolução possamos vencer.

(...)

3 - Manifesto do partido comunista (extratos)

Marx e Engels

I - Burgueses e Proletários

(...)

De tempos a tempos os operários vencem, mas só transitoriamente. O resultado propriamente dito das suas lutas não é o êxito imediato, mas a união dos operários que cada vez mais se amplia. Ela é promovida pelos meios crescentes de comunicação, criados pela grande indústria, que põem os operários das diversas localidades em contato uns com os outros. Basta, porém, este contato para centralizar as muitas lutas locais, por toda a parte com o mesmo caráter, numa luta nacional, numa luta de classes. Mas toda a luta de classes é uma luta política. E a união, para a qual os burgueses da Idade Média, com os seus caminhos vicinais, precisavam de séculos, conseguem-na os proletários modernos com os caminhos-de-ferro em poucos anos.

Esta organização dos proletários em classe, e deste modo em partido político, é rompida de novo a cada momento pela concorrência entre os próprios operários. Mas renasce sempre, mais forte, mais sólida, mais poderosa. Força o reconhecimento de interesses isolados dos operários em forma de lei, na medida em que tira proveito das cisões da burguesia entre si.

(...)

II - Proletários e Comunistas

Em que relação se encontram os comunistas com os proletários em geral?

Os comunistas não são nenhum partido particular face aos outros partidos operários.

Não têm nenhum interesse separado dos interesses do proletariado todo.

Não estabelecem nenhuns princípios particulares segundo os quais queiram moldar o movimento proletário.

Os comunistas diferenciam-se dos demais partidos proletários apenas pelo fato de que, por um lado, nas diversas lutas nacionais dos proletários eles acentuam e fazem valer os interesses comuns, independentes da nacionalidade, do proletariado todo, e pelo fato de que, por outro lado, nos diversos estádios de desenvolvimento por que a luta entre o proletariado e a burguesia passa, representam sempre o interesse do movimento total.

Os comunistas são, pois, na prática [praktisch], o sector mais decidido, sempre impulsionador, dos partidos operários de todos os países; na teoria, eles têm, sobre a restante massa do proletariado, a vantagem da inteligência das condições, do curso e dos resultados gerais do movimento proletário.

O objetivo mais próximo dos comunistas é o mesmo do que o de todos os restantes partidos proletários: formação do proletariado em classe, derrubamento da dominação da burguesia, conquista do poder político pelo proletariado.

As proposições teóricas dos comunistas não repousam de modo nenhum em ideias, em princípios, que foram inventados ou descobertos por este ou por aquele melhorador do mundo.

São apenas expressões gerais de relações efetivas de uma luta de classes que existe, de um movimento histórico que se processa diante dos nossos olhos. A abolição de relações de propriedade até aqui não é nada de peculiarmente característico do comunismo.

(...)

O que distingue o comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas a abolição da propriedade burguesa.

(...)

4 - Notas aclaratórias

(em Biografia do Manifesto Comunista, Editorial México, 1949)

Riazanov

"As palavras '*os comunistas não formam um partido a parte dos demais partidos operários*' poderiam hoje dar origem a equívocos. Podia se acreditar, julgando por elas, e, de fato assim alguns a interpretaram erroneamente, que Marx e Engels eram fundamentalmente resistentes a criação de um partido comunista que se enfrentasse com os demais partidos da classe operaria. No entanto, estas palavras podem ser interpretadas sem medo a luz das circunstâncias históricas em que a Liga Comunista viveu."

5 - Marx - Engels e a História do Movimento Operário

Riazanov (IV Conferencia)

(...) Aos historiadores passou inadvertido este trabalho de organização de Marx, a quem apresentaram como um pensador de gabinete; e não conhecendo o papel de Marx como organizador, não conhecem um dos aspectos mais interessantes de sua atividade. Se não se conhece o papel que Marx (...) teve nos anos de 1846/47 como dirigente e inspirador de todo este trabalho de organização, é impossível compreender a importância que teve logo após como organizador de 1848/49 e na época da I Internacional. (...)

O estatuto da organização [Liga dos Comunistas] foi adotado com a condição de que fosse submetido a exame pelos distintos comitês para aprová-lo definitivamente no congresso seguinte, com as modificações que se julgassem necessário introduzir.

O princípio do *centralismo democrático* estava na base da organização. Todos os membros deviam professar o comunismo e ajustar sua vida aos propósitos da Liga. Um grupo determinado formava o núcleo principal do organismo, designando-o com o nome de 'comunidade'. Havia comitês regionais. As diferentes regiões de um país se uniam sob a direção de um centro, cujos poderes se estendiam a todo o país e que, por seu turno, devia prestar informações ao comitê central.

Esta organização chegou a ser um modelo para todos os partidos comunistas da classe operaria no começo do seu desenvolvimento (...)

6 - Marx - Engels e a Luta do Movimento Operário

Riazanov (VIII Conferencia)

Da última vez, tratei com bastante extensão da história da fundação da Internacional e do *Manifesto Inaugural*; falarei agora do estatuto, igualmente escrito por Marx, composto de duas partes: princípios e organização. (...) Eis aqui o texto:

"Considerando: que a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores; que os esforços dos trabalhadores para conquistar sua emancipação não hão de tender a constituir novos privilégios, senão a estabelecer para todos os mesmos direitos e os mesmos deveres; que a sujeição do trabalhador ao capital é a fonte de toda a servidão política, moral e material; que, por isso mesmo, a emancipação econômica dos trabalhadores é o supremo objetivo a que se deve subordinar todo movimento político, como meio; que todos os esforços feitos até agora fracassaram por falta de solidariedade entre os operários das diferentes profissões em cada país e da união fraternal entre os operários das diversas nações; que a emancipação dos trabalhadores não é um problema simplesmente local ou nacional, mas, ao contrário, este problema interessa a todas as nações civilizadas, estando necessariamente subordinada sua solução ao concurso teórico das mesmas; que o movimento que se está realizando entre os operários dos países mais industrializados do mundo inteiro, ao engendrar novas esperanças, dá um solene aviso para não incorrer em antigos erros e aconselha a combinar todos os esforços até agora isolados;..."

Lendo atentamente estes pontos se percebe sua exata semelhança com algumas teses do programa do nosso partido, que são a repetição textual das formuladas por Marx. A leitura dos primeiros programas dos partidos inglês, francês e alemão leva à mesma comprovação. Neles se encontram, particularmente no programa francês e no de Erfurt, alguns pontos que são a repetição textual das teses inaugurais do estatuto da Primeira Internacional.

Claro que os membros do comitê provisório da Internacional não interpretavam todos da mesma maneira muitas destas teses. Os ingleses, os alemães e os franceses reconheciam que a emancipação da classe operária deve ser obra dos próprios trabalhadores, mas cada um o entendia à sua maneira. Os "trade-unionistas" e os velhos partidos ingleses viam nesta tese um protesto contra a tutela permanente das classes médias, a afirmação da necessidade de uma organização operária independente. Os franceses, fortemente indispostos, então, contra os intelectuais, consideravam que esta tese os punha em guarda contra os trabalhadores desta classe, e que os operários podiam passar sem sua ajuda. Só, provavelmente, os alemães, membros da antiga Liga dos Comunistas, compreendiam as consequências que esta tese comportava. Se a classe operária sozinha está em condições de libertar-se, toda coalizão com a burguesia, todo acordo com a classe capitalista é uma contradição manifesta.

Adverte-se que não se trata de emancipação deste ou daquele grupo de operários, mas da classe operária; que, em consequência, se requer a organização de classe do operariado.

(...)

O estatuto não diz diretamente, como o *Manifesto Inaugural*, que, para conseguir todos os objetivos a que se propõe, o proletariado deve conquistar o poder político; emprega outra fórmula. Diz somente que a emancipação econômica da classe operária "é o supremo objetivo ao qual se deve subordinar todo movimento político, como meio".

Como esta tese provocou posteriormente as mais violentas divergências na Primeira Internacional, convém que a analisemos.

Qual é seu significado? O propósito supremo do movimento operário é a emancipação econômica da classe operária, e isto só pode ser conseguido pela expropriação dos meios de produção e a supressão de todo domínio de classe. Mas de que modo se conseguiria? Tem que se evitar a luta política, como propunham os socialistas e os anarquistas puros?

Não, responde a tese elaborada por Marx. A luta política da classe operária é tão necessária como a luta econômica. É indispensável uma organização política; o movimento político da classe operária há de desenvolver-se fatalmente, mas esta luta não é um fim em si, como na democracia burguesa; nos intelectuais radicais que colocam em primeiro plano a modificação das formas políticas, a instauração da república, mas não querem ouvir falar da tarefa fundamental. Por isto, assinala Marx que, para a classe operária, o movimento político é só um meio para conseguir seu propósito, um meio *subordinado*. Verdade é que esta fórmula não era tão clara como a do *Manifesto comunista* ou a do *Manifesto Inaugural*, onde se diz que a conquista do poder político chegou a ser a obrigação principal da classe operária.

(...)

Já vimos que para obter a unanimidade dos elementos heterogêneos que formavam o comitê, Marx viu-se obrigado a fazer algumas concessões. Mas estas concessões não foram feitas no *Manifesto Inaugural*, mas no estatuto. (...)

Em que consistem as concessões feitas por Marx? A esse respeito ele mesmo escrevia a Engels: "Todas as proposições foram aceitas pela subcomissão. Só me obrigam a inserir na introdução do estatuto

duas ou três frases como *obrigação, direito, verdade, moral e justiça*. Mas tudo isto está disposto de modo que não prejudique em nada o sentido geral".

(...) Marx não nega a verdade, a justiça e a moral; demonstra somente que o desenvolvimento destes conceitos está condicionado pelo desenvolvimento histórico e que cada classe lhes atribui um sentido diferente.

(...) Tal como foram colocadas por Marx, estas palavras não são mais que a comprovação do fato de que os membros da Associação Internacional dos Trabalhadores assumem a obrigação de ater-se em suas relações mútuas à verdade, à justiça e à moral, isto é, a não se trair, a não trair sua classe, a não se enganar mutuamente, a trabalhar como companheiros. Estas ideias, que eram, para os utopistas, os princípios e fundamentos do socialismo, são em Marx as regras essenciais de conduta da organização proletária.

(...)

Examinemos agora o próprio estatuto:

"Fundou-se uma associação para obter um ponto central de comunicação e de cooperação entre os operários de diferentes países movidos pelo mesmo propósito, a saber: a ajuda mútua, o progresso e a liberação completa da classe operária.

O nome desta associação é Associação Internacional dos Trabalhadores.

Em 1865, convocar-se-á na Bélgica um Congresso Internacional Operário, composto por representantes de todas as sociedades operárias filiadas à Internacional. O Congresso deverá proclamar ante a Europa as reivindicações gerais da classe operária; aceitar em sua forma definitiva o estatuto da Associação, estudar os meios necessários para a eficácia de sua ação e designar o Conselho Central.

O Congresso se reunirá a cada ano.

O Conselho Central residirá em Londres e será composto de operários de diferentes países representantes da Associação Internacional; ele elege de seu meio todos os funcionários necessários para a gestão dos assuntos: um presidente, um tesoureiro, um secretário geral, secretários particulares para as relações com os diferentes países.

A cada ano, o Conselho Central apresentará um informe ao congresso sobre sua ação durante o mesmo período. Eleito pelo congresso, tem o direito de cooptação. Nos casos extraordinários, poderá convocar o congresso antes que haja se esgotado o prazo de um ano."

(...)

O estatuto da Primeira Internacional foi mais tarde utilizado desmedidamente no movimento operário internacional. Não detalharei as modificações que lhe foram introduzidas durante oito anos, mas que o deixou intacto em seus traços fundamentais: só os poderes do Conselho Geral foram ampliados ao final da Primeira Internacional.

(...)

Marx fazia grandes esforços para que os operários ingleses não repetissem seus velhos erros e desenvolvessem a luta independentemente, sem unir-se aos radicais. Mas, em princípios de 1866, reapareceu a tática, tão nociva na época do cartismo, e que lhe causou tanto prejuízo. Com o propósito de conquistar o sufrágio universal, os líderes operários, em parte por razões financeiras, celebraram um acordo com o partido mais radical da burguesia democrática, que também reivindicava o sufrágio universal, e organizou-se um comitê comum para dirigir a luta. Havia elementos respeitáveis, como o Professor Beesley e democratas sinceros, mas também representantes das profissões liberais, advogados e juízes, representantes da pequena e média burguesia e, em particular, da burguesia comercial, que desde o começo foi partidária de um compromisso. (...) Os operários foram indignamente enganados e só a burguesia industrial teve o direito de voto. Vendo então que a efervescência era grande entre os operários urbanos e que estava obrigado a ceder, o governo propôs uma nova ampliação dos direitos eleitorais, que seriam concedidos a todos os operários das cidades. É evidente que o direito de voto só era reclamado para a população masculina, nem sequer se sonhava em conferi-lo às mulheres. Propôs-se aos operários o compromisso seguinte, que foi imediatamente aceito pelos membros burgueses do comitê de reforma eleitoral: o direito de voto foi conferido a todos os operários que possuíssem domicílio (mesmo que fosse de um só cômodo) e que por ele pagassem um mínimo que fosse de aluguel. Deste modo, o direito de voto foi conferido a quase todos os operários urbanos. Exceto os que se alojavam em comum em um só cômodo (que eram então numerosos) e os operários rurais, ao contrário, não foram incluídos.

(...)

O Congresso reuniu-se em Genebra, em setembro de 1866, quando a Prússia havia vencido a Áustria e os operários ingleses, ao que parece, obtinham uma grande vitória política sobre a burguesia. O congresso se iniciou com um escândalo. Havia chegado da França, além de proudhonianos, blanquistas que pretendiam participar de seus trabalhos - quase todos, estudantes muito revolucionários - e o futuro comissário de justiça da Comuna de Paris, Protot. Embora não possuíssem nenhum mandato, eram os que mais alvoroço faziam. Por último, foram expulsos bruscamente. Diz-se que se quis afogá-los no lago de Genebra. Mas isto é só uma lenda. Houve, sem dúvidas, socos, distribuíram-se alguns golpes, como acontece entre os franceses, que em suas lutas de frações, nem sempre se limitam, como os pacíficos eslavos, a resoluções de exclusões.

Imediatamente após conseguir iniciar os trabalhos, a batalha principal se travou entre os proudhonianos e a

delegação do Conselho Geral, composta por Eccarius e operários ingleses. Marx não pôde assistir; achava-se então ocupado na redação definitiva do primeiro volume de *O Capital*; além disto, enfermo e completamente vigiado por espiões franceses e alemães, só com muitas dificuldades teria podido fazer a viagem. Mas escreveu para a delegação um informe minucioso sobre todos os pontos da ordem do dia.

Os delegados franceses apresentaram um informe detalhado, que era a exposição das ideias econômicas de Proudhon, declararam-se energicamente contra o trabalho da mulher, sustentando que a natureza fez do lar o seu lugar, que a mulher deve ocupar-se da família e não trabalhar na fábrica. Rechaçaram explicitamente as greves e os sindicatos, e defendiam a cooperação e a organização da troca com base no mutualismo. As condições primordiais para atualizar seu programa eram, segundo eles, a realização de um acordo entre as diferentes cooperativas e o estabelecimento do crédito sem juros. Até insistiram para que o congresso ratificasse a organização do crédito internacional, mas só conseguiram obter uma resolução que recomendava a todas as seções da Internacional que se ocupassem do estudo da questão e da unificação de todas as sociedades operárias de crédito. Opuseram-se também à limitação legal da jornada de trabalho. Foram combatidos pelos londrinos e pelos delegados alemães, que propuseram, como resolução sobre cada ponto na ordem do dia, uma passagem apropriada do informe de Marx, coloca em primeiro plano todos os assuntos que provinham das reivindicações da classe operária.

(...)

O problema dos sindicatos provocou vivos debates. Os franceses se declararam contra as greves e contra qualquer organização de resistência aos patrões; só na cooperação viam a salvação dos operários. Os delegados londrinos lhes propunham, em forma de resolução, toda a parte do informe de Marx sobre os sindicatos. Esta foi adotada pelo congresso (...).

A resolução repete, de uma forma ainda mais clara, tudo o que havia sido dito por Marx, em *Miséria da filosofia* e no *Manifesto comunista*, sobre os sindicatos, núcleo fundamental da organização de classe do proletariado. Indica também as tarefas contemporâneas dos sindicatos e quais defeitos apresentam fatalmente quando se transformam em organizações estritamente cooperativistas. Por isto, convém que nos detenhamos nela.

Como surgiram os sindicatos? Como se desenvolveram? São o resultado da luta entre o capital e o trabalho assalariado. Nesta luta os operários estão em condições muito desvantajosas; o capital é uma força social concentrada nas mãos de um capitalista, enquanto que o operário só dispõe de sua força de trabalho individual. Por isto, o assunto não é próprio da natureza de um contrato entre capitalista e o operário. Quando os proudhonianos falavam de um contrato livre e justo, demonstravam simplesmente incompreensão do mecanismo da produção capitalista. O contrato entre o capital e o trabalho não pode celebrar-se em condições justas, mesmo numa sociedade que ponha de um lado os meios materiais de vida e de trabalho e, do outro, a energia produtiva viva. Atrás de cada capitalista está a força da sociedade, à qual os operários só podem opor seu número, a força social de que dispõem. Mas a força do número, da massa, se reduz a um mínimo pela divisão dos operários, divisão criada e mantida por sua concorrência inevitável. Em primeiro lugar, é indispensável suprimir a concorrência entre os operários; e das tentativas para suprimi-la, ou ao menos para atenuá-la, a fim de se obter, impor um contrato determinado, condições de trabalho que os livre da escravidão, nasceram os sindicatos. A princípio, sua tarefa imediata limitou-se às necessidades do salário; buscavam os meios de deter a contínua usurpação capitalista; numa palavra, ocuparam-se dos assuntos do salário e da jornada operária. A despeito das afirmações dos proudhonianos, esta ação não só é legítima, mas necessária, inevitável enquanto subsistir o sistema atual de produção e deve generalizar-se mediante a formação de novos sindicatos, e sua união em todos os países.

Mas, os sindicatos ainda desempenham um papel não menos importante, que os proudhonianos em 1866 compreendem tão pouco como seu mestre, em 1847. Inconscientemente, os sindicatos foram - e são ainda - centros de organização para a classe operária, como o foram na Idade Média as comunas para a burguesia; e se são necessários para a guerra entre os partidários do capital e do trabalho, sua importância é ainda maior como fator de organização para a supressão do regime do assalariado. Por infelicidade, os sindicatos não compreenderam ainda completamente esta tarefa. Demasiadamente absorvidos por sua luta local e imediata contra o capital, ainda não compreenderam cabalmente a força de sua ação dirigida contra o próprio sistema da escravidão ao salário. Daí que se tenham mantido, e ainda se mantenham, demasiadamente afastados dos movimentos gerais e políticos.

(...)

Concluindo, Marx, que até então havia polemizado com os proudhonianos, coloca-se contra os "tradeunionistas" puros, que queriam limitar a ação dos sindicatos a assuntos de salários e de jornada operária.

Os sindicatos devem, além disto, aprender a trabalhar conscientemente como centros de organização da classe operária, para sua emancipação completa, e não de secundar todo o movimento social e político que tenda para este fim. Considerando-se combatentes e representantes da classe operária, e agindo em concordância, hão de atrair para as suas fileiras todos os operários, vigiar atentamente seus interesses nos ramos das indústrias pior remuneradas, preocupar-se, por exemplo, com os operários agrícolas que, em virtude de sua situação especial, são reduzidos à impotência, proclamar ante todo o mundo que suas aspirações não são estritas e egoísticas, mas que tendem à liberação dos milhares de oprimidos do planeta.

(...)

Como no verão de 1869 o espectro da guerra parecia haver se esfumado, no Congresso de Basileia

os aspectos econômicos ocuparam o primeiro lugar. Colocou-se, de maneira categórica, o problema, já tratado superficialmente em Bruxelas, da socialização dos meios de produção, e, desta vez, os adversários da propriedade individual do solo venceram definitivamente. A derrota dos prudhonianos foi completa, mas surgiram outras divergências, pois ali aparece o representante de uma nova tendência, Bakunin. De onde vinha? Depois de 1840, vemo-lo em Berlim, sabemos que passou pela mesma escola filosófica que Marx e Engels, que no começo da revolução de 1848, pôs-se ao lado dos desterrados alemães que em Paris organizaram uma legião revolucionária para invadir a Alemanha. (...)

Em 1864, encontrou-se com Marx em Londres e, por intermédio dele, toma conhecimento da fundação da Internacional. Prometeu-lhe participar dela e mudou-se para a Itália, onde se ocupou de outras coisas. Como em 1848, Bakunin acreditava que Marx superestimava a importância da classe operária, opinava que os intelectuais, os estudantes, representantes da democracia burguesa, e particularmente os marginais constituem um elemento muito mais revolucionário.

Enquanto a Internacional lutava contra as primeiras dificuldades e chegava gradualmente a ser a organização internacional mais influente, Bakunin trabalhava na Itália para organizar sua sociedade revolucionária; logo foi para a Suíça, filiando-se à *Liga Burguesa para a Paz e a Liberdade*, de cujo comitê central chegou a ser membro. Dela saiu em 1868, mas em vez de entrar na Internacional, fundou com seus companheiros uma nova sociedade, a *Aliança Internacional da Democracia Social*.

Esta sociedade era, pelo menos exteriormente, muito revolucionária; declarava guerra implacável a Deus a ao Estado e exigia que todos os seus membros fossem ateus; seu programa econômico não se distingua precisamente pela clareza e, em vez de tender à supressão das classes, postulava sua igualdade econômica e social. Seus alardes revolucionários nem sequer se mantinham consequentes com um programa socialista e limitavam-se a reclamar a supressão do direito de herança. Sem dúvida, para não atemorizar os trânsfugas de outras classes, recusava-se a destacar com nitidez seu caráter de classe.

A Aliança se dirigiu ao Conselho Geral para pedir seu ingresso na Internacional, mas em caráter de associação especial, com estatuto e programa próprios. Com isto, abordamos um dos pontos mais espinhosos. Como Marx gozava de grande influência no Conselho Geral, era correntemente responsabilizado por todas as decisões que ele tomava; isto é um exagero. Mas na decisão concernente a Bakunin é efetivamente a Marx que corresponde à maior responsabilidade. De acordo não só com os partidários de Bakunin, mas também com alguns marxistas que tomaram a defesa deste intrigante, mas sincero revolucionário, Marx foi muito brutal ao opor ao pedido da Aliança uma seca negativa.

Para compreender a fundo a discussão, imaginai, por exemplo, que uma organização, que acaba de desvincular-se de uma sociedade democrática qualquer, se dirija à Internacional Comunista pedindo para ser aceita em seu meio. Mas reclamando o direito de existir como sociedade que possui um programa próprio e, ainda, o de convocar seu congresso especial. Responder-se-lhe-ia, com razão: "certamente, antes tarde do que nunca, e se compreenderam o erro de aliar-se à burguesia, venham a nós, que serão bem-vindos, mas começem por dissolver sua organização e ingressem em nossas diferentes seções". Não se poderia achar nesta resposta uma prova de hostilidade, de aversão, para com a organização de outrora.

(...) Logo que o Conselho Geral rechaçou categoricamente o pedido de Bakunin, este anunciou que a Aliança se dissolvia e que sua organização se transformaria em seções da Internacional, mas conservando seu programa teórico. O Conselho consentiu em admitir as seções da Aliança somente em condições normais.

Tudo parecia terminado. Mas logo Marx suspeitou que Bakunin havia simplesmente enganado o Conselho Geral e que, dissolvendo oficialmente sua associação, conservava efetivamente a organização central para chegar a apoderar-se da Internacional. E justamente este foi o fundo do litígio. Estamos dispostos a admitir que Marx era um homem mau e que Bakunin era um anjo de bondade, mas não é esta a questão, porque Bakunin também teve defeitos. E quem não os tem? O que devem responder claramente seus defensores é isto: existia ou não uma organização secreta? Permitiu-se ou não a Bakunin matraquear ao Conselho Geral assegurando-lhe que havia dissolvido sua associação?

Apesar do cego amor a Marx, de que Mehring me acusa, estaria disposto a reconhecer com ele, que Bakunin foi indignamente caluniado se o falecido Guillaume, velho amigo daquele, e historiador da Internacional, tivesse demonstrado que a Aliança foi verdadeiramente dissolvida. Mas o certo é, por infelicidade, que ela existia e travava uma luta encarniçada contra a Internacional. (...)

Qual foi o objetivo, em cujo benefício Bakunin não vacilou em utilizar todos os meios? Destrução da sociedade burguesa, revolução social, eis aqui o que queria Bakunin, mas Marx tinha o mesmo propósito, de modo que as divergências têm que ser encontradas em outro ponto, e com efeito, Marx e Bakunin estavam em completo desacordo sobre a maneira de conseguir seu objetivo. Antes de tudo há que se destruir, para que, em seguida, tudo se reforme a si mesmo; e quanto mais depressa melhor. Basta sublevar os intelectuais revolucionários e os operários exasperados pela miséria. Para isto, só se requer um grupo composto por homens decisivos, caldeados pelo fogo sagrado. Eis aqui, em essência, toda a doutrina de Bakunin, que, de imediato, recorda a de Weitling, mas a semelhança é superficial, e igualmente tem uma superficial analogia com a de Blanqui. Bakunin recusava-se a admitir a conquista do poder político pelo proletariado, negava toda luta política realizada na sociedade burguesa existente e tudo o que tendesse a buscar condições mais favoráveis para a organização de classe do proletariado. Daí que Marx, e todos os que, como ele, julgavam necessário realizar a luta política e organizar o proletariado para a conquista do poder político fossem, aos

olhos de Bakunin e de seus adeptos, oportunistas inveterados que retardam a marcha da revolução social.
(...)

Marx, que durante a Comuna, como prova uma de suas cartas (encontrada por mim) ao eminentes internacionalista e mártir da Comuna, Varlin, esforçou-se por manter contato com Paris, recebeu do Conselho Geral o encargo de escrever sobre ela um manifesto. Nele defende os comunistas caluniados por toda a imprensa burguesa e manifesta que a Comuna é uma nova e grande etapa do movimento proletário, o protótipo do Estado proletário, que assumiu a realização do comunismo. Já com a experiência de 1848, Marx havia chegado à conclusão de que a classe operária não pode limitar-se à conquista do poder político burguês, mas deve destruir este organismo burocrático e policial, e a experiência da Comuna o convenceu definitivamente desta verdade. Ela ensina que o proletariado, uma vez dono do poder, está obrigado a criar seu próprio órgão estatal, adaptado às suas necessidades. Mas, ela ensina igualmente que o Estado proletário não pode encerrar-se nos limites de uma cidade, ainda que seja a capital. O poder do proletariado tem que estender-se a todo o país para conseguir consolidar-se, e a vários países capitalistas para conseguir a vitória definitiva.

Pelo contrário, Bakunin e seus adeptos extraíram outras conclusões da experiência da Comuna. Continuaram combatendo, embora com maior violência, qualquer política e qualquer Estado, recomendando a organização, na primeira ocasião favorável, de "comunas" nas cidades isoladas, cujo exemplo seria imitado pelas outras.

(...)

Nessas condições foi convocada, por último, em Londres, em fins de setembro de 1871, a conferência da Internacional, que devia ocupar-se de duas questões. Constituía a primeira, a litigiosa questão da luta política, e um dos motivos que induziram a conferência a ocupar-se dela foi a conduta dos bakunistas, que continuavam acusando Marx de haver falsificado intencionalmente o estatuto da Internacional para impor a esta sua opinião. A resolução da Internacional, desta vez, é uma resposta que não permite dúvidas e que significa a derrota completa dos bakunistas. Como provavelmente poucos de vocês a conhecem, e é muito importante, leirei a última parte:

"Considerando: Que a reação desenfreada reprime violentamente o movimento emancipador dos operários e tenta pela força bruta perpetuar a divisão de classes e a subsistência do domínio de uma classe que disto resulta;

Que esta constituição do proletariado em partido político é indispensável para assegurar o triunfo da revolução social e do seu fim supremo, a abolição das classes;

Que a união das forças operárias já obtida pela luta econômica deve servir de alavanca nas mãos desta classe em sua luta contra o poder político de seus exploradores;

A conferência recorda a todos os membros da Internacional que o plano de combate da classe operária, seu movimento econômico e seu movimento político estão indissoluvelmente ligados."

(...)

Imediatamente após a conferência de Londres, a luta redobrou de intensidade; os bakunistas declararam abertamente guerra ao Conselho Geral, acusando-o de ter ajustado a conferência e imposto a toda Internacional o dogma da necessidade de organizar o proletariado em partido especial, para conquista do poder político, e pediram a realização de um congresso que resolvesse definitivamente o assunto.

O Congresso foi realizado em setembro de 1872, com a participação, pela primeira vez, de Marx. Ambas as partes se preparam ardorosamente. Bakunin não o assistiu. A respeito da questão principal, o congresso confirmou inteiramente a resolução da conferência, à qual agregou a frase seguinte, transcrita quase que literalmente do *Manifesto Inaugural* da Internacional:

"Como os donos da terra e de capital aproveitam sempre seus privilégios políticos para defender e perpetuar seus monopólios econômicos e escravizar o trabalho, a conquista do poder político é o supremo dever do proletariado."

Após examinar todos os documentos relativos ao assunto da Aliança e chegando à conclusão de que esta existia na Internacional como sociedade secreta, a comissão especial propôs e conseguiu as exclusões de Bakunin e Guillaume.

(...)

Ao final de suas tarefas, o Congresso de Haia aceitou a proposição de Engels para transferir para Nova Iorque a sede do Conselho Geral. (...) Em 1876, o Conselho Geral anunciou de Nova Iorque que a Primeira Internacional havia deixado de existir.

7 - Discurso sobre a ação política da classe operária (Pronunciado na Conferência de Londres)^[N210] Engels (21 de Setembro de 1871)

A abstenção absoluta em matéria política é impossível; por isso, todos os jornais abstencionistas fazem política. Trata-se apenas de como se a faz e de qual. Quanto ao resto, para nós, a abstenção é impossível. O partido operário existe já como partido político na maior parte dos países. Não nos compete arruiná-lo, pregando a abstenção. A experiência da vida atual, a opressão política que lhes é imposta pelos governos existentes para fins quer políticos quer sociais, forçam os operários a ocuparem-se de política, quer eles queiram quer não. Pregar-lhes a abstenção seria empurrá-los para os braços da política burguesa. A seguir à Comuna de Paris, sobretudo, que pôs a ação política do proletariado na ordem do dia, a abstenção é completamente impossível.

Nós queremos a abolição das classes. Qual é o meio de a ela chegar? A dominação política do proletariado, e quando todas as partes estão de acordo com isso, pedem-nos para não nos metermos em política! Todos os abstencionistas se dizem revolucionários e mesmo revolucionários por excelência. Mas a revolução é o ato supremo da política; quem a quer tem de querer o meio, a ação política, que a prepara, que dá aos operários a educação para a revolução, e sem a qual os operários, no dia a seguir à luta, serão sempre os enganados pelos Favre e pelos Pyat. Mas a política que é preciso fazer é a política operária; é preciso que o partido operário seja constituído não como a cauda de qualquer partido burguês mas como partido independente que tem o seu objetivo, a sua política própria.

As liberdades políticas, o direito de reunião e de associação e a liberdade de imprensa, eis as nossas armas; e deveríamos cruzar os braços e abstermo-nos se querem tirá-las de nós? Diz-se que todo o ato político implica que se reconheça o estado existente das coisas. Mas quando esse estado das coisas nos dá meios para protestar contra ele, usar esses meios não é reconhecer o estado existente.

[N210] A Conferência de Londres da I Internacional teve lugar entre 17 e 23 de Setembro de 1871. Foi convocada sob o clima de repressão brutal que se abateu sobre os membros da Internacional após a queda da Comuna de Paris, e o número de participantes foi bastante restrito: 22 delegados com voto deliberativo e 10 com voto consultivo. Os países que não puderam enviar delegados seus foram representados pelos secretários correspondentes do Conselho Geral. Marx representava a Alemanha, Engels a Itália.

A questão da ação política da classe operária foi o principal tema dos trabalhos da Conferência de Londres e foi analisada em todos os aspectos nos discursos de Marx e Engels. A Conferência aprovou a resolução «Sobre a Ação Política da Classe Operária», cuja parte principal foi, por decisão do Congresso da Haia, incluída nos Estatutos Gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores. Várias resoluções da Conferência visavam os bakunistas, que tentavam cindir a Internacional.

8 - As pretensas cisões na Internacional (Extractos)

Marx e Engels (1872)

Até hoje, o Conselho Geral impôs a si próprio uma reserva absoluta quanto às lutas internas da Internacional e nunca respondeu publicamente aos ataques públicos, lançados durante mais de dois anos contra ele por membros da Associação.

Mas, se a persistência de alguns intriguistas em manter deliberadamente uma confusão entre a Internacional e uma sociedade que, desde a sua origem, lhe foi hostil, poderia permitir ficar calado durante mais tempo, o apoio que a reação europeia encontra nos escândalos provocados por essa sociedade, num momento em que a Internacional atravessa a crise mais séria desde a sua fundação, obrigaria o Conselho Geral a fazer a história de todas estas intrigas.

I

Após a queda da Comuna de Paris, o primeiro ato do Conselho Geral foi o de publicar o seu Manifesto sobre «a Guerra civil em França», no qual se tornou solidário de todos os atos da Comuna que, justamente nesse momento, serviam à burguesia, à imprensa e aos governos da Europa para cobrir com as calúnias mais infames os vencidos de Paris. Mesmo uma parte da classe operária não tinha ainda compreendido que a sua bandeira acabava de sucumbir. O Conselho adquiriu uma prova disso, entre outras, pelas demissões de dois dos seus membros, os cidadãos Odger e Lucraft, que repudiaram qualquer solidariedade com esse Manifesto. Pode dizer-se que da sua publicação em todos os países civilizados data a unidade de vistas da classe operária sobre os acontecimentos de Paris.

Por outro lado, a Internacional encontrou um meio de propaganda dos mais poderosos na imprensa burguesa e, sobretudo, na grande imprensa inglesa, forçada por este Manifesto a envolver-se numa polémica sustentada pelas réplicas do Conselho Geral.

A chegada a Londres de numerosos refugiados da Comuna obrigou o Conselho Geral a constituir-se em Comitê de Socorro e a exercer durante mais de oito meses essa função, completamente fora das suas atribuições regulares.

(...)

Depois de Maio de 1871, um certo número de refugiados da Comuna foi chamado a substituir no Conselho o elemento francês que, em consequência da guerra, já aí se não encontrava representado. Entre

os membros assim adjuntos, havia antigos internacionais e uma minoria composta por homens conhecidos pela sua energia revolucionária, e cuja eleição foi uma homenagem prestada à Comuna de Paris. É no meio destas preocupações que o Conselho tem de fazer os trabalhos preparatórios para a Conferência dos Delegados que acabava de convocar.

(...) Logo que a situação política pareceu permiti-lo, o Conselho Geral convocou uma Conferência privada, convocação apoiada nos precedentes da Conferência de 1865 e das sessões administrativas privadas de cada Congresso. Um Congresso público era impossível e apenas teria denunciado os delegados continentais num momento em que a reação europeia celebrava as suas orgias (...).

Todas as secções que tinham relações regulares com o Conselho Geral foram em tempo oportuno convocadas para a Conferência que, embora não sendo um Congresso público, encontrou sérias dificuldades. É desnecessário dizer que a França, no estado em que se encontrava, não podia eleger delegados. (...)

A Conferência, depois de ter reunido em Londres de 17 a 23 de Setembro de 1871, deixou ao Conselho Geral o cuidado de publicar as suas resoluções, de codificar os regulamentos administrativos e de publicá-los com os Estatutos Gerais, revistos e corrigidos, em três línguas, de executar a resolução substituindo os cartões de membro por selos de adesão, de reorganizar a Internacional em Inglaterra e, por último, de acorrer às despesas necessitadas por estes diversos trabalhos.

Desde a publicação dos trabalhos da Conferência, a imprensa reacionária, de Paris a Moscou, de Londres a Nova Iorque, denunciou a resolução sobre a política da classe operária (4) como encerrando desígnios tão perigosos — o Times [N179] acusou-a de «uma audácia friamente calculada» — que era urgente pôr fora da lei a Internacional. Por outro lado, a resolução que ajustava contas com as secções sectárias intrusas foi o pretexto para a polícia internacional à espreita reivindicar barulhentamente a liberdade autônoma dos operários, seus protegidos, contra o despotismo aviltante do Conselho Geral e da Conferência. A classe operária sentia-se tão «pesadamente oprimida» que o Conselho Geral recebeu da Europa, da América, da Austrália e mesmo das Índias Orientais adesões e anúncios de formação de novas secções.

(...)

9 - Sobre a autoridade

Engels (Março de 1873)

Alguns socialistas abriram, nestes últimos tempos, uma campanha em regra contra aquilo a que chamam ‘o princípio da autoridade’. Basta dizer-lhes que este ou aquele ato vem de uma autoridade para que o condenem. Abusam de tal modo desta maneira sumária de proceder que é preciso examinar a coisa mais atentamente. Autoridade, no sentido próprio da palavra, quer dizer: imposição da vontade de outrem sobre a nossa; e, por outro lado, autoridade supõe subordinação. Ora, na medida em que estas duas palavras soam mal e que a relação que representam é desagradável para a parte subordinada, trata-se de saber se há meio de passar sem elas e se - dadas as atuais condições da sociedade - poderemos dar à vida um outro estado social no qual essa autoridade não tenha mais razão de existir e onde, por conseguinte, deva desaparecer.

Examinando as condições econômicas, industriais e agrícolas que estão na base da atual sociedade burguesa, verificamos que tendem a substituir cada vez mais a ação isolada pela ação combinada dos indivíduos. A indústria moderna substituiu as pequenas oficinas de produtores isolados pelas grandes fábricas e oficinas onde centenas de operários vigiam máquinas complexas movidas pelo vapor; os carros e as camionetas nas grandes estradas são suplantados pelos comboios nas vias férreas, tal como as pequenas escunas e falusas à vela foram pelos barcos a vapor. A própria agricultura caiu pouco a pouco no domínio da máquina e do vapor, os quais substituem lenta, mas inexoravelmente, os pequenos proprietários pelos grandes capitalistas que cultivam com a ajuda de operários assalariados grandes superfícies de terrenos. Em todo o lado a ação independente dos indivíduos é substituída pela ação combinada, a complicação dos processos interdependentes. Mas, quem diz ação combinada, diz organização; ora, é possível a organização sem a autoridade?

Suponhamos que uma revolução social tenha destronado os capitalistas que presidem agora a produção e a circulação das riquezas. Suponhamos, para nos colocarmos por completo no ponto de vista dos anti-autoritários, que a terra e os instrumentos de trabalho se tornaram a propriedade coletiva dos trabalhadores que os empregam. A autoridade terá desaparecido ou terá pura e simplesmente mudado de forma? Vejamos.

Tomemos por exemplo uma fiação de algodão. O algodão deve passar pelo menos por seis operações sucessivas antes de ser reduzido a fio, operações que se fazem, na sua maioria, em salas diferentes. Além disso, para manter as máquinas em movimento, é preciso um engenheiro que vigie a máquina a vapor, mecânicos para as reparações cotidianas e numerosos serventes que transportem os produtos de uma sala para a outra, etc.

Todos estes operários, homens, mulheres e crianças são obrigadas a começar e a acabar o seu trabalho a horas determinadas pela autoridade do vapor que não se importa com a autonomia individual. É preciso, pois, primeiramente, que os operários se entendam quanto às horas de trabalho, e que essas horas, uma vez fixadas, se tornem a regra para todos, sem nenhuma exceção. Depois, em cada uma das salas e constantemente, surgem questões de detalhe sobre o modo de produção, sobre a distribuição dos materiais, etc., questões que é preciso resolver imediatamente, sob pena de ver parar toda a produção; quer se resolvam pela decisão de um delegado proposto por cada ramo de trabalho, ou, se possível, pelo voto da maioria, a vontade individual deve sempre subordinar-se; quer isto dizer que as questões serão resolvidas autoritariamente. O mecanismo automático de uma grande fábrica é bem mais tirânico do que alguma vez o conseguirão ser os pequenos capitalistas que empregam os operários. Pelo menos nas horas de trabalho pode-se escrever na porta da fábrica: "Lasciate ogni autonomia voi che entrate!" [1N]. Se, pela ciência e pelo seu gênio inventivo, o homem submeteu as forças da natureza, estas se vingam submetendo-o, já que delas se usa, a um verdadeiro despotismo independente de qualquer organização social. Querer abolir a autoridade na grande indústria, é querer abolir a própria indústria, é destruir a fiação a vapor para voltar à roca de fiar. Tomemos, como outro exemplo, a estrada de ferro. Também aí, a cooperação de uma infinidade de indivíduos é absolutamente necessária, cooperação que deve ter lugar em horas bem precisas para que não ocorram desastres. Também aí, a primeira condição para o seu uso é uma vontade dominante que resolva todas as questões subordinadas, vontade representada quer por um único delegado, quer por um comitê encarregado de executar as decisões de uma maioria de interessados.

Num ou outro caso, há uma autoridade muito pronunciada. Mas, o que é mais: que aconteceria ao primeiro comboio que partisse caso se abolisse a autoridade dos empregados da estrada de ferro sobre os senhores passageiros? Porém, a necessidade da autoridade, e de uma autoridade imperiosa, não pode ser mais evidente que num navio em alto mar. Aí, no momento do perigo, a vida de todos depende da obediência instantânea e absoluta de todos à vontade de um único.

Quando avanço tais argumentos contra os mais furiosos anti-autoritários, estes não sabem o que responder: "Ah! Isso é verdade, mas o que damos aos delegados não é uma autoridade, mas sim uma missão!". Estes senhores julgam ter mudado as coisas quando só mudaram os nomes. Eis como estes profundos pensadores gozam com as pessoas.

Acabamos, pois de ver que, por um lado, certa autoridade, atribuída não importa como, e, por outro lado, certa subordinação são coisas que, independentemente de toda a organização social, se impõem a nós devido às condições nas quais produzimos e fazemos circular os produtos.

Vimos, além disso, que as condições materiais de produção e da circulação se complicam inevitavelmente com o desenvolvimento da grande indústria e da grande agricultura e tendem cada vez mais a estender o campo dessa autoridade. É, pois, absurdo falar do princípio da autoridade como de um princípio mau em absoluto, e do princípio da autonomia como de um princípio bom em absoluto. A autoridade e a autonomia são coisas relativas cujos domínios variam nas diferentes fases da evolução social. Se os autonomistas se limitassem a dizer que a organização social do futuro restringirá a autoridade aos limites no interior dos quais as condições de produção a tornam inevitável, poderíamos entender-nos; em vez disso, permanecem cegos perante todos os fatos que a tornam necessária, e levantam-se contra a palavra.

Porque é que os anti-autoritários não se limitam a erguer-se contra a autoridade política, contra o Estado? Todos os socialistas concordam em que o Estado político e com ele a autoridade política desaparecerão como consequência da próxima revolução social, ou seja, que as funções públicas perderão o seu caráter político e se transformarão em simples funções administrativas protegendo os verdadeiros interesses sociais. Mas os anti-autoritários pedem que o Estado político autoritário seja abolido de um golpe, antes mesmo que se tenham destruído as condições sociais que o fizeram nascer. Pedem que o primeiro ato da revolução social seja a abolição da autoridade. Já alguma vez viram uma revolução, estes senhores? Uma revolução é certamente a coisa mais autoritária que se possa imaginar; é o ato pelo qual uma parte da população impõe a sua vontade à outra por meio das espingardas, das baionetas e dos canhões, meios autoritários como poucos; e o partido vitorioso, se não quer ter combatido em vão, deve manter o seu poder pelo medo que as suas armas inspiram aos reacionários. A Comuna de Paris teria durado um dia que fosse se não se servisse dessa autoridade do povo armado face aos burgueses? Não será verdade que, pelo contrário, devemos lamentar que não se tenha servido dela suficientemente? Assim, das duas uma: ou os anti-autoritários não sabem o que dizem, e, nesse caso, só semeiam a confusão; ou, sabem-no, e, nesse caso, atraíçoam o movimento do proletariado. Tanto num caso como outro, servem à reação.

10 - Carta à Friedrich Bolte

Marx (23 de Novembro de 1871)

(...) A Internacional foi fundada para pôr no lugar das seitas socialistas ou semi-socialistas a organização real da classe operária para a luta. Os Estatutos originais, bem como a «Mensagem Inaugural» mostraram isto à primeira vista. Por outro lado, a Internacional não teria podido afirmar-se se a marcha da história não tivesse já destruído o sistema de seitas. O desenvolvimento do sistema de seitas socialistas e o desenvolvimento do movimento operário real estão sempre na relação inversa. Enquanto as seitas se

justificarem (historicamente), a classe operária está ainda imatura para um movimento histórico autônomo. Logo que ela atingir essa maturidade, todas as seitas serão essencialmente reacionárias. Entretanto, repetiu-se na história da Internacional aquilo que a história mostra em toda a parte. O antiquado procura reproduzir-se e afirmar-se no interior da forma recém-alcançada.

E a história da Internacional foi uma luta contínua do Conselho Geral contra as seitas e as tentativas de amadores que procuravam afirmar-se contra o movimento real da classe operária no interior da própria Internacional. Essa luta foi conduzida nos congressos, mas muito mais ainda nas negociações privadas do Conselho Geral com cada uma das secções.

Como em Paris os proudhonianos (mutualistas [N308]) foram co-fundadores da Associação, orientaram naturalmente, durante os primeiros anos, o leme para Paris. Em oposição a eles formaram-se aí mais tarde, naturalmente, grupos coletivistas, positivistas, etc.

Na Alemanha — a clique de Lassalle. Eu próprio me correspondi durante dois anos com o famoso Schweitzer e demonstrei-lhe irrefutavelmente que a organização de Lassalle é uma mera organização sectária e, como tal, inimiga da organização do movimento operário real procurada pela Internacional. Ele tinha a sua «tinha» para não compreender.

Em finais de 1868, o russo Bakunin entrou para a Internacional com o fim de, dentro dela, formar uma segunda Internacional, com ele como chefe, sob o nome de «Alliance de la Démocratie Socialiste». Ele — um homem sem qualquer saber teórico — pretendeu representar nesse corpo separado a propaganda científica da Internacional e fazer da mesma a missão especial dessa segunda Internacional dentro da Internacional.

O seu programa era uma misturada, apanhada superficialmente à direita e à esquerda — igualdade das classes (!), abolição do direito de herança como ponto de partida do movimento social (disparate saintsimonista), ateísmo de antemão ditado como dogma aos membros, etc, e, como dogma principal, abstenção (proudhonista) do movimento político.

Esta fábula infantil encontrou eco (e tem ainda um certo apoio) em Itália e Espanha, onde as condições reais do movimento operário estão ainda pouco desenvolvidas, e entre alguns doutrinários fúteis, ambiciosos e ocos na Suíça romanda e na Bélgica.

Para o senhor Bakunin, a doutrina (coalho esmolado a Proudhon, Saint-Simon, etc.) foi e é coisa secundária — simples meio para se fazer valer pessoalmente. Se zero teoricamente, como intriguista está no seu elemento.

O Conselho Geral teve de lutar durante anos contra essa conjura (apoiada até certo ponto pelos proudhonianos franceses, especialmente no Sul da França). Finalmente, desferiu, por meio das resoluções I, 2 e 3, IX e XYI e XVII da Conferência o golpe há muito preparado.

É evidente que o Conselho Geral não apoia na América aquilo que combate na Europa. As resoluções I, 2, 3 e IX dão agora ao Comitê de Nova Iorque as armas legais para pôr fim a todo o sistema de seitas e grupos de amadores e, se necessário, para expulsá-los...

... O movimento político da classe operária tem naturalmente como fim último a conquista do poder político para si, e para isso é naturalmente necessária uma prévia organização da classe trabalhadora com um certo grau de desenvolvimento e resultante das suas próprias lutas econômicas.

Mas, por outro lado, todo movimento em que a classe operária enfrenta como classe as classes dominantes e tenta obrigá-las por meio de uma pressão de fora é um movimento político. A tentativa, p. ex., de impor aos capitalistas isolados uma redução do tempo de trabalho numa só fábrica ou num dado ramo industrial por meio de greves, etc, é um movimento puramente econômico; em contrapartida, o movimento para impor uma lei das oito horas, etc, é um movimento político. E deste modo surge em toda a parte, a partir dos movimentos econômicos isolados dos operários, um movimento político, e um movimento da classe, para impor os seus interesses de uma forma geral, de uma forma que possua força geral, socialmente coactiva. Se estes movimentos supõem uma certa organização previa, eles são na mesma medida, por seu lado, meio do desenvolvimento dessa organização.

Onde a classe operária ainda não está suficientemente avançada na sua organização para empreender uma campanha decisiva contra a violência coletiva, e a violência política das classes dominantes, ela tem, de qualquer modo, de ser ensinada por meio de agitação permanente (e posição hostil) contra a política das classes dominantes. Caso contrário, a classe operária continuará a ser uma bola de jogar em suas mãos, como a revolução de Setembro em França [N310] demonstrou e como até certo ponto está a demonstrar o jogo que o senhor Gladstone e C. conseguem fazer com êxito até hoje em Inglaterra.

11 - Carta à Friedrich Adolph Sorge *Engels (12 [-17] de Setembro de 1874)*

(...) Além do mais, com a tua saída a velha Internacional acabou completamente, chegou ao fim. E isso é bom. Ela pertencia ao período do Segundo Império quando a pressão dominante em toda a Europa obrigava o movimento operário, que estava precisamente a renascer, à unidade e à abstenção de toda a polêmica interna. Era o momento em que os interesses cosmopolitas comuns do proletariado podiam passar ao primeiro plano. Alemanha, Espanha, Itália, Dinamarca, tinham acabado de entrar no movimento ou estavam a entrar nele. Em 1864, o caráter teórico do próprio movimento era na realidade ainda muito pouco

claro em toda a Europa, i. e., entre as massas; o comunismo alemão não existia ainda como partido operário; o prudhonismo era demasiado fraco para poder cavalgar sobre as suas manias especiais; a nova mistela de Bakunin ainda não existia nem sequer na sua própria cabeça; e mesmo os chefes dos sindicatos ingleses creiam poder integrar-se no movimento na base do programa expresso nos considerandos dos Estatutos. O primeiro grande êxito tinha de fazer rebentar esta ingênuia conjunção de todas as frações. Esse êxito foi a Comuna, incondicionalmente filha intelectual da Internacional, embora a Internacional não tenha mexido um dedo para fazê-la, e da qual tem sido, até certo ponto, também com toda a razão, feita responsável. Quando, através da Comuna, a Internacional se tornou uma força moral na Europa, de pronto começou o barulho. Cada orientação queria explorar o êxito a seu favor. Sobreveio a desagregação, que não se podia evitar. A inveja perante a força crescente das únicas pessoas que realmente estavam prontas a continuar a trabalhar na base do amplo antigo programa — os comunistas alemães — empurrou os prudhonianos belgas para os braços dos aventureiros bakunistas. Com o Congresso da Haia [N251], tudo chegou, de fato, ao fim — e para ambas as partes. O único país onde ainda se podia fazer alguma coisa em nome da Internacional era a América, e um feliz instinto transferiu para aí a direção suprema. Agora, também aí o seu prestígio se esgotou, e qualquer esforço ulterior para a galvanizar com nova vida seria um disparate e um desperdício de forças. A Internacional dominou dez anos da história europeia segundo um aspecto — o aspecto em que reside o futuro — e pode olhar orgulhosamente para o seu trabalho. Mas na sua velha forma tornou-se antiquada. Para produzir uma nova Internacional à maneira da antiga, uma aliança de todos os partidos proletários de todos os países, seria necessária uma repressão geral do movimento operário como a que predominou de 1849 a 1864. Mas o mundo proletário tornou-se agora demasiado grande, demasiado amplo, para tal. Creio que a próxima Internacional será — depois de os escritos de Marx exercerem a sua influência durante alguns anos — diretamente comunista e proclamará precisamente os nossos princípios...

BLOCO 2 – CONCEPÇÃO e REGIME de PARTIDO em LENIN (incluindo polemica com o jovem Trotsky e Rosa Luxemburgo)

1 – Uma pequena contextualização deste debate em Lenin (de responsabilidade dos organizadores da apostila)

O material que segue é um apanhado de textos de Lenin que vai de 1894 até 1923. Os primeiros textos são ainda do período anterior à preparação do Congresso de 1898 (primeira tentativa de fundar o POSDR). Logo depois deste Congresso, toda a direção eleita nele foi presa e nenhum dos encaminhamentos aprovados puderam ser colocados em prática. Assim, o Congresso que efetivamente conformou o POSDR foi o segundo, que aconteceu em 1903. Mas já neste final do século 19, Lenin buscava estabelecer a visão que tinha sobre as tarefas (programa) e a relação com a classe operária que tinha o projeto – partido – que ele queria construir.

No “Que Fazer” Lenin trata do que, para ele, eram as tarefas dos revolucionários na Rússia para avançar na organização do partido naquele momento. Era o momento anterior ao Congresso de 1903 e os social-democratas estavam dispersos em inúmeros círculos por toda a Rússia. Ao discutir as tarefas necessárias para organizar o partido e como deveria ser a organização do mesmo, Lenin tratou também de definir o que, para ele, deveria a natureza política das tarefas, da ação dos revolucionários, pois nunca deixou de relacionar uma coisa com a outra. E toda esta discussão, ele a fez em polêmica com outros setores da social-democracia russa naquele momento, como a corrente que ele chamava de “economistas”, por exemplo.

No “Um Passo Adiante e Dois Atrás” Lenin dá sua visão sobre a divisão que se produziu na socialdemocracia russa, e no POSDR, como desdobramento do Congresso de 1903 (quando surgem, então, as correntes Bolchevique e Menchevique). Nesta discussão ele vai desenvolver com um pouco mais de profundidade a visão dele do que deve ser a estrutura de organização de um partido para a revolução. Polemiza aqui com os Mencheviques, fundamentalmente. Agregamos aqui dois textos de polemica com as ideias que Lenin defende em “Um Passo Adiante e Dois Atrás”, um do jovem Trotsky e outro de Rosa Luxemburgo.

Os textos seguintes, todos extraídos dos Escritos de Lenin, trazem elementos de como ele viu, ao longo dos anos, os desdobramentos da luta que ele travou durante toda sua vida contra o Menchevismo; o reflexo disso no partido (seu regime de funcionamento); na relação do partido com a classe operária; e na relação do partido nacional com a internacional (especialmente depois de 1914 quando ele passa a defender a construção da terceira internacional). Aos últimos extratos, que são já do final de sua vida, tratam da sua preocupação com a situação da direção do partido e o papel de Stalin à frente da mesma.

Ao final desta parte, os extratos das Teses da Terceira Internacional sobre a Estrutura e a Ação dos Partidos Comunistas (aprovadas ainda quando Lenin era o dirigente do Partido russo e da Internacional). Estas teses buscam fazer uma síntese dos ensinamentos da experiência dos Bolcheviques no que diz respeito à organização e à ação do partido.

O apanhado de textos de Lenin que reproduzimos nesta apostila é bastante representativo das opiniões dele acerca do tema concepção e regime de partido, em nosso entendimento. Mas, obviamente, há muito mais de Lenin acerca desse assunto que, por motivos de espaço, não estão aqui. Reforçamos, então, o convite para que os quadros e a militância em geral estudem mais sobre o assunto, seja com os textos que se encontram no Caderno de Estudos (preparatório a este seminário), seja estudando a íntegra dos textos dos quais apresentamos alguns extratos aqui.

2 - Lenin – Obras Completas: Tomo I (1894)

[definição de classe operária e prioridades] “O capitalismo havia convertido os principais ramos industriais em grandes indústrias mecanizadas; ao socializar desse modo a produção, havia criado as condições materiais do novo regime e, ao mesmo tempo, uma nova força social: a classe dos operários fabris, do proletariado urbano... É natural que os social-democratas tenham colocado toda sua atenção e todas suas esperanças nesta classe, que se proponham como programa desenvolver sua consciência de classe, que tenham orientado toda sua atuação no sentido de ajudá-la a se levantar na luta política direta contra o regime contemporâneo e de arrastar para essa luta todo o proletariado russo.” (Página 200 e 201)
(...)

Essa situação do operário fabril no sistema geral das relações capitalistas o converte no combatente único pela emancipação da classe operária porque só a fase superior do desenvolvimento do capitalismo, a grande indústria mecanizada, cria as condições materiais e as forças sociais necessárias para esta luta.
(...)

Pelo contrário, o grande capitalismo rompe de maneira inexorável toda a ligação do operário com a velha sociedade, com um determinado lugar de moradia e com um determinado explorador, o une, o obriga a pensar e o situa em condições que o permitem começar a luta organizada. À classe dos operários os social-democratas dirigem toda sua atenção e toda sua atividade. Quando seus representantes avançados assimilarem as ideias do socialismo científico, a ideia do papel histórico do operário russo, quando estas ideias alcançarem uma ampla difusão e entre os operários se criem sólidas organizações que transformem a atual guerra econômica distante dos operários em uma luta consciente de classe, então **O OPERÁRIO** russo, colocando-se à frente de todos os elementos democráticos, derrubará o absolutismo e conduzirá **AO PROLETARIADO RUSSO** (ao lado do proletariado **DE TODOS OS PAÍSES**) *pelo caminho reto da luta aberta a A REVOLUÇÃO COMUNISTA VITORIOSA.*" (Página 326 e 327)

(...)

"A social-democracia, disse Kautsky com plena razão, é a fusão do movimento operário com o socialismo. E para que o trabalho progressivo do capitalismo "se manifeste" também em nosso país, nossos socialistas devem colocar com toda energia mãos à obra; devem elaborar com mais detalhes a concepção marxista da história e da realidade russa, estudando de uma maneira mais concreta todas as formas de luta de classes e da exploração; que na Rússia estão singularmente confusas e escondidas. Devem, além disso, popularizar esta teoria, fazê-la chegar ao operário, devem ajudar o operário a assimilar ela e idealizar a forma de organização mais **ADEQUADA** as nossas condições para propagar a ideologia da social-democracia e para unir estreitamente os operários, constituindo uma força política." (Página 349)

(...)

3 - Lenin – Obras Completas: Tomo II (1895 a 1897)

(...)

[Do projeto de programa do partido SD russo]

"O movimento da classe operária russa, por seu caráter e seus fins, forma parte do movimento internacional social-democrata da classe operária de todos os países." (Página 86)

(...)

B.1. Este ponto do Programa é o mais importante, o principal, porque indica em que deve consistir a atividade do Partido que defende os interesses da classe operária, a atividade de todos os operários conscientes... A atividade do partido deve consistir em contribuir à luta da classe dos operários. A tarefa do Partido não consiste em idealizar meios elegantes para ajudar os operários, mas sim aderir ao movimento operário, iluminar o caminho e em ajudar os operários nesta luta que eles já iniciaram.

O programa diz que esta ajuda deve consistir, primeiramente, em desenvolver a consciência de classe dos operários... Consciência de classe dos operários é a compreensão por esses de que o único meio de melhorar sua situação e de conseguir sua emancipação consiste na luta contra a classe dos capitalistas... Além disso, a consciência de classe implica a compreensão de que os interesses de todos os operários de um país são idênticos, solidários, que formam uma mesma classe... Por último, consciência de classe significa que eles compreendam que para alcançar seus fins precisam conquistar influência nos assuntos públicos... Como os operários adquirem a compreensão de tudo isso? Ao adquirem constantemente através dessa luta que começam a travar contra os fabricantes..." (Página 104)

(...)

"Nisso deve consistir, pois, a ajuda que pode prestar o Partido Social-democrata à luta de classe dos operários: no desenvolvimento da consciência de classe por meio da contribuição à sua luta pelas necessidades mais essenciais. A segunda ajuda deve consistir, como se diz no programa, em contribuir à organização dos operários... A terceira consiste em indicar o verdadeiro objetivo da luta, ou seja, explicar aos operários em que consiste e com que se mantém a exploração do trabalho pelo capital, de que modo a propriedade privada da terra e dos instrumentos de trabalho conduzem à miséria das massas..." (Página 108)

(...)

"A tarefa socialista dos social-democratas russos consiste em fazer propaganda das doutrinas do socialismo científico, em difundir entre os operários uma compreensão justa do atual regime socioeconômico, de seus alicerces e seu desenvolvimento, das distintas classes da sociedade russa, das relações e da luta entre elas, do papel da classe operária nesta luta, de sua atitude em frente às classes em declínio e em frente às classes em desenvolvimento, em frente ao passado e ao futuro do capitalismo, assim como da missão histórica da social-democracia internacional e da classe operária russa. À propaganda está indissoluvelmente associada a agitação entre os operários, que nas condições políticas atuais da Rússia e com o desenvolvimento das massas operárias passa, como é natural, ao primeiro plano... A tarefa consiste em fundir nossa tarefa com os problemas práticos, cotidianos, da vida operária..." (Página 467)

(...)

[Prioridades] “Nossa tarefa se dirige, acima de tudo e especialmente, aos operários fabris da cidade. A social-democracia russa não deve dispersar suas forças, mas sim concentrar sua atividade entre o proletariado industrial, que é o mais sensível às ideias social-democratas, o mais desenvolvido nos aspectos intelectual e político, o mais importante por seu número e por seu nível de concentração nos grandes centros políticos do país. Por isso, a primeira e essencial tarefa da social-democracia – uma tarefa da qual seria extremamente irracional se abstrair nos momentos atuais – consiste em criar uma firme organização revolucionária entre os operários fabris da cidade. Entretanto, ao reconhecer a necessidade de concentrar nossos esforços na tarefa entre os operários fabris e condenar a dispersão de forças, não queremos dizer em modo algum que a social-democracia russa deva deixar de lado os demais setores do proletariado e da classe operária russa. Nada disso.

O operário fabril russo se vê obrigado a cada passo, por suas próprias condições de vida, a estabelecer relações mais estreitas com os artesãos, este proletariado industrial disperso fora das fábricas por cidades e aldeias e colocado em condições muito piores. O operário fabril russo entra também em contato direto com a população rural (é frequente que tenha família no campo) e, consequentemente, não pode deixar de se aproximar do proletariado agrícola, à massa de milhões e milhões de boias-friás e trabalhadores rurais (NT: “braceros” e “jornaleros profesionales” se referem à trabalhadores rurais e boias-friás, porém não sei se o termo seria válido para à época), assim como aos camponeses arruinados que, agarrados aos seus míseros lotes, recorrem ao pagamento em trabalho e à “empregos” eventuais de todo tipo, isto é, também ao trabalho assalariado.

(...) Pelo contrário, a agitação entre os setores avançados do proletariado é o caminho mais seguro, o único caminho, para despertar também (à medida que se amplie o movimento) todo o proletariado russo.

Ao difundir entre os operários das cidades o socialismo e a ideia da luta de classes, estas ideias fluirão inevitavelmente por canais mais pequenos, mais ramificados: para isso é preciso que as ideias mencionadas lancem raízes mais profundas nos meios melhor preparados e impregnem essa vanguarda do movimento operário russo e da revolução russa. Ao orientar todas suas forças a atuar entre os operários fabris, a social-democracia russa está disposta a apoiar os revolucionários russos que cheguem de fato a levar a tarefa socialista ao terreno da luta de classe do proletariado, sem ocultar o mais mínimo: que as alianças práticas, quaisquer que sejam, com outras frações dos revolucionários não podem e nem devem conduzir a compromissos ou concessões no que diz respeito à teoria, ao programa e à bandeira.” (Páginas 468, 469 e 470.) (...)

4 - Lenin – Obras Completas: Tomo IV (1898 a 1901)

(...)

Ao concentrar agora todas suas forças no trabalho entre os operários das fábricas e das minas, a social-democracia não deve esquecer que, ao ampliar-se o movimento, devem incorporar-se também às fileiras das massas operárias organizadas por ela os trabalhadores domésticos, os artesãos, os operários agrícolas e milhões de camponeses arruinados e mortos de fome. (Página 185)

(...)

“A social-democracia não se reduz simplesmente a servir ao movimento operário, mas sim é “*a fusão do socialismo com o movimento operário*”(segundo a definição de K. Kautsky que reproduz as idéias básicas do *Manifesto Comunista*).” (Página 201)

(...)

“A orientação do socialismo até à fusão com o movimento operário é o principal mérito de K. Marx e F. Engels: eles criaram uma teoria revolucionária que explicava a necessidade dessa fusão e colocava, como tarefa dos socialistas, organizar a luta de classe do proletariado.” (Página 261)

(...)

“Ainda que nos contestem talvez que *as massas* operárias não compreenderam ainda a idéia da luta política, idéia ao alcance apenas dos operários mais desenvolvidos. À esta objeção, que tão frequentemente escutamos por parte dos “jovens” social-democratas russos, responderemos que, em primeiro lugar, a social-democracia foi sempre e em todo canto, *e não pode deixar de sê-lo*, representante dos operários conscientes e não dos operários inconscientes...”

(...)

A tarefa da social-democracia é desenvolver a consciência política das massas e não ir à reboque de uma massa carente de direitos políticos; em segundo lugar – e isso é o principal -, é falso que as massas não compreenderam a ideia da luta política.” (Página 333)

(...)

“Para um socialista a luta econômica serve de base para organizar os operários em um partido revolucionário, para aglutinar e desenvolver sua luta de classe contra todo o regime capitalista. Se tomamos a luta econômica por si, não encontraremos nela nada de socialista, e a experiência de todos os países

europeus nos oferece numerosíssimo exemplos de sindicatos não só socialistas, mas também anti-socialistas.

(...) “A tarefa do socialista é contribuir à fusão indissolúvel da luta econômica e da luta política na luta única da classe das massas operárias socialistas.” (Página 336)

(...) “Tem que dedicar neles muito espaço aos problemas teóricos, ou seja, à teoria geral da social-democracia e à sua aplicação à realidade da Rússia. A urgência de que estes problemas sejam examinados com amplitude precisamente agora é indubitável e não requer explicações depois do que já foi dito. (...) Destacamos, além disso, o objetivo de discutir sistematicamente todos os problemas políticos: o Partido Operário Social-democrata deve ser porta-voz de todas as questões colocadas pela vida em todos os terrenos, das questões da política interior e internacional. E devemos dar conta de que todo social-democrata e todo operário consciente tenham um critério concreto sobre todos os problemas fundamentais: sem essa condição são impossíveis uma propaganda e uma agitação amplas e sistemáticas.” (Página 344)

(...) “A social-democracia é a união do movimento operário com o socialismo. Sua missão não consiste em servir passivamente ao movimento operário em cada uma de suas fases, mas sim em representar os interesses de todo o movimento em seu conjunto, destacar para este movimento seu objetivo final, suas tarefas políticas e proteger sua independência política e ideológica. [...]” (Página 393)

(...)

5 - Que Fazer? Problemas Clandestinos do Nosso Movimento *Lenin (1902)*

(...)

I – Dogmatismo e “Liberdade de crítica!

(...)

Engels e a Importância da Luta Teórica

(...)

Quem conhece, por pouco que seja, a situação de fato de nosso movimento não pode deixar de ver que a grande difusão do marxismo foi acompanhada de certo abaixamento do nível teórico. Muitas pessoas, cujo preparo era ínfimo ou nulo, aderiram ao movimento pelos seus sucessos práticos e importância efetiva. Pode-se julgar a falta de tacto demonstrada pelo Rabótscheie Dielo, pela definição de Marx, que lançou de forma triunfante: “Cada passo avante, cada progresso real, valem mais que uma dúzia de programas”. Repetir tais palavras nessa época de dissensão teórica equivale a dizer à vista de um cortejo fúnebre: “Tomara que sempre tenham algo para levar!” Além disso, essas palavras são extraídas da carta sobre o programa de Gotha, na qual Marx condena categoricamente o ecletismo no enunciado dos princípios. Se a união é verdadeiramente necessária, escrevia Marx aos dirigentes do partido, façam acordos para realizar os objetivos práticos do movimento, mas não chequem, ao ponto de fazer comércio dos princípios, nem façam “concessões” teóricas. Tal era o pensamento de Marx, e eis que há entre nós pessoas que, em seu nome, procuram diminuir a importância da teoria!

Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário. Não seria demais insistir sobre essa ideia em uma época, onde o entusiasmo pelas formas mais limitadas da ação prática aparece acompanhado pela propaganda em voga do oportunismo. Para a social-democracia russa em particular, a teoria assume importância ainda maior por três razões esquecidas com muita frequência, a saber: primeiro, nosso partido apenas começou a se constituir. A elaborar sua fisionomia, e está longe de ter acabado com as outras tendências do pensamento revolucionário que ameaçam desviar o movimento do caminho certo. Ao contrário, assistimos justamente nesses últimos tempos (como Axelrod já havia predition aos “economistas”) ao recrudescimento das tendências revolucionárias não sociais-democratas. Nessas condições, um erro “sem importância” à primeira vista pode acarretar as mais deploráveis consequências, e é preciso ser míope para considerar inoportunas ou supérfluas as controvérsias de facção e a estrita delimitação dos matizes. Da consolidação deste ou daquele matiz pode depender o futuro da social-democracia russa por muitos e longos anos.

Segundo, o movimento social-democrata é, pela sua própria essência, internacional. Isso não significa somente que devemos combater o chauvinismo nacional. Significa, também, que um movimento iniciado em um país jovem só pode ter êxito se assimilar a experiência dos outros países. Ora, para tanto não é suficiente apenas conhecer essa experiência, ou limitar-se a copiar as últimas resoluções. É preciso saber proceder à análise crítica dessa experiência e comprová-la por si próprio. Somente quando se constata o quanto se desenvolveu e se ramificou o movimento operário contemporâneo, pode-se compreender a reserva de forças teóricas e de experiência política (e revolucionária) necessárias para se realizar essa tarefa.

Terceiro, a social-democracia russa tem tarefas nacionais como nenhum outro partido socialista do mundo jamais o teve. Mais adiante, falaremos das obrigações políticas e da organização que nos impõe essa tarefa: liberar todo um povo do jugo da autocracia. No momento, apenas indicaremos que só um partido guiado por uma teoria de vanguarda é capaz de preencher o papel de combatente de vanguarda E para se fazer uma ideia mais concreta do que isso significa, lembre-se o leitor dos predecessores da social-democracia russa, tais como Herzen, Bielinski, Tchernichévski e a brilhante plêiade de revolucionários de 1870-1880; pense na importância mundial de que a literatura, russa atualmente se reveste; e. mas, basta! (...)

II – A espontaneidade das massas e a consciência da social-democracia

(...)

Ascensão do Espontaneismo

No capítulo anterior assinalamos o entusiasmo generalizado da juventude russa instruída pela teoria marxista, por volta de 1895. Foi também nessa mesma época, que as greves operárias, após a famosa guerra industrial de 1896 em Petersburgo, revestiram-se de um caráter geral. Sua extensão por toda a Rússia atestava claramente a profundidade do movimento popular que de novo surgia, e se falamos do “elemento espontâneo”, é certamente nesse movimento de greves que devemos nos referenciar, antes de tudo. Mas, há espontaneidade e espontaneidade. Houve, na Rússia, greves nas décadas de 1870 e 1880 (e mesmo na primeira metade do século XIX), que foram acompanhadas da destruição “espontânea” de máquinas etc. Comparadas a esses “tumultos”, as greves após 1890 poderiam mesmo ser qualificadas de “conscientes”, tal foi o progresso do movimento operário nesse intervalo. Isto nos mostra que o “elemento espontâneo”, no fundo, não é senão a forma embrionária do consciente. Os tumultos primitivos já traduziam certo despertar da consciência: os operários, perdiam sua crença costumeira na perenidade do regime que os oprimia; começavam... não direi a compreender, mas a sentir a necessidade de uma resistência coletiva, e rompiam deliberadamente com a submissão servil às autoridades. Era, portanto. Mais uma manifestação de desespero e de vingança que de luta. As greves após 1890 mostram-nos melhor os lampejos de consciência: formulam-se reivindicações precisas, procura-se prever o momento favorável, discutem-se certos casos e exemplos de outras localidades etc. Se os tumultos constituíam simplesmente a revolta dos oprimidos, as greves sistemáticas já eram o embrião, mas, nada além do embrião – da luta de classe. Tomadas em si mesmas, essas greves constituíam uma luta sindical, mas não ainda social-democrata; marcavam o despertar do antagonismo entre operários e patrões; porém, os operários não tinham, e não podiam ter, consciência da oposição irredutível e de seus interesses com toda a ordem política e social existente, isto é, a consciência social-democrata. Nesse sentido, as greves após 1890, apesar do imenso progresso que representaram em relação aos “tumultos”, continuavam a ser um movimento essencialmente espontâneo.

Os operários, já dissemos, não podiam ter ainda a consciência social-democrata. Esta só podia chegar até eles a partir de fora. A história de todos os países atesta que, pelas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários etc.⁽²⁾ Quanto à doutrina socialista, nasceu das teorias filosóficas, históricas, econômicas elaboradas pelos representantes instruídos das classes proprietárias, pelos intelectuais. Os fundadores do socialismo científico contemporâneo, Marx e Engels, pertenciam eles próprios, pela sua situação social, aos intelectuais burgueses. Da mesma forma, na Rússia, a doutrina teórica da social-democracia surgiu de maneira completamente independente do crescimento espontâneo do movimento operário; foi o resultado natural, inevitável do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas. A época de que falamos, isto é, por volta de 1895, essa doutrina constituía não apenas o programa perfeitamente estabelecido do grupo “Liberação do Trabalho”, mas também conquistara para si a maioria da juventude revolucionária da Rússia.

(...)

O Culto da Espontaneidade. “Rabotchaia Mysl”

(...)

“lutar sabendo que o faziam não por remotas gerações futuras, mas por eles próprios e por seus filhos” (editorial do n.º 1 da Rabótchaia Mysl). As frases desse gênero foram sempre a arma preferida dos burgueses do Ocidente que, odiando o socialismo, trabalhavam (como Hirsch, o “social-político” alemão) para transplantar para seus países o sindicalismo inglês, e diziam aos operários que a luta exclusivamente sindical é uma luta por eles próprios e por seus filhos, e não por remotas gerações futuras com vistas a um incerto socialismo futuro. E agora os “V.V. da social-democracia russa” se põem a repetir essas frases burguesas. Aqui, é importante assinalar três pontos que nos serão de grande utilidade para a continuação de nossa análise sobre as divergências atuais.

Em primeiro lugar, o aniquilamento da consciência pela espontaneidade, de que falamos, também se deu de maneira espontânea. Isto parece um jogo de palavras, mas infelizmente é uma verdade amarga. O que provocou esse aniquilamento não foi uma luta declarada entre duas concepções absolutamente opostas, nem a vitória de uma sobre a outra, mas o desaparecimento de um número cada vez maior de “velhos” revolucionários “colhidos” pelos policiais, e a entrada em cena, cada vez maior, dos “jovens” “V.V. da social-democracia russa”. Quem quer que tenha, não direi participado do movimento russo

contemporâneo, mas simplesmente respirado o seu ar, sabe perfeitamente que esta é precisamente a situação. E se, apesar disso, insistimos particularmente para que o leitor considere com cuidado esse fato conhecido de todos, se para maior evidência referimo-nos, de algum modo, aos dados sobre o Rabótcheie Dielo do primeiro período, e sobre a discussão entre “jovens” e “velhos” no início de 1897, é porque as pessoas que se gabam de espírito democrático” especulam sobre a ignorância desse fato pelo grande público (ou entre os adolescentes). Mais adiante, ainda voltaremos a esse ponto.

Em segundo lugar, desde a primeira manifestação literária do “economicismo” podemos observar um fenômeno eminentemente original e extremamente característico para a compreensão de todas as divergências entre sociais-democratas da atualidade: os partidários do “movimento puramente operário”, os adeptos da ligação mais estreita e mais “orgânica” (expressão do Rab. Dielo) com a luta proletária, os adversários de todos os intelectuais não operários (ainda que fossem intelectuais socialistas) foram obrigados, para defender sua posição, a recorrer aos argumentos burgueses “exclusivamente sindicais” (...) Isto mostra (o que não pode chegar a compreender o Rabótcheie Dielo), que todo culto da espontaneidade do movimento operário, toda diminuição do papel do “elemento consciente”, do papel da social-democracia significa – quer se queira ou não – um reforço da influência da ideologia burguesa sobre os operários. Todos aqueles que falam de “sobreestimação da ideologia”, de exagero do papel do elemento consciente etc., imaginam que o movimento puramente operário é, por si próprio, capaz de elaborar, e irá elaborar para si, uma ideologia independente, com a única condição de que os operários “arranquem sua sorte das mãos de seus dirigentes”. Mas, isto constitui um erro profundo. Para completar o que dissemos acima, citaremos ainda as palavras profundamente justas e significativas de K. Kautsky, a propósito do projeto do novo programa do partido social-democrata austríaco.

“Muitos de nossos críticos revisionistas atribuem a Marx a afirmação de que o desenvolvimento econômico e a luta de classes não somente criam as condições da produção socialista, mas engendram diretamente a consciência (o grifo é de K.K.) de sua necessidade. E eis que esses críticos objetam que a Inglaterra, país do mais avançado desenvolvimento capitalista, está mais alheia do que qualquer outro país a essa consciência. O projeto do programa leva a crer que a comissão que elaborou o programa austríaco partilha, também, desse ponto de vista dito marxista ortodoxo, que refuta o exemplo da Inglaterra. O projeto afirma: “Quanto mais o proletariado cresce com o desenvolvimento capitalista, mais é obrigado e tem a possibilidade de lutar contra o capitalismo. O proletariado adquire a “consciência” da possibilidade e da necessidade do socialismo. Por conseguinte, a consciência socialista constituirá o resultado necessário, direto da luta proletária de classe. Ora, isto é inteiramente falso. Como doutrina, o socialismo evidentemente tem suas raízes nas relações econômicas atuais, da mesma forma que a luta de classe do proletariado; do mesmo modo que esta última, resulta da luta contra a pobreza e a miséria das massas, provocadas pelo capitalismo. Mas o socialismo e a luta de classe surgem paralelamente e um não engendra o outro; surgem de premissas diferentes. A consciência socialista de hoje não pode surgir senão à base de um profundo conhecimento científico. De fato, a ciência econômica contemporânea constitui tanto uma condição da produção socialista como, por exemplo, a técnica moderna, e, apesar de todo o seu desejo, o proletariado não pode criar nem uma nem outra; ambas surgem do processo social contemporâneo. Ora, o portador da ciência não é o proletariado, mas os intelectuais burgueses (o grifo é de KA.): foi do cérebro de certos indivíduos dessa categoria que nasceu o socialismo contemporâneo, e foram eles que o transmitiram aos proletários intelectualmente mais evoluídos, que o introduziram, em seguida, na luta de classe do proletariado onde as condições o permitiram. Assim, pois, a consciência socialista é um elemento importado de fora (von Aussenhineigetrances) na luta de classe do Proletariado, e não algo que surgiu espontaneamente (ur wüchsig). Também o antigo programa de Heinfeld dizia, muito justamente, que a tarefa da social-democracia é introduzir no proletariado (literalmente: preencher o proletariado com) a consciência de sua situação e a consciência de sua missão. Não seria necessário fazê-lo se essa consciência emanasse naturalmente da luta de classe. Ora, o novo projeto emprestou essa tese do antigo programa e juntou-se à tese acima citada. O que interrompeu completamente o curso do pensamento...”

No momento, não seria possível falar de uma ideologia independente, elaborada pelas próprias massas operárias no curso de seu movimento(13), o problema coloca-se exclusivamente assim: ideologia burguesa ou ideologia socialista. Não há meio-termo (pois a humanidade não elaborou uma “terceira” ideologia; e, além disso, em uma sociedade dilacerada pelos antagonismos de classe não seria possível existir uma ideologia à margem ou acima dessas classes). Por isso, toda diminuição da ideologia socialista, todo distanciamento dela implica o fortalecimento da ideologia burguesa. Fala-se de espontaneidade. Mas o desenvolvimento espontâneo do movimento operário resulta justamente na subordinação à ideologia burguesa, efetua-se justamente segundo o programa do “Credo”, pois o movimento operário espontâneo é o sindicalismo, a Nur-Gewerkschafilerei: ora, o sindicalismo é justamente a escravidão ideológica dos operários pela burguesia. Por isso, nossa tarefa, a da social-democracia, é combater a espontaneidade, desviar o movimento operário dessa tendência espontânea que apresenta o sindicalismo, de se refugiar sob as asas da burguesia, e atraí-lo para a social-democracia revolucionária. Por conseguinte, a frase dos autores da carta “econômica” do n.º 12 do Iskra, afirmando que todos os esforços dos mais inspirados ideólogos não poderão desviar o movimento operário do caminho determinado pela ação recíproca dos elementos materiais e do meio material, equivale exatamente a abandonar o socialismo, e se esses autores

fossem capazes de meditar no que dizem, até às últimas consequências, com lógica e destemor, como deve fazer quem se dedica ao campo da ação literária e social, não lhes restaria senão cruzar sobre o peito vazio seus braços inúteis” e... deixar o campo livre aos senhores Struve e Prokopovitch, que arrastam o movimento operário “no sentido do mínimo esforço”, isto é, no sentido do sindicalismo burguês, ou aos senhores Zubatov, que o arrastam no sentido da “ideologia” cléracopolicial.

Recorde-se o caso da Alemanha. Qual foi o mérito histórico de Lassalle diante do movimento operário alemão? Foi ter desviado este movimento do caminho do sindicalismo progressista e do cooperativismo, para onde se dirigia espontaneamente (com a ajuda benéfica dos Schulze-Delitzsch e consortes). Para realizar essa tarefa, foi preciso mais do que frases a respeito da subestimação do elemento espontâneo, sobre a tática-processo, sobre a ação recíproca dos elementos e do meio etc. Para isso foi preciso uma luta encarniçada contra a espontaneidade, e só após essa luta de longos e longos anos que se chegou, por exemplo, a fazer da população operária de Berlim o baluarte do partido progressista, uma das melhores cidadelas da social-democracia. E esta luta está ainda longe de terminar (como poderiam supor os estudiosos da história do movimento alemão através de Prokopovitch, e da filosofia desse movimento através de Strouve). Ainda agora, a classe operária alemã está dividida, se assim se pode dizer, entre diversas ideologias: uma parte dos operários está agrupada nos sindicatos operários católicos e monarquistas; outra, nos sindicatos Hirsch-Duncker, fundados pelos admiradores burgueses do sindicalismo inglês; uma terceira, nos sindicatos sociais-democratas. Esta última parte é infinitamente mais numerosa que todas as outras, mas a ideologia social-democrática não pode obter, e não poderá conservar essa supremacia, senão através de uma luta incansável contra todas as outras ideologias.

Mas, por que – perguntará o leitor – o movimento espontâneo, que se dirige para o sentido do mínimo esforço, conduz exatamente à dominação da ideologia burguesa? Pela simples razão de que, cronologicamente, a ideologia burguesa é muito mais antiga que a ideologia socialista, está completamente elaborada e possui meios de difusão infinitamente maiores. Quanto mais jovem for o movimento socialista em um país, mais energicamente terá que lutar contra todas as tentativas feitas para consolidar a ideologia não socialista; tanto mais resolutamente será preciso colocar os operários em guarda contra os maus conselheiros que gritam contra a “sobrestimação do elemento consciente” etc. Com o Rabótcheie Dielo, os autores da carta econômica gritam em uníssono contra a intolerância própria à infância do movimento. A isto responderemos: de fato, nosso movimento ainda está em sua infância, e para atingir sua virilidade deve justamente imbuir-se de intolerância em relação àqueles que, através de seu culto da espontaneidade, retardam seu desenvolvimento. Nada há de mais ridículo e de mais prejudicial para se colocar ao velho militante que, há muito, já passou por todas as fases decisivas da luta!

Em terceiro lugar, o primeiro número da Rabótchaia Mysl mostra-nos que a denominação de “economismo” (à qual, evidentemente, não temos intenção de renunciar, pois de qualquer modo este vocábulo já adquiriu direito de ser citado) não traduz com exatidão suficiente o fundo da nova tendência. A Rabótchaia Mysl não nega completamente a luta política: os estatutos da caixa que pública em seu primeiro número falam da luta contra o governo. A Rabótchaia Mysl considera somente que “o político segue sempre docilmente o econômico”. (E o Rabótcheie Dielo dá uma variação dessa tese, afirmando em seu programa que “na Rússia, mais que em qualquer outro país, a luta econômica é inseparável da luta política”). Essas teses da Rabótchaia Mysl e do Rabótcheie Dielo são absolutamente falsas, se por política se entende a política social-democrata. Com muita frequência, a luta econômica dos operários, como já vimos, está ligada, (não de forma indissolúvel, é verdade) à política burguesa, clerical, ou outra. As teses do Rabótcheie Dielo são justas, se por política se entende a política sindical, isto é, a aspiração geral dos operários a obter do Estado as medidas suscetíveis de remediar os males inerentes à sua situação, mas, que não suprimem tal situação, isto é, não suprimem a submissão do trabalho ao capital. Essa aspiração é, de fato, comum aos sindicalistas ingleses hostis ao socialismo, aos operários católicos e aos operários “de Zubatov”, etc. Há política e política. Assim, pois, vemos que a Rabótchaia Mysl, mesmo no que concerne à luta política, mais do que repudiá-la, inclina-se diante de sua espontaneidade, sua inconsciência. Reconhecendo inteiramente a luta política que surge espontaneamente do próprio movimento operário (ou, mais ainda: os anseios e reivindicações políticas dos operários) recusa-se por completo a elaborar ela própria uma política social-democrata específica, que responda às tarefas gerais do socialismo e as condições russas atuais.

(...) [13] Naturalmente, isto não significa que os operários não participem dessa elaboração. Mas não participam na qualidade de operários, participam como teóricos do socialismo, como os Proudhon e os Weitling; em outras palavras, não participam senão na medida em que conseguem adquirir os conhecimentos mais ou menos perfeitos de sua época, e fazê-los progredir. E para que os operários o consigam com maior frequência, é preciso esforçar-se o mais possível para elevar o nível da consciência dos operários em geral; é preciso que não se limitem ao quadro artificialmente restrito da “literatura para operários”, mas que saibam assimilar cada vez melhor a literatura para todos. Seria mesmo mais exato dizer, em lugar de “se limitem”, não sejam limitadas, porque os próprios operários leem e desejariam ler tudo o que escreve também para os intelectuais: somente alguns intelectuais (deploráveis) pensam que é suficiente falar “aos operários” da vida da fábrica e repisar aquilo que eles já sabem há muito tempo.

III – Política Trade-Unionista e política socialdemocrata

(...)

A agitação política e sua restrição pelos economistas

(...)

A grande maioria dos sociais-democratas russos, nesses últimos tempos, foi quase inteiramente absorvida pela organização dessas denúncias de fábricas. É bastante lembrar a Rabótchaia Mysl para se ver a que ponto chegou tal absorção; esquecia-se que, no fundo, essa atividade não era ainda em si mesma social-democrata, mas apenas sindical. As denúncias referiam-se, no fundo, somente às relações dos operários de uma determinada profissão com seus patrões, e não tiveram, outro resultado senão o de ensinar àqueles que vendiam sua força de trabalho, a vender esta “mercadoria” de forma mais vantajosa, e a lutar contra o comprador no terreno de uma transação puramente comercial. Essas denúncias (na condição de serem convenientemente utilizadas pela organização dos revolucionários) podiam servir de ponto de partida e de elemento constitutivo da ação social-democrata; mas também podiam (e até deviam, quando se inclinava diante da espontaneidade) conduzir à luta “exclusivamente profissional” e a um movimento operário, não social-democrata. A social-democracia dirige a luta da classe operária, não apenas para obter condições vantajosas na venda da força de trabalho, mas, também, pela abolição da ordem social, que obriga os não possuidores a se venderem aos ricos. A social-democracia representa a classe operária em suas relações não apenas com um determinado grupo de empregadores, mas com todas as classes da sociedade contemporânea, com o Estado como força política organizada. Consequentemente, portanto, os sociais-democratas não podem limitar-se à luta econômica, mas, também não podem admitir que a organização das denúncias econômicas constitua sua atividade mais definida. Devemos empreender ativamente a educação política da classe operária, trabalhar para desenvolver sua consciência política.

(...)

A social-democracia revolucionária sempre compreendeu e compreende em sua atividade a luta pelas reformas. Usa, porém, a agitação “econômica” não somente para exigir do governo medidas de toda espécie, mas, também (e sobretudo), para dele exigir que deixe de ser um governo autocrático. Além disso, acredita dever apresentar ao governo essa reivindicação não somente no terreno da luta econômica, mas também no terreno de todas as manifestações, quaisquer que sejam, da vida política e social. Em uma palavra, subordina a luta pelas reformas, como a parte ao todo, à luta revolucionária pela liberdade e o socialismo.

(...)

Como Martynov Aprofundou Plekhanov

(...)

Mas, os Lomonossovs não somente ignoram de maneira particular as coisas (isto seria apenas meio mal!), como também não se dão conta de sua ignorância. Isto constitui uma verdadeira desgraça, que os leva a empreender repentinamente a tarefa de “aprofundar” Plekhanov.

“Depois que Plekhanov escreveu o opúsculo em questão (As Tarefas dos Socialistas na Luta Contra a Fome na Rússia) muita água correu”, diz Lomonossov—Martynov. “Os sociais-democratas que dirigiram durante dez anos a luta econômica da classe operária... ainda não tiveram tempo de dar amplo fundamento teórico à tática do Partido. Agora essa questão chegou à maturidade, e se quisermos conferir tal fundamento teórico, devemos aprofundar de forma segura os princípios táticos que, em seu tempo, Pleckhánov desenvolveu... Devemos agora diferenciar entre a propaganda e a agitação, de maneira distinta do que o fez Plekhánov. (Martynov acaba de citar as palavras de Plekhanov: ‘O propagandista inculca muitas idéias em uma única pessoa, ou em um pequeno número de pessoas: o agitador inculca apenas uma única idéia. Ou um pequeno número de idéias: em troca, inculca-as em toda uma massa de pessoas’). ‘Por propaganda entendemos a explicação revolucionária de todo o regime atual, ou de suas manifestações parciais, quer feita de forma acessível a apenas algumas pessoas, ou às grandes massas. Pouco importa. Por agitação, no sentido estrito da palavra (sic), entendemos o apelo dirigido às massas para certos atos concretos, a contribuição para a intervenção revolucionária direta do proletariado na vida social’.”

Nossas felicitações à social-democracia russa – e internacional – que recebe assim, graças a Martynov, uma nova terminologia mais estrita e mais profunda. Até agora, pensávamos (com Plekhanov e todos os dirigentes do movimento operário internacional) que um propagandista, ao tratar, por exemplo, do problema do desemprego, deve explicar a natureza capitalista das crises, mostrar o que as torna inevitáveis na sociedade moderna, mostrar a necessidade da transformação dessa sociedade em sociedade socialista etc. Em uma palavra, deve fornecer “muitas idéias”, um número tão grande de idéias que, de momento, todas essas idéias tomadas em conjunto apenas poderão ser assimiladas por um número (relativamente) restrito de pessoas. Tratando da mesma questão, o agitador tomará o fato mais conhecido de seus ouvintes, e o mais palpável, por exemplo, uma família de desempregados morta de fome, a indigência crescente etc., e apoiando-se sobre esse fato conhecido de todos, fará todo o esforço para dar à “massa” uma única idéia: a da contradição absurda entre o aumento da riqueza e o aumento da miséria; esforçar-se-á para suscitar o descontentamento, a indignação da massa contra essa injustiça gritante, deixando ao propagandista o

cuidado de dar uma explicação completa dessa contradição. Por isso, o propagandista age principalmente por escrito, e o, agitador de viva voz. Não se exige de um propagandista as mesmas qualidades de um agitador. Diremos que Kautsky e Lafargue, por exemplo, são propagandistas, enquanto Bebel e Guesde são agitadores. Distinguir um terceiro domínio, ou uma terceira função da atividade prática, função que consistiria em “atrair as massas para certos atos concretos”, é o maior dos absurdos, pois o “apelo” sob forma de ato isolado, ou é o complemento natural e inevitável do tratado teórico, do folheto e propaganda,, do discurso de agitação, ou é uma função pura e simples de execução.

As Denúncias Políticas e “A Educação para a Atividade Revolucionária”

Dirigindo contra o Iskra sua “teoria” da “elevação da atividade da massa operária”, Martynov revelou, na realidade, sua tendência de rebaixar essa atividade declarando que o meio melhor, de especial importância, “o mais amplamente aplicável- para suscitá-la, e o próprio campo dessa atividade era essa mesma luta econômica diante da qual prostram-se todos os “economistas”. Erro característico, pois está longe de ser unicamente próprio à Martynov. Na realidade, a “elevação da atividade da massa operária” será possível unicamente se não nos limitarmos à “agitação política no terreno econômico”. Ora, uma das condições essenciais para a extensão necessária da agitação política é organizar as revelações políticas em todos os aspectos. Somente essas revelações podem formar a consciência política e suscitar a atividade revolucionária das massas. Por isso essa atividade é uma das funções mais importantes de toda a social-democracia internacional, pois mesmo a liberdade política não elimina absolutamente as revelações; apenas modifica um pouco sua direção. Assim, o partido alemão, graças à constante energia com que prossegue sua campanha de revelações políticas, fortifica de modo particular suas posições e estende sua influência. A consciência da classe operária não pode ser uma consciência política verdadeira, se os operários não estiverem habituados a reagir contra todo abuso, toda manifestação de arbitrariedade, de opressão e de violência, quaisquer que sejam as classes atingidas; a reagir justamente do ponto de vista social-democrata, e não de qualquer outro ponto de vista. A consciência das massas operárias não pode ser uma consciência de classe verdadeira, se os operários não aprenderem a aproveitar os fatos e os acontecimentos políticos concretos e de grande atualidade, para observar cada uma das outras classes sociais em todas as manifestações de sua vida intelectual, moral e política; se não aprenderem a aplicar praticamente a análise e o critério materialista a todas as formas da atividade e da vida de todas as classes, categorias e grupos de população. Todo aquele que orienta a atenção, o espírito de observação e a consciência da classe operária exclusiva ou preponderantemente para ela própria, não é um social-democrata; pois para conhecer a si própria, de fato, a classe operária deve ter um conhecimento preciso das relações recíprocas de todas as classes da sociedade contemporânea, conhecimento não apenas teórico... ou melhor: não só teórico, como fundamentado na experiência da vida política. Eis porque nossos “economistas”, que pregam a luta econômica como o meio mais amplamente aplicável para integrar as massas no movimento político, realizam um trabalho profundamente prejudicial e reacionário em seus resultados práticos. Para tornar-se um social-democrata, o operário deve ter uma idéia clara da natureza econômica, da fisionomia política e social do grande proprietário de terras e do pope, do dignatário, e do camponês, do estudante e do vagabundo, conhecer seus pontos fortes e seus pontos fracos, saber enxergar nas fórmulas correntes e sofismas de toda espécie com que cada classe e cada camada social encobre seus apetites egoístas e sua “natureza” verdadeira; saber distinguir esses ou aqueles interesses que refletem as instituições e as leis, e como as refletem. Ora, não é nos livros que o operário poderá obter essa “idéia clara”: ele a encontrará apenas nas amostras vivas, nas revelações ainda recentes do que se passa em um determinado momento à nossa volta, do que todos ou cada um falam ou cochicham entre si, do que se manifesta nesses ou naqueles fatos, números, vereditos, e assim até o infinito. Essas revelações políticas abrangendo todos os aspectos são a condição necessária e fundamental para educar as massas em função de sua atividade revolucionária. Por que o operário russo ainda manifesta tão pouco sua atividade revolucionária face às violências selvagens exercidas pela polícia contra o povo, face à perseguição das seitas, às “vias de fato” quanto aos camponeses, aos abusos escandalosos da censura, às torturas infligidas aos soldados, à guerra feita às iniciativas mais inofensivas em matéria de cultura, e assim por diante? Será porque a “luta econômica” não o “incita” a isso, porque lhe “promete” poucos “resultados tangíveis”, oferece-lhe poucos resultados “positivos”? Não, repetimos, pretender isso é querer atribuir a outrem suas próprias faltas, é atribuir à massa operária o seu próprio filisteísmo (ou bernsteinismo). Até agora, não soubemos organizar campanhas de denúncias suficientemente amplas, ruidosas e rápidas contra todas essas infâmias; a culpa é nossa, de nosso atraso em relação ao movimento de massas. E se o fizermos (devemos e podemos fazê-lo), o operário mais atrasado compreenderá ou sentirá que o estudante e o membro de uma seita, o mujique e o escritor estão expostos às injúrias e à arbitrariedade da mesma força tenebrosa que o opõe e pesa sobre ele a cada passo, durante toda sua vida; e, tendo sentido isso, desejará, desejará irresistivelmente e saberá ele próprio reagir; hoje, ele fará “arruaças” contra os censores, amanhã fará manifestações diante da casa do governador, que terá reprimido uma revolta camponesa, depois de amanhã castigará os policiais de sotaina que fazem o trabalho da santa inquisição etc. Até agora fizemos muito pouco, quase nada, para lançar entre as massas operárias revelações sobre todos os aspectos da atualidade. Muitos dentre, nós não têm nem mesmo consciência dessa obrigação que lhes cumpre, e arrastam se cegamente atrás da “obscura luta cotidiana” no estreito quadro da vida da fábrica.
(...)

A Classe Operária como Combatente de Vanguarda pela Democracia

Vimos que a agitação política mais ampla e, por conseguinte, a organização de grandes campanhas de denúncias políticas constituem uma tarefa absolutamente necessária, a tarefa mais imperiosamente necessária à atividade, se esta atividade for verdadeiramente social-democrata. Mas, chegamos a essa conclusão partindo unicamente da necessidade mais premente da classe operária, necessidade de conhecimentos políticos e de educação política. Ora, essa forma de colocar a questão, em si mesma, seria demasiado restrita, pois desconheceria as tarefas democráticas de toda a social-democracia em geral, e da social-democracia russa atual, em particular. Para esclarecer essa tese, da maneira mais concreta possível, tentaremos abordar a questão do ponto de vista mais “familiar” aos “economistas”, do ponto de vista prático. “Todo o mundo está de acordo” que é preciso desenvolver a consciência política da classe operária. A questão é saber como fazê-lo e o que é preciso para isso. A luta econômica “incita” os operários “a pensar” unicamente na atitude do governo em relação à classe operária, por isso, quaisquer que sejam os esforços que façamos para “conferir à própria luta econômica um caráter político”, jamais poderemos, dentro desse objetivo, desenvolver a consciência política dos operários (até o nível da consciência política social-democrata), pois, os próprios limites desse objetivo são demasiado estreitos. A fórmula de Martynov nos é preciosa, não como ilustração do talento confuso de seu autor, mas porque traduz de forma relevante o erro capital de todos os “economistas”, a saber a convicção de que se pode desenvolver a consciência política de classe dos operários, por assim dizer, a partir do interior de sua luta econômica, isto é, partindo unicamente (ou, ao menos, principalmente) dessa luta, baseando-se unicamente (ou, ao menos, principalmente) nessa luta. Essa perspectiva é radicalmente falsa, justamente porque os “economistas”, extenuados por nossa polêmica contra eles, não querem refletir seriamente sobre a origem de nossas divergências, e sobre o que resultou disso: literalmente não nos compreendemos, e falamos línguas diferentes. A consciência política de classe não pode ser levada ao operário senão do exterior, isto é, do exterior da luta econômica, do exterior da esfera das relações entre operários e patrões. O único domínio onde se poderá extrair esses conhecimentos é o das relações de todas as classes e categorias da população com o Estado e o governo, o domínio das relações de todas as classes entre si. Por isso, à questão: que fazer para levar aos operários os conhecimentos políticos? – não se poderia simplesmente dar a resposta com a qual se contentam, na maioria dos casos, os práticos, sem falar daqueles dentre eles que se inclinam para o “economicismo”, a saber: “ir até os operários”. Para levar aos operários os conhecimentos políticos, os sociais-democratas devem ir a todas as classes da população, devem enviar em todas as direções os destacamentos de seu exército. Se escolhemos essa fórmula rude, se nossa linguagem é cortante, deliberadamente simplificada, não é absolutamente pelo prazer de enunciar paradoxos, mas para “incitar” os “economistas” a pensar nas tarefas que desdenham de maneira tão imperdoável, na diferença existente na política sindical e na política social-democrata, que não querem compreender. Por isso, pedimos ao leitor não se impacientar e seguir-nos atentamente até o fim. Consideremos o tipo de círculo social-democrata mais difundido nesses últimos anos e vejamos sua atividade. Tem “contatos com os operários” e se atém a isso, editando “folhas volantes” onde condena os abusos nas fábricas, o partido que o governo toma em favor dos capitalistas e violências da polícia. Nas reuniões com, os operários, é sobre tais assuntos que se desenrola ordinariamente a conversa, sem quase sair disso; as conferências e debates sobre a história do movimento revolucionário, sobre a política interna e externa de nosso governo, sobre a evolução econômica da Rússia e da Europa, sobre a situação dessas ou daquelas classes na sociedade contemporânea etc., constituem exceções extremas, e ninguém pensa em estabelecer e desenvolver sistematicamente relações no seio das outras classes da sociedade. Para dizer a verdade, o ideal do militante, para os membros de tal círculo, aproxima-se na maioria dos casos muito mais ao do secretário de sindicato do que do dirigente político socialista. De fato, o secretário de um sindicato inglês, por exemplo, ajuda constantemente os operários a conduzir a luta econômica, organiza revelações sobre a vida de fábrica, explica a injustiça das leis e disposições que entravam a liberdade de greve, a liberdade dos piquetes (para prevenir a todos que há greve em uma determinada fábrica); mostra o partido tomado pelos árbitros que pertencem às classes burguesas etc. etc. Em uma palavra, todo secretário de sindicato conduz e ajuda a conduzir a “luta econômica contra os patrões e o governo”. E não seria demais insistir que isto ainda não é “social-democratismo”; que o social-democrata não deve ter por ideal o secretário do sindicato, mas o tribuno popular, que sabe reagir contra toda manifestação de arbitrariedade e de opressão, onde quer que se produza, qualquer que seja a classe ou camada social atingida, que sabe generalizar todos os fatos para compor um quadro completo da violência policial e da exploração capitalista, que sabe aproveitar a menor ocasião para expor diante de todos suas convicções socialistas e suas reivindicações democratas, para explicar a todos e a cada um o alcance histórico da luta emancipadora do proletariado.

(...)

IV – Os Métodos Artesanais dos Economistas e a Organização dos Revolucionários

As afirmações do Rabótcheie Dielo, já examinadas anteriormente, declarando que a luta econômica é o meio mais amplamente aplicável de agitação política, que nossa tarefa consiste, hoje, em conferir à própria luta econômica um caráter político etc., refletem uma concepção estreita de nossas tarefas, não somente em matéria política, mas ainda em matéria de organização. Para conduzir “a luta econômica contra os patrões e o governo”, não é necessária uma organização centralizada para toda a Rússia (e ela não

poderia se constituir no curso de tal luta), organização que agruparia em um único ataque comum todas as manifestações, quaisquer que fossem, de oposição política, de protesto e de indignação, organização de revolucionários profissionais, dirigida pelos verdadeiros chefes políticos de todo o povo. Aliás, isto pode ser compreendido. Toda instituição tem sua estrutura natural e inevitavelmente determinada pelo conteúdo de sua ação. Por isso, pelas afirmações acima analisadas, o Rabótcheie Dielo consagra e legitima a estreiteza não somente da ação política, mas também do trabalho de organização. Nesse caso, como sempre, a consciência desse órgão inclina-se diante da espontaneidade. Ora, o culto das formas de organização que se elaboram espontaneamente, o fato de ignorar o quanto é estreito e primitivo nosso trabalho de organização e até que ponto somos ainda “rudimentares” em relação a esse aspecto importante, o fato de ignorar tudo isso, digo, constitui uma verdadeira doença do nosso movimento. Não uma doença de decadência, mas, evidentemente, de crescimento. Porém, precisamente hoje que a onda de revolta espontânea se espraia – poder-se-ia dizer – até a nós, dirigentes e organizadores do movimento, o que é preciso é sobretudo a luta mais intransigente contra a menor tentativa de defender nosso atraso, de legitimar a estreiteza nessa matéria; é preciso sobretudo despertar entre todos aqueles que participam, ou apenas se dispõem a participar do trabalho prático, o descontentamento em relação ao trabalho artesanal, que reina entre nós, e a firme vontade de nos desembaraçarmos dele.

(...)

A Organização dos Operários e a Organização dos Revolucionários

Se para o social-democrata a idéia de “luta econômica contra os patrões e o governo” identifica-se à de luta política, é natural que a idéia de “organização de operários” identifique-se, entre eles, mais ou menos à idéia de “organização de revolucionários”. E, na realidade, é o que acontece, de modo que falando de organização, falamos línguas absolutamente diferentes. Lembro-me, por exemplo, de uma conversa que tive um dia com um “economista” bastante consequente, e que ainda não conhecia. A conversa girou em torno do folheto “Quem Fará a Revolução Política?” Concluímos, rapidamente, que seu principal defeito era não considerar os problemas de organização. Pensávamos já estar de acordo, mas... prosseguindo a conversa, percebemos que falávamos de coisas diferentes. Meu interlocutor, acusava o autor de não levar em consideração as caixas de auxílio às greves, as sociedades de socorro mútuo etc.; quanto a mim, falava da organização de revolucionários indispensável para “fazer” a revolução, política. E desde que ocorreu essa divergência, não me lembro mais de ter estado de acordo sobre qualquer questão de princípio com esse “economista”!

Mas, qual era, pois, a causa de nossas divergências? Justamente o fato de os “economistas” desviarem-se constantemente do “social-democratismo” para o sindicalismo, tanto nas tarefas de organização como nas tarefas políticas. A luta política da social-democracia é muito maior e muito mais complexa que a luta econômica dos operários contra os patrões e o governo. Do mesmo modo (e como consequência) a organização de um partido social-democrata revolucionário deve necessariamente constituir um gênero diferente da organização dos operários para a luta econômica. A organização dos operários deve ser, em primeiro lugar, profissional; em segundo lugar, a maior possível; em terceiro lugar, a menos clandestina possível (aqui e mais adiante refiro-me, bem entendido, apenas à Rússia autocrática). Ao contrário, a organização dos revolucionários deve englobar, antes de tudo e principalmente, homens cuja profissão é a ação revolucionária (por isso, quando falo de uma organização de revolucionários, refiro-me aos revolucionários sociais-democratas).

(...)

Ora, eu afirmo: 1º) que não seria possível haver movimento revolucionário sólido sem uma organização estável de dirigentes, que assegure a continuidade do trabalho; 2º) que quanto maior a massa espontaneamente integrada à luta, formando a base do movimento e dele participando, mais imperiosa é a necessidade de se ter tal organização, e mais sólida deve ser essa organização (senão será mais fácil para os demagogos arrastar as camadas incultas da massa); 3º) que tal organização deve ser composta principalmente de homens tendo por profissão a atividade revolucionária; 4º) que, em um país autocrático, quanto mais restringirmos o contingente dessa organização, ao ponto de aí não serem aceitos senão os revolucionários de profissão que fizeram o aprendizado na arte de enfrentar a polícia política, mais difícil será “capturar” tal organização e 5º) mais numerosos serão os operários e os elementos das outras classes sociais, que poderão participar do movimento e nele militar de forma ativa.

(...)

Envergadura do Trabalho de Organização

(...)

Não, a sociedade fornece um número muito grande de homens aptos ao “trabalho”, mas não sabemos utilizá-los a todos. O estado crítico, o estado transitório de nosso movimento nesse aspecto pode ser assim formulado: Há falta de homens embora os homens existam em grande quantidade. Os homens existem em grande quantidade porque a classe operária e camadas cada vez mais variadas da sociedade fornecem, a cada ano, um número sempre maior de descontentes, desejosos de protestar, prontos a cooperar de acordo com suas forças na luta contra o absolutismo, cujo caráter intolerável ainda não foi reconhecido por todo o mundo, mas é cada vez mais vivamente sentido por uma massa cada vez maior. E, ao mesmo tempo, há falta de homens, porque não há dirigentes, chefes políticos, organizadores capacitados para realizar um trabalho

simultaneamente amplo, coordenado e harmonioso, que permita utilizar todas as forças, mesmo as mais insignificantes.

(...) Atesta que nossa primeira e imperiosa, obrigação é contribuir para formar revolucionários operários, que estejam no mesmo nível dos revolucionários intelectuais em relação à sua atividade no Partido. (Grifamos “em relação à atividade no Partido, pois, em relação aos outros aspectos, atingir esse mesmo nível constitui, para os operários, algo muito menos fácil e muito menos urgente, embora necessário). Por isso, é preciso que nos dediquemos principalmente a elevar os operários ao nível dos revolucionários, e nunca devemos descer, nós próprios, ao nível da “massa operária” como desejam os “economistas”, ao nível do “operário médio” como quer a Svoboda (que, sob esse aspecto, eleva ao quadrado a “pedagogia” economista). Longe de mim negar a necessidade de uma literatura popular para os operários, e de uma outra especificamente popular (mas não uma literatura de carregação) para os operários mais atrasados.

(...) A fim de se preparar integralmente para essa tarefa, o operário revolucionário deve tornar-se também um revolucionário profissional. Por isso, B-v não tem razão ao dizer que, estando o operário ocupado durante onze horas e meia na fábrica, as outras funções revolucionárias (salvo a agitação) “devem estar a cargo forçosamente de um número ínfimo de intelectuais”. De forma alguma isto acontece “forçosamente”, mas, sim em consequência de nosso atraso; porque não compreendemos nosso dever, que é ajudar todo operário que se faz notar por suas capacidades a se tornar agitador, organizador, propagandista, divulgador profissional etc. etc. Em relação a esse aspecto, desperdiçamos vergonhosamente nossas forças, pois não sabemos cuidar do que precisa ser cultivado e desenvolvido com o maior desvelo. Vejam os alemães: têm cem vezes mais forças que nós, mas compreendem perfeitamente que os operários “médios” não fornecem com muita frequência agitadores verdadeiramente capazes etc. Por isso, tomam a peito a questão de colocar imediatamente todo operário capaz em condições que lhe permitam desenvolver a fundo e aplicar suas aptidões; fazem dele um agitador profissional, encorajam-no a alargar seu campo de ação, a estendê-lo de uma única fábrica a toda a profissão, de uma única localidade a todo o país. Assim, adquire a experiência e a habilidade em sua profissão; alarga o seu horizonte e seus conhecimentos, observa de perto os chefes políticos eminentes de outras localidades e de outros partidos; esforça-se por elevar a si próprio ao nível de tais chefes e aliar o conhecimento do meio operário e o ardor da fé socialista à competência profissional, sem a qual o proletariado não pode empreender uma luta tenaz contra um inimigo perfeitamente preparado. E assim, e apenas assim, que surgem os Bebel e os Auer da massa operária. Mas aquilo que em um país politicamente livre é feito por si só, entre nós deve ser realizado sistematicamente por nossas organizações. Todo agitador operário, um pouco dotado e em quem se “deposite esperanças”, não deve trabalhar onze horas na fábrica. Devemos cuidar para que viva por conta do partido e possa, no momento desejado, passar à ação clandestina, mudar de localidade, pois, de outro modo, não adquirirá grande experiência, não alargará seu horizonte, não se poderá manter sequer por alguns anos na luta contra os policiais. Quanto mais amplo e profundo tornar-se o impulso espontâneo das massas operárias, mais serão colocados em destaque aqueles agitadores de talento, e também os organizadores e propagandistas talentosos e “práticos” no melhor sentido da palavra (que são tão poucos entre nossos intelectuais, em sua maioria tão apáticos e indolentes à maneira russa). Quando tivermos destacamentos de operários revolucionários especialmente preparados (e, bem entendido, de “todas as armas” da ação revolucionária) por um longo aprendizado, nenhuma polícia política do mundo poderá derrubá-los, porque esses destacamentos de homens devotados de corpo e alma à revolução gozarão da confiança ilimitada das massas operárias. E cometemos um erro não “empurrando” bastante os operários para esse caminho, comum tanto a eles como aos intelectuais, o caminho da aprendizagem revolucionária profissional, e arrastando-os com muita frequência para trás. Através de nossos discursos estúpidos sobre o que é “acessível” à massa operária, aos “operários médios” etc. Também sob esse aspecto, a estreiteza do trabalho de organização apresenta uma conexão inegável, íntima (embora a imensa maioria dos “economistas” e dos práticos novatos não tenham consciência disso) com a restrição de nossa teoria e de nossas tarefas políticas. O culto da espontaneidade faz com que de certa forma tenhamos medo de nos afastarmos nem que seja um só passo daquilo que é “acessível” à massa; de nos elevarmos muito acima da simples satisfação de suas necessidades diretas e imediatas. Nada temam, Senhores! Lembrem-se que em matéria de organização estamos em tão baixo nível que é até absurdo pensar que poderíamos subir tão alto!

A Organização de “Conspiradores” e o Democratismo

(...) (...) o único princípio sério em matéria de organização deve ser: segredo rigoroso, escolha rigorosa dos membros, formação de revolucionários profissionais. Reunidas essas qualidades, teremos algo mais do que o “democratismo”: uma confiança plena e fraternal entre revolucionários. Ora, esse algo a mais nos é absolutamente necessário, pois, entre nós, na Rússia, não seria possível substituir isso pelo controle democrático geral. E seria um grande erro acreditar que a impossibilidade de um controle verdadeiramente “democrático” torna os membros da organização revolucionária incontroláveis: de fato, estes não têm tempo de pensar nas formas pueris do “democratismo” (“democratismo” no seio de um núcleo restrito de camaradas entre os quais, haja plena confiança), mas percebem com muita clareza sua responsabilidade, e além disso sabem pela própria experiência que, para se livrar de um membro indigno, uma organização de verdadeiros revolucionários não recuará diante de qualquer meio. Ademais, existe entre nós, no meio

revolucionário russo (e internacional), uma opinião pública bastante desenvolvida, que tem uma longa história e castiga com rigor implacável qualquer falta aos deveres de camaradagem (ora, o “democratismo”, o democratismo verdadeiro e não pueril, é um elemento constitutivo dessa noção de camaradagem!). Levando tudo isso em conta, compreenderemos como esses discursos e resoluções sobre as “tendências antidemocráticas” exalam o cheiro de porão característico da emigração, Corri suas pretensões ao generalato! É conveniente notar, além da ingenuidade, uma outra fonte desses discursos, que também se origina da idéia confusa que se faz da democracia. A obra do casal Webb sobre os sindicatos ingleses apresenta um capítulo curioso sobre a “democracia primitiva”. Os autores aí narram que os operários ingleses, no primeiro período de existência de seus sindicatos, consideravam como condição necessária da democracia a participação de todos os membros em todos os detalhes da gestão dos sindicatos: não somente todas as ‘questões eram resolvidas pelo voto de todos os membros, mas também as próprias funções eram exercidas por todos os membros, sucessivamente. Foi preciso uma longa experiência histórica para que os operários compreendessem o absurdo de tal concepção da democracia e a necessidade de instituições representativas, de um lado, e de funcionários profissionais, de outro. Foi preciso que ocorressem inúmeras falências de caixas sindicais para fazer com que os operários compreendessem que a questão da relação proporcional entre as cotizações depositadas e os subsídios recebidos não podia ser decidida apenas pelo voto democrático, e que tal questão também exigia o parecer de um especialista em seguros. Em seguida, tomem o livro de Kaustsky sobre o parlamentarismo e a legislação popular, e verão que as conclusões desse teórico marxista concordam com os ensinamentos advindos da longa prática dos operários “espontaneamente” unidos. Kautsky ergue-se resolutamente contra a concepção primitiva da democracia de Rittinghausen, zomba das pessoas prontas a reclamar, em nome dessa democracia, de “os jornais populares serem redigidos pelo próprio povo”, prova a necessidade de jornalistas, de parlamentares profissionais etc., para a direção social democrata da luta de classe do proletariado, “ataca o socialismo dos anarquistas e dos literatos” que, “visando o efeito”, pregam a legislação popular direta e não compreendem que sua aplicação é muito relativa na sociedade atual. Aqueles que trabalham praticamente em nosso movimento, sabem como a concepção “primitiva” da democracia difundiu-se amplamente entre a juventude estudantil e os operários. Não é de surpreender que essa concepção também invada os estatutos e a literatura. Os “economistas” do tipo bernsteiniano escreviam em seus estatutos: “§ 10. Todos os casos que interessem à organização como um todo será decidido por maioria dos votos de todos os seus membros”. Os “economistas” do tipo terroristas repetem atrás deles: “É preciso que as decisões dos comitês tenham passado por todos os círculos antes de se tornarem decisões válidas” (Svoboda, n.º 1, P. 67). Observem que essa reivindicação relativa à aplicação ampla do referendo é acrescentada à que deseja que toda a organização seja construída sobre o princípio eletivo! Longe de nós, bem entendido, a idéia de condenar por isso os práticos que tiveram tão pouca possibilidade de se iniciarem na teoria e na prática de organizações. Verdadeiramente democráticas. Mas quando o Rabótcheie Dielo, que aspira a um papel de dirigente, limita-se em condições semelhantes a uma resolução sobre o princípio de uma ampla democracia, por que não dizer de forma simples que “visa o efeito”?

Parte V – “Plano” de um jornal político para toda a Rússia

(...)

Pode um Jornal Ser um Organizador Coletivo?

O artigo “Por Onde Começar?” apresenta de essencial a colocação precisa dessa questão e sua resolução afirmativamente. Segundo sabemos, a única pessoa que tentou analisar a questão em profundidade e provar a necessidade de resolvê-la negativamente foi L. Nadejdine, cujos argumentos reproduzimos na íntegra:

“...A maneira como o *Iskra* põe em foco a necessidade de um jornal para toda a Rússia muito nos agrada, mas não podemos de forma alguma admitir que esse ponto de vista identifique-se ao título do artigo, “Por Onde Começar?. Inegavelmente isto constitui algo de extrema importância, mas não é com isso, nem com toda uma série de panfletos populares, nem com uma montanha de proclamações que os fundamentos de uma organização de combate para um momento revolucionário podem ser lançados. É preciso abordar a questão da criação de fortes organizações políticas locais. Não as temos, temos trabalhado sobretudo entre os operários instruídos, uma vez que as massas foram conduzidas quase que exclusivamente para a luta econômica. Sem fortes organizações políticas locais bem treinadas, de que serviria um jornal para toda a Rússia, mesmo que fosse perfeitamente organizado? Uma sarça ardente que queima sem se consumir, e que não inflama a ninguém! Ao redor desse jornal, por esse jornal, o povo reunir-se-á e organizar-se-á para a ação, assim pensa o *Iskra*. Mas, isto será feito de modo muito mais rápido através da reunião e organização em torno de um trabalho mais concreto! Isto pode e deve consistir na criação de jornais locais em grande escala, na preparação imediata das forças operárias para manifestações; as organizações locais efetuarão uma ação constante entre os sem-trabalho (difundir sem cessar, entre eles, folhas volantes e panfletos; convocar os sem-trabalho para reuniões, exortá-los à resistência ao governo etc.) É preciso empreender localmente um trabalho político vivo; e quando surgir a necessidade da união nesse terreno real, não será artificial e não permanecerá no papel. Não será com jornais que se poderá unificar o trabalho local em um plano comum para toda a Rússia” (*Às Vésperas da Revolução*, p. 54).

Grifamos nessa passagem eloquente, os trechos que permitem melhor apreender a falsa idéia que o autor faz de nosso plano e, em geral, a falsidade do ponto de vista que ele opõe ao Iskra. Sem organizações políticas locais, fortes, e bem treinadas, de nada serviria à Rússia o melhor jornal que se pudesse fazer. Isto é absolutamente correto. Infelizmente, para educar pessoas para formar organizações políticas fortes não há outro meio senão um jornal para toda a Rússia.

(...)

Em uma época onde as tarefas da social-democracia são depreciadas, não se pode começar o “trabalho político vivo” senão através de uma agitação política viva, o que é impossível sem um jornal para toda a Rússia, que apareça frequentemente e seja difundido de forma regular. Os que vêm no “plano” do Iskra apenas “literatura”, não o compreenderam em sua essência; tomaram como fim o que se propõe, no momento presente, como o meio mais indicado. Essas pessoas não se deram ao trabalho de refletir sobre as duas comparações que ilustram esse plano de maneira relevante. A elaboração de um jornal político para toda a Rússia – escrevia-se no Iskra – deve ser o fio condutor: seguindo-o, poderemos desenvolver ininterruptamente essa organização, aprofundá-la e alargá-la (isto é, a organização revolucionária sempre pronta a apoiar todo protesto e efervescência). Por favor, digam-me: quando, os pedreiros colocam em diferentes pontos as pedras de um enorme edifício, de linhas absolutamente originais, esticam um fio que os ajuda a encontrar o lugar justo para as pedras, que lhes indica o objetivo final de todo o trabalho, que lhes permite colocar não apenas cada pedra, mas até cada pedaço de pedra que, cimentado ao que o precedeu e ao que o sucede, formará a linha definitiva e total. Será isto um trabalho “de escrita”? Não é evidente que, hoje, atravessamos em nosso Partido um período em que, possuindo as pedras e os pedreiros, falta-nos exatamente esse fio que fosse visível para todo o mundo e ao qual cada um pudesse se ater?

(...)

Atualmente, em sua maioria, essas forças são exauridas no estreito campo de ação do trabalho local. Mas, então, haveria a possibilidade e a oportunidade constantes de transferir de um extremo a outro do país todo agitador ou organizador pouco capaz. Após terem começado por pequenas viagens para tratar de assuntos do Partido, às custas do Partido, os militantes estariam habituados a viver inteiramente por conta do Partido; tornar-se-iam revolucionários profissionais e preparar-se-iam para o papel de verdadeiros chefes políticos. E se realmente chegássemos a obter que a totalidade ou a maior parte dos comitês, grupos e círculos locais se associassem ativamente para a obra comum, poderíamos em breve elaborar um semanário, regularmente divulgado em dezenas de milhares de exemplares em toda a Rússia. Esse jornal seria parte de um gigantesco fole de urna forja que aticasse cada fagulha da luta de classes e da indignação popular, para daí fazer surgir um grande incêndio. Em torno dessa obra em si ainda inofensiva e pequena, mas regular e comum no pleno sentido da palavra, um exército permanente de lutadores experimentados seria sistematicamente recrutado e instruído. Sobre os andaimes e cavaletes dessa organização comum em construção, logo veríamos subir, saídos das fileiras de nossos revolucionários, os Jeliabov sociais-democratas e, saídos das fileiras de nossos operários, os Bebel russos que, à frente desse exército mobilizado, levantariam todo o povo para fazer justiça à vergonha e à maldição que pesam sobre a Rússia. É com isto que precisamos sonhar! “É preciso sonhar!” (...)

(...)

De que tipo de organização necessitamos

(...)

Aqueles que como o Iskra colocam a agitação política entre todo o povo à base de seu programa, de sua tática e de seu trabalho de organização, correm menos riscos de deixar a revolução acontecer sem percebê-la. As pessoas que, em toda a Rússia, ocupam-se em trançar os fios de uma organização, fios a serem ligados a um jornal para toda a Rússia, não deixaram de perceber os acontecimentos da primavera; ao contrário, ofereceram-nos a possibilidade de predizê-los. Não deixaram passar desapercebidas as manifestações descritas nos números 13 e 14 do Iskra: ao contrário, compreendendo seu dever de auxiliar o impulso espontâneo da multidão, participaram dessas manifestações e, ao mesmo tempo, contribuíram através de seu jornal para que todos os camaradas russos percebessem o seu caráter e utilizassem sua experiência. Se continuarem vivos, verão acontecer a revolução que exigirá de todos nós, antes e acima de tudo, a experiência em matéria de agitação, e que saibamos sustentar (à maneira social-democrata) todos os protestos, dirigir o movimento espontâneo e preservá-lo dos erros dos seus amigos e ciladas dos seus, inimigos! Chegamos, assim, à última consideração que nos força a insistir, de forma particular, no plano de organização em torno de um jornal para toda a Rússia, através da colaboração de todos para esse jornal comum. Apenas essa organização poderá assegurar ao empreendimento de combate social-democrata a flexibilidade indispensável, isto é, a faculdade “de evitar a batalha em terreno descoberto com um inimigo numericamente superior, que concentrou suas forças em um único ponto e a faculdade de aproveitar a incapacidade do inimigo, quanto à estratégia militar, para atacá-lo onde e quando menos o espera(9)”. Seria um gravíssimo erro estruturar a organização do Partido contando apenas com as manifestações e combates de rua, ou com “a marcha progressiva da obscura luta cotidiana”. Devemos realizar sempre nosso trabalho cotidiano e devemos estar sempre prontos para tudo, porque com muita frequência é quase impossível prever a alternância dos períodos de explosão e dos períodos de calma momentânea; e quando é possível prevê-los, não se pode tirar partido disso para remanejar a organização, pois, em um país autocrático, a situação muda com assombrosa rapidez: às vezes basta uma batida noturna dos janizários tzaristas. E não

seria possível imaginar a própria revolução sob a forma de um ato único (como parecem fazer os Nadejdine): a revolução será uma sucessão rápida de explosões mais ou menos violentas, alternando-se algumas fases de calma momentânea mais ou menos profunda. Por isso, a atividade essencial de nosso Partido, o palco de sua atividade, deve consistir em um trabalho que seja possível e necessário tanto nos períodos de explosões mais violentas como nos de calma absoluta, isto é, deve consistir em um trabalho de agitação política unificada para toda a Rússia, que ilumine todos os aspectos de vida e dirija-se às massas em geral. Ora, esse trabalho é inconcebível na Rússia atual, sem um jornal que interesse a todo o país e apareça com bastante frequência. A organização a ser constituída por si mesma em torno desse jornal, a organização de seus colaboradores (no sentido amplo de palavra, isto é, todos aqueles que trabalham para ele) estará pronta para tudo, para salvar a honra, o prestígio e a continuidade no trabalho do Partido nos momentos de grande “depressão” dos revolucionários, e para preparar, determinar o início e realizar a insurreição armada do povo.

6 - Lenin – Obras Completas: Tomo VII (1902 a 1904)

CARTA A UM CAMARADA SOBRE NOSSAS TAREFAS DE ORGANIZAÇÃO

[defeitos da organização em 1902]

É certo que: 1) a falta de uma preparação séria e de educação revolucionária (não somente de operários, mas também de intelectuais); 2) a aplicação inadequada e abusiva do princípio eletivo, e 3) a não participação dos operários na intensa atividade revolucionária são, efetivamente, os principais defeitos da organização de São Petersburgo e de muitas outras organizações locais de nosso Partido.
(...)

Eu desejaría destacar apenas que o jornal pode e deve ser o dirigente ideológico do Partido, desenvolver as verdades teóricas, as teses táticas, as ideias gerais de organização e as tarefas gerais de todo o Partido em um ou outro momento.

(...) Sua tarefa principal deve consistir em organizar clandestinamente uma acertada distribuição das publicações do comitê. É uma tarefa de suma importância, porque se assegura-se a ligação regular do grupo especial de distribuidores do distrito com todas as fábricas e com o maior número possível de bairros operários do distrito, isso terá também imensa importância para organizar as manifestações e para a insurreição.

(...) Caso não haja jornal, pode e deve fazer o mesmo com panfletos, porém de nenhuma maneira tem que deixar que o aparato de distribuição permaneça ocioso. Deve se procurar aperfeiçoar este aparato a tal nível que em uma só noite se possa informar – e, por assim dizer, mobilizar – toda a população operária, de São Petesburgo.

(...) Falemos agora dos círculos de fábrica. Tem para nós uma importância especial, já que a força principal do movimento reside no nível de organização da classe operária nas grandes fábricas, que é onde se concentra a parte predominante da classe operária, predominante não somente em número, mas também, e mais ainda, por sua influência, desenvolvimento e capacidade de luta. Cada fábrica deve converter-se em uma fortaleza nossa. E, para isso, a organização operária “fabril” deve ser tão clandestina por dentro e tão “ramificada” por fora, isto é, em suas relações externas, deve projetar seus tentáculos tão longe, e nas mais diversas direções, como qualquer outra organização revolucionária. Destaco que, nesse caso também, o núcleo e o dirigente, o “dono”, deve ser necessariamente o grupo de operários revolucionários. Devemos romper por completo com a tradição das organizações social-democratas de tipo puramente operário ou profissional, inclusive nos círculos “fabris”.

(...) Chegamos agora a um princípio muito importante de toda a organização e atividade do Partido: se no que concerne a direção ideológica e prática do movimento e da luta revolucionária do proletariado é necessária a maior centralização possível, no que se refere à informação do centro do Partido (e, consequentemente, de todo o Partido no geral) sobre o movimento, no que se refere à responsabilidade ante o Partido se impõe a maior descentralização possível. O movimento deve ser dirigido pelo menor número possível dos grupos mais homogêneos de revolucionários profissionais temperados pela experiência. Mas no movimento deve participar o maior número possível dos grupos mais variados e heterogêneos, pertencentes aos setores mais diversos do proletariado (e de outras classes do povo). Em respeito a cada um desses grupos, o centro do Partido deverá ter sempre em vista não somente dados exatas de suas atividades, mas também dados o mais completos possível sobre sua composição.

(...) Reduzir o número de membros do comitê; atribuir, no que for possível, a cada um deles uma função determinada que implique em responsabilidade e da necessidade de prestar contas à um grupo dirigente especial de número muito reduzido; organizar uma rede de agentes executores que vinculem ao comitê cada grande fábrica, efetuam a distribuição regular de publicações e proporcionem ao centro uma imagem exata

desta tarefa de distribuição e de todo o mecanismo do trabalho; e por último, formar numerosos grupos e círculos que assumam diversas funções ou reúnam as pessoas próximas à social-democracia, que a ajudem a se prepararem a tornarem-se social-democratas, garantindo que o comitê e o centro estejam sempre a par tanto das atividades (e a composição) desses círculos; tais são as características que deve reunir a reorganização do Comitê de São Petersburgo e todos os demais comitês do Partido; também é a razão pela qual o problema dos estatutos tem tão pouca importância.

(...)

E não é que os estatutos sejam inúteis pelo mero feito de que o trabalho revolucionário nem sempre admite ser regulamentado. Não, a regulamentação é necessária e devemos nos esforçar em dar forma, na medida do possível, a todo o trabalho. A regulamentação é admissível em proporções muito maiores do que geralmente se pensa, mas não se alcançará por estatutos, mas sim única e exclusivamente (não nos cansamos de o repetir) pelo envio de informes precisos ao centro do Partido, somente então serão regulamentações efetivadas, munidas com uma responsabilidade e uma publicidade (dentro do Partido) reais. Porque quem de nós ignora que em nossas organizações os conflitos e discrepâncias sérias, de fato, não se resolvem nunca por votação "de acordo com os estatutos", mas sim pela luta e por meio de ameaças de "retirar-se"?

(Escrito entre 1 e 11 de Setembro de 1902, pg. 1 a 26)

(...)

7 - Um Passo Adiante e Dois Atrás

Lenin (1904)

Prefácio

(...)

(...) eu queria, desde o início, chamar a atenção do leitor para duas questões verdadeiramente centrais, essenciais, de enorme interesse e de projeção histórica incontestável, que constituem as questões políticas mais urgentes na ordem do dia do nosso partido.

A primeira diz respeito ao significado político da divisão do nosso partido em "maioria" e "minoria", divisão que tomou forma no segundo Congresso do partido e que deixou muito para trás todas as anteriores divisões dos sociais-democratas russos.

A segunda questão diz respeito ao significado de princípio da posição do Iskra em matéria de organização, tanto quanto se trata de uma posição efetivamente de princípio.

(...)

O principal defeito da literatura de que dispomos sobre a crise do nosso partido é, no que diz respeito ao estudo e esclarecimento dos fatos, a ausência quase total duma análise das atas do congresso do partido, e no que respeita ao esclarecimento dos princípios fundamentais do problema de organização, é a falta de uma análise da ligação que inegavelmente existe entre o erro cometido pelo camarada Mártov e pelo camarada Axelrod na formulação do parágrafo primeiro dos estatutos e a defesa desta formulação, por um lado, e todo o "sistema" (tanto quanto se pode falar aqui de um sistema) dos princípios atuais do Iskra em matéria de organização, por outro lado. Pelos vistos a atual redação do Iskra não nota sequer esta ligação, embora a importância da discussão do parágrafo primeiro tenha sido já muitas vezes assinalada nas publicações da "maioria". Hoje, os camaradas Axelrod e Mártov em essência não fazem mais do que desenvolver e alargar o seu erro inicial sobre o parágrafo primeiro. Em essência, toda a posição dos oportunistas em matéria de organização começou a revelar-se já na discussão do parágrafo primeiro: na sua defesa de uma organização do partido difusa e não fortemente cimentada; na sua hostilidade à idéia (à idéia "burocrática") da edificação do partido de cima para baixo, a partir do congresso do partido e dos organismos por ele criados; na sua tendência para atuar de baixo para cima, permitindo a qualquer professor, a qualquer estudante do liceu e a "qualquer grevista" declarar-se membro do partido; na sua hostilidade ao "formalismo", que exige a um membro do partido que pertença a uma organização reconhecida pelo partido; na sua tendência para uma mentalidade de intelectual burguês, pronto apenas a "reconhecer platonicamente as relações de organização"; na sua inclinação para essa subtileza de espírito oportunista e as frases anarquistas; na sua tendência para o autonomismo contra o centralismo; numa palavra, em tudo o que hoje floresce tão exuberantemente no novo Iskra, e que contribui para o esclarecimento cada vez mais profundo e evidente do erro inicial.

(...)

Maio de 1904.
I. Lenine

(...)

Parte II

h) Discussão Sobre o Centralismo Antes da Cisão Entre os Iskristas

(...)

(...) Neste momento, o "monstruoso centralismo" só era atacado por aqueles a quem não convinha evidentemente o centralismo do Iskra: era atacado por Akímov, Líber, Goldblat, seguidos com prudência e precaução (de maneira a poder voltar atrás em qualquer momento) por Egórov (ver pp. 156 e 276), etc. Neste momento, a imensa maioria do partido dava-se ainda conta com toda a clareza de que eram os interesses de capelinha, os interesses de círculo do Bund, do Iújni Rabótchi, etc., que provocavam o protesto contra o centralismo. De resto, mesmo agora, é claro para a maioria do partido que são precisamente os interesses de círculo da velha redação do Iskra que provocam o seu protesto contra o centralismo...

Vede, por exemplo, o discurso do camarada Goldblat (160-161). Ele argumenta contra o meu centralismo "monstruoso" que, segundo ele, conduz ao "aniquilamento" das organizações inferiores e "está imbuído da tendência de conceder ao centro um poder ilimitado, o direito ilimitado de intervir em tudo", que só deixaria às organizações "um único direito, submeter-se sem um único protesto às ordens vindas de cima", etc. "O centro previsto pelo projeto encontrar-se-á num espaço vazio, não haverá à sua volta nenhuma periferia, mas simplesmente uma massa amorfia onde se moverão os seus agentes executores". Isto é, palavra por palavra, a mesma fraseologia falsa com que os Mártoev e os Axelrod começaram a obsequiar-nos depois da sua derrota no congresso.

(...)

Entre os discursos dos iskristas durante estes debates (que precederam a cisão entre os iskristas) sobre os estatutos, são particularmente importantes os dos camaradas Mártoev ("adesão" às minhas idéias sobre organização) e Trotski. Este último respondeu aos camaradas Akímov e Líber de tal forma que cada palavra da sua resposta desmascara o que há de falso no comportamento que seguiu a "minoria" depois do congresso e nas teorias que adotou depois do congresso. "Os estatutos - diz ele (o camarada Akimov) - não definem com suficiente precisão a esfera de competência do CC. Não posso estar de acordo com ele. Pelo contrário, a definição é precisa e significa: na medida em que o partido é um todo, é preciso assegurar-lhe o controlo dos comitês locais. O camarada Líber disse que os estatutos são, para empregar uma expressão minha, a "desconfiança organizada". É verdade. Só que eu tinha empregado esta expressão ao falar dos estatutos propostos pelos representantes do Bund, que eram a desconfiança organizada da parte de um setor do partido face a todo o partido. Em contrapartida os nossos estatutos" (neste momento, estes estatutos eram "nossos", até à derrota na questão da composição do centro!) "constituem a desconfiança organizada do partido face a todos os seus setores, isto é, o controlo de todas as organizações locais, regionais, nacionais e outras" (158). Sim, os nossos estatutos foram aqui caracterizados com precisão, e nós aconselhamos a lembrarem-se mais vezes desta caracterização aqueles que, de consciência tranquila, afirmam agora que foi a astuta maioria que concebeu a idéia e estabeleceu o sistema da "desconfiança organizada", ou o que vem a dar no mesmo, do "estado de sítio"

(...)

i) O Parágrafo Um dos Estatutos

(...)

Qual era, pois, a essência da questão em disputa? Já disse no congresso, e repeti-o depois mais de uma vez, que "não considero de modo nenhum a nossa divergência (sobre o §1) tão essencial que dela dependa a vida ou a morte do partido. Se houver um mau artigo nos estatutos, não vamos, de modo algum, morrer por isso!" (p. 250)⁽¹⁾. Esta diferença em si mesma, ainda que revelando matizes de princípio, não pôde de modo nenhum provocar a divergência (na realidade, para falar sem rodeios, a cisão) que se declarou depois do congresso. Mas qualquer pequena divergência pode tornar-se grande se insistirmos nela, se a colocarmos em primeiro plano, se nos pusermos a investigar todas as suas raízes e ramificações. Qualquer pequena divergência pode tomar uma enorme importância, se servir de ponto de partida para uma viragem para certas concepções erradas e se a estas concepções vierem juntar-se, em virtude de novas divergências complementares, atos anárquicos que levam o partido à cisão.

Esta era precisamente a situação no caso que examinamos. Uma divergência relativamente pouco importante sobre o § 1 tomou agora uma importância enorme, porque foi precisamente o que serviu de ponto de viragem para subtilezas oportunistas e para a fraseologia anarquista da minoria (sobretudo no congresso da Liga, e depois também nas colunas do novo iskra). Esta divergência marcou o início da coligação da minoria iskrista com os anti-iskristas e com o pântano, que adquiriu precisamente formas acabadas no momento das eleições, e sem a compreensão da qual é impossível compreender a divergência essencial, fundamental, a da questão relativa à composição dos centros.

(...)

E examinando o fundo dos argumentos a favor e contra a minha fórmula, devemos ter presente precisamente esta maneira de colocar o problema - eu diria historicamente determinada se não receasse expressões demasiado pomposas - que os acontecimentos nos impuseram a todos.

(...)

O discurso seguinte, o do camarada Axelrod, põe imediatamente a questão no terreno dos princípios. É o primeiro discurso com este caráter, ou melhor, é em geral o primeiro discurso do camarada Axelrod no congresso, e é difícil considerar particularmente feliz a sua estréia com o famoso "professor". "Creio - dizia o camarada Axelrod - que devemos delimitar os conceitos de partido e organização. Ora estas duas noções são aqui confundidas. Esta confusão é perigosa." Tal é o pimeiro argumento contra a minha formulção. Mas examinai-o mais de perto. Quando digo que o partido deve ser uma soma (não uma simples soma aritmética,

mas um complexo) de organizações⁽²⁾, quer isto dizer que eu "confundo" dois conceitos, partido e organização? É evidente que não. Exprimo assim, de maneira absolutamente clara e precisa, o meu desejo, a minha exigência de que o partido, como destaqueamento de vanguarda da classe, seja algo o mais organizado possível, que o partido só aceite nas suas fileiras aqueles elementos que admitem, pelo menos, um mínimo de organização. Pelo contrário, o meu contraditor confunde no partido os elementos organizados e os não organizados, aqueles a quem se pode dirigir e os que se não pode, os elementos avançados e os que são não pode, os elementos avançados e os que são incorrigivelmente atrasados, porque os atrasados corrigíveis podem entrar na organização. E esta confusão que é verdadeiramente perigosa. O camarada Axelrod invoca em seguida as "organizações estritamente conspirativas e centralistas do passado" ("Terra e Liberdade" e "A Vontade do Povo"): à volta destas organizações "agrupava-se uma quantidade de pessoas que não pertenciam à organização, mas que a ajudavam de uma forma ou de outra e eram consideradas membros do partido... Este princípio deve ser aplicado ainda mais estritamente na organização social-democrata". Cá chegamos a um dos pontos-chave da questão: "este princípio" que permite que se intitulem membros do partido pessoas que não pertencem a nenhuma das suas organizações e que somente "o ajudam de uma maneira ou de outra" será efetivamente um princípio social-democrata? E Plekhánov deu a esta pergunta a única resposta possível: "Axelrod não tinha razão quando aludia à década de 70. Havia então um centro bem organizado e admiravelmente disciplinado; este centro tinha à sua volta organizações de diferentes níveis, criadas por ele próprio, e o que estava fora dessas organizações era caos e anarquia. Os elementos que constituíam este caos auto-intitulavam-se membros do partido, mas a causa, longe de ganhar com isso, só perdia. Não devemos imitar a anarquia da década de 70, mas evitá-la." Assim, "este princípio", que o camarada Axelrod queria fazer passar por social-democrata, é de fato um princípio anárquico.

(...)

O camarada Axelrod citou, a título de exemplo, "um professor que se considera social-democrata e o declara". Para levar até ao fim o pensamento ilustrado por este exemplo, o camarada Axelrod deveria perguntar em seguida: os próprios sociais-democratas organizados consideram tal professor um social-democrata? Como não levantou esta segunda questão, Axelrod deixou a sua argumentação a meio. De fato, das duas uma. Ou os sociais-democratas organizados reconhecem o professor em questão como um social-democrata, e então porque não haviam de inclui-lo nesta ou naquela organização social-democrata? Só na condição de tal integração as "declarações" do professor estarão em conformidade com os seus atos e não serão apenas frases ocas (ao que de resto se reduzem com demasiada frequência as declarações professorais). Ou os sociais-democratas organizados não reconhecem o professor como um social-democrata, e neste caso carece de sentido e é absurdo, insensato e prejudicial conferir-lhe o direito de usar o título honroso e cheio de responsabilidade de membro do partido. Trata-se pois de aplicar consequentemente o princípio de organização, ou consagrar a dispersão e a anarquia.

(...)

"Se adotamos a fórmula de Lénine - prosseguiu o camarada Axelrod - deitaremos pela borda fora uma parte dos que, embora não possam ser admitidos diretamente na organização, são, no entanto, membros do partido."

(...)

Qual o significado desta frase à primeira vista tão terrível: deitar pela borda fora? Se considerarmos membros do partido apenas os aderentes às organizações que reconhecemos como organizações do partido, então as pessoas que não possam entrar "diretamente" em nenhuma organização do partido podem, no entanto, militar numa organização que não seja do partido, mas que esteja em contato com ele. Por consequência, não se trata de modo algum de deitar pela borda fora ninguém, isto é, afastar do trabalho, da participação no movimento. Pelo contrário, quanto mais fortes forem as nossas organizações do partido, englobando verdadeiros sociais-democratas, quanto menos hesitação e instabilidade houver no interior do partido, mais larga, mais variada, mais rica e mais fecunda será a influência do partido sobre os elementos das massas operárias que o rodeiam e por ele são dirigidos. Com efeito, não se pode confundir o partido, como destaqueamento de vanguarda da classe operária, com toda a classe. Ora, é justamente nesta confusão (característica do nosso economismo oportunista em geral) que cai o camarada Axelrod quando diz: "Naturalmente, estamos a criar, antes de tudo, uma organização dos elementos mais ativos do partido, uma organização de revolucionários; mas como somos um partido de classe, devemos fazer as coisas de modo a não deixar fora do partido os que, conscientemente, ainda que talvez sem se mostrarem absolutamente ativos, tenham uma ligação com esse partido."

(...)

Será verdade? Qualquer grevista deverá ter o direito de declarar-se membro do partido? Com esta tese, o camarada Mártoev leva de uma assentada o seu erro até ao absurdo, rebaixando a social-democracia ao grevismo, repetindo as desventuras dos Akímov. Só temos que nos alegrar se a social-democracia conseguir dirigir cada greve, porque é seu dever direto e absoluto dirigir todas as manifestações da luta de classe do proletariado, e a greve é uma das manifestações mais profundas e vigorosas desta luta. Mas seremos seguidistas se admitirmos que se identifique esta forma elementar de luta, que de fato não é mais que uma forma trade-unionista, com a luta social-democrata, multilateral e consciente.

Oportunisticamente, legitimaremos uma manifesta falsidade, se dermos a cada o direito de "se declarar membro do partido", porque tal "declaração", num grande número de casos, será uma declaração falsa. Estaremos a embalar-nos com sonhos manilovianos se tentarmos persuadir-nós a nós próprios e persuadir

os outros que cada grevista pode ser social-democrata e membro do partido social-democrata, dada a infinita fragmentação, opressão e embrutecimento que, sob o capitalismo, inevitavelmente continuarão a pesar sobre setores muito amplos de operários "não instruídos", não qualificados. Justamente o exemplo do "grevista" mostra com particular clareza a diferença entre a aspiração revolucionária de dirigir cada greve de uma maneira social-democrata, e a fraseologia ia, que declara cada grevista membro do partido. Nós somos um partido de classe, na medida em que dirijamos efetivamente de um modo social-democrata quase toda ou mesmo toda a classe do proletariado, mas só Akímov e que podem deduzir disso que devemos identificar em palavras o partido e a classe.

(...)

Por isso, reproduzirei algumas passagens de *Que Fazer?* e da *Carta a Um Camarada*:

..." Para um círculo de corifeus como Alexéiev e Míchkine, Khaltúrine e Jeliábov, são acessíveis as tarefas políticas no sentido mais real, mais prático do termo, precisamente porque, e no grau em que, a sua propaganda ardente encontra eco na massa, que desperta espontaneamente, porque a sua fervente energia é secundada e apoiada pela energia da classe revolucionária." ⁽⁵⁾ Para ser um partido social-democrata é preciso conquistar o apoio precisamente da classe. Não é o partido que deve envolver a organização de conspiradores, como pensava o camarada Mártov; é a classe revolucionária o proletariado que deve envolver o partido, que tanto abrangerá as organizações de conspiradores como as organizações não conspiradoras."

..."As organizações operárias para a luta econômica devem ser organizações sindicais. Todo o operário social-democrata deve, dentro do possível apoiar estas organizações e nelas trabalhar ativamente ... Mas é absolutamente contrário aos nossos interesses exigir que só os sociais-democratas possam ser membros das uniões profissionais já que isso reduziria a nossa influência sobre a massa. Que participe na união profissional todo o operário que compreenda a necessidade da união para a luta contra os patrões e o governo. O próprio objetivo das uniões profissionais seria inexecutável se não agrupasse todos os operários capazes de compreender, ainda que mais não fosse, esta noção elementar, se estas uniões profissionais não fossem organizações muito amplas. E quanto mais amplas forem estas organizações, tanto mais ampla será a nossa influência nelas, influência exercida não somente pelo desenvolvimento "espontâneo" da luta econômica, mas também pela ação consciente e direta dos membros socialistas das uniões sobre os seus camaradas" (p. 86) ⁽⁶⁾.

Diremos de passagem que o exemplo dos sindicatos é particularmente característico para emitir um juízo sobre o problema em discussão respeitante ao § 1. Que os sindicatos devam trabalhar "sob controle e direção" das organizações sociais-democratas, a este respeito não pode haver duas opiniões entre os sociais-democratas. Mas partir desta base para dar a todos os membros destes sindicatos o direito de "se declararem" membros do partido social-democrata seria um absurdo evidente e representaria a ameaça de um duplo dano: por um lado, reduzir as dimensões do movimento sindical e enfraquecer a solidariedade operária neste domínio. Por outro lado, abrir as portas do partido social-democrata à confusão e à vacilação.

Parte IV

m) As eleições. O encerramento do Congresso

(...)

Antes das eleições, o nosso congresso tinha de resolver a questão: era à maioria ou à minoria do partido que se devia reservar um terço dos votos no OC e no CC? O grupo de seis e a Lista do camarada Mártov significavam que o terço nos cabia a nós e os dois terços aos seus partidários. O grupo de três no OC e a nossa lista significavam que dois terços eram para nós, e um terço para os partidários do camarada Mártov. O camarada Mártov recusou-se a chegar a um acordo conosco ou a ceder, e provocou-nos para o combate, por escrito, diante do congresso; mas depois de ter sofrido a derrota perante o congresso, pôs-se a chorar e começou a queixar-se do "estado de sítio"! Ora não será isto uma querela mesquinha? Não será isto uma nova manifestação de tibieza própria de intelectuais?

Não podemos deixar de recordar, a propósito, a brilhante definição socio-psicológica desta última qualidade dada recentemente por K. Kautsky. Os partidos sociais-democratas de diferentes países estão atualmente sujeitos muitas vezes a doenças do mesmo gênero, e ser-nos-á muito, muito útil aprender com camaradas mais experientes o diagnóstico justo e o tratamento acertado. Por isso, a definição de alguns intelectuais dada por Kautsky só na aparência nos afastará do nosso tema.

(...) "No momento atual, de novo nos interessamos vivamente pela questão do antagonismo entre os intelectuais¹⁴ e o proletariado. Os meus colegas" (Kautsky é também um intelectual, literato e redator) "em muitos casos indignar-se-ão ao ver que eu admito este antagonismo. Mas o fato é que ele existe, e a tática mais inadequada seria (nestes como outros casos) tentar desembaraçarmo-nos dele negando o fato. Este antagonismo é um antagonismo social que se manifesta nas classes e não em indivíduos isolados. Tal como um capitalista, um intelectual pode, individualmente, entregar-se por inteiro à luta de classe do proletariado. Em tais casos, quando isto tem lugar, o intelectual muda também de caráter. No que vou dizer a seguir, não tratarrei principalmente dos intelectuais deste tipo, que ainda hoje são exceção no seio da sua classe. A

seguir, quando não houver qualquer reserva especial, entendo por intelectual apenas um intelectual comum que se situa no terreno da sociedade burguesa, e que é um representante característico da intelectualidade como classe. Esta classe mantém-se num certo antagonismo com o proletariado.

"Este antagonismo é de um gênero diferente do antagonismo entre o trabalho e o capital. O intelectual não é um capitalista. É verdade que o seu nível de vida é burguês e que ele é obrigado a manter este nível a menos que se transforme num vagabundo, mas ao mesmo tempo vê-se obrigado a vender o produto do seu trabalho e por vezes mesmo a sua força de trabalho e sofre com frequência a exploração dos capitalistas e certa humilhação social. Assim, não existe nenhum antagonismo econômico entre o intelectual e o proletariado. Mas a sua situação na vida, as suas condições de trabalho, não são proletárias; daí um certo antagonismo nos sentimentos e nas idéias.

"O proletário não é nada enquanto permanecer um indivíduo isolado. Toda a sua força, todas as suas capacidades de progresso, todas as suas esperanças, as suas aspirações, tira-as da organização, da sua atuação sistemática em comum com os seus camaradas. Sente-se grande e forte quando faz parte de um grande e forte organismo. Este organismo é tudo para ele, enquanto um indivíduo isolado, em comparação com ele, significa muito pouco. O proletário luta com a maior abnegação como uma parcela da massa anônima, sem pretender vantagens pessoais, glória pessoal; ele cumpre o seu dever em qualquer cargo onde seja colocado, submetendo-se voluntariamente à disciplina, que penetra todos os seus sentimentos, todo o seu pensamento.

"O que sucede com o intelectual é muito diferente. Ele não luta empregando, de um modo ou de outro, a força, mas servindo-se de argumentos. As suas armas são os seus conhecimentos pessoais, as suas capacidades pessoais, as suas convicções pessoais. Só se pode fazer valer pelas suas qualidades pessoais. A inteira liberdade de manifestar a sua personalidade apresenta-se-lhe, pois como a primeira condição de êxito no seu trabalho. Só muito dificilmente se submete a um todo, como parte auxiliar desse todo, e submete-se-lhe por necessidade e não por inclinação pessoal. A necessidade de uma disciplina, reconhece-a apenas para a massa e não para os espíritos de elite. Ele próprio, é evidente, considera-se entre os espíritos de elite...

(...) "A filosofia de Nietzsche, com o seu culto do super-homem, para quem tudo se reduz a conseguir o pleno desenvolvimento da sua própria personalidade, para quem qualquer submissão da sua pessoa a qualquer grande objetivo social se apresenta vil e desprezível, esta filosofia é a verdadeira concepção do mundo do intelectual, ela torna-o absolutamente incapaz de participar na luta de classe do proletariado.

"Ao lado de Nietzsche, Ibsen é um representante destacado da concepção do mundo da intelectualidade, concepção que coincide com a sua maneira de sentir. O seu doutor Stockmann (no drama Um Inimigo do Povo) não é um socialista, como muitos supunham, mas o tipo de intelectual que deve necessariamente entrar em conflito com o movimento proletário e, em geral, com qualquer movimento popular, desde que tente atuar nele. Isto porque a base do movimento proletário, como a de qualquer movimento democrático*15, é o respeito pela maioria dos camaradas. O intelectual típico à la Stockmann vê na "compacta mamona" um monstro que deve ser derrubado."

"O modelo ideal do intelectual que se deixou penetrar inteiramente pelo espírito proletário, que, sendo um brilhante escritor, perdeu os traços psicológicos próprios da intelectualidade, que se integrava nas fileiras sem murmurar, trabalhava em qualquer cargo que lhe confiassem, se tinha consagrado inteiramente à nossa grande causa e desprezava os chorosos queixumes (Weichliches Gewinsel) sobre o esmagamento da sua personalidade, que tantas vezes ouvimos por parte dos intelectuais formados no espírito de Ibsen e Nietzsche quando lhes acontecia ficar em minoria, o modelo ideal deste intelectual, como daqueles de que o movimento socialista necessita, era Liebknech. Poder-se-ia igualmente citar aqui Marx, que nunca se pôs em primeiro plano e se submetia de maneira exemplar à disciplina do partido no seio da Internacional, onde mais de uma vez ficou em minoria." *16

Precisamente chorosos queixumes de intelectual que ficou em minoria, e nada mais, foi a renúncia de Márkov e dos seus colegas ao cargo apenas por não ter sido confirmado o antigo círculo, as lamentações sobre o estado de sítio e as leis de exceção "contra determinados grupos" que não eram caros a Márkov quando da dissolução do Iújni Rabótchi e da Rabótcheie Dielo, mas que se lhe tornaram caros quando da dissolução do seu organismo coletivo.

(...)

Parte V

n) O quadro geral da luta no Congresso. A ala revolucionária e a ala oportunista do partido

Tomado em si mesmo, não havia nada de terrível, nem de crítico, nem sequer absolutamente nada de anormal, no fato de o congresso (e o partido) se terem dividido numa ala esquerda e numa direita, numa revolucionária e numa oportunista. Pelo contrário, estes últimos dez anos da história da social-democracia russa (e não só da russa) conduziram necessariamente, inelutavelmente, a esta divisão. Que uma série de erros bem pequenos cometidos pela ala direita, de divergências sem grande importância (relativamente) tenham provocado a divisão, é uma circunstância que (parecendo chocante a um observador superficial e a um espírito filisteu) foi um grande passo em frente para todo o nosso partido no seu conjunto. Antes divergíamos sobre grandes questões que, por vezes, podiam até justificar uma cisão; hoje chegamos a

acordo sobre todos os pontos grandes e importantes; o que nos separa agora são simplesmente certos matizes que se podem e devem discutir, mas pelos quais seria absurdo e pueril separarmo-nos (como justamente disse o camarada Plekhanov no interessante artigo intitulado O Que Se não Deve Fazer, ao qual ainda voltaremos). Agora que a conduta anarquista da minoria, depois do congresso, quase conduziu o partido à cisão, é frequente encontrar sabichões que dizem: acaso teria valido a pena em geral lutar no congresso por ninharias como o incidente do CO, a dissolução do grupo Iújni Rabótchi ou da Rabótcheie Dielo, o §1, a dissolução da antiga redação, etc.? Quem assim raciocina⁽⁸⁾ introduz de fato o ponto de vista de círculo nos assuntos do partido: a luta de matizes no partido é inevitável e necessária enquanto não conduz à anarquia e à cisão, enquanto se desenvolve dentro dos limites aprovados, de comum acordo, por todos os camaradas e membros do partido. E a nossa luta no congresso contra a ala direita do partido, contra Akímov e Axelrod, contra Martínov e Mártov, em nada ultrapassou esses limites. Basta lembrar dois fatos que o testemunham da maneira mais incontestável: 1) quando os camaradas Martínov e Akímov estavam para se retirar do congresso, estávamos todos prontos a afastar por todos os meios a idéia de uma "ofensa", todos adotamos (por 32 votos) a resolução do camarada Trotski convidando esses camaradas a dar-se por satisfeitos com as explicações, e a retirarem a sua declaração; 2) quando chegamos à eleição dos centros, demos à minoria (ou ala oportunista) do congresso a minoria nos dois centros: Mártov no OC, Popov no CC. Não podíamos agir de outro modo, do ponto de vista de partido, visto que tínhamos decidido já antes do congresso eleger dois grupos de três. Se a diferença de matizes que se tinham manifestado no congresso não era grande, a conclusão prática que tiramos da luta desses matizes também não era grande: esta conclusão reduzia-se exclusivamente ao fato de dois terços dos dois grupos de três deverem ser atribuídos à maioria do congresso do partido.

Apenas a recusa da minoria do congresso do partido de ser minoria nos centros levou, primeiro, aos "chorosos queixumes" de intelectuais vencidos e, depois, à frase anarquista e a atos anarquistas.

(...)

Parte VI

q) O Novo "Iskra". Oportunismo nas Questões de Organização

(...) A adoção do programa contribui mais para a centralização do trabalho do que a adoção dos estatutos. Como esta banalidade, que se quer fazer passar por filosofia, cheira a intelectual radical muito mais próximo do decadentismo burguês do que da social-democracia! Porque a palavra centralização, nesta famosa frase, é tomada em sentido já puramente simbólico. Se os autores desta frase não sabem ou não querem pensar, pelo menos deviam recordar o simples fato de que a adoção do programa, juntamente com os bundistas, longe de conduzir à centralização do nosso trabalho comum, nem sequer nos preservou da cisão. A unidade em questões de programa e questões de táctica é uma condição necessária, mas de modo nenhum suficiente, para a unificação do partido, para a centralização do trabalho do partido (santo Deus! que coisas elementares se é obrigado a repisar, nestes tempos em que todas as noções se confundiram!). Para obter este último resultado é necessária além disso a unidade de organização, inconcebível, num partido que tenha superado por pouco que seja os limites de um círculo de família, sem estatutos aprovados, sem subordinação da minoria à maioria, sem subordinação da parte ao todo. Enquanto não tínhamos unidade nas questões fundamentais de programa e de táctica, dizíamos claramente que vivíamos numa fase de dispersão e de círculos, declarávamos francamente que antes de nos unificarmos era preciso demarcar os campos, não falávamos sequer de formas de organização comum, mas tratávamos exclusivamente das novas questões (então verdadeiramente novas) da luta contra o oportunismo em matéria de programa e de táctica. Agora essa luta, todos reconhecemos, assegurou já uma unidade suficiente, formulada no programa do partido e nas resoluções do partido sobre a táctica; agora temos de dar o passo seguinte, e, como todos estamos de acordo, demo-lo: elaboramos as formas de uma organização única, em que se fundem todos os círculos. Arrastaram-nos agora para trás semidestruidas estas formas, arrastaram-nos para trás para uma conduta anarquista, para a frase anarquista, para o restabelecimento do círculo em vez da redação do partido, e justificam este passo atrás dizendo que o alfabeto é mais útil ao discurso correto do que o conhecimento da sintaxe!

(...) A falta de desenvolvimento e a instabilidade da forma não permitem fazer sérios progressos no desenvolvimento do conteúdo, provoca uma estagnação vergonhosa, conduz a um desperdício de forças e faz com que os atos não correspondam às palavras. Todos estão fartos de sofrer com esta discordância - e eis que vêm os Axelrod e os "Praktik" do novo Iskra pregar-nos o profundo pensamento: a forma deve desenvolver-se de modo natural apenas simultaneamente com o conteúdo!

Eis onde conduz um ligeiro erro em matéria de organização (§1), se alguém se põe e aprofundar uma tolice e a fundamentar filosoficamente uma frase oportunista. A passos prudentes, com tímidos ziguezagues! - já ouvimos este refrão aplicado às questões de táctica; ouvimo-lo hoje aplicado às questões de organização. O seguidismo em questões de organização é um produto natural e inevitável da mentalidade do individualista anarquista, quando este último se põe a erigir em sistema de concepções, em divergências de princípio particulares, os seus desvios anarquistas (talvez accidentais de início).

(...)

Por exemplo, esse mesmo "Praktik" do novo Iskra, cuja profundidade de pensamento já conhecemos, acusa-me de conceber o partido como uma "imensa fábrica", com um diretor - o Comitê Central - à frente (n.º 57, suplemento). "Praktik" não suspeita sequer de que a palavra terrível que lançou trai imediatamente a mentalidade do intelectual burguês, que não conhece nem a prática nem a teoria da organização proletária. Precisamente a fábrica, que a alguns parece apenas um espantalho, representa a forma superior de cooperação capitalista, que unificou e disciplinou o proletariado, o ensinou a organizar-se, o pôs à cabeça de todas as outras camadas da população trabalhadora e explorada. Precisamente o marxismo, ideologia do proletariado educado pelo capitalismo, ensinou e ensina aos intelectuais inconstantes a diferença entre o lado explorador da fábrica (disciplina baseada no medo de morrer de fome) e o seu lado organizador (disciplina baseada no trabalho em comum, unificado pelas condições em que se realiza a produção altamente desenvolvida do ponto de vista técnico). A disciplina e a organização, que ao intelectual burguês tanto custam a adquirir, são facilmente assimiladas pelo proletariado, justamente graças a essa "escola" da fábrica. O medo mortal a essa escola, a incompreensão absoluta da sua importância como elemento de organização, caracterizam precisamente a maneira de pensar que reflete as condições de existência pequeno-burguesas, e gera esse aspecto do anarquismo que os sociais-democratas alemães chamam Edelanarchismus, ou seja, o anarquismo do senhor "distinto", o anarquismo senhorial, diria eu. Este anarquismo senhorial é particularmente característico do niilista russo.

(...)

As pessoas habituadas ao amplo roupão e às pantufas do oblomovismo doméstico dos círculos, estatutos formais parecem-lhes de estreito, apertado, pesado, vil, burocrático, opressivo, um estorvo para o livre "processo" da luta ideológica. O anarquismo senhorial não comprehende que são necessários estatutos formais precisamente para substituir a ligação limitada dos círculos por uma ampla ligação de partido. A ligação no interior dos círculos ou entre os círculos não devia nem podia tomar forma definida, porque se baseava na amizade pessoal ou numa "confiança" incontrolada e não fundamentada. A ligação de partido não pode nem deve assentar nem numa nem noutra, mas em estatutos formais, idos "burocraticamente" (do ponto de vista do intelectual relaxado), cuja observância estrita é o único meio que nos garante contra a arbitrariedade e os caprichos dos círculos, contra o regime de questiúnculas instituído no círculos e classificado de livre "processo" da luta ideológica.

(...)

Eis aqui onde o proletário que passou pela escola "da fábrica" pode e deve dar uma lição ao individualismo anarquista. O operário consciente já há muito que largou as fraldas, já lá vai o tempo em que fugia do intelectual como tal. O operário consciente sabe apreciar uma bagagem de conhecimentos mais rica, o horizonte político mais vasto que encontra nos intelectuais sociais-democratas. Mas, à medida que vamos constituindo um verdadeiro partido, o operário consciente deve aprender a distinguir entre a psicologia do soldado do exército proletário e a psicologia do intelectual burguês que se pavoneia com frases anarquistas; deve aprender a exigir que cumpram os seus deveres de membros do partido não só os militantes de base, mas também "os de cima"; deve aprender a encarar com o mesmo desprezo o seguidismo em matéria de organização com que outrora o encarava no domínio da táctica!

O girondismo e o anarquismo senhorial estão inseparavelmente ligados a uma última particularidade característica da posição do novo Iskra em questões de organização - à defesa do autonomismo contra o centralismo. Este é o sentido de princípios que encerram os gritos (se acaso encerram algum⁽⁵⁾) contra o burocratismo e a autocracia, as queixas a propósito do "imerecido desdém para com os não-iskristas" (que no congresso defenderam o autonomismo), os cômicos gritos de que se exige uma "submissão absoluta", as queixas amargas sobre o pompadurismo etc., etc. A ala oportunista de qualquer partido defende e justifica sempre o que há de atrasado em matéria de programa, de táctica e de organização. A defesa do atraso em matéria de organização (seguidismo) pelo novo Iskra está intimamente ligada à defesa do autonomismo. A verdade é que o autonomismo, em geral, está já tão desacreditado pelos três anos de propaganda do antigo Iskra que o novo Iskra tem ainda vergonha de se pronunciar abertamente a seu favor; garante-nos ainda que sente simpatia pelo centralismo, mas prova-o apenas escrevendo a palavra centralismo em itálico. Na realidade, a crítica mais ligeira aos "princípios" do quase-centralismo "autenticamente social-democrata" (e não anarquista?) do novo Iskra revela a cada passo o ponto de vista do autonomismo. Não está agora claro para toda a gente que em matéria de organização Axelrod e Márto viraram para Akímov? Acaso não o reconheceram solenemente eles próprios nas suas significativas palavras sobre o "imerecido desdém para com os não-iskristas"? E não foi o autonomismo que Akímov e os seus amigos defenderam no congresso do nosso partido?

Foi precisamente o autonomismo (se não o anarquismo) que Márto e Axelrod defenderam no congresso da Liga quando, com divertido zelo, tentavam demonstrar que a parte não deve subordinar-se ao todo, que a parte é autônoma na determinação das suas relações com o todo, que os estatutos da Liga do estrangeiro, que definem essas relações, são válidos contra a vontade da maioria do partido, contra a vontade do centro do partido. E precisamente o autonomismo que hoje Márto defende abertamente nas páginas do novo Iskra (n.º 60), a propósito da introdução nos comitês locais de membros nomeados pelo Comitê Central²²². Já não falo dos sofismas infantis com os quais o camarada Márto defendeu o autonomismo no congresso da Liga e o defende hoje no novo Iskra⁽⁶⁾. Interessa-me assinalar aqui esta inegável tendência para defender o autonomismo contra o centralismo como um aspecto característico do oportunismo nas questões de organização.

Tentativa talvez quase única de análise da noção de burocratismo é a que opõe no novo Iskra (n.º 53) o "princípio democrático formal" (o sublinhado é do autor) ao "princípio burocrático formal". Esta oposição (infelizmente tão pouco desenvolvida e explicada como a alusão aos não-iskristas) encerra um grão de verdade. Burocratismo versus⁽⁷⁾ democracia é de fato centralismo versus autonomismo; é o princípio de organização da social-democracia revolucionária em oposição ao princípio de organização dos oportunistas da social-democracia. Este último tenta avançar da base para o topo, e é por isso que defende, sempre que possível e tanto quanto possível, o autonomismo, a "democracia" que vai (nos casos em que há excesso de zelo) até ao anarquismo. O primeiro tende a começar pelo topo, preconizando o alargamento dos direitos e poderes do centro relativamente às partes. Na época da dispersão e dos círculos, este topo, donde queria partir a social-democracia revolucionária na sua organização, era necessariamente um dos círculos, o mais influente pela sua atividade e consequência revolucionária (no nosso caso, a organização do Iskra). Na época do restabelecimento da verdadeira unidade do partido e da dissolução nesta unidade dos círculos obsoletos, este topo era necessariamente o congresso do partido, como órgão supremo do partido. O congresso agrupa, na medida do possível, todos os representantes das organizações ativas e, ao designar os organismos centrais (frequentemente com uma composição que satisfaz mais os elementos avançados do que os atrasados do partido, mais ao gosto da ala revolucionária que da sua ala oportunista), faz deles o topo até ao congresso seguinte. Assim procedem, pelo menos, os europeus da social-democracia, embora pouco a pouco, não sem esforço, não sem luta e sem querelas, este costume, odioso por princípio para os anarquistas, começa a estender-se também aos asiáticos da social-democracia.

É extremamente interessante observar que todos estes princípios característicos do oportunismo que indiquei em matéria de organização (autonomismo, anarquismo senhorial ou próprio de intelectuais, seguidismo e girondismo) se observam mutatis mutandis (alterando o que deve ser alterado) em todos os partidos sociais-democratas de todo o mundo em que exista a divisão em ala revolucionária e ala oportunista (e onde não existirá ela?). Foi o que nestes últimos tempos surgiu com singular relevo no partido social-democrata alemão, quando a derrota sofrida na 20.^a circunscrição eleitoral da Saxônia (conhecida como o incidente Göhre⁽⁸⁾) trouxe para a ordem do dia os princípios de organização de partido. O zelo dos oportunistas alemães contribuiu em grande medida para levantar a questão de princípio a propósito deste incidente. O próprio Göhre (antigo pastor protestante, autor do conhecido livro *Drei Monate Fabrikarbeiter*⁽⁹⁾ um dos "heróis" do congresso de Dresden) é um acérreo oportunista, e o órgão dos oportunistas alemães consequentes, *Sozialistische Monatshefte* (Cadernos Mensais Socialistas) 224, imediatamente tomou a sua "defesa".

O oportunismo no programa está naturalmente ligado ao oportunismo na táctica e ao oportunismo em matéria de organização.

(...)

O camarada Wolfgang Heine entrou na liça nos Cadernos Mensais Socialistas com não menos pompa que o camarada Axelrod no novo Iskra. O título do seu artigo é já muito significativo: Notas democráticas a propósito do incidente Göhre (n.º 4, Abril, *Sozialistische Monatshefte*). E o conteúdo é menos tonitruante. O camarada W. Heine ergue-se contra "os atentados à autonomia da circunscrição eleitoral", defende "o princípio democrático", protesta contra a ingerência de uma "autoridade nomeada" (ou seja, da direção central do partido) na livre eleição dos delegados pelo povo...

(...)

K. Kautsky interveio (*Neue Zeit*, 1904, n.º 28, artigo intitulado "Wahlkreis und Partei" - "Circunscrição eleitoral e partido") como um dos representantes da tendência revolucionária (acusada, bem entendido, como entre nós, de espírito "ditatorial", "inquisitorial, e outras coisas terríveis). O artigo de W. Reine - declara - *"mostra o curso do pensamento de toda a corrente revisionista". Não só na Alemanha, mas também na França e na Itália, os oportunistas defendem a todo o transe autonomismo, o enfraquecimento da disciplina do partido, a sua redução a zero; por toda a parte as suas tendências conduzem à desorganização, degenerescência do "princípio democrático" em anarquismo. A democracia não é a ausência de poder - ensina K. Kautsky aos oportunistas questão da organização -, democracia não é anarquia, é a supremacia massas sobre os seus mandatários, diferentemente de outras formas de poder, em que os pseudo-servidores do povo são de fato os seus senhores."* K. Kautsky examina minuciosamente o papel desorganizador do autonomismo oportunista nos diferentes países, mostra que precisamente a adesão à social-democracia de "uma massa de elementos burgueses"⁽¹⁰⁾ reforça oportunismo, o autonomismo e as tendências para a infração à disciplina recorda uma e outra vez que precisamente *"a organização é a arma com -qual o proletariado se emancipará"*, que precisamente *"a organização é para o proletariado a arma da luta de classe"*.

(...)

Não é de espantar que Kautsky chegue à conclusão seguinte: "Talvez em nenhuma outra questão o revisionismo de todos os países, apesar de todas as suas diversidades e da variedade dos seus matizes, seja tão uniforme como em matéria de organização." Ao formular as tendências fundamentais da ortodoxia e do revisionismo neste domínio, também K. Kautsky recorre à "palavra terrível": burocratismo versus (contra) democracia. Dizem-nos, escreve K. Kautsky, que dar à direção do partido o direito de intervir na escolha de candidatos (para deputados ao parlamento) pelas circunscrições locais, é "um atentado vergonhoso ao princípio democrático, que exige que toda a atividade política se exerça da base ao topo, pela iniciativa das massas, e não do topo à base, por via burocrática ... Mas, se há um princípio verdadeiramente democrático,

é que a maioria deve ter predomínio sobre a minoria, e não o contrário..." A eleição de deputados ao parlamento por qualquer circunscrição é um assunto importante para todo o partido, no seu conjunto, que por isso mesmo deve influenciar na designação dos candidatos, pelo menos através de pessoas de confiança do partido (*Vertrauensmänner*). "Quem considerar esta forma de agir demasiado burocrática ou centralista, que proponha que os candidatos sejam designados por votação direta de todos os membros do partido em geral (*samtliche Parteigenossen*). E como isso é irrealizável, não há razão para se lamentar da falta de democracia, quando esta função, como muitas outras que dizem respeito ao partido no seu conjunto, é exercida por um ou vários organismos do partido." Segundo o "direito consuetudinário" do partido alemão, as diferentes circunscrições eleitorais já antes "se entendiam amigavelmente" com a direção do partido para designar este ou aquele candidato. "Mas o partido tornou-se já demasia do grande para que este direito consuetudinário tácito seja suficiente. O direito consuetudinário deixa de ser direito quando deixa de ser reconhecido como algo que se entende por si mesmo, quando as suas definições e mesmo a sua própria existência são postas em causa. Neste caso torna-se absolutamente necessário formular com exatidão este direito, codificá-lo...", passar a uma "fixação"⁽¹²⁾ mais exata nos estatutos (*statutarische Festlegung*) e reforçar ao mesmo tempo o caráter rigoroso (*grossere Straffheit*) da organização".

Vedes assim, em circunstâncias diferentes, a mesma luta da ala oportunista e da ala revolucionária do partido sobre a questão da organização, o mesmo conflito entre autonomismo e centralismo, democracia e "burocratismo", a tendência para o enfraquecimento e a tendência para o reforço do caráter rigoroso da organização e da disciplina, a psicologia do intelectual instável e a do proletário consequente, o individualismo próprio de intelectuais e a coesão proletária.

(...)

O grande número de representantes da intelectualidade radical entre os nossos marxistas e os nosso sociais-democratas torna inevitável a existência do oportunismo, gerado pela sua mentalidade, nos mais variados domínios e sob as mais diversas formas. Lutamos contra o oportunismo nas questões essenciais da nossa concepção do mundo, nas questões de programa, e a divergência completa quanto aos objetivos a atingir conduziu inevitavelmente a uma separação irrevogável entre os sociais-democratas e os liberais que corromperam o nosso marxismo legal. Lutamos contra o oportunismo nas questões de tática, e a nossa divergência com os camaradas Kritchévski e Akímov sobre essas questões menos importantes era, naturalmente, apenas temporária e não levou à formação de partidos diferentes. Temos agora de vencer o oportunismo de Márton e Axelrod nas questões de organização, que são evidentemente, ainda *menos essenciais que as questões de programa a de tática, mas que no momento atual surgem em primeiro plano na vida do nosso partido*.

Quando se fala da luta contra o oportunismo é preciso não esquecer nunca um traço característico de todo o oportunismo contemporâneo, em todos os domínios: o seu caráter vago, impreciso, inapreensível. Pela sua própria natureza o oportunista evita sempre pôr as questões de maneira clara e definida, procura a resultante, arrasta-se como uma cobra entre dois pontos de vista que se excluem mutuamente, procurando "estar de acordo" com um e com outro, reduzindo as suas divergências a ligeiras modificações, a dúvida, a votos piedosos e inocentes, etc., etc. Oportunista nas questões de programa, o camarada Ed. Bernstein "está de acordo" com o programa revolucionário do partido, e embora desejando, sem dúvida, a sua "reforma radical", considera-a inoportuna, inconveniente e menos importante que a clarificação dos "princípios gerais" da "crítica" (os quais consistem sobretudo em aceitar sem crítica os princípios e as palavrinhas da democracia burguesa). Oportunista nas questões de tática, o camarada von Vollmar está igualmente de acordo com a velha tática da social-democracia revolucionária, e antes se limita também a declaração enfáticas, a ligeiras emendas e ironias, sem propor qualquer tática "ministerialista" precisa. Oportunistas em questões de organização, os camaradas Márton e Axelrod também não apresentaram até agora, apesar de diretamente exortados a fazê-lo, teses definidas de princípio que possam ser "fixadas em estatutos"; também eles desejariam, sem dúvida que desejariam, uma "reforma radical" dos nossos estatutos de organização (*Iskra*, n.º 58, p. 2, coluna 3), mas prefeririam ocupar-se antes das "questões de organização de ordem geral" (porque uma reforma verdadeiramente radical dos nossos estatutos, centralistas apesar do primeiro parágrafo, se feita dentro do espírito do novo *Iskra* conduziria inevitavelmente ao autonomismo, e o camarada Márton, é claro, não quer confessar, nem a si próprio, a sua tendência em princípio para o autonomismo). A sua posição de "princípio" sobre as questões de organização apresenta, por isso, todas as cores do arco-íris: predominam as cándidas e patéticas declamações sobre a autocracia e o burocratismo, sobre a obediência cega e as engrenagens e parafusos - declamações tão cándidas que nelas é ainda extremamente difícil distinguir o que na realidade diz respeito aos princípios do que na realidade diz respeito à cooptação. Mas quanto mais se penetra no bosque mais lenha se encontra: as tentativas de análise e de definição exata do odioso "burocratismo" conduzem inevitavelmente ao autonomismo; as tentativas de "aprofundamento" e de fundamentação conduzem necessariamente à justificação do atraso ao seguidismo, à fraseologia girondina. Por fim, como único princípio verdadeiramente definido e que, por consequência, se manifesta na prática com particular relevo (a prática está sempre adiantada em relação à teoria) aparece o princípio do anarquismo. Ridicularização da disciplina - autonomismo - anarquismo, tal é a escada que, em matéria de organização, o nosso oportunismo ora desce ora sobe, saltando de degrau em degrau, e esquivando-se com habilidade a qualquer formulação precisa dos seus princípios⁽¹⁵⁾. É exatamente a mesma graduação que apresenta o oportunismo nas questões de

programa e de táctica: ridicularização da "ortodoxia", da estreiteza e do imobilismo - "crítica" revisionista e ministerialismo - democracia burguesa.

Existe uma estreita relação psicológica entre este ódio pela disciplina e a constante e monótona nota de ofensa que transparece em todos os escritos de todos os oportunistas contemporâneos em geral, e da nossa minoria em particular. Vêem-se perseguidos, oprimidos, expulsos, cercados, atropelados. Estas palavrinhas encerram bem mais verdade psicológica e política do que o supunha provavelmente o próprio autor da encantadora e espiritual piada sobre os esbofeteados e os esbofeteadores.

(...)

r) Algumas Palavras sobre a Dialética. Duas Revoluções

(...)

(...) O novo Iskra traz-nos um arroto de oportunismo, principalmente em questões de organização. O velho Iskra mereceu a honra de ser detestado pelos oportunistas da Rússia e da Europa ocidental. O novo Iskra *"tornou-se mais sensato"* e em breve deixará de corar com os louvores que lhe prodigalizam os oportunistas extremos. O velho Iskra caminhava a direito para o seu objetivo, e as suas palavras não se afastavam dos seus atos. A falsidade intrínseca da posição do novo Iskra gera inevitavelmente a hipocrisia política, independentemente até da vontade ou da consciência de quem quer que seja. Grita contra o espírito de círculo para encobrir a vitória do espírito de círculo sobre o espírito de partido. *Condena farisaicamente a cisão, como se para obviar à cisão dum partido com um mínimo de organização se pudesse imaginar outro meio que não a subordinação da minoria à maioria.* Declara que é imprescindível ter em conta a opinião pública revolucionária e, ocultando os louvores dos Akimov, dedica-se a mexericos mesquinhos sobre os comitês da ala revolucionária do partido⁽¹⁸⁾. Que vergonha! Como desonraram o nosso velho Iskra!

Um passo em frente, dois passos atrás... É algo que acontece na vida dos indivíduos, na história das nações e no desenvolvimento dos partidos. Seria a mais criminosa das covardias duvidar um só momento do triunfo inevitável e completo dos princípios da social-democracia revolucionária, da organização proletária e da disciplina de partido. Já conseguimos muito, devemos continuar a luta sem nos deixarmos desencorajar pelos reveses, lutar com firmeza, desprezando os métodos filistinos das questiúnculas de círculo, salvaguardando ao máximo o laço que liga num partido único todos os sociais-democratas da Rússia, laço estabelecido à custa de tantos esforços, e procurando conseguir, com um trabalho persistente e sistemático, que todos os membros do partido, sobretudo os operários, conheçam plena e conscientemente os deveres de partido, a luta no II Congresso do partido, todas as causas e peripécias da nossa divergência, todo o papel pernicioso do oportunismo, que, também no domínio da organização, do mesmo modo que no domínio do nosso programa e da nossa táctica, capitula perante a psicologia burguesa, adota sem qualquer critica o ponto de vista da democracia burguesa, embota a arma da luta de classe do proletariado.

O proletariado, na sua luta pelo poder, não tem outra arma senão a organização. Dividido pela concorrência anárquica que reina no mundo burguês, esmagado pelos trabalhos forçados ao serviço do capital, constantemente atirado ao abismo da miséria mais completa, do embrutecimento e da degenerescência, o proletariado só pode tornar-se, e tornar-se-á inevitavelmente, uma força invencível quando a sua unidade ideológica, baseada nos princípios do marxismo, é cimentada pela unidade material da organização que reúne milhões de trabalhadores num exército da classe operária. A esse exército não poderão resistir nem o poder decrepito da autocracia russa, nem o poder decrepito do capital internacional. Esse exército cerrará cada vez mais as suas fileiras, apesar de todos os ziguezagues e passos atrás, apesar das frases oportunistas dos girondinos da social-democracia contemporânea, apesar dos louvores presunçosos do espírito de círculo atrasado, apesar do falso brilho e do palavreado do anarquismo próprio de intelectuais.

8 - Questões de Organização da Socialdemocracia Russa

Rosa Luxemburgo (1903/1904)

(Artigo publicado em *Die Neue Zeit*, Stuttgart)

É uma duradoura, velha e respeitável verdade que o movimento socialdemocrata dos países atrasados deve aprender com o movimento mais antigo dos países desenvolvidos. Ousamos acrescentar a esta tese a tese oposta: os partidos socialdemocratas mais antigos e avançados podem e devem igualmente aprender com seus partidos irmãos mais jovens, conhecendo-os melhor.

(...)

Na Rússia, coube à socialdemocracia, por sua intervenção consciente, a tarefa de suprir um período do processo histórico e conduzir o proletariado, diretamente da atomização política, que constitui o fundamento do regime absolutista, à mais alta forma de organização – a de uma classe lutadora e consciente de seus objetivos. A questão da organização é, por conseguinte, particularmente difícil para a socialdemocracia russa, não apenas porque deve fazê-la surgir sem todos os auxílios formais da democracia

burguesa, mas, sobretudo, porque deve criá-la, por assim dizer, como o amado Deus Pai, “do nada”, no ar rarefeito, sem a matéria-prima política que, de outra maneira, é preparada pela sociedade burguesa.

O problema em que a socialdemocracia russa trabalha há alguns anos consiste justamente na transição do tipo de organização correspondente à fase preparatória do movimento, preponderantemente propagandística, onde cenáculos e organizações locais mantinham-se dispersos e totalmente independentes, para a organização exigida por uma ação política unitária da massa em todo o Estado. Porém, como o traço mais pronunciado das antigas formas de organização, intoleráveis e politicamente ultrapassadas, consistia na dispersão e na completa autonomia, na soberania das organizações locais, era natural que o lema da nova fase, que o lema do grande trabalho preparatório de organização, fosse o *centralismo*.

A ênfase na idéia do centralismo constituiu o tema dominante da brilhante campanha conduzida durante três anos pela *Iskra* como preparação para o último congresso, de fato o congresso constituinte. E a mesma idéia dominava toda a jovem-guarda da socialdemocracia na Rússia. Contudo, ficou claro logo no próprio congresso e ainda *após* o congresso que o centralismo é uma palavra de ordem que nem de longe esgota o conteúdo histórico e a peculiaridade do tipo de organização socialdemocrata. Verificou-se, mais uma vez, que em nenhum campo a concepção marxista do socialismo se deixa imobilizar em fórmulas rígidas, nem mesmo na questão da organização.

O livro em questão do camarada *Lenin*, um dos mais destacados dirigentes e militantes da *Iskra*, na sua campanha preparatória antes do congresso russo, é a exposição sistemática do ponto de vista da tendência *ultracentralista* do partido russo.

A concepção que aqui se expressa de maneira penetrante e exaustiva é a de um implacável centralismo. O princípio vital deste centralismo consiste, por um lado, em salientar fortemente a separação entre os grupos organizados de revolucionários declarados, ativos, e o meio desorganizado – ainda que revolucionário e ativo – que os cerca. Por outro lado, consiste na rigorosa disciplina e na interferência direta, decisiva e determinante das autoridades centrais em todas as manifestações vitais das organizações locais do partido. Basta observar que, segundo esta concepção, o comitê central tem, por exemplo, o direito de organizar todos os comitês parciais do partido e, por conseguinte, também o de determinar a composição pessoal de cada uma das organizações locais russas, de Genebra a Liège e de Tomski a Iskutsk; ele pode dar-lhes estatutos locais inteiramente prontos, pode dissolvê-las e reconstituí-las totalmente por decreto e, por fim, desta maneira, influenciar indiretamente na composição da mais alta instância partidária, o congresso.

Assim, o comitê central aparece como o verdadeiro núcleo ativo do partido, e todas as demais organizações apenas como seus instrumentos executivos.

Lenin vê justamente na união do mais rigoroso centralismo organizatório com o movimento de massas socialdemocrata um princípio específico do marxismo revolucionário e traz uma série de fatos em apoio à sua concepção. Mas examinemos isto mais de perto.

Não há dúvida de que, em geral, uma forte inclinação para o centralismo é inherente à socialdemocracia. Tendo crescido sobre o solo econômico do capitalismo, de tendência centralizadora, e dependendo, na sua luta, dos parâmetros políticos do grande Estado burguês centralizado, a socialdemocracia é, desde as suas origens, adversária declarada de todo particularismo e federalismo nacionais. Destinada a representar, nos limites de um dado Estado, a totalidade dos interesses do proletariado como classe, em oposição a todos os interesses parciais e de grupo do proletariado, a socialdemocracia esforça-se naturalmente, em toda parte, por unir todos os grupos nacionais, religiosos e profissionais da classe operária num partido comum, unitário.

(...)

Neste contexto, não há dúvida de que também a socialdemocracia russa não deve formar um conglomerado federativo das inúmeras organizações particulares nacionais e da província, mas um partido operário unitário, compacto, para todo o império russo. Porém, uma questão totalmente diferente é, contudo, a do maior ou menor grau de centralização e da sua particular *constituição* no interior da socialdemocracia russa, unificada e unitária.

Do ponto de vista das tarefas formais da socialdemocracia como partido de luta, o centralismo aparece, desde o início, como uma condição, de cuja realização dependem, diretamente, a capacidade de luta e a energia do partido. Entretanto, as condições históricas específicas da luta proletária são aqui muito mais importantes que o ponto de vista das exigências formais de qualquer organização de luta.

Na história das sociedades de classe, o movimento socialdemocrata foi o primeiro que sempre contou, em todos os seus momentos e em todo o seu percurso, com a organização e a ação autônoma e direta da massa.

Assim sendo, a socialdemocracia cria um tipo de organização totalmente diferente dos anteriores movimentos socialistas, como, por exemplo, os de tipo jacobino-blanquista. *Lenin* parece subestimar isso quando, no seu livro, exprime a opinião de que o revolucionário socialdemocrata nada mais é que “um jacobino indissoluvelmente ligado à organização do proletariado com *consciência de classe*”.

Para *Lenin*, toda a diferença entre a socialdemocracia e o blanquismo consiste na organização e na consciência de classe do proletariado, em lugar da conspiração de uma pequena minoria. Esquece que com isso produz-se uma completa reavaliação do conceito de organização, um conteúdo inteiramente novo para o conceito de centralismo, uma concepção inteiramente nova da relação recíproca entre a organização e a luta.

O blanquismo não levava em consideração a ação imediata da massa operária e, portanto, também não precisava de uma organização de massa. Ao contrário, como a grande massa popular só devia aparecer no campo de batalha no momento da revolução, e a ação temporária consistia na preparação de um golpe de mão revolucionário, por uma pequena minoria, o sucesso da tarefa exigia diretamente a clara demarcação entre as pessoas encarregadas dessa ação determinada e a massa popular.

Mas isso era igualmente possível e realizável porque não existia nenhuma ligação interna entre a atividade conspirativa de uma organização blanquista e a vida quotidiana da massa popular.

Ao mesmo tempo, a tática, bem como as tarefas detalhadas da ação, já que, sem ligação com o solo da luta de classes elementar, eram livremente improvisadas, elaboradas em detalhe, fixadas e prescritas de antemão, como um plano determinado. Assim, os membros ativos da organização transformavam-se naturalmente em simples órgãos executivos de uma vontade predeterminada fora de seu próprio campo de ação, em *instrumentos* de um comitê central. Com isso estava dado também o segundo momento do centralismo conspirador: a submissão absoluta e cega das células do partido às autoridades centrais e a extensão do decisivo poder destas últimas até a mais extrema periferia da organização partidária.

Radicalmente diversas são as condições da atividade socialdemocrata. Esta nasce historicamente da luta de classes elementar. E move-se na contradição dialética de que só na própria luta é recrutado o exército do proletariado e de que também, só na luta, as tarefas da luta se tornam claras. Organização, esclarecimento e luta não são aqui momentos separados, mecanicamente e temporalmente distintos, como num movimento blanquista, mas são apenas diferentes aspectos do mesmo processo.

Por um lado, exceto quanto aos princípios gerais da luta, não existe um conjunto detalhado de táticas, já pronto, preestabelecido, que um comitê central possa ensinar aos membros da socialdemocracia, como se estes fossem recrutas. Por outro lado, o processo de luta que cria a organização conduz a uma constante flutuação da esfera de influência da socialdemocracia.

Disso resulta que a centralização socialdemocrata não pode fundar-se na obediência cega, na subordinação mecânica dos militantes a um poder central. E, por outro lado, nunca se pode erguer uma parede divisória absoluta entre o núcleo do proletariado com consciência de classe, solidamente organizado no partido, e as camadas circundantes, já a tingidas pela luta de classes, que se encontram em processo de esclarecimento de classe. O estabelecimento da centralização na socialdemocracia sobre estes dois princípios: a cega subordinação, a té nos menores detalhes, da atividade de todas as organizações partidárias a um poder central, que sozinho pensa, cria e decide por todos, assim como a rigorosa separação entre o núcleo organizado do partido e o meio revolucionário que o cerca, tal como é defendido por Lenin, parece-nos uma transposição mecânica dos princípios organizatórios do movimento blanquista de círculos de conspiradores para o movimento socialdemocrata das massas operárias.

Talvez Lenin tenha caracterizado mais penetrantemente seu ponto de vista do que qualquer dos seus adversários, ao definir seus “revolucionários socialdemocratas” como “jacobinos *ligados* à organização dos operários com consciência de classe”. Porém, de fato, a socialdemocracia não está *ligada* à organização da classe operária, ela é o próprio movimento da classe operária. O centralismo socialdemocrata precisa, pois, ser de natureza essencialmente diferente do centralismo blanquista. Ele só pode ser a concentração imperiosa da vontade da vanguarda esclarecida e militante do operariado (*Arbeiter's chafft*) perante seus diferentes grupos e indivíduos. É, por assim dizer, um “autocentralismo” da camada dirigente do proletariado, é o domínio da minoria no interior da sua própria organização partidária.

Esta análise do conteúdo próprio do centralismo socialdemocrata mostra claramente que as condições necessárias para o mesmo não podem ainda hoje existir plenamente na Rússia. Essas condições são, a saber: a existência de uma importante camada de proletários já educados na luta política e a possibilidade de exprimirem sua capacidade pela influência direta exercida sobre os congressos públicos do partido, na imprensa partidária etc.

Na Rússia, a última condição só poderá ser evidentemente criada com o advento da liberdade política; quanto à primeira – a formação de uma vanguarda proletária com consciência de classe e capacidade de julgamento – está apenas em vias de aparecer e precisa ser considerada como objetivo condutor do próximo trabalho, tanto de organização quanto de agitação.

Tanto mais surpreendente é a certeza oposta de Lenin de que todas as precondições para a constituição de um grande partido operário, fortemente centralizado, já existem na Rússia.

Ele mostra novamente uma concepção demasiado mecânica da organização socialdemocrata quando proclama, com otimismo, que agora já “não é o proletariado, mas certos intelectuais (*Akademikern*), na socialdemocracia russa, que carecem de auto educação, no sentido da organização e da disciplina”, e quando glorifica o valor educativo da fábrica para o proletariado, a qual o tornaria maduro, desde o início, para a “disciplina e a organização”.

A disciplina que Lenin tem em vista não é, de forma alguma, inculcada no proletariado apenas pela fábrica, mas também pela caserna e pelo moderno burocratismo, numa palavra, por todo o mecanismo do Estado burguês centralizado. É apenas fazer mau uso dessa palavra de ordem designar-se igualmente por “disciplina” dois conceitos tão opostos quanto a ausência de vontade e de pensamento numa massa de carne de muitas pernas e braços, que executa movimentos mecânicos de acordo com a batuta, e a coordenação voluntária de ações políticas conscientes de uma camada social, dois conceitos tão opostos quanto a obediência de cadáver (*Kadaverg ehorsam*) de uma classe dominada e a rebelião organizada de uma classe, combatendo pela sua libertação.

Não é partindo da disciplina nele inculcada pelo Estado capitalista, com a mera transferência da batuta da mão da burguesia para a de um comitê central socialdemocrata, mas pela quebra, pelo extirpamento desse espírito de disciplina servil, que o proletariado pode ser educado para a nova disciplina, a autodisciplina voluntária da socialdemocracia.

Além disso, dessa mesma reflexão, resulta que o centralismo no sentido socialdemocrata não é, de maneira nenhuma, um conceito absoluto, aplicável em igual medida a qualquer fase do movimento operário. Deve, pelo contrário, ser compreendido como uma *tendência*, cuja realização progride proporcionalmente ao esclarecimento (*Aufklärung*) e à educação política das massas operárias no decorrer de sua luta.

É certo que a insuficiente presença dos mais importantes pressupostos para a completa realização do centralismo no atual movimento russo pode atrapalhar em alto grau. Porém, a nosso ver, significa inverter as coisas pensar que o domínio da maioria do operariado esclarecido, ainda irrealizável no interior da organização partidária, pode ser substituído “provisoriamente” pela autocracia “delegada” (“Übertragene” *Alleinherrschaft*) do poder central do partido, assim como pensar que a ausência de controle público por parte das massas operárias sobre a conduta dos órgãos partidários poderia ser substituída pelo controle inverso, o do comitê central sobre a atividade do operariado revolucionário.

A própria história do movimento russo oferece-nos muitas provas do valor problemático de semelhante centralismo. Um centro todo-poderoso, com seus direitos quase ilimitados de ingerência e controle, segundo o ideal de Lenin, seria evidentemente um absurdo, se tivesse que limitar sua autoridade apenas a meros aspectos *técnicos* da atividade socialdemocrata, ao controle dos meios externos e recursos da agitação, tais como difusão das publicações partidárias e adequada distribuição das forças de agitação e financeiras. O centralismo de Lenin só teria um objetivo político claro se usasse o seu poder para a criação de uma tática unitária de luta, para o desencadeamento de uma grande ação política na Rússia.

O que vemos, porém, nas transformações do movimento russo até hoje? As mais importantes e fecundas mudanças táticas dos últimos dez anos não foram “inventadas” por determinados dirigentes do movimento e, muito menos, por organizações dirigentes, mas eram, sempre, o produto espontâneo do movimento desencadeado. Assim ocorreu, na Rússia, na primeira etapa do movimento proletário propriamente dito, iniciada no ano de 1896 com a explosão elementar da gigantesca greve de São Petersburgo, que inaugurou ação econômica de massas do proletariado russo. Do mesmo modo foi aberta a segunda fase, totalmente espontânea, a das manifestações políticas de rua, pela agitação dos estudantes de São Petersburgo em março de 1901.

(...)

Em todos estes casos, no começo era “a ação”. A *iniciativa* e a direção consciente das organizações socialdemocratas representaram ai um papel extremamente insignificante. Contudo, isto não residia tanto na insuficiente preparação destas organizações específicas para o seu papel – mesmo que tal fator possa ter contribuído em considerável medida – e, ainda menos, na ausência, nesse tempo, na socialdemocracia russa, de um onipotente poder central, segundo o plano desenvolvido por Lenin. Ao contrário, tal poder teria muito provavelmente atuado de modo a aumentar a indecisão das células do partido e a causar uma divisão entre a massa revolta e a socialdemocracia vacilante. O mesmo fenômeno – o insignificante papel da iniciativa consciente da direção partidária na configuração da tática –, contudo, observa-se também na Alemanha, assim como em toda parte. Em suas grandes linhas, a tática de luta da socialdemocracia não é de modo algum “inventada”, mas é o resultado de uma série ininterrupta de grandes atos criadores da luta de classes experimental, frequentemente elementar.

Também aqui o inconsciente precede o consciente, a lógica do processo histórico objetivo precede a lógica subjetiva dos seus portadores. O papel da direção socialdemocrata é, portanto, de *caráter essencialmente conservador*, como o demonstra a experiência: cada vez que um novo terreno de luta é conquistado e levado até as últimas consequências, é logo transformado num baluarte contra posteriores inovações em maior escala.

A atual tática da socialdemocracia alemã, por exemplo, é universalmente admirada em virtude da sua notável multiformidade, flexibilidade e, ao mesmo tempo, firmeza. Porém, isso apenas significa que o nosso partido, na sua luta quotidiana, adaptou-se admiravelmente, até nos menores detalhes, ao atual terreno parlamentar, que sabe explorar todo o terreno de luta oferecido pelo parlamentarismo, fazendo-o de acordo com seus princípios. Mas, ao mesmo tempo, esta forma tática encobre a tal ponto os horizontes mais além que, em grande medida, aparece a tendência a eternizar e a considerar a tática parlamentar como pura e simplesmente a tática da luta socialdemocrata.

Observa-se esta mentalidade, por exemplo, no esforço infrutífero de Parvus que, há anos, tenta instaurar o debate na imprensa partidária sobre uma eventual mudança de tática no caso da revogação do sufrágio universal, eventualidade que é seriamente considerada pelos dirigentes do partido. Essa inércia, entretanto, pode ser explicada, em grande parte, pelo fato de que é muito difícil expor, no ar rarefeito da especulação abstrata, os contornos e as formas claras de uma situação política ainda inexistente e, portanto, imaginária. (...)

Porém, atribuir à direção partidária tais poderes absolutos de caráter *negativo*, como faz Lenin, é fortalecer artificialmente, e em perigosíssimo grau, o conservadorismo inerente à essência de qualquer direção partidária. Se a tática socialdemocrata for criada, não por um comitê central, mas pelo conjunto do partido ou, melhor ainda, pelo conjunto do movimento, então é evidente que, para as células do partido, a liberdade de movimento é necessária. Apenas ela possibilita a utilização de todos os meios oferecidos em

cada situação para fortalecer a luta, tanto quanto o desenvolvimento da iniciativa revolucionária. Porém, o ultracentralismo preconizado por Lenin parece-nos, em toda a sua essência, ser portador, não de um espírito positivo e criador, mas do espírito estéril do guarda noturno. Sua preocupação consiste, sobretudo, em controlar a atividade partidária e não em fecundá-la, em restringir o movimento e não em desenvolvê-lo, em importuná-lo e não em unificá-lo.

Tal experimento parece duplamente arriscado para a socialdemocracia russa no atual momento. Encontra-se ela às vésperas de grandes lutas revolucionárias pela derrubada do absolutismo. (...) Querer justamente em semelhantes tempos pôr obstáculos à iniciativa do espírito do partido e restringir sua intermitente capacidade de expansão com uma cerca de arame farpado, equivaleria a tornar a socialdemocracia incapaz, de antemão e em alto grau, para as grandes tarefas do momento.

(...) Entretanto, o que se pode deduzir da concepção geral do tipo de organização social-democrática são os princípios fundamentais, o espírito da organização, o qual exige principalmente, sobretudo no início do movimento de massas, que o socialismo socialdemocrata tenha um caráter coordenador, unificador, e não um caráter regulamentador e fechado. Porém, se este espírito de liberdade política do movimento, ligado a uma penetrante visão da unidade do movimento e da fidelidade aos princípios, tiver tomado lugar nas fileiras do partido, então os defeitos de qualquer estatuto, mesmo o mais ineptamente concebido, experimentarão, em breve, eficaz correção a través da própria práxis. Não é a letra do estatuto, mas o sentido e o espírito nela introduzidos pelos militantes ativos que determinam o valor de uma forma de organização.

(...) Porém, o espírito de guarda noturno do ultracentralismo preconizado por Lenin e seus amigos não é o produto acidental de equívocos, mas está ligado à campanha contra o *oportunismo*, levada até aos menores detalhes das questões de organização. “Trata-se de forjar, mediante os parágrafos do estatuto” pensa Lenin, “uma arma mais ou menos afiada contra o oportunismo. Quanto mais profundas forem as origens do oportunismo, tanto mais a fiada essa arma precisa ser.”

Lenin vê também no poder absoluto do comitê central e na estrita cerca estatutária em torno do partido justamente o dique mais eficaz contra a corrente oportunista. Ele designa como as marcas específicas desta corrente a inata predileção do intelectual pela autonomia, pela desorganização e sua aversão à disciplina partidária estrita, a todo “burocratismo” na vida do partido.

Na opinião de Lenin, apenas o “literato” socialista, em virtude da sua inata dispersão e individualismo, pode opor-se a tão ilimitada autoridade do comitê central. Em contrapartida, um proletário autêntico, em razão de seu instinto de classe revolucionário, deve mesmo sentir uma certa volúpia no rigor, severidade e energia dos seus superiores no partido, e submeter-se, feliz e de olhos fechados, a todas as duras operações da “disciplina partidária”.

“O burocratismo oposto ao democratismo”, diz Lenin, “é justamente o princípio de organização da socialdemocracia revolucionária oposto ao princípio de organização dos oportunistas”. Lenin enfatiza que a mesma oposição entre as concepções centralista e autonomista na socialdemocracia de todos os países torna-se perceptível onde tendências revolucionárias e reformistas ou revisionistas se opõem.

(...)

Observemos, antes de mais nada, que a glorificação das capacidades inatas do proletário para a organização socialdemocrata e a desconfiança em relação aos elementos “intelectuais” do movimento socialdemocrata ainda não é, em si, um sinal “marxista-revolucionário”; ao contrário, pode-se demonstrar facilmente o parentesco entre isso e o ponto de vista do oportunismo.

O antagonismo entre o elemento puramente proletário e a *intelligentsia* socialista não-proletária é, de fato, o escudo ideológico comum sob o qual se estendem as mãos o semi-anarquismo dos sindicalistas puros na França, com sua velha palavra de ordem “Méfiez-vous des politiciens!”, a desconfiança do sindicalismo inglês em relação aos “visionários” socialistas e, por fim, se nossas informações são corretas, igualmente o puro “economicismo” do antigo *Rabotschaya My s I* (jornal *Pensamento Operário*) de São Petersburgo, com sua transposição da estreiteza mental sindicalista para a Rússia absolutista.

Entretanto, pode-se observar na prática da socialdemocracia da Europa Ocidental, até hoje, uma inegável relação entre o oportunismo e o elemento intelectual, tanto quanto, por outro lado, entre o oportunismo e as tendências descentralizadoras nas questões de organização. Porém, separar de seu contexto tais fenômenos, nascidos num solo histórico concreto, para transformá-los em modelos abstratos de validade geral e absoluta, é o maior pecado contra o “espírito santo”, do marxismo, contra o seu método de pensamento histórico-dialético.

(...) Assim nascem as tendências “autonomistas” e descentralizadoras do oportunismo moderno. Elas não são provenientes do desregramento inato e da pusilanimidade do “intelectual” (*des “Intellektuellen”*), como Lenin supõe, mas têm objetivos políticos, historicamente justificados e determinados, aos quais estão bem adaptadas, cuja origem se encontra nas necessidades do parlamentar burguês. Elas não se explicam pela *psicologia* do intelectual, mas pela *política* do oportunista.

Porém, na Rússia absolutista, todas estas circunstâncias parecem ter outro significado: aí o oportunismo no movimento operário não é, de forma alguma, produto do intenso crescimento da socialdemocracia, da decomposição da sociedade burguesa, como no Ocidente, mas, ao contrário, é produto do seu atraso político.

(...)

De fato, nada entrega mais segura e facilmente um movimento operário ainda jovem à sede de poder dos intelectuais, quanto confriná-lo na couraça de um centralismo burocrático, que degrada o operariado combativo a instrumento dócil de um “comitê”. E, em contrapartida, nada preserva de maneira mais segura o movimento operário de todos os abusos oportunistas por parte de uma *intelligentsia* ambiciosa quanto a atividade revolucionária autônoma do operariado, quanto o fortalecimento do seu sentimento de responsabilidade política.

Na verdade, o que hoje Lenin vê como fantasma, pode amanhã, muito facilmente, tornar-se realidade concreta.

Não nos esqueçamos de que a revolução, às vésperas da qual nos encontramos na Rússia, não é uma revolução proletária mas burguesa, que mudará profundamente todo o cenário da luta socialdemocrata. Então, também a *intelligentsia* russa ficará rapidamente imbuída de um conteúdo de classe burguês fortemente pronunciado. Se, hoje, a socialdemocracia constitui o único dirigente da massa operária russa, amanhã, após a revolução, a burguesia e, em primeiro lugar, sua *intelligentsia* vai querer, naturalmente, formar com essa massa o pedestal da sua dominação parlamentar.

Ora, no atual período, quanto menos livres forem a atividade autônoma, a livre iniciativa, o senso político da camada mais inteligente do operariado, quanto mais ele for bloqueado e disciplinado por um comitê central socialdemocrata, tanto mais fácil será o jogo dos demagogos burgueses na Rússia renovada, tanto mais a colheita dos atuais esforços da socialdemocracia passará para os celeiros da burguesia.

Porém, acima de tudo, é errada a idéia fundamental da concepção ultracentralista, que culmina na noção de que se pode manter o oportunismo afastado do movimento operário a través de um estatuto. Sob a influência direta dos mais recentes acontecimentos na socialdemocracia francesa, italiana e alemã, os socialdemocratas russos obviamente tendem a considerar o oportunismo em geral como um acréscimo, estranho ao próprio movimento proletário, de elementos da democracia burguesa, introduzidos de fora no movimento operário.

Se isso fosse correto, os limites estatutários, em si, seriam totalmente impotentes contra a intrusão dos elementos oportunistas. O afluxo em massa de elementos não proletários para a socialdemocracia é resultado de causas sociais profundamente enraizadas, tais como o rápido colapso econômico da pequena burguesia, o colapso ainda mais rápido do liberalismo burguês e o esgotamento da democracia burguesa. Portanto, não passa de ilusão ingênua imaginar que esta onda tempestuosa poderia ser contida por tal ou qual formulação dos parágrafos do estatuto do partido. Parágrafos regem apenas a existência de pequenas seitas ou sociedades privadas; correntes históricas sempre souberam passar por cima dos parágrafos mais sutis. Aliás, é completamente errado pensar ser do interesse do movimento operário repelir o afluxo em massa dos elementos dispersos em consequência da progressiva dissolução da sociedade burguesa.

(...)

É necessário apenas que a socialdemocracia saiba subordinar duradouramente ao objetivo final da classe operária os atuais sofrimentos dessa variegada multidão de seguidores, que saiba como integrar o espírito não proletário de oposição à ação proletária revolucionária, numa palavra, que saiba como assimilar e digerir os elementos que vão a ela. Entretanto, isto só é possível onde, como até agora na Alemanha, um núcleo socialdemocrata proletário, forte e educado, dá o tom e é lúcido o suficiente para arrastar consigo seguidores desclassificados e pequeno-burgueses. Neste caso, uma aplicação mais rigorosa da ideia do centralismo ao estatuto, e a estrita paragrafação da disciplina partidária podem ser muito úteis como dique contra a corrente oportunista. Nessas circunstâncias, o estatuto pode, sem dúvida, servir de auxílio na luta contra o oportunismo, tal como de fato serviu para a socialdemocracia francesa revolucionária contra a investida da confusão jauresiana e, tal como agora, uma revisão dos estatutos do partido alemão, nesse sentido, tornou-se uma necessidade. Contudo, também neste caso, o estatuto do partido não deve ser visto, em si, como uma arma para defender-se do oportunismo, mas simplesmente como um meio externo, através do qual a decisiva influência da presente maioria proletária revolucionária do partido pode ser exercida. Quando tal maioria falta, ela não pode ser substituída pelos parágrafos mais rigorosamente escritos.

(...)

Por isso é uma ilusão totalmente a-histórica pensar que a tática socialdemocrata em sentido revolucionário pode ser garantida, previamente e de uma vez por todas; que o movimento operário pode, de uma vez por todas, ser defendido contra desvios oportunistas. É certo que a doutrina marxista nos dá uma arma devastadora contra todos os tipos fundamentais de pensamento oportunista. Como, porém, o movimento socialdemocrata é um movimento de massa e os escolhos que o ameaçam não vêm da cabeça dos homens mas das condições sociais, os erros oportunistas não podem ser impedidos de antemão; apenas quando, na prática, adquirirem forma tangível, podem ser superados através do próprio movimento – evidentemente com a ajuda das armas oferecidas pelo marxismo.

Encarado deste ponto de vista, o oportunismo aparece também como um produto do próprio movimento operário, como um momento inevitável no seu desenvolvimento histórico. Precisamente na Rússia, onde a socialdemocracia ainda é jovem e as condições políticas do movimento operário são anormais, o oportunismo é provavelmente, em grande medida, resultado do inevitável tatear e experimentar da tática, da necessidade de sintonizar a luta presente, em todas as suas peculiaridades, com os princípios socialistas.

Nesse caso, a idéia de que se pode impedir, já no começo de um movimento operário, o aparecimento das correntes oportunistas através desta ou daquela formulação de um estatuto partidário, é ainda mais

espantosa. A tentativa de se defender do oportunismo através de um pedaço de papel pode, de fato, prejudicar apenas a própria socialdemocracia, bloqueando nela o pulsar de uma vida sadia e enfraquecendo-lhe a capacidade de resistência, não só na luta contra as correntes oportunistas, como também, o que é igualmente importante, contra a ordem estabelecida. Os meios viram-se contra os fins.

Nesse esforço ansioso de uma parte dos socialdemocratas russos para, através da tutela de um onisciente e onipresente comitê central, proteger dos erros o movimento operário russo ascendente, promissor e cheio de vida, parece, aliás, intrometer-se o mesmo *subjeticismo* que já pregou mais de uma peça ao pensamento socialista na Rússia. São deveras cômicas as cabriolas que o respeitável sujeito humano da história, no seu próprio processo histórico, gosta, por vezes, de executar. O *eu*, esmagado, pulverizado pelo absolutismo russo, vai à desforra quando, no seu revolucionário mundo de pensamentos, senta-se no trono, declarando-se a si mesmo todo-poderoso – sob a forma de um comitê de conspiradores agindo em nome de uma inexistente “vontade do povo”. Porém, o “objeto” mostra-se mais forte, o chicote logo triunfa, mostrando-se a si mesmo como a “legítima” expressão da atual fase do processo histórico. Finalmente, surge na tela um filho ainda mais legítimo do processo histórico: o movimento operário russo, que começa da mais bela maneira, criando, pela primeira vez na história russa, uma verdadeira vontade do povo. Porém, agora o “eu” do revolucionário russo põe-se rapidamente de ponta-cabeça, declarando-se, mais uma vez, o todo-poderoso dirigente da história – desta vez como Sua Majestade, o comitê central do movimento operário socialdemocrata.

O audaz acrobata não vê que o único sujeito a que agora cabe o papel de dirigente é o *eu-massa (das Massen-Ich)* da classe operária, que em todo lugar insiste em poder fazer os seus próprios erros e aprender por si mesmo a dialética histórica. E, por fim, precisamos admitir francamente: os erros cometidos por um movimento operário verdadeiramente revolucionário são, do ponto de vista histórico, infinitamente mais fecundos e valiosos que a infalibilidade do melhor “comitê central”.

9- Nossas Tarefas Políticas *Trotsky (1904)*

Capítulo II.

(...)

Na política interna do partido, estes métodos levam, como veremos mais adiante, à organização do partido a “substituir” o partido, ao comitê central a substituir a organização do partido e, finalmente, ao ditador a substituir o comitê central; por outro lado, isso leva os comitês a prover a “orientação” (e a mudá-la ao mesmo tempo em que “o povo se mantém em silêncio”); em política “exterior” estes métodos se manifestam nas tentativas de fazer pressão sobre outras organizações sociais utilizando a força abstrata dos interesses de classe do proletariado e não a força real do proletariado consciente de seus interesses de classe. Estes “métodos”, como vimos, pressupõem a identidade *a priori* do programa adotado por nós e do conteúdo de nosso trabalho de partido. Resumindo: estes “métodos” levam ao desaparecimento completo das questões de tática política na socialdemocracia. (...) O camarada Lenin confirmou isso, explicitamente, em uma determinada tese que não se pode passar despercebido.

CAPÍTULO III.

Questões de organização

(...)

O pensamento que eleva o princípio técnico da divisão do trabalho no princípio da organização socialdemocrata, está voltado (consciente ou inconsciente) a esta consequência inevitável: separar a atividade consciente da atividade executora, o pensamento socialdemocrata das funções técnicas através das quais deve, necessariamente, realizar-se. A “organização de revolucionários profissionais”, mais exatamente sua cúpula, aparece assim como o centro da consciência socialdemocrata e, na base, não resta outra coisa mais que executores disciplinados das funções técnicas.

É o camarada Lenin quem fornece a expressão clássica do ideal de organização: “...para agrupar em um todo único essas pequenas frações, para não fragmentar junto com as funções do movimento o próprio movimento e para infundir ao executor das funções miúdas a fé na necessidade e na importância de seu trabalho, sem a qual nunca trabalhará, para tudo isso é necessário precisamente uma forte organização de revolucionários provados.”

O camarada Lenin não se pergunta (...) Como pensar os aspectos negativos da divisão do trabalho, como fazer cada militante participar no trabalho total do partido? Não, opõe os exércitos de executores parciais ao estado maior central, o qual monopoliza pessoalmente a consciência, a perspicácia, a iniciativa, a perseverança e a firmeza, infunda todas essas “pequenas frações” a fé em sua necessidade na obra comum. (...)

(...) Pensar e deliberar “sobre o todo”, esse deve ser privativo do “centro” e os círculos, os grupos, os agentes isolados devem pensar e deliberar segundo seu estado e para sua estrutura. A consciência do partido fica centralizada (não resta outra coisa mais que transformar a experiência parcial do militante solto

em patrimônio do centro (“fazer chegar ao centro”); isso será suficiente para enriquecer a prática de todos os militantes soltos que se impregnarão da consciência do centro (consciente, este, por profissão).

O “democratismo”

Os comitês, em luta contra as velhas formas de organização, rústicas e quase democráticas, tiveram cada vez mais que reduzir o significado do centralismo: se trata, finalmente, de emancipar-se das obrigações frente ao mundo que depende dos comitês. Os três ou cinco membros do comitê, representam por si só “a unidade e vontade do organismo social dos operários”. Tomam as decisões, produzem a nova orientação do partido, colocam o “economicismo” no museu, colocam em marcha o “centralismo”, reconhecem o Iskra ou o condenam, em uma palavra: cumprem toda tarefa política interna do partido. E sob eles se estende o mundo dos “trabalhadores soltos” que imprimem os proclames, que recolhem o dinheiro, que difundem os folhetos (...).

Estes métodos de “substituição” constituem um fenômeno geral de todo um período. Sob uma ou outra forma, aberta ou oculta, estes métodos eram inevitáveis enquanto se tratava de caçar à intelectualidade socialdemocrata a ponto de dispersar-se e, quando não se tratava sobretudo de apanhar o burro com as luvas do momento; dito de outro modo, na medida em que a unificação da intelectualidade revolucionária ao redor dos princípios políticos da socialdemocracia se realizava a uma velocidade incomparavelmente maior que a mobilização do proletariado revolucionário ao redor das consignas da política de classe. Porém impõe ao movimento inteiro as limitações do “substituismo”, a título dos interesses de sua pureza principista e de sua “ortodoxia”, é fazer, evidentemente, um trabalho de escavação de trincheira contra o movimento enquanto tal.

(...) Em *Que fazer?* Os “economicistas” são severamente condenados por haver se esforçado em construir a organização local sobre princípios que estipulam que “é necessário que as decisões dos comitês passem por todos os círculos antes de converter-se em decisões válidas”. Não estamos a favor do rito legalista do referendo de comitê. Não se trata de uma questão de ficções “democráticas”. Porém os comitês devem lembrar que suas decisões não se tornarão mais “válidas” que quando formulem a vontade consciente de todos os grupos e círculos que dependem deles. É a isso que deve tender-se continuamente (não em nome de tal ou qual preconceito “democrático”, mas em nome da estabilidade e vitalidade de nosso partido). (...)

Disciplina e centralismo

(...)

O “centralismo” [segundo Lenin] não se concebe, parece ser, como uma tarefa complexa de política organizativa e técnica mas como uma simples antítese do famoso “dilettantismo artesanal”. Pensa-se contornar o problema real (desenvolver através de um trabalho realizado de forma comum, o sentimento de responsabilidade moral e política entre todos os membros do partido) dando ao comitê central o direito de dissolver tudo que cruze seu caminho. É, então, indispensável para realizar os ideais do “centralismo”, que todos os elementos reais do partido, que nada nem ninguém há disciplinado ainda, não oponham nenhuma resistência ao comitê central em sua tentativa de desorganizá-los. “De outra forma (...), é impossível organizar a causa do combate proletário.”

(...)

Pois a disciplina não tem sentido mais que quando assegura a possibilidade de luta por aquilo que se crê justo e a disciplina se impõe em nome disso. Porém, quando uma tendência determinada se encontra ante a perspectiva de ser “privada de seus direitos” (isto é, de deixar de ter a possibilidade de lutar pela influência ideológica), a questão de sua existência se transforma de *Rechtsfrage* (direito) em *Machtfrage* (poder), ou seja, não se coloca em termos de direito, mas em termos de correlação de forças. Segundo a situação e o grau de crise, os representantes da corrente dissidente ou bem rompem, colocando a disciplina real sob seus princípios por cima dos “princípios” da disciplina formal, ou continuam no partido e se esforçam, através de sua própria pressão, em reduzir ao mínimo as limitações que lhes impõe a disciplina do partido, a fim de assegurar-se o máximo de liberdade de ação (e de resistência ante as tendências perturbadoras). A alternativa depende da intensidade das contradições que lhes opõem o resto do partido. Na medida em que atuarão conscientemente para liberar-se das obrigações do partido (em nome dos interesses do partido tal como os concebem) e na medida em que sua influência lhes permita fazê-lo, assim será como se demonstrará lamentavelmente ilusória toda tentativa da parte adversária para retê-los através da repetição da palavra “disciplina”. (...)

Que fazer estão? É preciso sair da esfera da disciplina em decomposição e descobrir as exigências e necessidades reais do movimento que são comuns a todos e que, em função das medidas que demandam, são suscetíveis de agrupar os elementos mais valorosos e influentes do partido. Na medida que se realize a unificação destas forças ao redor de consignas vivas do movimento, as feridas infringidas por ambas as partes à unidade do partido se curarão; se deixará de falar de disciplina porque se terá deixado de violá-la. Quem contemple sob este ângulo o trabalho das duas tendências no seio de nosso partido não terá nenhum problema em responder a esta pregunta: qual das duas tendências conduz o partido em direção a uma unificação real?

Se, no caminho que leva a este objetivo, a “minoria” deve submeter-se a isso que a “maioria” chama disciplina, não resta outra conclusão que tirar que não seja esta: que pereça essa “disciplina” que esmagaria os interesses vitais do movimento! De todos modos, a “historia” se encarregará disso já que, diferentemente do comitê de Iekaterinoslav, não se atém ao princípio idealista: “Morra o mundo contanto que viva a

disciplina!” Ao contrário, como boa dialética, a história acaba sempre dando razão a quem venceu, porque vence, no fim das contas, daquele que comprehende melhor, mais total e profundamente, as tarefas da causa revolucionária.

(...)

Nada poderia ser mais lamentável, dissemos mais acima, que a figura de um “chefe” que se esforça (através da sugestiva repetição da palavra disciplina) em fazer dos representantes de opiniões diferentes, adversários seguros. Lenin notou, visivelmente, o embaraçoso da situação e se esforçou em basear “filosoficamente” suas mágicas. Eis aqui o que resulta disso: o intelectual individualista, noturno e variável, foge nervosamente da disciplina como da peste. “A organização do partido se transforma numa ‘fábrica’ monstruosa; a submissão da parte ao todo e da minoria à maioria lhe parece “avassalador” (vejam-se os artigos de Axelrod); a divisão do trabalho sob a direção de um organismo central faz proferir alardos tragicônicos contra a transformação dos homens em “rodas e parafusos” de um mecanismo...”. De onde conclui: “Eis aí onde o proletário que passou pela escola da fábrica pode e deve dar uma lição ao individualismo anarquista.”

Segundo a nova filosofia de Lenin, que apenas teve tempo de gastar um par de sapatos desde o *Que fazer?*, ao proletário é suficiente ter passado pela “escola da fábrica” para dar lições à intelectualidade, que exerceu até agora em seu partido o papel dirigente, lições de disciplina política! Segundo essa nova filosofia, quem não vê no partido uma “enorme fábrica”, quem acredita que esta ideia é “monstruosa”, quem não acredita na força imediatamente educativa (politicamente) da máquina, este “descobre ao ponto a psicologia de um intelectual burguês” incapaz por natureza de distinguir o lado negativo da fábrica (“disciplina fundada no medo à morte pela fome”) e seu lado positivo (“disciplina fundada no trabalho em comum, unificado pelas condições da produção, muito desenvolvida desde o ponto de vista técnico”).

Sem temor de traduzir nossa “psicologia de intelectual burguês”, afirmamos antes de mais nada que as condições que levam o proletariado a métodos de luta concertados e coletivos não se encontram na fábrica mas nas condições sociais gerais de sua existência; afirmamos, além disso, que entre essas condições objetivas e a disciplina consciente da ação política, se estende um longo caminho de lutas, erros, educação (não na “escola da fábrica” mas na escola da vida política, na qual o proletariado russo não penetra mais que sob a direção, boa ou má, da intelectualidade socialdemocrata); reafirmamos que o proletariado russo, no qual apenas começamos a desenvolver a auto atividade política, ainda não é capaz (desgraçadamente para ele e felizmente para os senhores candidatos à “ditadura”) de dar lições de disciplina à sua “intelectualidade”, seja qual for o treinamento que a fábrica confira ao “trabalho em comum, unificado pelas condições da produção, muito desenvolvida desde o ponto de vista técnico”. Sem o menor medo de traduzir nossa “psicologia de intelectual burguês”, nos declaramos inclusive completamente solidários com a ideia de que “A subordinação técnica do operário à marcha uniforme do instrumento de trabalho e a composição característica do organismo de trabalho, formado por indivíduos de ambos os sexos e diversas idades, criam uma disciplina de quartel [de quartel e não uma disciplina conscientemente política!] que se desenvolve até integrar o regime fabril perfeito”.

Se Lenin acredita na disciplina do proletariado russo como em uma entidade real, confunde de fato, para expressar sua própria formulação, uma questão de ordem “filosófico” com uma questão de ordem política. Naturalmente, a “produção tecnicamente muito desenvolvida” cria as condições materiais do desenvolvimento e do espírito de disciplina políticos do proletariado como, em geral, o capitalismo cria as premissas do socialismo. Porém a disciplina de fábrica é tampouco idêntica à disciplina política e revolucionária do proletariado como tampouco idêntico é o capitalismo ao socialismo.

A tarefa da socialdemocracia consiste também, justamente, em levantar o proletariado contra esta disciplina, que substitui o trabalho de pensamento humano pelo ritmo de movimentos físicos: consiste em unir o proletariado contra esta disciplina embrutecedora e mortal em um só exército unido (ombro com ombro) pela comunidade da consciência política e do entusiasmo revolucionário. (...) O regime de quartel não pode ser o regime de nosso partido, igual a fábrica não pode ser nosso modelo!

(...) Não se pode descrever a indignação que produz a leitura destas linhas pouco agradáveis e de uma demagogia desatada! O proletariado, este mesmo proletariado do que ontem se nos dizia que “tende espontaneamente ao *tradeunionismo*”, hoje é convidado a dar lições de disciplina política! E a quem? A esta mesma intelectualidade à que, segundo o esquema de ontem, tinha o papel de aportar, desde o exterior do proletariado, a consciência política proletária! Ontem o proletariado se arrastava pela lama; hoje ei-lo aqui elevado ao topo inalcançável! Ontem ainda a intelectualidade era portadora da consciência socialista, hoje a querem fazer passar pelos flagelos da fábrica!

(...)

A “minoría” está contra o centralismo? Em todo o mundo os “oportunistas” da socialdemocracia se levantam contra o centralismo: Em consequência a minoría é oportunista! O silogismo (inclusive falso desde o ponto de vista formal) constitui a ideia motriz principal do último livro de Lenin, se lhe expurga dos emaranhados das construções acusadoras, baseadas no sistema das provas indiretas. Lenin retoma seu silogismo sob todos os tons, se esforça em hipnotizar o leitor através de “passos” centralistas. Axelrod em Zurique está contra o centralismo. Heine em Berlim está contra o centralismo. Jaurès em Paris está contra o centralismo. Heine e Jaurès são oportunistas. Portanto Axelrod está de acordo com os “oportunistas”. É evidente que é um oportunista, é mais que evidente que a “minoría” é, ela também, oportunista. Por outro lado, Kautsky em Berlim está a favor do centralismo, determinado membro do comitê central, Vasiliev, quer

dissolver a Liga em nome do centralismo, o camarada Lenin foi o grande inspirador desta campanha pela glória do centralismo, portanto, etc....

(...) O camarada Lenin (apesar de sua energia) não chega a sustentar que as concepções programáticas e táticas da “minoria” foram oportunistas. Por que, afinal, a “minoria” está contra o “centralismo”? E, contra que centralismo? E, por que os camaradas Kautsky, Parvus e Luxemburgo, adversários irreconciliáveis de Heine e de Jaurès, se pronunciaram contra o “centralismo” do camarada Lenin? Repetir milhares de vezes o mesmo silogismo, acentuando antes que tudo o efeito penetrante, não permite evidentemente dar nenhuma resposta a estas perguntas.

10 - Lenin – Obras Completas: Tomo IX (1904 a 1905)

Sem subordinação da minoria à maioria não pode existir um partido mais ou menos digno do nome de partido operário, e se é necessário chegar a concessões mútuas (e não unilaterais), se às vezes são imprescindíveis os acordos e pactos entre setores do Partido, só são possíveis e admissíveis dentro do marco de um congresso. Nenhum revolucionário que se preze irá querer permanecer em um partido que só se mantém unido à força de ir adiando o congresso do Partido artificialmente. Segundo argumento: Ainda é possível uma reconciliação sem necessidade do congresso. No que se baseia semelhante opinião, é algo que desconhecemos. Os que a sustentam só falam e atuam nos bastidores. Não é a hora de acabar com estas intrigas entre bastidores, que só decuplicam a desconfiança mútua, intensificam a hostilidade e tornam mais obscura a situação?

(...) Por último, toda a experiência da luta ocorrida depois do congresso obriga a pensar sobre a situação jurídica da minoria (qualquer que seja esta) dentro do nosso Partido.

Essa experiência nos ensina, estamos convencidos disso que é necessário garantir nos Estatutos do Partido os direitos de toda minoria, para que as constantes e inegociáveis fontes de descontentamento, irritação e conflito sejam desviadas dos habituais canais filisteus do escândalo e da queixa e canalizadas para os canais não usados ainda para uma luta legítima e digna pelas próprias convicções. Entre estas garantias absolutas acreditamos que deve incluir-se a de permitir que a minoria disponha de um grupo de escritores (ou de vários), com direito de representação nos congressos e com plena “liberdade de expressão”. (Páginas 14 a 22)

11 - Lenin – Obras Completas: Tomo X (1905)

(...) Pois bem, os partidários de *Vperiod* disseram e seguem dizendo: é indecente exibir-se com as frases e os “princípios” do autonomismo e do democratismo, mas sim é necessário introduzir modificações importantes e práticas nos Estatutos, orientadas no para uma democracia viável nas condições da Rússia, estamos dispostos a discutir elas com franqueza e honra. *Vperiod* desafiou “Um Operário” para que apontasse, se possível, uma só passagem das publicações social-democratas em que se expressava com a clareza que Lenin tinha sobre a necessidade de incorporar operários aos comitês do Partido. (Pág 38 a 40).
(...)

A incorporação de operários aos comitês não é somente uma tarefa pedagógica, mas também uma tarefa política. Os operários têm instinto de classe, e com um pouco de experiência política se convertem muito rápido em social-democratas firmes. A mim me parecia muito bom que em nossos comitês tivessem 8 operários para cada 2 intelectuais. Se mostrava insuficiente o conselho dado aos comitês na medida do possível, seria conveniente que esta mesma recomendação se formulasse em nome do Congresso. Se contarmos com uma diretriz clara e concreta por parte do Congresso, teremos um meio radical para combater a demagogia: a vontade do Congresso, expressa com clareza.

(...) Eu era partidário da dissolução dos comitês, ainda que no Conselho do Partido eu me declare contra, no momento de desmontar o nosso conflito fracionista, porque o exercício deste direito havia constituído, até certo ponto, uma indecência. Os intelectuais têm que ser tratados sempre com punho de ferro. São sempre os promotores de todo tipo de discordias; Por isso proponho que a palavra “periferia” seja substituída pela frase “operários organizados” (o orador entrega por escrito sua emenda): “Art. 9. O CC dissolverá o comitê local quando assim o poderarem dois terços dos operários do local de atuação, pertencentes às organizações do Partido”. Não podemos dar ouvidos para uma pequena periferia de intelectuais, mas sim podemos e devemos fazê-lo quando se trate de centenas de operários organizados. Acredito que este artigo deve estar em estreita ligação com o problema dos informes. Neste sentido, deveríamos tomar como exemplo o Bund, que conhece sempre com exatidão o número de operários organizados que tem. Quando nosso CC saiba exatamente quantos operários organizados tem na

organização correspondente, terá que escutar suas opiniões e estará obrigado a dissolver o comitê local, quando os operários organizados o exigirem. (Páginas 174 a 176)

(...) (...) aponta uma vez mais que é tarefa dos membros do partido conscientes do Partido Operário social-democrata garantir com todas suas forças os vínculos do Partido com a massa da classe operária, elevar setores cada vez mais amplos de proletários e semi-proletários à plena consciência social-democrata, desenvolver seu espírito de iniciativa social-democrata e preocupar-se que a massa operária tenha em maior número possível de operários capazes de dirigir o movimento e as organizações do Partido, tanto nos centros locais como em organismos centrais de todo o Partido; (Página 180)

(...) Não poderia ficar calado ao escutar aqui que não existem operários aptos para ser membros dos comitês. O assunto vem sendo adiado; não há dúvida de que no Partido existe uma doença. Nos comitês devem estar necessariamente operários. É curioso: no Congresso há no máximo três escritores; os demais delegados são membros dos comitês; pois bem, acontece que os escritores são partidários de que se incorpore operários, e, por outro lado, os membros dos comitês, pelas razões que sejam, o discutem com veemência. (Página 182)

Nota do editor sobre a votação, no Congresso de 1905, da proposta de Lenin sobre maioria de operários nos comitês do partido: No dia 20 de abril (3 de maio), ao discutir-se na 15ª sessão o informe e projeto de resolução de A. A. Bogdánov (Maxímov) sobre as relações entre operários e intelectuais nas organizações social-democratas, alguns delegados ao Congresso afirmaram que não existia tal problema no Partido e não era necessário adotar uma resolução. O Congresso acordou adiar a solução deste problema até que fossem aprovados os Estatutos do Partido.

Na 19ª sessão, realizada no dia 22 de abril (5 de maio), o Congresso voltou à discussão do problema das relações entre operários e intelectuais nas organizações social-democratas. Foram apresentadas várias resoluções. Se usou como base da discussão o projeto escrito por Lenin (vide o presente volume, págs. 179-180) e apresentado por ele conjuntamente com A. A. Bogdánov. Lenin interveio várias vezes sobre esta questão (vide o presente volume, págs. 181-182). Em votação nominal, o Congresso acordou não adotar uma resolução especial sobre este assunto. As propostas de Lenin foram levadas em conta ao redatar-se a resolução sobre propaganda e agitação, na que se destacava que “adquire uma importância excepcional a incorporação na direção do movimento, como agitadores, propagandistas e especialmente como membros dos organismos locais e centrais, do maior número possível de operários com consciência de classe, por ser pessoas mais diretamente vinculadas com o Partido; e que precisamente a falta de tais dirigentes políticos entre os operários se deve ao relativo predomínio dos intelectuais nos organismos centrais do Partido que se observa até ao momento”. (Página 452)

12 - Lenin – Obras Completas: Tomo XI (1905)

(...)

Estamos dispostos a repetir uma vez mais os princípios organizativos fundamentais cuja aceitação é, a nosso entender, indispensável para a fusão: 1) A minoria deve submeter-se à maioria (não há que confundir isso com minoria e maioria entre aspas; se trata aqui do princípio de organização do Partido em geral, e não da fusão da “minoria” com a “maioria”, coisa da qual se falará mais adiante. De um modo abstrato é possível imaginar a fusão de tal forma que tivera “mencheviques” e “bolcheviques” por partes iguais, mas ainda assim seria impossível sem aceitar o princípio e a obrigação da submissão da minoria à maioria). 2) O organismo supremo do Partido deve ser o congresso, ou seja, uma assembleia de delegados eleitos por todas as organizações com plenos direitos; a decisão destes delegados deve ser definitiva (princípio de representação democrático em contraposição ao princípio de conferências consultivas e confirmação de suas decisões em votação das organizações, ou seja, por plebiscito). 3) A eleição do organismo central do Partido (ou de seus organismos centrais) deve ser direta e efetuar-se no Congresso. A eleição fora do Congresso, a eleição indireta, etc., é inadmissível. 4) Todas as publicações do Partido, tanto locais como centrais, devem depender incondicionalmente do congresso e da correspondente organização local ou central. A existência de publicações do Partido que não estejam ligadas organizativamente a este é inadmissível. 5) O conceito de membro do Partido deve ser definido com absoluta precisão. 6) Igualmente devem ser definidos com precisão nos Estatutos do Partido os direitos de toda minoria. Tais são, a nosso juízo, os princípios organizativos absolutamente obrigatórios e cuja não aceitação torna impossível a fusão. (Páginas 168 a 171)

(...)

13- Lenin – Obras Completas: Tomo XII (1905 a 1906)

(...)

Bases de Organização do Partido

Considerando:

- 1) que o princípio do **centralismo democrático** no Partido é atualmente admitido por todos;
- 2) que, ainda que difícil, nas condições políticas atuais sua aplicação é, entretanto, possível, dentro de certos limites;
- 3) que mesclar o aparato clandestino com o aparato legal da organização do Partido tem sido de todo jeito desastroso para o Partido e tem feito o jogo da provocação do Governo;

Entendemos e propomos que o Congresso aprove:

- 1) que o princípio eletivo nas organizações do Partido deve ser aplicado de baixo a cima;
- 2) que o descumprimento deste princípio, por exemplo, as eleições indiretas ou a cooptação aos organismos eletivos, etc., só é admissível quando os obstáculos policiais são insuperáveis ou em casos excepcionais especialmente previstos;
- 3) que é absolutamente necessário preservar e fortalecer o núcleo clandestino da organização do Partido;
- 4) que para as atividades públicas de todo tipo (na imprensa, reuniões, associações, particularmente nos sindicatos, etc.) devem ser criadas seções especiais das organizações que em nenhum caso possam prejudicar a integridade das células clandestinas;
- 5) que a instituição central do Partido deve ser única, ou seja, o Congresso geral do Partido deve eleger um Comitê Central único, que nomeará a Redação do Órgão Central do Partido, etc.(Pg. 240)

NOTA DO EDITOR: O IV Congresso (de Unificação) do POSDR se realizou em Estocolmo, em abril de 1906.

A superioridade numérica dos mencheviques determinou o caráter das decisões do Congresso. Depois de uma dura luta, o Congresso aprovou as resoluções mencheviques....

Ao mesmo tempo, por exigência da base do Partido, o Congresso adotou a formulação de Lenin para o artigo 1 dos Estatutos, descartando assim a formulação oportunista de Martov. Pela primeira vez se incluiu nos Estatutos a formulação bolchevique sobre o centralismo democrático.

Integraram o Comitê Central, eleito no Congresso, três bolcheviques e sete mencheviques. A Redação do Órgão Central, o jornal Sotsial-Demokrat (O Social-Democrata), estava composta somente por mencheviques.

O IV Congresso aparece na história do Partido como o Congresso “de Unificação”. Mas essa unificação foi formal porque, na prática, os bolcheviques e mencheviques sustentavam diferentes concepções, tinham sua própria plataforma quanto aos problemas importantes da revolução, constituindo na realidade dois partidos. (...)

14 - Lenin – Obras Completas: Tomo XXVI (1914 a 1915)

(...)

Agora chegou o momento no qual é indispensável separar completa e organicamente dos partidos operários este elemento. A época imperialista não tolera a coexistência em um mesmo partido dos elementos de vanguarda do proletariado revolucionário e da aristocracia semi-pequeno-burguesa da classe operária, que se beneficia com as migalhas dos privilégios proporcionados pela condição “dominante” de “sua” nação. A velha teoria de que o oportunismo é uma “matiz legítima” dentro de um partido único e alheio aos extremismos se converteu hoje em dia no maior engano da classe operária, no maior obstáculo para o movimento operário. O Oportunismo franco, que provoca a repulsa imediata da massa operária, não é tão perigoso ou prejudicial como esta teoria do meio justo, que justifica com palavras marxistas a prática do oportunismo, que trata de demonstrar com uma série de sofismas o inoportuno das ações revolucionárias, etc. Kautsky, o representante mais destacado desta teoria e, também, a figura de maior prestígio da II Internacional, se revelou como um hipócrita de primeira categoria e como um virtuoso na arte de prostituir o marxismo.

(...)

O Partido Operário Social-Democrata da Rússia se separou de seus oportunistas há muito tempo.

(...)

15– Lenin – Obras Completas: Tomo XXX (1916 a 1917)

O maior defeito no marxismo revolucionário da Alemanha é a falta de uma organização ilegal consolidada, que aplique sua linha de forma sistemática e edique as massas no espírito das novas tarefas: tal organização deveria tomar uma posição definitiva diante do oportunismo e do kautskismo. (Pág. 176)

(...)

16 – Lenin – Obras Completas: Tomo XXXIII (1917)

A necessidade de educar sistematicamente as massas nesta idéia da revolução violenta, e precisamente nesta, é a base de toda a doutrina de Marx e Engels. (Página 22)
(...)

17 - Lenin – Obras Completas: Tomo XXXI (1920)

Repto: a experiência da ditadura vitoriosa do proletariado na Rússia mostrou claramente a quem não sabe pensar, ou não teve a necessidade de refletir sobre este problema, que a centralização incondicional e a disciplina mais severa do proletariado constituem uma condição fundamental da vitória sobre a burguesia.
(...)

O bolchevismo existe como corrente do pensamento político e como partido político desde 1903.
(...)

E surgem, antes de qualquer coisa, as seguintes perguntas: como se mantém a disciplina do partido revolucionário do proletariado? Como se comprova? E como se reforça? Primeiro, pela consciência da vanguarda proletária e por sua fidelidade à revolução, por sua firmeza, por seu espírito de sacrifício, por seu heroísmo. Segundo, por sua capacidade de se ligar, se aproximar e, até certo ponto, se querem, de se fundir com as maiores massas trabalhadores, primeiramente com as massas proletárias, *mas também* com as massas trabalhadoras *não proletárias*. Terceiro, pelo acerto da direção política que exerce esta vanguarda, pelo acerto de sua estratégia e de suas táticas políticas, na condição de que as massas mais extensas se convençam disso *por experiência própria*. Sem estas condições é impossível a disciplina em um partido revolucionário, verdadeiramente capaz de ser o partido da classe avançada, chamada a derrubar a burguesia e transformar toda a sociedade. Sem estas condições, as tentativas de implantar uma disciplina se convertem, inevitavelmente, em uma ficção, em uma frase, em gestos grotescos. Mas, por outro lado, estas condições não podem nascer do nada. Se formam unicamente através de um trabalho prolongado, de uma dura experiência; sua formação é facilitada por uma acertada teoria revolucionária, a qual, por sua vez, não é um dogma, mas só se forma de maneira definitiva em conexão estreita com a experiência prática de um movimento verdadeiramente de massas e verdadeiramente revolucionário.
(...)

Por um lado, o bolchevismo surgiu em 1903 sobre a mais sólida base da teoria do marxismo.

Por outro lado, o bolchevismo, surgido sobre esta base teórica de granito, teve uma história prática de quinze anos (1903-1917), inigualável no mundo por sua riqueza de experiências. Porque nenhum país conheceu, nem sequer aproximadamente, no curso desses quinze anos uma experiência revolucionária tão rica, uma rapidez e uma variedade iguais de sucessão das distintas formas do movimento, legal e ilegal, pacífico e tempestuoso, clandestino e aberto, nos círculos e entre as massas, parlamentar e terrorista.
(...)

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO NA INTERNACIONAL COMUNISTA

O Primeiro Congresso Constituinte da Internacional Comunista não definiu condições exatas para a admissão dos diferentes partidos na III Internacional. Quando foi convocado o primeiro Congresso, na maioria dos países só existiam *tendências e grupos* comunistas. O II Congresso Mundial da Internacional Comunista se reúne em outras condições. Hoje na maioria dos países não só já existem correntes e tendências comunistas, mas também *partidos e organizações* comunistas.
(...)

Nenhum comunista deve esquecer os ensinamentos da República Húngara dos Conselhos. A unificação dos comunistas húngaros com os reformistas saiu caro para o proletariado húngaro.

Por isso, o II Congresso Mundial avalia ser necessário estabelecer condições completamente exatas para a admissão de novos partidos, assim como dizer os deveres que cabem aos partidos que já tenham sido admitidos na Internacional Comunista.

O XI Congresso da Internacional Comunista acorda que as condições de pertencimento à mesma são as seguintes:

1 - A propaganda e a agitação cotidianas devem ter um verdadeiro caráter comunista.
(...)

4 - São necessárias uma propaganda e uma agitação persistentes e sistemáticas entre as tropas e a formação de células comunistas em cada unidade militar.
(...)

7 - Os partidos que desejem pertencer à Internacional Comunista devem reconhecer a necessidade de um rompimento total e absoluto com o reformismo e com a política do “centro” e propagar esta ruptura nos meios mais amplos do partido.

8 - No problema das colônias e das nacionalidades oprimidas é necessária uma linha singularmente precisa e clara dos partidos dos países cuja burguesia possui ditas colônias e oprime outras nações.

9 - Cada partido que deseje pertencer à Internacional Comunista deve efetuar um trabalho comunista sistemático e tenaz dentro dos sindicatos, cooperativas e outras organizações operárias de massas.

(...)

11 - Os partidos que desejem pertencer à III Internacional devem revisar a composição de suas minorias parlamentares, afastar os elementos inseguros, subordinar estar minorias de fato, e não de palavra, aos comitês centrais dos partidos e exigir de cada parlamentar comunista que subordine todo seu trabalho aos interesses de uma propaganda e agitação revolucionária de verdade.

12 - Do mesmo modo, a imprensa periódica e não periódica e todas editoras devem estar subordinadas completamente ao Comitê Central do partido.

13 - Os partidos que pertençam à Internacional Comunista devem se estruturar de acordo com o princípio do *centralismo democrático*. Na época presente de exacerbada guerra civil, o Partido Comunista só poderá cumprir com seu dever se está organizado do modo mais centralizado, se mantém entro dele uma disciplina férrea, próxima à disciplina militar, e se o centro do partido é um organismo com autoridade, prestigiado e com amplas atribuições e goza da confiança geral dos membros do partido.

14 - Os partidos comunistas dos países nos quais os comunistas atuam legalmente devem efetuar depurações (revisões) periódicas dos efetivos de suas organizações, para limpar de maneira sistemática o partido dos elementos pequeno-burgueses que ingressam inevitavelmente nas suas fileiras.

(...)

17 - Todas as decisões dos congressos da IC, assim como os acordos de seu Comitê Executivo são obrigatórios para todos os partidos que aderiram à IC. A IC, que atua no meio da mais inflamada guerra civil, deve estar estruturada de maneira muito mais centralizada que a II Internacional. Naturalmente, a IC e seus....

(...)

18 – Lenin – Obras Completas: Tomo XXXXII (1920 a 1921)

(...)

DISCURSO SOBRE AS ELEIÇÕES AO COMITÊ DE MOSCOU NO DIA 21 DE NOVEMBRO DE 1920

Camaradas, frequentemente, muito possivelmente, tive que participar de eleição: eleições dentro do Partido precedidas de lutas entre diferentes grupos, tendências e até frações; com as mais inflamadas formas de luta acompanhadas por um controle mútuo para que nenhuma célula do Partido considerasse legítima uma votação se não participavam representantes reconhecidos de ambas frações e não contavam os votos emitidos, mas nunca se aplicou o princípio de proporcionalidade na eleição dos órgãos dirigentes, o Comitê de Petrogrado, o Comitê de Moscou ou o Comitê Central. Quando dois grupos, duas tendências ou frações disputam nas eleições, selo para uma conferência do Partido, como órgão de decisão, ou um Congresso do Partido, se impõe a representação proporcional. Mas a representação proporcional nunca foi aplicada, e dificilmente pode ser avaliada como procedimento justificado, quando se trata de criar um organismo executivo que conduz o trabalho prático. Me parece que quem me precedeu no uso da palavra, se afastou do princípio da proporcionalidade ao declarar, com Ignatov, que o mérito da lista que eles apresentaram consiste na eleição de onze candidatos, segundo ele disse. Não me é possível verificar onze entre trinta e oito, creio que a redução deveria ser maior do que desejaria a maioria direta da reunião ou o grupo que se considerou partidário do Comitê de Moscou. Já expus os motivos desta opinião, mas o principal deve ser assegurar agora a seleção das pessoas. Não conheço a maioria dos camaradas que estão nas listas, mas vocês, possuidores dos votos decisórios nesta Conferência, certamente conhecem todos os camaradas e acredito que se guiarão pelo desejo de selecionar camaradas que vocês conhecem pessoalmente, criar esse grupo capaz de efetuar um trabalho unido no qual se encontra expressão todo aquele que leva em si uma corrente do Partido, tanto configurada ou não ou que permaneça indefinida em certos aspectos, mas que seja um grupo que em seu conjunto dirija o trabalho prático, que não representa proporcionalmente as matizes da reunião dada, mas que encabece o trabalho combatido, a luta contra nossos inimigos interiores e exteriores no espírito do acordo da Conferência, com o propósito de que não dê lugar para as desavenças ou a falta de coordenação. Por isso a consideração decisiva deve ser o conhecimento pessoal pelos que compõem da Conferência de cada candidato e a preferência pelo grupo no qual há a garantia de um trabalho

unido e não o princípio da proporcionalidade na eleição de um órgão executivo, que jamais foi aplicado e que dificilmente seria acertado aplicar agora. (Páginas 39, 40)
(...)

19 - Lenin – Obras Completas: Tomo XXXXV (1922 a 1923)

(...)
CARTA A I. V. STALIN PARA O BIRÔ POLÍTICO DO CC DO PC(b)R COM UM PROJETO DE DISPOSIÇÃO SOBRE A COMPOSIÇÃO DO CEC DE TODA A RÚSSIA

Ao camarada Stalin, para o *Birô Político*

A sessão do CEC de toda a Rússia mostrou que não se organizou devidamente a composição do CEC de toda a Rússia. A grande maioria de seus componentes são funcionários. Proponho que o Birô Político aprove o seguinte acordo: Estabelecer que é indispensável que pelo menos 60% dos componentes do CEC de toda a Rússia sejam operários e camponeses que não ocupem cargos no aparato dos Soviets; que pelo menos 67% dos componentes do CEC de toda a Rússia sejam comunistas; encoriar o estudo do problema para o próximo Pleno do CC aos seguintes três camaradas: Kalinin, Enukidze e Kamenev. Apresentá-lo primeiro ao Birô Político, e por meio deste ao Pleno do CC, para levá-lo ao próximo Congresso dos Soviets de toda a Rússia. 23/5/1922. (Página 216)

(...)

[CARTA ESCRITA POR LENIN NO FINAL DE DEZEMBRO DE 1922, LOGO DEPOIS DE AGRAVAR SEU ESTADO DE SAÚDE COM PARALISIA DO LADO DIREITO DO CORPO]

CARTA AO CONGRESSO

Eu aconselharia insistentemente que se faça neste Congresso várias mudanças em nosso regime político. Queria compartilhar com vocês as considerações que considero mais importantes. O primeiro de tudo é aumentar o número de membros do CC para várias dezenas, inclusive para uma centena. Acredito que se não fizermos esta reforma, nosso Comitê Central se veria ameaçado de grandes perigos, no caso de que o curso dos acontecimentos não nos seja favorável ao todo (e não podemos contar que seja assim). Também penso em propor ao Congresso que se dê caráter legislativo com certas condições aos acordos do Gosplán, aceitando neste aspecto, até certo ponto e com certas condições prévias, o que propõe o camarada Trotsky. No que se refere ao primeiro ponto, ou seja, ao aumento do número de membros do CC, acredito que é necessário tanto para aumentar o prestígio do CC como para realizar um trabalho sério tendo em vista a melhoria de nosso mecanismo administrativo e evitar que os conflitos de pequenas partes do CC possam adquirir uma importância excessiva para todos os destinos do Partido.

Opino que nosso Partido está em seu direito, ao pedir à classe operária um CC de cinquenta a cem membros, e que esta pode dar sem tensionar demais suas forças. Esta reforma tornaria muito mais firme o nosso Partido e lhe facilitaria a luta que sustenta, por conta dos Estados hostis, luta que, no meu modo de ver, pode e deve aumentar muito nos próximos anos. Acredito que, graças a esta medida, a estabilidade de nosso Partido seria mil vezes maior.

23. XII. 22.

Anotado por M. V. / Continuação das anotações
24 de dezembro do ano 22.

(...)

ADIÇÃO À CARTA DO DIA 24 DE DEZEMBRO DE 1922

Stalin é brusco demais, e esse defeito, plenamente tolerável em nosso meio e nas relações entre nós, os comunistas, é intolerável no cargo de secretário geral. Por isso proponho aos camaradas que pensem na forma de passar Stalin para outro post e de nomear para este cargo outro homem que se diferencie do camarada Stalin em todos os demais aspectos só por uma vantagem, a saber: que seja mais tolerante, mais leal, mais correto e mais atento com os camaradas, menos caprichoso, etc. Esta circunstância pode parecer uma bobagem insignificante. Mas acredito que, desde o ponto de vista de prevenir a cisão e do que escrevi antes das relações entre Stalin e Trotsky, não é uma bobagem ou se trata de uma bobagem que pode adquirir importância decisiva.

Lenin (Anotado por L. F.)
4 de Janeiro de 1923

CONTINUAÇÃO DAS ANOTAÇÕES. 26 DE DEZEMBRO DE 1922

A ampliação do CC para cinquenta ou inclusive cem membros deve perseguir, a meu modo de ver, um fim duplo ou inclusive triplo: quanto maior seja o número de membros do CC, mais aprenderão a realizar o trabalho deste e menor será o perigo de uma cisão devido a qualquer imprudência. A incorporação de muitos operários ao CC ajudará os operários a melhorar nosso corpo administrativo, que é péssimo. No fundo, o herdamos do velho regime, já que foi absolutamente impossível refazê-lo em um tempo tão curto, ainda mais com a guerra, com a fome, etc. Por isso podemos contestar tranquilamente aos “críticos” que nos apontam

com sorrisos sarcásticos ou com malícia os defeitos de nossa administração que não compreendem em absoluto as condições de nossa revolução. Em cinco anos é impossível reformar por completo a administração suficientemente, ainda mais atendidas as condições nas que se produziu nossa revolução. Temos feito bastante em criar um cinco anos um novo tipo de Estado no qual os operários lideram os camponeses contra a burguesia, o qual, tendo em conta a hostil situação internacional, é uma obra gigantesca. Mas ao saber que isso é assim em modo algum deve nos impedir de ver que, no fundo, temos tomado a velha administração do czar e da burguesia e que agora, ao vir a paz e cobrir num nível mínimo as necessidades mínimas relacionadas com a fome, todo o trabalho deve se orientar em melhorar a administração. Eu imagino as coisas que umas dezenas de operários incluídos no CC podem, melhor que quaisquer outros, se entregar ao trabalho de revisar, melhor e refazer nossa administração. A Inspeção Operária e Camponesa, a quem em princípio pertencia essa função, foi incapaz de cumpri-la e só pode ser usada como “apêndice” ou auxiliar, em determinadas condições, destes membros do CC. Os operários que passem a ser parte do CC devem ser principalmente, para mim, não dos que tem atuado há muito tempo nos organismos dos Soviets (nesta parte da carta, quando digo operários sempre me refiro também aos camponeses), porque neles estão arraigadas certas tradições e certos preconceitos que é desejável precisamente combater. Os operários que se incorporem ao CC devem ser, principalmente, pessoas que se encontrem abaixo do setor dos promovidos nestes cinco anos a funcionários dos Soviets e devem estar mais próximo dos operários e camponeses de base, que, porém, não entram, nem direta nem indiretamente, na categoria dos exploradores. Acredito que esses operários, que participarão de todas as reuniões do CC e do Birô Político e lerão todos os documentos do CC, podem formar um núcleo de fiéis partidários do regime soviético, capazes, primeiro, de dar estabilidade ao próprio CC e, segundo de se empenhar de verdade em renovar e melhorar a administração.

Lenin (Anotado por L. F.)

26.X11.22

(Páginas 359 a 364)

20- A estrutura, os métodos e a ação dos partidos comunistas

Teses da III Internacional (Junho de 1921)

I. Generalidades

1. A organização do partido deve se adaptar às condições e aos objetivos de sua atividade. O Partido Comunista deve ser a vanguarda, o exército dirigente do proletariado, durante todas as fases de sua luta de classes revolucionária, e durante o período de transição em direção à realização do socialismo, primeiro degrau da sociedade comunista.

2. Não pode haver uma forma de organização imutável e absolutamente conveniente para todos os partidos comunistas. As condições da luta proletária se transformam constantemente e, conforme essas transformações, as organizações da vanguarda do proletariado devem também procurar constantemente formas novas e adequadas. As particularidades históricas de cada país determinam também formas especiais de organização para os diferentes países.

Sobre esta base deve se desenvolver a organização dos Partidos Comunistas e não tender à formação de algum novo partido modelo no lugar daquele já existente ou procurar uma forma de organização absolutamente correta ou com estatutos ideais.

3. A maioria dos Partidos Comunistas, assim como a Internacional Comunista e o conjunto do proletariado revolucionário do mundo inteiro, concorda, nas condições de sua luta, que devem lutar contra a burguesia dominante. A vitória sobre ela, a conquista do poder arrancado à burguesia, constitui para esses partidos e para sua Internacional o objetivo principal.

O essencial, portanto, para o trabalho de organização dos Partidos Comunistas nos países capitalistas, é definir uma organização que torne possível a vitória da revolução proletária sobre as classes possuidoras e que a assegure.

4. Nas ações comuns, é indispensável para o sucesso ter uma direção, isto é, sobretudo em função dos grandes combates da história mundial. A organização de Partidos comunistas é a organização da direção comunista da revolução proletária.

Para bem guiar as massas, o Partido tem necessidade de uma boa direção. A tarefa essencial de organização que se impõe a nós é a seguinte: formação, organização e educação de um Partido Comunista puro e realmente dirigente para guiar o movimento revolucionário proletário.

5. A direção da luta social-revolucionária supõe, nos Partidos Comunistas e em seus órgãos dirigentes, a combinação do maior poder de ataque e da mais perfeita adaptação às condições cambiantes da luta.

Uma boa direção supõe, além do mais, a ligação da maneira mais absoluta e mais estreita com as massas proletárias. Sem essa ligação, o Comitê diretor não guiará jamais as massas, só poderá, no melhor dos casos, segui-las.

Essas relações orgânicas devem ser obtidas nas organizações do partido Comunista pelo centralismo democrático.

II. O Centralismo Democrático

6. O centralismo democrático na organização do Partido Comunista deve ser uma verdadeira síntese, uma fusão da centralização e da democracia operária. Essa fusão só pode ser obtida por uma atividade comum permanente, por uma luta igualmente comum e permanente do conjunto do partido.

A centralização no Partido Comunista não deve ser formal e mecânica; deve ser uma centralização da atividade comunista; isto é, a formação de uma direção poderosa, pronta para o ataque e ao mesmo tempo capaz de adaptação.

Uma centralização formal ou mecânica será apenas a centralização do “poder” nas mãos de uma burocracia para dominar os outros membros do partido ou as massas do proletariado revolucionário exteriores ao partido. Mas só os inimigos do comunismo podem pretender que, por essas funções de direção da luta proletária e pela centralização dessa direção, o Partido Comunista queira dominar o proletariado revolucionário. Isso é uma mentira e, além do mais, no interior do parido a luta pela dominação ou um antagonismo de autoridades é incompatível com os princípios adotados pela Internacional Comunista relativamente ao centralismo democrático.

Nas organizações do velho movimento operário não-revolucionário, se desenvolveu um dualismo da mesma natureza que nas organizações do estado burguês. Falamos do dualismo entre a burocracia e o “povo”. Sob a influência burguesa, as funções se isolaram e a comunidade do trabalho foi substituída por uma democracia puramente formal, e a própria organização se dividiu em funcionários ativos e numa massa passiva. O movimento operário revolucionário herda do meio burguês, até certo ponto, inevitavelmente, esta tendência ao formalismo e ao dualismo.

O Partido Comunista deve superar radicalmente esses antagonismos por um trabalho sistemático, político e de organização pelas melhorias e revisões repetidas.

7. Um grande Partido Socialista, transformando-se em Partido Comunista, não deve se limitar a concentrar em sua direção central a função de autoridade, deixando subsistir para o resto o antigo estado de coisas. Se a centralização não deve ser letra morta, mas se transformar em fato real é necessário que sua realização se cumpra de maneira que ela seja, para os membros do partido, um reforço e um desenvolvimento, realmente justificados, de sua atividade de sua combatividade comum. De outro modo, ele aparecerá para as massas como simples burocratização do Partido e provocará assim uma oposição a toda centralização, toda direção e toda disciplina estrita. O anarquismo é antípoda do burocratismo.

Uma democracia puramente formal no partido não pode descartar nem as tendências burocráticas, nem as tendências anárquicas, pois é precisamente sobre a base desta democracia que a anarquia e a burocracia se desenvolverem no movimento operário. Por esta razão, a centralização, isto é, o esforço para manter uma direção forte, não pode ter sucesso se tentar obtê-la no terreno da democracia formal. É então indispensável, antes de tudo, desenvolver e manter contato vivo e relações mútuas entre o Partido e as massas do proletariado que lhe pertencem.

III. O Dever do Trabalho dos Comunistas

8. O Partido Comunista deve ser uma escola de trabalho do marxismo revolucionário. É pelo trabalho cotidiano comum nas organizações do Partido que se estreitarão os laços entre os diferentes membros. Nos Partidos Comunistas legais, falta ainda hoje a participação regular dos membros no trabalho político cotidiano. É o seu maior defeito e a causa de uma incerteza perpétua de seu desenvolvimento.

9. O perigo que sempre ameaça um Partido operário que ensaiia seus primeiros passos em direção à transformação comunista é o de se contentar com a aceitação de um programa comunista e substituir sua propaganda e sua doutrina precedente por aquela do comunismo e de somente substituir os funcionários hostis a esta doutrina. Mas a adoção se um programa comunista é apenas a vontade de ser comunista. Se a isso não se acrescentarem ações comunistas e se, na organização do trabalho político, a passividade da massa dos membros for mantida, o Partido não cumprirá a mínima parte do que promete ao proletariado pela aceitação de um programa comunista. A primeira condição de uma realização séria desse programa é, pois, o exercício de todos os membros no trabalho cotidiano permanente.

A arte da organização comunista consiste em utilizar tudo e todos na luta proletária de classes, em repartir racionalmente entre todos os membros do partido o trabalho político e, por seu intermédio, levar as grandes massas do proletariado ao movimento revolucionário, a manter firmemente em suas mãos a direção do conjunto do movimento, não pela força do poder, mas pela força da autoridade, isto é, aquela da energia, da experiência, da capacidade e da tolerância.

10. Todo Partido Comunista deve, então, em seus esforços para ter apenas membros verdadeiramente ativos, exigir de cada um dos que figuram em suas fileiras que coloque à disposição de seu partido sua força e seu tempo, na medida em que possa dispor, nas circunstâncias dadas, e sempre consagrar ao partido o melhor de si. Para ser membro do Partido Comunista, é necessário, de maneira geral, além da convicção comunista, cumprir também as formalidades da inscrição, primeiro como candidato e, em seguida, como membro. É necessário pagar regularmente as cotizações estabelecidas, a assinatura do Jornal do Partido etc. Mas o mais importante é a participação de cada um no trabalho político cotidiano.

11. Todo membro do Partido deve, de maneira geral, em vista do trabalho político cotidiano, ser incorporado num pequeno grupo de trabalho: num comitê, numa comissão, grupo de estudos, fração ou núcleo. Apenas dessa maneira o trabalho político pode ser repartido, dirigido e cumprido regularmente.

Não é preciso dizer que é necessário participar das reuniões gerais das organizações locais. É mau, nas condições legais, procurar substituir essas reuniões periódicas por representações locais; é preciso, ao contrário, que todos os membros sejam obrigados a assistir regularmente a essas reuniões. Mas isso não é suficiente. A preparação regular dessas reuniões impõe um trabalho feito em pequenos grupos ou por camaradas especialmente encarregados, assim como a preparação da utilização eficaz das reuniões gerais dos operários, manifestações e ações de massas do proletariado. As tarefas múltiplas desta atividade só podem ser tentadas e realizadas com intensidade por pequenos grupos, sem esse trabalho constante, ainda que mediocre, do conjunto dos membros, repartido entre os pequenos grupos operários, os esforços mais zelosos na luta de classes do proletariado só podem tornar vãs todas as tentativas para influenciar essas lutas; elas podem levar à concentração necessária de todas as forças revolucionárias num Partido Comunista unido e capaz de agir.

12. É preciso fundar núcleos comunistas para o trabalho cotidiano nos diferentes domínios da atividade política do Partido: para a agitação a domicílio, para os estudos do Partido, para o serviço de imprensa, distribuição de literatura, serviços dos novos, contatos etc.

Os núcleos comunistas são grupos para o trabalho comunista cotidiano nas empresas, fábricas, sindicatos, associações proletárias, unidades militares etc., em todos os lugares onde há alguns membros ou candidatos ao Partido comunista. Se houver vários deles numa mesma empresa ou sindicato, o núcleo se tornará uma fração cujo trabalho está dirigido pelo grupo de núcleo.

(...)

13. (...) O que é particularmente importante é que esta organização seja feita desde o início com a maior atenção após madura reflexão. Será fácil repartir o trabalho em cada organização se todos os membros seguirem um esquema formal em pequenos núcleos e convidar esses núcleos a atuarem na vida cotidiana do partido. Um tal início será pior do que a inação. Provocará logo a desconfiança e o afastamento dos membros do partido contra essa importante transformação.

(...) Em seguida, deve-se colocar as tarefas definidas e concretas para as organizações, os grupos operários, núcleos e diferentes membros. Isso deve ser feito de tal maneira que essas tarefas apareçam para eles como úteis, desejáveis e práticas. Se necessário, pode-se mostrar com exemplos práticos como se executam as tarefas. Assim procedendo, eles compreenderão contra quais erros deverão se guardar de maneira especial.

(...)

15. Essa tarefa fundamental de organização obriga os órgãos dirigentes a guiar continuamente e a, influenciar sistematicamente o trabalho do partido e fazê-lo de uma forma completa e sem intermediários. Resulta daí, para os camaradas que estão à frente das organizações do partido, a obrigação de empreender os trabalhos mais diversos. (...)

(...)

17. A prestação de contas é um dever dos mais indispensáveis para as organizações comunistas. Ela se impõe também a todas as organizações e órgãos do Partido, assim como a cada membro individualmente. A prestação de contas deve ser feita regularmente. Nessas ocasiões, é preciso fazer relatórios sobre o cumprimento de missões especiais confiadas pelo Partido. É importante fazer essas prestações de contas de forma sistemática, a ponto de esse procedimento se enraizar no movimento comunista como uma de suas melhores tradições.

18. O Partido deve fazer regularmente um relatório à direção da Internacional Comunista. As diferentes organizações do Partido devem fazer seu relatório ao comitê imediatamente superior (por exemplo, relatório mensal da organização local ao respectivo comitê do Partido).

Cada núcleo, fração e núcleo aberto devem fazer um relatório ao órgão do partido sob cuja direção efetiva se encontre (...) devem endereçar seu relatório a quem o encarregou da tarefa.

Esse tipo de prestações de contas deve acontecer na primeira oportunidade, oralmente se o Partido ou o mandante não exigirem relatório escrito. Os relatórios devem ser concisos e conter os fatos. O órgão que o recebe assume a responsabilidade de sua conservação e seu conteúdo só será publicado se não houver perigo. Ele é igualmente responsável pela comunicação dos relatórios importantes ao órgão dirigente do partido sem devolução.

19. Não é necessário dizer que a esses relatórios do partido não se devem limitar a dar conhecimento do que o relator fez, mas também conter comunicações a respeito das circunstâncias observadas durante sua atividade e que possam ser importantes para nossa luta. Devem mencionar particularmente as observações que possam ocasionar uma mudança ou melhoria de nossa tática futura. É necessário também propor neles as melhorias e as necessidades que se fizerem sentir no decorrer da atividade.

Em todos os núcleos, frações e grupos de trabalho comunistas, os relatórios recebidos por essas organizações ou a serem feitos por elas devem se tornar um hábito.

Nos núcleos e grupos de trabalho, deve-se velar para que os membros individualmente ou os grupos recebam regularmente a missão especial de observar e relatar o que acontece nas organizações do adversário e particularmente nas organizações operárias pequeno-burguesas e nos Partidos "Socialistas".

IV Propaganda e Agitação

20. Nossa tarefa mais importante antes do levante revolucionário declarado é a propaganda e a agitação revolucionária (...)

A propaganda e a agitação comunista deve, antes de tudo, se enraizar nos meios mais profundos do proletariado. Elas devem ser engendradas pela vida concreta dos operários, seus interesses comuns, particularmente por suas lutas e esforços.

(...)

21. As principais formas de propaganda e agitação são: conversas pessoais, participação nos combates dos movimentos operários – sindicais e políticos, ação pela imprensa e a literatura do partido. Cada membro de um partido legal ou ilegal deve, de uma ou de outra forma, participar regularmente dessa atividade.

(...)

22. (...) A propaganda comunista deve se servir de seus princípios nas diferentes situações para se sustentar no espírito do operário, durante sua luta interior contra as tradições e tendências burguesas, mas que são para ele um elemento de progresso revolucionário.

Ao mesmo tempo a propaganda comunista não deve se limitar aos pedidos ou esperanças das massas proletárias tais como são hoje, isto é, restritas e indecisas. Os germes revolucionários desses pedidos esperanças formam apenas ponto de partida de que precisamos para influenciá-las. Pois é nessa combinação que se pode explicar o comunismo ao proletariado de uma maneira mais compreensível.

23. É preciso levar a Agitação comunista entre as massas proletárias, de tal maneira que os proletários militantes reconheçam nossa organização comunista como a que deve dirigir leal e corajosamente, com previdência e energia, seu próprio movimento em direção a um objetivo comum.

Para isso, os comunistas devem tomar parte em todas as lutas espontâneas e movimentos da classe operária e assumir como sua a missão de salvaguardar os interesses dos operários em todos os seus conflitos com os capitalistas a respeito da jornada de trabalho etc. os comunistas devem ocupar-se energicamente das questões concretas da vida dos operários, ajudá-los a se desembaraçar dessas questões, chamar sua atenção para os casos de abusos mais importantes, ajudá-los a formular exatamente e de forma prática suas reivindicações aos capitalistas e, ao mesmo tempo, desenvolver entre eles espírito de solidariedade e a consciência da comunidade de interesse dos operários de todos os países como uma classe unida que constitui parte do exército mundial do proletariado.

Apenas participando desse trabalho miúdo e cotidiano absolutamente necessário, jogando todo seu espírito de sacrifício nos combates do proletariado, o “Partido Comunista” pode se transformar em verdadeiro Partido Comunista. Apenas por esse trabalho os comunistas se distinguirão desses partidos socialistas de mera propaganda e alistamento que já tiveram sua época e cuja atividade consiste apenas em reuniões, discursos sobre as reformas e a exploração das possibilidades parlamentares. A participação consciente e devotada de toda massa dos membros de um Partido na escola das lutas e contendas cotidianas entre os explorados e os exploradores é a premissa indispensável não somente de conquista, mas, numa medida mais larga, da realização da ditadura do proletariado. Somente se colocando a frente das massas operárias em suas guerrilhas constantes contra o ataque do capital o Partido Comunista pode se tornar a vanguarda da classe operária, aprender sistematicamente a dirigir de fato o proletariado e adquirir os meios de preparar conscientemente a derrota da burguesia.

(...)

27. As frações e os grupos de operários devem se preparar cuidadosamente para a participação dos comunistas nas assembleias e conferências das organizações sindicais. Devem, por exemplo, elaborar suas próprias proposições, escolher seus relatores e oradores para sua defesa, propor como candidatos os camaradas capazes, experimentados e enérgicos etc.

(...)

30. Para a propaganda no exército e na frota do Estado capitalista, será preciso procurar em cada país os métodos mais apropriados. A agitação antimilitarista no sentido pacifista é má, pois ela não pode senão encorajar a burguesia em seu desejo de desarmar o proletariado. O proletariado rejeita a princípio e combate da maneira mais enérgica todas as instituições militaristas do Estado burguês e da classe burguesa em geral. Por outro lado, o proletariado aproveita-se dessas instituições (exército, sociedades de preparação militar, milícia de defesa civil e etc.) para exercitar militarmente os operários para as lutas revolucionárias. A agitação ostensiva não deve ser dirigida contra a formação militar da juventude operária, mas contra as arbitrariedades dos oficiais. O proletariado deve utilizar da forma mais enérgica possível todas as possibilidades de se apossar das armas.

O antagonismo de classes que se manifesta nos privilégios materiais dos oficiais e no mau tratamento dispensado aos soldados deve tornar-se claro para esses últimos. (...)

(...)

VI. A Imprensa do Partido

(...)

Para fazer do jornal uma verdadeira organização de combate, uma poderosa e viva associação de trabalhadores comunistas, impõe-se várias medidas práticas.

Todo comunista se liga estreitamente a seu jornal, trabalhando e se sacrificando por ele. Ele é sua arma cotidiana que, para servir, deve se transformar cada vez mais forte e afiado. Somente graças aos sacrifícios financeiros e materiais, o jornal comunista conseguirá se manter. Os membros do Partido devem constantemente fornecer os meios necessários para sua organização e para sua melhoria, até que ele seja distribuído nos grandes partidos legais e sólido o suficiente para organização do movimento comunista.
(...)

VII A Estrutura do Conjunto do Partido

(...) 47. O Comitê Central do Partido (conselho central ou comissão) é responsável perante o Congresso do Partido e perante a direção da Internacional Comunista. O Comitê Central reduzido, bem como o Comitê completo ou ampliado, o conselho ou a comissão são eleito, em regra geral, pelo congresso do Partido. Se o congresso do Partido julgar necessário, poderá encarregar a direção central para eleger uma direção limitada composta pelo *Bureau* político e pelo *Bureau* de organização. A política e os negócios correntes do Partido são dirigidos, sob a responsabilidade da direção limitada, por esses dois *Bureaux*. A direção reduzida convoca regularmente reuniões gerais do Comitê Diretor para tomar decisões de grande importância e alto porte. A fim de tomar conhecimento da situação política geral com seriedade necessária e conhecer exatamente a capacidade de ação do Partido, de ter sobre isso uma visão exata e clara, é indispensável nas eleições da direção central do Partido, considerar as proposições apresentadas pelas diferentes regiões do país. Pela mesma razão, as opiniões táticas divergentes de caráter sério não devem ser relegadas nas eleições para a direção central. Ao contrário, é preciso agir de maneira que as opiniões divergentes estejam representadas no Comitê Diretor pelos seus melhores defensores. A direção reduzida deve, entretanto ser coerente com essas concepções e para ser firme e segura não deve se basear somente em sua autoridade, mas também em uma maioria sólida evidente e numerosa no conjunto do Comitê Diretor.

Graças a uma constituição bastante ampla de sua direção central, o grande Partido legal terá logo seu Comitê Central sobre a melhor das bases: uma disciplina firme e a confiança absoluta dos membros; além do mais, ele poderá assim combater e sanar os males e fraquezas que possam surgir entre os funcionários; poderá evitar igualmente a acumulação desses tipos de infecções no Partido e a necessidade de uma operação talvez catastrófica que se imporá em seguida ao congresso.

48. (...) As diferentes direções especiais estão submetidas ou à direção central, ou ao Comitê Regional do Partido. O controle da atividade, assim como a boa composição de todos os comitês subordinados, pertence ao Comitê Regional do Partido e, em último lugar, à direção central. Os membros empregados no trabalho político do Partido, assim como os parlamentares, são diretamente subordinados ao Comitê Diretor. Pode ser útil alterar de tempos em tempos as ocupações e o trabalho dos camaradas funcionários do Partido (por exemplo, os redatores, os propagandistas, os organizadores etc.) sem dificultar muito seu funcionamento. Os redatores e os propagandistas devem participar, durante um período prolongado, da ação política regular do Partido em um dos grupos especiais de trabalho.

49. A direção central do Partido, assim como a da Internacional Comunista, tem o direito de exigir a qualquer momento informações completas de todas as organizações comunistas, de seus comitês e seus diferentes membros. Os representantes e os delegados da direção central devem ser admitidos em todas as reuniões e em todas as assembleias com voz consultiva e com direito de veto. (...)

Toda organização e todo órgão do Partido, assim como todo membro, tem o direito de comunicar a qualquer momento e diretamente à direção central do Partido ou a Internacional seus desejos, iniciativas, observações ou reivindicações.

50. As diretrizes e as decisões dos órgãos dirigentes do Partido são obrigatorias para as organizações subordinadas e para os diferentes membros.

A responsabilidade dos órgãos dirigentes e seu dever de se proteger contra os atrasos e abusos de parte das organizações dirigentes só podem ser determinados formalmente e em parte. Quando menor sua responsabilidade formal, por exemplo, nos Partidos ilegais, mais devem procurar conhecer a opinião dos demais membros do Partido, procurar informações sólidas e regulares e só tomar decisões após reflexão madura e séria.

51. Os membros do Partido devem, em sua ação pública, agir sempre como membros disciplinados de uma organização combatente. Sempre que surgirem divergências de opinião sobre a maneira mais correta de agir, deve-se decidir sobre essas divergências, sempre que possível, antes da ação, no interior das organizações do Partido e somente agir após ter tomado essa decisão. A fim de que toda decisão do Partido seja aplicada com energia por todas as organizações e todos os membros é preciso, sempre que possível, chamar as massas do Partido para discussão e decisão das diferentes questões. As organizações e as instâncias do Partido têm o dever de decidir de que forma e em que medida tal ou qual questão pode ser discutida pelos diferentes camaradas diante da opinião pública do partido (na imprensa, nas brochuras). Mas, mesmo que esta decisão da organização ou da direção esteja errada, segundo o ponto de vista de alguns camaradas, estes não devem jamais esquecer em sua ação pública que a pior infração disciplinar e a falta mais grave que se pode cometer durante a luta é romper a unidade na luta comum ou enfraquecê-la.
(...)

As decisões da Internacional Comunista devem ser aplicadas sem demora pelos Partidos afiliados, mesmo no caso de alteração dos estatutos e decisões do Partido, conforme os próprios estatutos.

VIII. A Combinação do Trabalho Legal com o Trabalho Ilegal

(...)

53. Os Partidos Comunistas legais dos países capitalistas em geral ainda não compreenderam suficientemente como sua a tarefa de preparação para os levantes revolucionários, para o combate pelas armas e, em geral, para a luta ilegal. Frequentemente se constrói a organização do Partido tendo em mira uma ação legal prolongada e segundo as exigências das tarefas legais cotidianas.

Nos Partidos ilegais, ao contrário, frequentemente não se comprehende que é necessário utilizar as possibilidades da ação legal e construir o Partido de tal sorte que tenha uma ligação viva com as massas revolucionárias. Os esforços do Partido têm a tendência de se transformar num trabalho de Sísifo ou numa conspiração impotente.

Esses dois erros, tanto aquele do Partido ilegal como o do Partido legal, são graves. Todo Partido Comunista legal deve saber preparar, da maneira mais enérgica, para a necessidade de uma existência clandestina e estar particularmente armado para os levantes revolucionários. E, de outra parte, cada Partido Comunista ilegal deve saber utilizar todas as possibilidades do movimento operário legal para se transformar, por um trabalho político intensivo, no organizador e verdadeiro guia das grandes massas revolucionárias. A direção do trabalho legal e do trabalho ilegal deve estar constantemente nas mãos da direção central do Partido.

(...)

BLOCO 3 – CONCEPÇÃO e REGIME de PARTIDO em TROTSKY e CANNON

1 - Uma pequena contextualização deste debate em Trotsky e Cannon (de responsabilidade dos organizadores da apostila)

Trotsky

Em relação ao tema partido Trotsky só se tornou um bolchevique as vésperas da revolução de 1917. Até 1917 Trotsky manteve seu próprio grupo e não tomou parte de nenhuma das frações do POSDR (mencheviques e bolcheviques), mas manteve sempre uma polêmica forte contra Lenin nas questões relacionadas à concepção do partido.

Em 1917 Trotsky, no meio da revolução, já se considerava um bolchevique, ele mesmo escreveu que a fusão política com os bolcheviques precedeu a fusão organizativa. Em seus discursos no Soviet já falava: “nós, bolcheviques e internacionalistas...”.

No final do ano de 1923, Trotsky divulga uma série de artigos no Pravda, que formam o livro O Novo Curso (primeiro texto da oposição de esquerda) onde Trotsky analisa a natureza de um processo inicial de burocratização da URSS e já alerta para os perigos gerados em torno da relação do Partido com o aparato do Estado operário. O “Novo Curso” foi uma política elaborada pela chamada Troika de Stalin, Zinoviev e Kamenev, como resposta às insatisfações políticas no interior do partido, geradas pelos problemas políticos e econômicos suscitados pela aplicação da Nova Política Econômica (NEP) desde 1921, nesse momento também havia se dado a derrota da Revolução Alemã. A Troika é obrigada a votar a política do “Novo Curso”, mas ao mesmo tempo desataram uma campanha de calúnias contra Trotsky e os principais dirigentes da Oposição de Esquerda. Trotsky, neste momento estava doente e impedido de intervir publicamente. Aqui Trotsky ainda não considerava a burocracia como contra-revolucionária.

Também é desta época (1923) o texto “Questões do modo de vida: a época do “militantismo cultural” e as suas tarefas. Do qual publicamos alguns trechos para nosso estudo.

Em 1924 no XIV Congresso do PCUS é introduzida uma nova fórmula ao centralismo democrático (a estrita ordem do centralismo democrático). A resolução excepcional adotada no X congresso do PCUS, ainda com Lenine vivo, que proibia frações e tendências é tomada como regra no PCUS e depois estendida a toda a internacional e ganha o status de “concepção”.

Em 1927 Trotsky é expulso do PCUS, mas segue sua batalha pelo partido e pela internacional mesmo exilado e expulso. Em 1928, ele escreve uma crítica aos documentos do Congresso da internacional (que ia votar documentos de programa e organização) e faz um documento em sua defesa contra as calúnias da Troika e solicitando ao congresso que seja revista a sua expulsão, este texto intitulado “Stalin o organizador de derrotas” é parte fundamental do estudo que estamos fazendo, e publicamos em particular trechos do capítulo 11: “As questões de Regime no interior do partido”.

Em 1937 Trotsky escreve um importante texto: “O estalinismo e o Bolchevismo”, onde vai discutir se a concepção de partido bolchevique é responsável pelo estalinismo como tentam fazer crer o reformismo e os anarquistas. Esse texto é de extrema atualidade e de leitura obrigatória para qualquer revolucionário que reivindique o partido bolchevique.

Desta época que vai de 1933 até seu assassinato em 1940, publicamos trechos de vários artigos e cartas para a direção do SWP, com destaque para o livro em defesa do Marxismo onde Trotsky faz uma forte polêmica com a fração antidefensista (setor que estava contra a defesa da URSS frente a guerra imperialista, lembremos que a segunda Guerra mundial estava começando) organizada no interior do SWP. Aqui surgem discussões importantíssimas sobre o regime e a organização do partido: o caráter de classe das frações em luta, o direito da oposição de tornar pública suas posições, o papel da composição social do partido na democracia interna, a relação entre os operários e os intelectuais, o conceito de centralismo democrático e a relação dialética entre centralismo e democracia, etc.

Trotsky sempre dizia que as ideias e as consignas não caem do céu, são elaboradas no curso de uma luta prolongada e só podem ser entendidas na história da sua elaboração. O mesmo valia para o Partido, ele dizia: “O regime de um partido não cai do céu, senão que se forma gradualmente na luta.”

J. Cannon

Cannon era filho de um operário sindicalista. Começou a trabalhar aos 12 anos, quando sua mãe faleceu. Primeiro trabalhou em uma fábrica de alimentos, depois na ferrovia, ainda antes de completar seus estudos. Depois passou a trabalhar como jornalista em sindicatos. Aos 18 anos ingressa no PS (Partido Socialista), nesta época já era um ativista sindical, organizava greves, etc. Aos 27 anos, com a Revolução Russa, Cannon dá um giro à esquerda, rompe com o PS, e se torna um dos fundadores do movimento Comunista dos EUA, que até então não existia. Depois do Congresso de 1928, da Terceira, Cannon entra para a Oposição de Esquerda ao ter acesso (por engano) e concordar com um texto que Trotsky havia

enviado ao Congresso. Expulsos do PC, Cannon, Schachtman e Abern passam a atuar como fração pública do PC. Foi um período muito difícil de isolamento político e social.

Atuam no ascenso que se abriu nos EUA em 1933/34 (depois da grande crise de 1929) como Liga Comunista das Américas, e localizam-se muito bem. Ganham a regional de Mineapolis, onde havia um forte trabalho de mineiros e intervêm vitoriosamente na greve dos caminhoneiros. Entre 36 e 37 fazem um bem-sucedido entrismo no PS, do qual saem fortalecidos e em 1938 fundam o SWP, que rapidamente se transforma no principal partido da IV Internacional. O SWP foi a principal base da denúncia dos processos de Moscou, assim como também coube aos seus quadros a defesa pessoal e de Trotsky no México. A direção do SWP, Cannon em especial, teve muito contato e trabalhou com Trotsky mais que qualquer outro.

O primeiro texto que publicamos data de 1938 e é um texto unitário de Cannon e Schachtman que expressa a Concepção de partido e o regime sob o qual o SWP é fundado. Os outros textos de Cannon selecionados tratam de dois momentos cruciais de luta política no interior do SWP. O texto de 1940 – A luta por um Partido Operário - é uma resposta a luta política contra a fração antidefensista de Burnham, Schachtman e Abern. Era véspera da Segunda Guerra e havia uma pressão enorme da classe média e dos democratas no sentido de nacionalista, de defesa dos EUA, que tornava muito difícil a defesa da URSS (Stalin havia acabado de fazer o famoso acordo com Hitler) véspera da segunda guerra. Em meio a esta luta política muito se debateu sobre regime e concepção de partido. E conhecer a história dessa luta política é muito importante para nosso aprendizado.

Os textos que datam de 53 e 55 “A luta fracional e direção do partido” e a carta a Vicent Dunne, refletem um outro momento. O texto de 53 é um discurso de Cannon em uma plenária do SWP, fazendo um balanço da luta política contra a fração de Cochran-Clarke. Cochran era um sindicalista de Detroit, que vivia um processo de acomodação e burocratização, num momento de refluxo prolongado do movimento operário norte americano. Clarke, era de Nova York era também um sindicalista que neste momento ocupava um posto na Central Sindical Americana. Essa fração composta por dirigentes sindicais refletia a adaptação e a burocratização dos sindicatos americanos e o refluxo do movimento operário. Tinha um curso revisionista e questionava diretamente o partido do tipo leninista (eram ligados à direção de Michel Pablo, dirigente da Internacional que defendia o *entrismo sui generis* nos PC's), seu slogan era “Abaixo o velho trotskismo!”. Este texto em particular é muito rico no que toca o tema da formação da direção num partido centralizado democraticamente.

(TROTSKY)

2 - O Novo Curso Trotsky (1923) *

PRÓLOGO À EDIÇÃO GREGA^[1] (28 de Janeiro de 1933)

(...) As idéias e as consignas não caem do céu; são elaboradas no curso de uma luta prolongada. Por isso é difícil compreender corretamente as ideias, tanto científicas como políticas, sem conhecer a história de sua elaboração.

O folheto “O novo curso” está dedicado quase exclusivamente as análises de problemas internos da URSS. A questão da democracia do partido ocupa um bom número de páginas, porém não está colocada desde um ponto de vista abstrato, mas sim materialista, inseparavelmente ligado as relações recíprocas entre as classes no país e as agrupações políticas do proletariado. (...).

A democracia do partido não é necessária como fim em si mesma, mas sim como meio para educar e unificar a vanguarda proletária no espírito do marxismo revolucionário. Democracia de nenhuma maneira significa, porém, que as portas estão abertas a todos. A organização revolucionaria só pode crescer e se fortalecer se constantemente se depura e amplia sua base operária. Uma política classista correta é a premissa principal para que exista uma democracia saudável no partido. Sem isso, tudo que se diga da democracia e da disciplina carece de conteúdo, pior ainda, se converte em uma arma para a desorganização do movimento operário.

PREFACIO

(...) Nossa partido é suficientemente maduro para não ser obrigado a refugiar-se na apatia. Pelo contrário, no calor das discussões um regime mais estável de democracia assegurará a nossa discussão o caráter que deve ter e ensinará a apresentar ao partido somente dados cuidadosamente verificados. Nesse sentido, a opinião pública do partido deve formar-se na arte da crítica impiedosa. As células de fábrica, em sua experiência diária, devem verificar os dados da discussão e suas conclusões. Também seria muito útil que a juventude estudantil tomasse como base de seus trabalhos históricos, econômicos e estatísticos, a verificação minuciosa dos dados utilizados na discussão atual do partido e sobre os quais este baseará suas decisões no futuro.

O PROBLEMA DAS GERAÇÕES NO PARTIDO

(...) Não é casual que o problema da democracia se tenha colocado primeiramente como um problema das relações entre as diversas gerações. Esse é o resultado lógico de toda a evolução de nosso partido, cuja história pode dividir-se esquematicamente em quatro períodos: a) a preparação, que durou um quarto de século e que finalizou em outubro; b) Outubro; c) o período posterior a outubro; d) o “novo curso”, ou seja, o período em que entramos agora.

Apesar de sua riqueza, sua complexidade e da diversidade das etapas realizadas, compreendemos que o período anterior a Outubro teve somente um caráter preparatório. Outubro permitiu verificar a ideologia e a organização do partido e de seus militantes. Por Outubro entendemos o período mais agudo da luta pelo poder que pode fixar-se, aproximadamente, nas “Teses de abril” de Lenin e que termina com a tomada do aparato do Estado.

(...) A conquista do poder foi seguida de um crescimento rápido, quase anormal, do partido, que atraiu para suas fileiras não somente trabalhadores pouco conscientes, mas também certos elementos totalmente estranhos a seu espírito: funcionários, arrivistas e politiqueiros. Neste período caótico, o partido só conservou sua natureza bolchevique graças a ditadura interna da velha guarda que havia demonstrado suas atitudes em Outubro. (...)

Em todos os problemas, de maior ou menor importância, os novos membros aceitaram então, quase sem discussão, a direção da velha geração. Os arrivistas consideravam esta docilidade como o melhor meio para consolidar sua situação dentro do partido. Porém seus cálculos falharam. Mediante uma depuração rigorosa de suas próprias fileiras, o partido se livrou deles. Os efetivos do partido diminuíram, porém, sua consciência aumentou.

(...) O conjunto do partido se dispõe a passar a uma fase histórica mais elevada. É como se a base dos comunistas dissesse aos dirigentes: *“Companheiros, vocês têm a experiência anterior a Outubro que falta para a maioria de nós; porém sob a vossa direção temos adquirido depois de Outubro uma grande experiência, que cada dia merece mais consideração. E queremos não somente ser dirigidos por vocês mas participar da direção do proletariado. Queremos isso não somente porque temos direito como membros do partido senão também porque é absolutamente necessário para que a classe operária avance. Sem nossa experiência, devido ao fato de estarmos na base do partido, experiência que deve não só ser levada em conta nas esferas dirigentes, senão que deve ser introduzida por nós mesmos na vida do partido, o aparato dirigente se burocratiza e nós, comunistas de base, não nos sentimos suficientemente armados ideologicamente perante os sem partido.”*

A notícia dos acontecimentos da Alemanha comoveu o partido. Nesse momento ficou claro que o partido vive, de alguma maneira, em dois níveis: o nível superior, aonde se decide, e o nível inferior, que se limita a tomar conhecimento das decisões. No entanto, a revisão crítica do regime interno do partido foi postergada pela espera ansiosa do desenlace, que parecia próximo, dos acontecimentos da Alemanha. Quando se comprehendeu que esse desenlace estava atrasado pelas forças sociais, o partido colocou na ordem do dia o problema do “novo curso”.

(...) O burocratismo não é uma característica momentânea de algumas organizações locais senão um fenômeno geral. Não vai do distrito a organização central por intermédio da organização regional senão mais bem vai da organização central para a regional (...) Não é de nenhum modo um “resquício” do período de guerra. Senão que surge e tem sua raiz na transferência para todo o partido dos métodos e procedimentos administrativos acumulados durante estes últimos anos no centro do aparato. Por mais exageradas que fossem algumas vezes as formas que se apresentou, o burocratismo do período de guerra era insignificante em comparação com o atual burocratismo, que tem se desenvolvido em tempos de paz.

(...) desde o ponto de vista dos princípios, a resolução do comitê central sobre a organização do partido tem uma grande importância, (...) Seria indigno considerar que o sentido profundo das decisões tomadas se reduz a modificações técnicas na organização e que se limita a reclamar dos secretários e comitês mais “suavidade” e “solicitude” com a base. (...). Não se trata, por certo, de romper os princípios de organização do bolchevismo, como alguns tentam fazer crer, senão de aplicá-los as condições da nova etapa do partido. Antes de tudo, trata-se de instaurar relações mais sãs entre os velhos quadros e a maioria dos membros que entraram no partido depois de Outubro.

A preparação teórica, o tempo revolucionário, a experiência política representa nosso capital fundamental, cujos principais expoentes são os velhos quadros do partido. Por outra parte, o partido é essencialmente uma organização democrática, ou seja, um coletivo cuja orientação depende do pensamento e da vontade de todos.

(...) a velha geração se habituou a pensar e a decidir pelo partido e instaurar na base métodos puramente escolares, pedagógicos, de participação na vida política: curso de instrução política básica, verificação dos conceitos, escolas do partido, etc.

(...) Daqui surge o burocratismo do aparato, seu isolamento com relação as massas, sua existência como um organismo separado, em uma palavra todas as características que constituem um aspecto profundamente negativo do “velho curso”.

O fato de que o partido viva em dois níveis distintos implica numerosos perigos (...). Por “jovens” entendo evidentemente não somente os estudantes senão toda a geração incorporada ao partido depois de Outubro e, em primeiro lugar, os jovens das células de fábrica.

Como se tem manifestado o mal-estar cada vez mais profundo dentro do partido? No fato de que a

maioria dos membros diziam a si mesmos: “Por mais que o aparato pense e decida bem ou mal, sempre pensa e decide sem nós e em nosso lugar. Quando acreditamos ser necessário manifestar uma incompreensão, uma dúvida, ou expressar uma objeção ou uma crítica, sempre se invoca a ordem, se apela a disciplina. A maioria das vezes nos acusam de opositores ou de querer constituir frações. Estamos dedicados por inteiro ao partido e dispostos a sacrificar tudo por ele. Porém, queremos participar ativa e conscientemente na elaboração de suas decisões e na eleição de suas formas de ação.”

(...) se este estado de coisas persistisse, se correria o risco de provocar uma ampliação da degeneração do partido em seus dois polos: nos jovens e nos quadros antigos. No que diz respeito a base operária do partido, as células de fábrica, os estudantes, etc., o perigo é evidente. Ao não sentir que participam ativamente no trabalho geral do partido e não verem satisfeitas suas aspirações, numerosos comunistas buscariam exercer suas atividades sob a forma de grupos e de frações.

(...), porém realmente o perigo dessa degeneração é grande? O fato de que o partido tenha compreendido este perigo e tenha tratado de remediar-lo (o que provocou em particular a resolução do comitê central) evidencia sua profunda vitalidade e, ao mesmo tempo, revela o antídoto poderoso de que dispõe contra o veneno burocrático. Esta é a principal garantia de sua integridade como partido revolucionário.

(...) O partido não pode viver unicamente das reservas do passado. É insuficiente que o passado tenha preparado o presente, é preciso que o presente esteja ideológica e praticamente a altura do passado para preparar o futuro. A tarefa do presente é a de deslocar o centro da atividade em direção as bases.

(...) Pretender descartar a velha geração seria uma loucura. O que é preciso é que esta velha geração mude de orientação e assim poder exercer no futuro uma influência preponderante sobre toda a atividade autônoma do partido. (Pravda, 29 de dezembro de 1923.)

A COMPOSIÇÃO SOCIAL DO PARTIDO

A crise interna do partido não se limita as relações entre gerações. Historicamente, em um sentido mais amplo, sua solução está determinada pela composição social do partido e, sobretudo, pela proporção de células de fábrica e de proletários industriais.

Depois da tomada do poder, a primeira preocupação da classe operária foi criar um aparato estatal (exército, órgãos de direção da economia, etc.). Porém a participação dos operários nos aparatos estatais, cooperativos e outros implicava em um debilitamento das células de fábrica e um aumento excessivo, dentro do partido, do número de funcionários, fossem ou não de origem proletária. Aqui reside o problema. E somente se poderá resolver por meio de progressos econômicos consideráveis, de um forte impulso dado a vida industrial e de uma constante afluência de operários manuais nas fileiras do partido.

(...). No estado atual de nosso desenvolvimento econômico é preciso fazer, evidentemente, todo o possível para atrair para o partido a maior quantidade possível de operários que trabalham em fábricas. Porém não se alcançará modificar seriamente a composição do partido (de modo, por exemplo, que as células de fábrica constituam dois terços do total) senão muito lentamente, e somente apoiando-se em notável progresso econômico.

(...) O problema da origem, proletário, intelectual ou de outro tipo, dos comunistas tem evidentemente importância. No período imediatamente posterior a revolução, a profissão exercida antes de Outubro parecia ser decisiva (...).

Assim, na atualidade, (...) um setor considerável do partido, representado pelos comunistas mais competentes, é absorvido por diferentes aparatos de direção e de administração civil, militar, econômica, etc. Outro setor, igualmente importante, está dedicado a estudar. Um terceiro setor está disperso pelo campo e se dedica a agricultura. Somente a quarta categoria (que na atualidade representa menos da sexta parte dos afiliados) está composta por proletários que trabalham nas fábricas.

(...). Em outras palavras, a fonte do burocratismo vem da crescente concentração da atenção e das forças do partido nas instituições e aparatos governamentais e na lentidão do desenvolvimento da indústria.

(...) O problema será resolvido por dois grandes fatores de importância internacional: a marcha da revolução na Europa e a rapidez de nosso desenvolvimento econômico.

Porém, seria um erro atribuir de modo fatalista toda a responsabilidade a estes dois fatores objetivos, assim como buscar garantias unicamente em um radicalismo subjetivo herdado do passado. Na mesma situação revolucionária, e nas mesmas condições internacionais, o partido resistirá em maior ou menor medida às tendências desorganizadoras, será mais ou menos conscientes dos perigos e os combaterá com maior ou menor vigor.

É evidente que a heterogeneidade da composição social do partido, longe de debilitar os aspectos negativos do “velho curso”, os agrava ao extremo. O único meio de triunfar sobre o corporativismo, sobre e o espírito de casta dos funcionários, é realizar a democracia.

(...) Em princípio, é justo afirmar que nossa base não são os estabelecimentos de ensino senão as células de fábrica. Porém ao dizer que a juventude é nosso barômetro, damos as suas manifestações políticas um valor não essencial senão sintomático. O barômetro não cria o tempo, se limita a registrá-lo. Em política, o tempo se forma nas profundidades das classes e no terreno aonde estas entram em contato entre si. As células de fábrica criam uma vinculação direta entre o partido e a classe, essencial para nós, do proletariado industrial. As células rurais somente criam uma vinculação muito mais débil entre o partido e o campesinato. Estamos ligados ao campesinato principalmente através das células militares localizadas em

condições especiais. Enquanto aos jovens estudantes, provenientes de todos os setores e extratos da sociedade soviética, refletem em sua composição heterogênea todos os nossos defeitos e nossas qualidades, e seria uma necessidade conceder a maior atenção a seu estado de ânimo. Além do mais, um setor considerável de nossos novos estudantes é de comunista que tiveram uma experiência revolucionária bastante importante. E os partidários mais obstinados do “aparato” se equivocam enormemente ao desprezar esta juventude que é nosso meio de autocontrole, que deverá tomar nosso lugar e a quem pertence o futuro.

(...) o burocratismo do partido não é um resquício do período anterior em vias de desaparecer senão, pelo contrário, um fenômeno essencialmente novo, originado por novas tarefas, novas funções, novas dificuldades e novos erros do partido.

O proletariado realiza sua ditadura por meio do Estado soviético. O partido comunista é o partido dirigente do proletariado e, em consequência, de seu Estado. O problema consiste em exercer ativamente esse poder sem fundir o partido com o aparato burocrático do Estado com o objetivo de não se expor aos riscos de uma degeneração burocrática.

(...) A vantagem essencial e incomparável de nosso partido consiste em que pode, em todo momento, observar a indústria com os olhos do torneiro comunista, do especialista comunista, do diretor comunista, do comerciante comunista, reunir a experiência destes trabalhadores que se completam entre si, extraír os resultados e determinar assim a linha de direção da economia em geral e de cada empresa em particular.

É evidente que esta direção somente é realizável sobre a base da democracia viva e ativa dentro do partido. (...) a organização do partido enquanto coletividade é sempre mais rica em experiência que qualquer órgão do aparato estatal, não ocorre o mesmo com os funcionários considerados individualmente.

AGRUPAMENTOS E FRAÇÕES

(...) Somos o único partido do país e, no período atual de ditadura, não poderia ser de outro modo, onde as diferentes necessidades da classe operária, do campesinato, do aparato estatal e de seus componentes atuam e através do qual tratam de buscar uma expressão política.

(...) Os matizes de opinião, a diversidade de pontos de vista, ainda que sejam episódicos, podem expressar a pressão de interesses sociais determinados e, em determinadas circunstâncias, originar grupos estáveis. Estes grupos podem, cedo ou tarde, adotar a forma de frações organizadas que, ao opor-se como tais ao resto do partido, sejam mais sensíveis as pressões exteriores. Essa é a evolução lógica dos grupos em um período em que o partido comunista está obrigado a monopolizar a direção da vida política.

Qual é o resultado? Se não se querem frações, não deve haver grupos permanentes; se não se querem grupos permanentes, é preciso evitar os grupos esporádicos; finalmente, para que não tenha grupos esporádicos, não tem que haver divergências, pois aonde há duas opiniões, fatalmente as pessoas tendem a agrupar-se.

Porém, por outra parte, como é possível evitar as divergências em um partido de meio milhão de homens que dirige o país sob condições excepcionalmente complicadas e penosas? Essa é a contradição essencial, devida a mesma situação do partido, da ditadura do proletariado e que não se pode eliminar unicamente por procedimentos puramente formais.

(...) A elaboração da opinião pública do partido nasce inevitavelmente das contradições e divergências de critérios. Localizar esta elaboração no aparato, (...), significa esterilizar ideológica e politicamente o partido. Fazer participar a todo o partido na elaboração e adoção das resoluções é favorecer os agrupamentos ideológicos conjunturais que correm os riscos de transformar-se em grupos permanentes e até em frações? Como fazer? É possível que não tenha saída? É possível que não tenha para o partido um caminho intermediário entre o regime de “calma” e o da divisão em frações? A solução existe, e a tarefa da direção consiste, cada vez que é necessário e particularmente no momento das decisões, em elaborar a linha que corresponda à situação real do momento.

A resolução do comitê central diz claramente que o regime burocrático é uma das causas das frações. Esta é uma verdade que já não necessita ser demonstrada. (...) Para evitar isso, é preciso que os órgãos dirigentes do partido escutem a opinião das bases, não considerem toda crítica como uma manifestação do espírito fracional e não impulsionem assim os comunistas conscientes e disciplinados a guardar sistematicamente silêncio ou a constituir-se em frações.

(...) É indiscutível que, na situação atual, as frações são um flagelo, e que os grupos, ainda que conjunturais, podem transformar-se em frações.

(...) Basta estudar a história de nosso partido, ainda que somente seja a do período da revolução, ou seja, no período em que a constituição de frações resultava particularmente perigosa, para observar que a luta contra esse flagelo não pode limitar-se a sua condenação e proibição formal. (...) foi no outono de 1917 quando surgiu no partido as diferenças sobre o problema fundamental da tomada do poder, o desacordo mais perigoso. O ritmo febril dos acontecimentos imprimiu uma extrema intensidade a esse desacordo, que culminou quase imediatamente com a constituição de uma fração. Quiçá involuntariamente, os adversários do golpe de Estado formaram um bloco com elementos que não pertenciam ao partido, publicaram suas declarações em órgãos externos, etc. Nesse momento, a unidade do partido estava por um fio. Como pode ser evitada a ruptura? Somente graças à rápida evolução da situação e o seu desenlace favorável. A ruptura se daria inevitavelmente se os acontecimentos se tivessem prolongado e, com maior razão, se a insurreição tivesse terminado em uma derrota. Sob a firme direção da maioria do comitê central, o partido, em uma

impetuosa ofensiva, passou por cima da Oposição, muito pouco numerosa, porém qualitativamente forte, e adotou a plataforma de Outubro. A fração e o perigo de uma ruptura foram vencidos não por meio de decisões formais baseadas em estatutos senão com a ação revolucionária.

O segundo grande desacordo surgiu com a questão da paz de Brest-Litovsk. Os partidários da guerra revolucionária constituíram então uma verdadeira fração que possuía um organismo central. (...) O certo é que a existência de uma fração comunista de esquerda representava então um perigo gravíssimo para a unidade do partido. Provocar uma ruptura não teria sido difícil e não teria exigido por parte da direção um grande esforço de inteligência, pois bastava proibir a existência da fração comunista de esquerda. No entanto, o partido adotou métodos não tão simples: preferiu discutir, explicar, comprovar por meio da experiência e resignar-se conjunturalmente a esta ameaçante anomalia que representava a existência de uma fração organizada em seu seio. (...)

O problema da organização militar provocou igualmente a constituição de um grupo bastante forte e obstinado, que se opunha à criação de um exército regular com um aparato militar centralizado, especialistas, etc. Por momentos, a luta adquiriu uma grande intensidade. Porém, igual a Outubro, o problema foi resolvido pela experiência: pela guerra.

(...). Outros grupos claramente individualizados se constituíram na época da memorável discussão sobre os sindicatos. (,) A discussão sobre o papel dos sindicatos e da democracia operária ocultava na realidade a busca de uma nova saída econômica.

(...) O grupo mais duradouro e, em certos aspectos, mais perigoso foi o da “Oposição operária”. (...). Desta vez tampouco se limitou a tomar uma posição formal. Sobre os problemas da democracia se adotou uma decisão de princípio, porém em relação à depuração do partido, se elaboraram medidas efetivas, extremamente importantes, que satisfizeram o que havia de justo e são na crítica e nas reivindicações da “Oposição operária”. E sobretudo, graças às decisões e às medidas econômicas adotadas pelo partido (e cujo resultado foi a desaparição das divergências e dos grupos), o X Congresso pode, com razões, crer que sua decisão não careceria de validade, proibir formalmente a constituição de frações. Porém, como demonstra a experiência e no bom sentido político, é evidente que essa proibição, por si só, não significava nenhuma garantia absoluta nem tampouco seria contra a aparição de novos agrupamentos ideológicos e orgânicos. Neste caso, a garantia essencial é uma direção justa e a atenção posta nas necessidades do momento que se refletem no partido e a elasticidade do aparato, que não deve paralisar senão organizar a iniciativa do partido (...).

Seria um “feticismo organizativo” crer, que qualquer que seja o desenvolvimento do partido, os erros da direção, o conservadorismo do aparato, as influências exteriores, etc., que com uma decisão, se poderia evitar os agrupamentos e as perturbações ocasionadas pela formação de frações. Crer isto seria uma prova de burocratismo.

Um exemplo evidente nos proporciona a história da organização de Petrogrado. Pouco depois do X Congresso, que havia proibido a constituição de agrupamentos e frações, surge em Petrogrado uma luta muito hostil sobre o problema organizativo que deu origem à formação de dois agrupamentos notadamente opostos entre si. À primeira vista, o mais simples teria sido reprovar e contrapor ao menos um dos dois agrupamentos. Porém o comitê central se negou categoricamente a empregar este método, que era sugerido desde Petrogrado. Assumiu o papel de árbitro entre os dois agrupamentos e, finalmente, buscou assegurar não unicamente sua colaboração senão sua total fusão com a organização. Este é um exemplo importante que merece ser recordado e que podia servir para iluminar alguns cérebros burocráticos.

Temos dito antes que todo agrupamento importante e permanente dentro do partido, e com maior razão toda fração organizada, tinha tendência a converterse no porta voz de determinados interesses sociais. Todo desvio pode no curso de seu desenvolvimento, vir a ser a expressão dos interesses de uma classe hostil ou semi hostil ao proletariado. Pois bem, o burocratismo é uma. Desvio, e um desvio doente;

(...). Porém se, tal como disse a resolução do comitê central, o burocratismo ameaça separar o partido das massas e, portanto, debilitar o caráter de classe do partido, é evidente que a luta contra o burocratismo não podia em nenhum caso ser o resultado de influências não proletárias. Pelo contrário, a aspiração do partido a conservar seu caráter proletário inevitavelmente deve engendrar a resistência do burocratismo.

(...). Por outra parte, não ha que entender de maneira demasiado simplista o pensamento de quem sustenta que as divergências do partido e, com maior razão, os reagrupamentos não são outra coisa que uma luta de influências de classes opostas.

Em 1920, a questão da invasão de Polônia suscitou duas correntes de opiniões, uma que preconizava uma política mais audaz, a outra que defendia a prudência. Seria mesmo duas correntes diferentes tendências de classe? Não creio que se possa afirmar tal coisa. Se tratava somente de divergências na apreciação da situação, das forças e dos meios. O critério essencial era o mesmo para ambas as partes.

Acontece com frequência que o partido está em condições de resolver um problema por diferentes meios. E se neste caso, surgem discussões, é para saber qual a melhor forma, mas eficaz, mais econômica de resolver a questão. (...) isto não quer dizer necessariamente que exista uma luta entre duas tendências de classe.

(...). Manter a unidade do partido é a preocupação principal para a grande maioria dos comunistas. (...) não se pode pretender que o partido tenha confiança no aparato quando é o aparato o que não tem confiança no partido. O problema radica aqui.

O partido sabe que o aparato está composto pelos elementos mais valiosos, que encarnam a maior

parte da experiência do passado. Porém o partido quer renovar o aparato, e lembra que o aparato é seu, é eleito pelo partido, e que não pode separar-se dele.

Pravda, 28 de dezembro de 1923.

O BUROCRATISMO E A REVOLUÇÃO

(...) A heterogeneidade da composição social de nosso partido reflete as contradições objetivas do desenvolvimento da revolução, com as tendências e perigos que deles derivam.

* as células de fábrica, que garantem o vínculo entre o partido e a classe fundamental da revolução, representam uma sexta parte dos efetivos do partido;

* em que pese todos seus aspectos negativos, as células das instituições soviéticas asseguram ao partido a direção do aparato do estado; também sua importância é considerável; os velhos militantes participam em grande medida na vida do partido através destas células;

* as células rurais dão ao partido uma certa vinculação (muito débil ainda) com o campo;

* as células militares realizam a vinculação do partido com o exército e, através deste, com o campo (sobretudo);

* finalmente, nas células das instituições de ensino, todas essas tendências e influencias se mesclam e entrecruzam.

(...) Por sua composição de classe, as células de fábrica são, certamente, fundamentais. Porém como somente constituem a sexta parte do partido e seus elementos mais ativos foram retirados, para ser afetados pelo aparato do partido e do estado, o partido não pode, por desgraça, apoiar-se unicamente (nem sequer preferencialmente) nelas.

(...) as modificações do estado de ânimo que se manifestam nestas células são para o partido uma advertência. As possibilidades de dirigir essas células segundo a linha do partido dependem da justeza da direção geral do partido assim como de seu regime interno e, finalmente, de nossos êxitos na solução do problema decisivo.

O NOVO CURSO (Carta a uma plenária do partido)

(...) temos destacado que a democracia "pura", "total", "ideal" é irrealizável e que, para nós, não é um fim em si. Esta afirmação é inquestionável. Porém com igual razão se pode afirmar que o centralismo puro, absoluto, é irrealizável e incompatível com a natureza de um partido de massas e que não pode, igual que o aparato do partido, representar um fim em si. A democracia e o centralismo são dois aspectos da organização do partido. O que temos que fazer é alcançar sua harmonia na forma mais justa, que melhor corresponda a situação.

(...) O que temos que mudar, antes de tudo, é o espírito que impera em nossas organizações. É necessário que o partido propicie novamente a iniciativa coletiva, o direito a crítica livre e fraternal, que tenha a faculdade de organizar-se a si mesmo. É necessário regenerar e renovar o aparato do partido e fazê-lo entender que somente é o executor da vontade coletiva.

(...) Nossa juventude não deve limitar-se a repetir nossas fórmulas. Deve conquistá-las, assimilá-las, formar uma opinião, uma fisionomia própria e ser capaz de lutar por seus objetivos com coragem e convicção profunda e uma total independência de caráter. ¡Fora do partido a obediência passiva e quem seguir mecanicamente os passos dos chefes! Fora do partido a falta de personalidade, o servilismo, o carreirismo! O bolchevique não é somente disciplinado; é aquele, que, em cada caso e para cada problema, forja uma opinião firme e a defende calorosamente não somente contra seus inimigos senão no seio do seu próprio partido.

(...) os que quiçá constituem hoje uma minoria em sua organização, então, se submeterá, porque se trata de seu partido. Porém, isto não significa sempre que está equivocado. Quiçá comprehendeu antes que os outros o novo caminho e a necessidade de um giro. Colocará uma segunda, uma terceira, uma décima vez se necessário. (...).

3 - Lições de Outubro

Trotsky (1924)

(...) Nos últimos tempos, tem-se falado e escrito frequentemente sobre a necessidade de bolchevização da Internacional Comunista. É uma tarefa urgente, indispensável, cuja necessidade se faz sentir mais imperiosamente ainda mais depois das terríveis lições que nos foram dadas na Bulgária e na Alemanha, o ano passado. O bolchevismo não é uma doutrina (quer dizer, não tão-somente uma doutrina), mas um sistema de educação revolucionária para a realização da revolução proletária.

O que é bolchevizar os Partidos comunistas? É educá-los, selecionar no seu seio pessoal dirigente que não fuja momento da sua revolução de Outubro.

4 - Questões do Modo de Vida: A época do “militantismo cultural” e as suas tarefas

Trotsky(1923)

Introdução

(...) Nas cidades, assiste-se a uma verdadeira mutação no seio da classe operária. Os quadros operários do antigo partido bolchevique tinham sido dizimados pela guerra civil. O esgotamento físico, as doenças, as missões e os cargos longínquos dispersaram e reduziram esse primeiro núcleo de revolucionários proletários. Constituiu-se uma nova classe operária. Esta, saída do campesinato pobre e desprovida de toda a tradição política proletária, mostra-se por isso particularmente sensível a influência da nova burguesia engendrada pela NEP., que rapidamente se apresentará aos olhos das massas como um modelo de “modo de vida” totalmente estranho aos ideais revolucionários.

(...) É esse mesmo perigo que Trotsky denunciará na sua carta de 8 de Outubro de 1923 ao Comitê Central, na qual escreve:

“A burocratização do aparelho do partido desenvolveu-se em incríveis proporções pelo emprego do método de seleção (dos quadros) pelo secretariado. Criou-se uma larga camada de militantes, com entrada no aparelho governamental do partido, que renuncia completamente às suas próprias opiniões de partido ou, pelo menos, à sua aberta expressão, como se a hierarquia burocrática fosse o aparelho que cria a opinião do partido e as suas decisões”.

A atenção deve incidir sobre os Detalhes

(...). É preciso cada um cuidar de sua baioneta, limpá-la e lubrificá-la. E isso exige atenção cuidada e permanente, torna necessária toda uma aprendizagem, toda uma educação. Estes pequenos nadas, que se acumulam e se combinam, acabam por preservar ou... destruir qualquer coisa de importante. As pequenas degradações dos caminhos quando não reparadas a tempo, avolumam-se e formam covas e sulcos que tornam difícil a circulação, danificam os carros, as viaturas e os caminhões, estragam os pneus. (...)

É frequente confundir-se o interesse dedicado aos detalhes com o burocratismo. Há nisso um erro grave. O burocratismo consiste em dedicar atenção a uma forma vazia em detrimento do conteúdo, em detrimento da ação. (...)

O plano mais grandioso que não leve em conta os detalhes, não passa de pura frivolidade. Para que servirá, por exemplo, o melhor decreto, se, por negligência, não chega a tempo ao seu destino, se é recopiado com erros ou se é lido sem atenção? O que é justo a nível inferior, sê-lo-á também a nível superior. (...)

As atenções e a delicadeza como condições necessárias para relações harmoniosas

Além desta grosseria simplista, indiferenciada, camponesa e passiva, por assim dizer, existe uma particular grosseria “revolucionária” — que provém da impaciência, do ardente desejo de fazer melhor, da irritação que nela suscita a nossa “oblomoveria”⁽¹⁾ e da tensão nervosa. (...).

Existe, porém, ainda entre nós — e é aí que mais dói — um outro tipo de grosseria, uma grosseria ancestral, a do rico, do “barine”, que vem da época da servidão, penetrada de uma odiosa baixeza. Ainda não desapareceu e não é fácil livrarmo-nos dela. Nos organismos de Moscovo, especialmente nos mais importantes, essa superioridade de grande senhor não se manifesta na sua forma mais combativa — não se grita nem gesticula perante os solicitantes — mas apresenta-se com mais frequência sob o aspecto de um formalismo desumanizado. Não é por certo esta a única fonte do “burocratismo e da lentidão administrativa”, mas é um dos seus fatores essenciais: uma total indiferença perante os indivíduos e o seu trabalho.

(...) O “calendário” da luta poderia ser mais ou menos o seguinte: se durante os próximos seis meses chegarmos a denunciar em toda a URSS — com exatidão e imparcialidade, após duas ou três constatações — uma centena de burocratas que manifestem um desprezo de raiz para com os nossos trabalhadores; se, após ter divulgado isso por todo o país e ter talvez mesmo organizado um processo público, excluirmos essa centena de burocratas do aparelho do partido sem permitir nunca a sua reintegração seja aonde for — estaríamos perante um bom princípio. Não é por certo possível esperar milagres imediatos. Mas quando se trata de substituir o antigo pelo novo, um pequeno passo à frente é mais valioso do que as mais longas discussões.

(...) É preciso que o homem simples, o humilde trabalhador, deixe de recear as instituições administrativas às quais lhe acontece ter que recorrer. É preciso que, ao acolhê-lo, se lhe manifeste atenção tanto maior quanto ele se mostra mais carente, mais obscuro e mais ignorante. E, no fundo, é preciso que se tente ajudá-lo e não simplesmente afugentá-lo. (...)

5 - Stalin, o Grande Organizador de Derrotas

Trotsky(1929)

Capítulo 11 - As questões de regime no interior do partido

Os Problemas de organização do bolchevismo são inseparavelmente ligada com as questões de

programa e táticas. O projeto de programa toca neste assunto apenas de passagem referindo-se à necessidade de "Manter a mais estrita ordem revolucionária do centralismo democrático". Esta é a única fórmula que define o regime interno do partido, e, além disso, é uma fórmula absolutamente nova. Sabemos que o regime de partido repousa sobre os princípios do centralismo democrático. Estes princípios asseguram teoricamente ao partido (e assim se deu na prática) a completa possibilidade de discutir, criticar, expressar as diferenças, eleger e destituir, ao mesmo tempo, que garante uma disciplina de ferro na ação e que assegura plenamente os órgãos de direção eleitos e revogáveis.

Se se entende por democracia a soberania do partido sobre todos os seus órgãos, o centralismo corresponde a uma disciplina consciente que garante a capacidade de luta do partido. Agora, no entanto, a esta fórmula do regime de partido interno, que tem resistido os testes em todo o passado, foi adicionada um critério inteiramente novo: "*a mais estrita ordem revolucionária*". (...)

Qual é o significado da noção de ordem revolucionária (mais "estrita") dominando a democracia e o centralismo? Implica um aparelho completamente independente do partido ou que aspira sê-lo. Seu fim é sua própria existência, é preservar a "ordem" Independentemente das massas do partido, ataca e até suprime a vontade do partido, pisa nos estatutos, adia os congressos ou os transforma em meras ficções se assim a "ordem" o exige. (...)

Esta questão está indissoluvelmente ligada com a questão de frações e agrupamentos. Em cada questão controversa e cada diferença de opinião, a direção e a imprensa oficial, não só do PCUS, mas também do Comintern e todas as suas seções, os debates são desviados imediatamente para o plano do problema das frações e grupos.

Sem agrupamentos ideológicos temporários, a vida ideológica do partido é impensável. Até agora ninguém descobriu outra maneira de proceder. (...)

No X Congresso do Partido, em plena insurreição de Kronstadt e os motins kulaks, Lenin fez o partido adotar uma resolução proibindo as facções e agrupamentos. Por grupos não se entedia as tendências temporárias que inevitavelmente surgem no processo da vida partidária, mas frações que se passavam por grupos. As massas do partido claramente haviam entendido o perigo mortal do momento e apoiaram seu chefe, adotando uma resolução dura e inflexível em sua forma: a proibição de frações e Grupos. Mas a base do partido que esta fórmula seria aplicada pelo Comitê Central sob a liderança de Lenin; Que não haveria nenhuma interpretação desleal, e menos ainda, qualquer abuso de poder (ver o "Testamento" de Lênin). O partido sabia que exatamente um ano depois, ou, no caso de um terço do partido desejar, mesmo um mês depois, o congresso poderia examinar as experiências e introduzir todas as restrições e mudanças necessárias. A decisão do X Congresso do Partido foi uma medida muito grave, evocado pela posição crítica do partido no poder, na virada mais perigoso do comunismo de guerra à NEP. Esta medida severa mostrou-se plenamente justificada (...)

Depois da morte de Lênin, a direção do partido, a fim de proteger-se de todas as críticas, (...) transformou em um princípio universal sua interpretação rude e desleal da aplicação da resolução do X Congresso do Partido - que observam os requisitos específicos no momento na URSS - e estendeu-o sobre todas as organizações comunistas no globo terrestre.

O Bolchevismo sempre foi forte, porque era concreto desde o ponto de vista histórico quando elaborava suas formas de organização: nada de esquemas secos. Os bolcheviques mudavam radicalmente sua estrutura organizacional ao passar de uma etapa a outra.

No entanto, hoje em dia, um único e mesmo princípio de "ordem revolucionária" é aplicada ao poderoso partido da ditadura do proletariado, bem como para o Partido Comunista Alemão que representa uma força política séria, para ao jovem partido chinês, (...) ao partido nos EUA, que é apenas uma sociedade de propagandistas do partido comunista nos Estados Unidos. (...)

A ruptura se produziu em 1924 sob o nome de "bolchevização" (...)

A "bolchevização", de 1924 assumiu completamente o caráter de uma caricatura.

(...), mas, tomado como um todo, o "bolchevização" consistia nisto: desorganizar as direções que se formavam nos partidos comunistas do Ocidente (...)

Um partido de combate nunca pode ser a soma das frações que puxam em direções opostas. Este é uma verdade incontestável. Se esta é uma verdade inegável se a se considera em forma geral.

Mas usar a divisão como meio preventivo contra as diferenças de opiniões e amputar todo grupo que levanta a voz da crítica, é transformar a vida interna do partido em uma cadeia de abortos organizacionais.

(...) A luta contra o espírito de fração se converte infinitamente mais perigoso do que este espírito.

(...) A seleção dos elementos principais dos partidos comunistas tem sido e ainda prossegue assim, sendo principalmente em base a sua disponibilidade para aceitar e aprovar o mais recente agrupamento burocrático no PCUS.

Os elementos mais independentes e responsáveis na direção do partido no estrangeiro, (...) foram expulsos do partido em conjunto ou empurrados para o que eles estavam certos, ou, (...) finalmente, entraram nas fileiras da Oposição de Esquerda.

Desta forma, o processo orgânico da seleção e fusão dos quadros revolucionários, na base da luta proletária, sob a liderança do Comintern foi interrompida, alteradas, distorcida, e em parte até mesmo diretamente substituído pelo administrativa e burocrática peneira a partir de cima.

6 - Devemos pôr um ponto final

Trotsky (1933)

Em 19 de agosto o plenário (Secretariado Internacional) aprovou uma resolução de grande responsabilidade política: a ruptura com a Comintern e a orientação por uma nova internacional.

(...) Nesta situação teve início a discussão na Liga francesa (...)

Repetimos: para a Liga a nova orientação é muito importante porque a permite livrar-se de tudo o que é accidental, pessoal, secundário, ao levantar de conjunto os problemas de princípio e separar inequivocamente os elementos vivos e criativos dos desesperados produtos da vida sectária.

(...) de agora em diante, na França como nas demais sessões, somente podemos admitir na direção da Liga os elementos que compreenderam a importância da nova orientação, que fazem dela a base de sua atividade, que estão dispostos a superar todos os obstáculos que surjam no caminho e que impulsionem a organização com ardente entusiasmo, impedido que os reacionários de dentro a façam retroceder.

Em estreita conexão com esta orientação, é necessário levantar de maneira distinta os problemas de organização, disciplina e direção.

Sem dúvidas, a direção da Liga Francesa, como a de boa quantidade de outras sessões, não adquiriu os métodos necessários, o contínuo contato ideológico com a organização, a constante e oportuna informação a todos seus membros sobre os passos importantes e mudanças táticas propostas, etc. Este sério inconveniente no trabalho conduz inevitavelmente a uma separação entre os dirigentes e a organização, faz surgir mal entendidos e conflitos desnecessários e obstaculiza a educação política dos militantes. A informação correta e oportuna constitui a base da democracia partidária. O desenvolvimento da Liga se vê não menos penosamente afetado por outra característica da direção: se tolera passivamente os elementos que sabemos que são estranhos e perturbam a atividade. Uma organização revolucionária não pode avançar sem uma limpeza interna, nas condições de trabalho legal, quando frequentemente se organizam sob a bandeira da revolução elementos casuais, alheios e degenerados. E mais, como a Oposição de Esquerda se formou na luta contra o monstruoso burocratismo, muitos quase oposicionistas tiraram a conclusão de que dentro da Oposição “tudo era permitido”. Na Liga francesa e em sua periferia prevalecem práticas que nada têm em comum com uma organização proletária revolucionária. (...)

Alguns membros de nossa organização qualificam como estalinismo qualquer medida defensiva contra os elementos em decomposição, qualquer chamado à disciplina, qualquer repressão. Com isto somente demonstraram estar tão longe de entender o estalinismo, como de entender o espírito que deve guiar uma organização revolucionária. A história do bolchevismo foi desde seus primeiros dias a história da educação, da organização em uma disciplina de ferro. (...). Os métodos organizativos do menchevismo são tão inimigos de uma organização proletária como o burocratismo estalinista.

(...). Os bolcheviques leninistas rechaçam a democracia sem centralismo como uma expressão de conteúdo pequeno-burguês. Para serem capaz de encarar as novas tarefas é necessário purificar as organizações bolcheviques leninistas dos métodos anarquistas e mencheviques.

Estamos efetuando uma importante mudança revolucionária. Em momentos como estes são inevitáveis as crises internas e as rupturas. Temê-las significa substituir a política revolucionária pelo sentimentalismo pequeno-burguês e os esquemas pessoais. A Liga atravessa esta primeira crise coberta por seus grandes e claros critérios revolucionários. Nesta situação a ruptura de um setor será um grande passo adiante. Será rechaçado tudo que é enfermo, mutilado e incapacitado; se dará uma lição aos elementos vacilantes e indecisos; se fortalecerá os melhores setores da juventude; se limpará a atmosfera interna; e se abrirão diante da Liga novas e grandes possibilidades. O que conjunturalmente se pode vir a perder será recuperado e multiplicado por cem na próxima etapa. A Liga obterá finalmente a possibilidade de transformar-se em uma organização de luta dos trabalhadores.

7 - As Frações e a IV Internacional

Trotsky (1935)

O trabalho de construção da Quarta Internacional já se desenvolve sobre bases significativamente mais amplas do que as da construção da Fração Bolchevique-Leninista.

(...) Não nos cabe a menor dúvida de que a Quarta Internacional não permitirá que ninguém tome superficialmente nossos princípios ou nossa disciplina. Mas não podemos decretar a priori qual será o conteúdo desta disciplina: temos que forjá-la na luta coletiva. (...). Agora, que se está formando uma nova internacional, a questão das frações no partido revolucionário adquire enorme importância. Mas esta é justamente a questão que provocou tantos problemas e desmoralização na Terceira Internacional em seus anos de maior prestígio.

A Terceira Internacional proibiu as frações alegando que esta proibição coincide com a tradição bolchevique. É difícil imaginar pior calúnia à história bolchevique. (...)

Isto significa que o partido revolucionário do proletariado pode ou deve representar uma somatória

de frações?

Para clarear melhor esta questão, tomaremos como exemplo o Partido Socialista Francês, cujos estatutos legalizam as frações e introduzem o princípio da representação proporcional em todas as eleições partidárias. Neste sentido, durante muito tempo, e não sem êxito, a seção francesa da Segunda Internacional apresentou-se como a expressão mais pura de “democracia partidária”. E formalmente é, ou melhor dito, era. Mas, assim como a democracia pura da sociedade burguesa encobre o domínio real do setor mais alto de proprietários, a democracia ideal da Segunda Internacional oculta o domínio de uma fração extra oficial, mas poderosa: a dos oportunistas municipais e parlamentares. Esta fração, ao mesmo tempo em que se prende solidamente ao aparato, permite à ala esquerda pronunciar discursos de tom muito revolucionário. Mas, quando a autêntica fração marxista – para a qual a palavra e o fato caminham lado a lado – começa a denunciar a hipocrisia da democracia partidária, a fração do aparato implementa rapidamente a expulsão.

(...). Não basta estudar as últimas experiências do Partido Socialista Francês para comprovar, com precisão, porque o partido não pode ser um mero somatório das frações. Um partido somente pode tolerar as frações que não perseguem objetivos diretamente contrapostos aos seus. Enquanto a esquerda tradicional do Partido Socialista Francês dedicou-se a perder tempo, foi tolerada. Mais ainda: foi encorajada.

(...) O partido revolucionário apresenta um programa e táticas definidas. Isto impõe de antemão limites determinados e muito claros em relação à luta interna das tendências e agrupamentos. (...) Todavia, o conteúdo fundamental da vida partidária não reside na discussão, mas sim na luta. Se as discussões intermináveis alimentam mais discussões intermináveis, o único resultado é a decadência e a desintegração. Mas se a discussão está enraizada na luta coletiva, submetendo-a à crítica e preparando suas novas etapas, a discussão é um elemento indispensável para o desenvolvimento.

(...) A saúde do regime depende em grande medida da Direção do Partido e de sua capacidade de escutar oportunamente a voz de seus críticos. Uma obstinada política de imposição de “prestígio” burocrático é altamente prejudicial para o desenvolvimento da organização proletária e assim mesmo para a autoridade da Direção. Mas não basta a boa vontade da Direção. O grupo de oposição também é responsável pelo caráter das relações intrapartidárias. Na luta fracional contra os reformistas, os revolucionários recorrem a medidas extremas, se bem que, por regra geral às lutas fracionais, as condutas dos reformistas são muito mais desapiedadas e talhantes. Mas, neste caso, ambos os bandos se prestavam a efetuar a ruptura sob condições mais vantajosas. Quem transfere tais métodos ao trabalho na organização revolucionária revele ou imaturidade política e falta de responsabilidade, ou esse individualismo anarquizante que, na maioria dos casos, oculta-se sob princípios sectários; ou, finalmente, que são elementos estranhos à organização revolucionária.

Ao aumentar a maturidade da organização e a autoridade de sua Direção, cresce seu sentido da proporção na luta fracional.

8 - Luxemburgo e a IV Internacional

Trotsky (24/6/1935)

Observações superficiais sobre um tema importante

Atualmente se está fazendo esforços na França e em outras partes para construir um suposto luxemburguismo, como defesa dos centristas de esquerda contra os bolcheviques-leninistas. (...) Mas de uma vez temos assumido a defesa de Rosa Luxemburgo contra as tergiversações insolentes e estúpidas de Stalin e sua burocracia. Seguiremos fazendo-a. Não o fazemos movidos por considerações sentimentais, senão por exigências da crítica materialista histórica. Sem dúvida, nossa defesa de Rosa Luxemburgo não é incondicional. Os aspectos débeis dos ensinamentos de Rosa Luxemburgo têm sido desnudados na teoria e na prática. (...)

É inegável que Rosa Luxemburgo contrapôs apaixonadamente a espontaneidade das ações de massas a política conservadora “coroada pela vitória” da socialdemocracia alemã, sobretudo depois da revolução de 1905. [3]. Esta contraposição revestia um caráter absolutamente revolucionário e progressivo. Muito antes que Lenin, Rosa Luxemburgo compreendeu o caráter atrasado dos aparatos partidário e sindical ossificados e começou a lutar contra estes. Na medida em que contou com a agudização inevitável dos conflitos de classe, sempre previu com certeza a aparição elementar independente das massas contra a vontade e a linha de condução do oficialismo. Num sentido amplo histórico está comprovado que Rosa tinha razão. Porque a revolução de 1918 foi “espontânea”, ou seja, as massas a levaram a cabo contra todas as previsões e precauções do oficialismo partidário. [4]. Porém, por outro lado, toda a história posterior da Alemanha demonstrou amplamente que a espontaneidade por si só não é suficiente para conquistar o êxito; o regime de Hitler é um argumento de peso contra a panacéia da espontaneidade.

A mesma Rosa nunca se fechou na mera teoria da espontaneidade, como Parvus, por exemplo, quem posteriormente trocou seu fatalismo a respeito da revolução social pelo mais repugnante dos oportunismos [5]. Em contraposição a Parvus, Rosa Luxemburgo se esforçou por educar de antemão a ala revolucionária do proletariado e por reuni-lo organizativamente tanto como fora possível. Na Polônia construiu uma organização independente muito rígida. O máximo que se pode dizer é que em sua evolução histórica-

filosófica do movimento operário, a seleção e preparação da vanguarda era deficiente em Rosa, em comparação com as ações de massas que podiam esperar-se; ainda que Lenin, sem se contentar com os milagres de futuras ações, tomava aos operários avançados e constante e incansavelmente os soldava em núcleos firmes, legais ou ilegais, nas organizações de massas ou na clandestinidade, mediante um programa claramente definido.

A teoria de Rosa da espontaneidade era uma útil ferramenta contra o aparato ossificado do reformismo. Porém o fato de que a miúde se dirigia contra a obra de Lenin de construção de um aparato revolucionário revelava na realidade somente de forma embrionária - seus aspectos reacionários. Em Rosa mesma isto ocorreu só episodicamente. (...) Na prática, como já havia dito, ela mesma minava esta teoria a cada passo. Depois da revolução de novembro de 1918 se colocou o árduo trabalho de reunir a vanguarda proletária. (...) a atuação posterior de Rosa permite assegurar que, dia a dia, se aproximava da nítida concepção teórica de Lenin sobre a direção consciente e a espontaneidade. (Seguramente foi esta circunstância que a impediu de trazer a público seu manuscrito contra a política bolchevique, manuscrito que logo seria objeto de vergonhosos abusos).

(...) Depois de inumeráveis sacrifícios e desilusões, o grosso do proletariado europeu havia retirado, ao menos, a casca. A lição decisiva que haviam aprendido, consciente ou semi inconscientemente, destas amargas experiências, diz: *grandes ações requerem uma grande direção. Para assuntos correntes, os operários, todavia dão seus votos as velhas organizações. Os votos..., porém de nenhuma maneira sua confiança ilimitada*. (...) Deixemos dado as questões secundárias, superadas pelos acontecimentos, e com plena justificativa podemos colocar nosso trabalho pela Quarta Internacional sob o signo das "três L", não só sob o signo de Lenin, mas também de Luxemburgo e Liebknecht. [9]

9 - O Estalinismo e o Bolchevismo

Trotsky (1937)

Sobre as Raízes Históricas e Teóricas da IV Internacional

O Bolchevismo é o Responsável pelo Estalinismo?

É certo que o stalinismo é um produto legítimo do bolchevismo, como sustentam todos os reacionários, como jura o próprio Stalin, como creem os mencheviques, anarquistas e certos doutrinários de esquerda que se consideram marxistas? (...) Stalin é a continuação e, por sua vez, a bancarrota do leninismo". (...)

A falha neste raciocínio está na tácita identificação do bolchevismo, a Revolução de Outubro e a União Soviética. Substitui-se o processo histórico do choque de forças hostis pela evolução do bolchevismo no vazio. Entretanto, o bolchevismo é apenas uma tendência política, estreitamente fundida com a classe operária, mas não idêntica à mesma. E na União Soviética, ademais da classe operária, existem cem milhões de camponeses, várias nacionalidades e uma herança de opressão, miséria e ignorância. O estado construído pelos bolcheviques reflete não somente o pensamento e a vontade do bolchevismo, mas também o nível cultural do país, a composição social da população, a pressão de um passado bárbaro e um imperialismo mundial não menos bárbaro. Apresentar o processo de degeneração do estado soviético como a evolução do bolchevismo puro é ignorar a realidade social em nome de apenas um elemento, isolado, mediante um ato de lógica pura. Basta chamar este erro elementar por seu verdadeiro nome para destruí-lo sem deixar vestígios.

Seja como for, o bolchevismo jamais se identificou com a Revolução de Outubro, nem com o estado surgido desta. O bolchevismo sempre se considerou um fator da história, o fator "consciente", importante, mas de nenhuma maneira o decisivo. Jamais caímos no pecado do subjetivismo histórico. Para nós, o fator decisivo - sobre a base das forças produtivas existentes - era a luta de classes, não a escala nacional, mas internacional.

Ao fazer concessões à propriedade privada camponesa, estabelecer regras estritas para o ingresso e participação no partido, limpar o partido dos elementos estranhos, proibir outros partidos, introduzir a NEP, entregar a concessão de empresas a setores privados, firmar acordos diplomáticos com os governos imperialistas, os bolcheviques tiravam conclusões parciais de um fato que, no terreno teórico, lhes resultava claro desde o começo: que a conquista do poder, por importante que seja, de nenhuma maneira transforma o partido em soberano do processo histórico. O partido que se apodera do estado pode, por certo, exercer sua influência sobre o desenvolvimento da sociedade com um poder que antes lhe era inacessível, porém, em troca, se decuplica a influência que os demais elementos da sociedade exercem sobre ele. Um ataque direto das forças hostis pode retirá-lo do poder. Se o ritmo do processo é mais lento pode degenerar internamente sem perder o poder. Esta é precisamente a dialética do processo histórico que escapa aos lógicos sectários para os quais a decadência do stalinismo constitui um argumento aniquilador contra o bolchevismo.

(...) pensamento científico exige uma análise concreta: como e por que o partido degenerou? Até o momento, apenas os bolcheviques têm feito esta análise. E não lhes foi necessário romper com o bolchevismo: seu arsenal lhes supriu de todas as ferramentas necessárias para aclarar sua mente.

Chegaram à seguinte conclusão: é certo que o stalinismo "adveio" do bolchevismo, mas não de maneira mecânica e sim dialética, não como afirmação revolucionária, mas como negação termidoriana. Não é o mesmo.

Os "Pecados" Políticos do Bolchevismo: Origem do Estalinismo

Em certas ocasiões, os argumentos dos racionalistas assumem, ao menos em sua forma externa, um caráter mais concreto. Não deduzem o stalinismo do bolchevismo em sua totalidade, mas de seus pecados políticos.⁽⁷⁾ Os bolcheviques - segundo Gorter, Pannekoek, certos "espartaquistas" e outros sujeitos - substituíram a ditadura do proletariado pela ditadura do partido; (...)

O proletariado apenas pode conquistar o poder por intermédio de sua vanguarda. A necessidade do poder estatal é, por si, um produto do insuficiente nível cultural e da heterogeneidade das massas. A vanguarda revolucionária, organizada em partido, cristaliza as aspirações de liberdade das massas. Se a classe não confia na vanguarda, se a classe não apoia a vanguarda, nem sequer se pode falar de conquista do poder. Neste sentido, a revolução e a ditadura proletária é obra da classe em seu conjunto, porém sob a direção da vanguarda. Os soviets são somente a forma organizada do vínculo entre a vanguarda e a classe. Apenas o partido pode dar a esta forma o conteúdo revolucionário, tal como demonstram a experiência da Revolução de Outubro e a experiência negativa de outros países (Alemanha, Áustria, agora Espanha). Ninguém tem demonstrado na prática, nem tratado de explicar, de forma articulada sobre o papel, como o proletariado pode conquistar o poder sem a direção política de um partido que sabe o que quer. A subordinação política dos soviets aos dirigentes do partido, através do partido, não aboliu o sistema soviético, da mesma maneira que a maioria conservadora não tem abolido o sistema parlamentar britânico. (...)

10 - Observações Adicionais Sobre o Regime do Partido *Trotsky (1937)*

Estimado camarada Cannon

(...) Observei aqui outro operário de sua organização, o camarada Lênin⁽²⁾. Na presença de [Jack] Weber, F. e outros camaradas permanecia em silêncio, trabalhando a todo instante. Permaneceu conosco por mais tempo. Mostrou possuir uma grande experiência de vida e de luta, penetração psicológica e fez observações políticas de grande valor. Precisamos desses camaradas nos comitês do partido, tanto no comitê central quanto nos comitês locais. Assinalei em centenas de ocasiões que o operário que passa despercebido nas condições "normais" da vida partidária revela qualidades notáveis quando muda a situação, quando não bastam as fórmulas gerais e a escrita fluida, quando é necessário um conhecimento da vida operária e qualidades práticas. Em tais condições um operário avançado revela segurança em si mesmo e também capacidade política geral.

O predomínio dos intelectuais é inevitável no primeiro período de desenvolvimento da organização. Mas, ao mesmo tempo, é uma grande trava para a educação política dos operários mais avançados.

(...). É absolutamente necessário que o próximo congresso eleja a maior quantidade possível de operários aos comitês locais e central. Para um operário, a militância no organismo de direção partidária é uma escola política superior. Alguns dos novos membros operários dos comitês partidários demonstrarão não estar à altura do posto: podem ser removidos no congresso seguinte. A seleção dos elementos mais capazes e abnegados para os organismos de direção é, naturalmente, um processo lento e que jamais termina. Ao eleger estes novos camaradas, corre-se um risco inevitável. Se só um terço dos novos membros operários dos comitês locais e central demonstrarem estar à altura do posto, o resultado é excelente.

(...) A tarefa é romper com a rotina, que é o início da burocratização; convencer a organização, e especialmente seu extrato dirigente (o que é mais difícil), de que é necessário renovar sistematicamente a composição de todos os organismos dirigentes do partido. Naturalmente a renovação jamais pode ser total; é necessário manter um núcleo, selecionado com base na experiência do passado, para preservar a continuidade da política do partido.

(...) O que é a democracia partidária?

a) O estrito cumprimento dos estatutos partidários pelos organismos de direção (congressos regulares, período de discussão, direito à minoria para expressar seus pontos de vista nas reuniões partidárias e na imprensa).

b) O comitê central e seus membros devem manter uma atitude paciente, fraternal, em certa medida pedagógica para com a base, incluídos os desafiadores e os descontentes, porque não é grande mérito estar satisfeito "com qualquer um que esteja satisfeito comigo". Quando Lênin propôs expulsar Ordzhonikidze do partido (1923), disse com toda razão que o militante de base tem direito a ser revoltoso, mas não o membro do comitê central⁽³⁾. Os métodos do "terrorismo" psicológico, incluindo o de responder a qualquer objeção, crítica ou dúvida de forma arrogante ou sarcástica: estes são os métodos jornalísticos ou "intelectuais" que são intoleráveis para os operários e os condenam ao silêncio.

C) Não bastam as regras democráticas puramente formais assinaladas no ponto (a) nem as medidas puramente negativas – não aterrorizar, não ridicularizar – assinaladas em (b). Tanto os comitês locais quanto o comitê central devem manter permanentemente um contato ativo e informal com a base, sobretudo quando se está preparando uma nova palavra-de-ordem, uma nova campanha ou se está verificando os resultados de uma campanha recém terminada. Nem todos os membros do comitê central são capazes de manter esses contatos de tipo informal; tampouco todos os militantes têm tempo ou encontram uma ocasião para fazê-lo; isso depende não só da boa vontade e de uma determinada postura psicológica, mas também da profissão do militante e, por conseguinte, do meio onde vive. O comitê central deve ser integrado não só por bons organizadores e bons oradores, escritores, administradores, mas também por pessoas estreitamente ligadas à base e que as representem organicamente.

11 - A Composição Social do Partido^[1]

Trotsky (1937)

Estimado camarada Cannon:

(...) Porém existe um problema que, independentemente da maior ou menor rapidez do processo no próximo período, tem para nós uma importância enorme: me refiro a composição social do partido. Deve prestar-lhe a maior atenção.

O partido só tem uma minoria de autênticos operários de fábrica. No começo isto é inevitável para qualquer partido operário revolucionário, especialmente nos Estados Unidos. Os elementos não proletários constituem um fermento muito necessário, e creio que podemos orgulhar-nos da boa qualidade destes elementos. Porém existe o perigo de que no próximo período o partido receba mais “fermento” do que necessita. É muito provável que a desintegração do Partido Comunista não comece entre os operários, senão entre os intelectuais, mais sensíveis as ideias e menos leais a organização. (...) podemos prever uma afluência de novos elementos intelectuais até nossas fileiras. Nossa partido pode ser inundado por elementos não proletários, e inclusive perder seu caráter revolucionário. Naturalmente, não se trata de impedir a afluência de intelectuais mediante métodos artificiais (...) senão orientar na prática toda a organização para as fábricas, as greves, os sindicatos. Me parece que esta deveria ser uma das tarefas mais importantes do próximo congresso (...).

(...) Só podemos definir uma norma geral: o militante do partido que em três ou seis meses não ganha um operário novo para o partido não é um bom militante.

Se nos dermos essa orientação geral e se verificarmos os resultados práticos semana a semana, evitariamos um grande perigo, a saber: que os intelectuais e os trabalhadores de colarinho branco suprimam a minoria operária, a condenem ao silêncio e transformem o partido em um clube de discussão de alto nível, porém absolutamente inabitável para os operários.

A seleção de funcionários do partido de cima a baixo deve obedecer ao mesmo critério. Naturalmente, não podemos eleger exclusivamente operários, nem sequer uma maioria de operários. Nem todos os operários estão à altura da tarefa. Porém todo funcionário deve estar atento os problemas e necessidades do operário. Muitos intelectuais e semintelectuais aterrorizam os operários mediante generalidades abstratas e paralisam a vontade de atuar. (...)

12 - Sobre o Centralismo Democrático

Trotsky (1937)

Umas poucas palavras acerca do regime do partido

Aos dirigentes do *Socialist Appeal*:

Durante os últimos meses recebi cartas, em referência ao regime interno do partido revolucionário, de vários camaradas aparentemente jovens e a quem não conheço. Algumas destas cartas se queixam da “falta de democracia” em sua organização, do domínio dos “dirigentes” e coisas pelo estilo. Camaradas individualmente me pedem que dê uma “fórmula clara e exata sobre centralismo democrático” que impediria falsas interpretações. (...).

Tampouco penso que possa dar uma fórmula tal sobre centralismo democrático que “de uma vez por todas” elimine mal-entendidos e falsas interpretações. Um partido é um organismo ativo. Se desenvolve na luta contra obstáculos exteriores e contradições internas. (...)

O regime de um partido não cai do céu senão que se forma gradualmente na luta. A linha política predomina sobre o regime; em primeiro lugar, é necessário definir problemas estratégicos e métodos táticos corretamente com o fim de resolvê-los. As formas organizativas deveriam corresponder a estratégia e a tática. Somente uma política correta pode garantir um regime partidário saudável. Se entende que isto não significa que o desenvolvimento do partido não dará lugar a tais problemas de organização. Porém implica que a fórmula para um centralismo democrático deve encontrar inevitavelmente uma expressão diferente

nos partidos de diversos países e em distintos estados de desenvolvimento de um mesmo partido.

A democracia e o centralismo não se encontram em absoluto em uma proporção invariável de uma com o outro. Tudo depende de circunstâncias concretas, da situação política do país, da força e experiência do partido, do nível geral de seus membros, da autoridade que sua direção conquistou. Antes de uma conferência, quando o problema consiste em formular uma linha política para o próximo período, a democracia triunfa sobre o centralismo. Porém quando se trata da ação política, o centralismo subordina a democracia.

(...) O equilíbrio entre a democracia e o centralismo se estabelece na luta atual, em certos momentos é violado e logo se restabelece de novo.

A maturidade de cada membro do partido se expressa particularmente no fato de que não exige do regime partidário mais do que este pode dar. A pessoa que define sua atitude para com o partido pelos golpes pessoais que lhe dão no nariz é um pobre revolucionário. É necessário, por suposto, lutar contra todos os erros individuais dos dirigentes, toda injustiça, etcetera. Porém é necessário determinar estas “injustiças” e “erros” não nos mesmos senão em conexão com o desenvolvimento geral do partido a escala nacional e internacional. Um Juízo correto e um sentido das proporções em política são extremadamente importantes.

A pessoa que tem propensão a fazer uma montanha de um grão de areia pode causar muito dano ao partido e a si mesmo. (...).

Cada revolucionário real que nota equívocos no regime partidário, deve primeiro que tudo dizer-se: “Devemos trazer ao partido uma dezena de novos trabalhadores! ” (...) Só assim se estabelecerá um regime partidário saudável nas seções da quarta Internacional.

13 - Em Defesa do Marxismo

Trotsky (1939/1940)

O Referendum e o Centralismo Democrático⁽¹⁾

Pedimos um referendum sobre a questão da guerra porque queremos paralisar ou debilitar o centralismo do Estado imperialista. Porém, podemos reconhecer o referendum como um método normal para decidir as alternativas em nosso próprio partido? Não é possível responder esta pergunta, a não ser pela negativa.

Quem quer que seja, que esteja a favor de um referendum, reconhece com isso, que a decisão partidária é simplesmente uma soma aritmética de decisões locais, estando cada uma das localidades inevitavelmente restrita às suas próprias forças e por sua experiência limitada. Quem quer que seja, que esteja a favor de um referendum, deve estar a favor dos mandatos imperativos, isto é, a favor de um procedimento tal, que cada localidade tenha o direito de obrigar seu representante, num Congresso do Partido, a votar de uma determinada maneira. Quem quer que seja, que admita os mandatos imperativos, nega automaticamente o significado dos congressos como órgãos supremos do partido. Ao invés de um Congresso, torna-se suficiente contar os votos locais. O Partido desaparece como conjunto centralizado.

(...). Naturalmente estamos a favor de um exame de todos os lugares e do voto sobre cada questão por cada local do Partido por cada célula do Partido. Mas ao mesmo tempo, cada delegado eleito por uma localidade deve ter, no Congresso, o direito de pesar todos os argumentos relacionados à questão e votar segundo seu próprio juízo político.

Carta à Maioria do Comitê Nacional – Trotsky (1939)

Até agora, eu estava favorável à publicação da discussão no *Socialist Appeal* e no *New International*, mas reconheço que os argumentos que utilizam são muito sérios, especialmente em relação aos argumentos do camarada Burnham.

O *New International* e o *Socialist Appeal*, não são instrumentos de discussão sob o controle de um comitê especial de discussão, mas instrumentos do Partido e seu Comitê Nacional. No boletim de discussão, a oposição pode pedir os mesmos direitos da maioria, mas as publicações oficiais do partido têm o dever de defender o ponto de vista do Partido e da Quarta Internacional, até que seja mudado. (...).

A estrutura organizativa da vanguarda proletária deve se subordinar às exigências positivas da luta revolucionária, e não às garantias negativas contra sua degeneração. Se o Partido não estiver apto às necessidades da revolução socialista, degenerará, apesar das mais ditas estipulações jurídicas. (...)

Minhas conclusões práticas?

Primeiro, é necessário condenar oficialmente, diante do Partido, a tentativa de destruir a linha partidária, colocando a programa do partido no mesmo nível que qualquer inovação não aceita pelo partido.

Em segundo lugar, se o Comitê Nacional acha necessário dedicar um número do *New International* à discussão (não proponho isso para agora), deve fazê-lo de tal forma que o leitor veja onde está a posição do Partido e onde está a tentativa de revisão, e que a última palavra seja da maioria e não da oposição.

Terceiro, se os boletins internos não são suficientes, poderia se publicar uma coleção especial de

artigos dedicados aos temas da ordem do dia do Congresso.

A mais completa lealdade na discussão, mas nenhuma concessão ao espírito pequeno-burguês e anarquista, por mínima que seja!

Carta à Maioria do Comitê Nacional [segunda carta] – Trotsky (1939)

Confesso que num primeiro momento, seu informe sobre a insistência dos camaradas Burnham e Shachtman, com relação à publicação de artigos controversos em *New Socialist* e em *Socialist Appeal*, me surpreendeu. Me perguntei sobre qual seria a razão disso. Está excluído que seja o fato de que se sintam muito seguros de sua posição. Os argumentos são de natureza muito primitiva, as contradições entre eles são agudas e não podem deixar de pensar no fato de que a maioria representa a tradição e a doutrina marxista. Não podem esperar sair vitoriosos de uma luta teórica; não só Shachtman e Abern, mas também Burnham, entendem isso. Qual é então, a fonte de sua ânsia de publicidade? A explicação é muito simples: estão impacientes para se justificarem diante da opinião pública democrata, para gritar a todos os Eastman, Hooks e outros, que eles, a oposição, não são tão maus como nós. (...) É o mesmo tipo de capitulação interna que observamos em Zinoviev e Kamenev às vésperas da Revolução de Outubro, e em muitos "internacionalistas" pressionados pela onda de guerra patriótica. (...)

Sob as atuais condições, temos todo o direito de lhes dizer: vocês devem esperar o veredito do partido, e não chamar os democráticos juízes patrióticos antes que seja tomada a decisão.

Anteriormente, considerei a questão de forma muito abstrata, isto é, somente desde o ponto de vista da luta, teórica, e a partir deste ponto de vista estou de acordo com o camarada Goldman, de que somente podemos ganhar. Porém, critérios políticos mais amplos indicam que devemos eliminar a intervenção prematura do fator democrático-patriótico em nossa luta interna partidária, e que a oposição deve contar, na discussão, somente com sua própria força, como faz a maioria. (...)

P.S.: É absolutamente certo que os agentes stalinistas estão trabalhando em nosso meio a fim de agudizar a discussão e provocar uma ruptura. Seria necessário examinar muitos "lutadores" fracionistas a partir deste especial ponto de vista.

W.R.

Carta a Farrell Dobbs – Trotsky (1940)

(...) No Partido Bolchevique, a oposição tinha seus próprios jornais públicos etc. (...) naquele momento, o Partido tinha centenas de milhares de membros, o objetivo portanto, era que a discussão chegasse a essas centenas de milhares de membros, e convencê-los. Em tais condições não era fácil limitar a discussão a círculos internos. Por outro lado, o perigo de coexistência dos jornais do Partido e da oposição atenuou-se pelo fato de que a decisão final dependia de centenas de milhares de operários, e não de pequenos grupos. O Partido americano tem, comparativamente, apenas um reduzido número de membros, e a discussão era e é mais do que abundante. As linhas de demarcação parecem ser muito firmes, pelo menos para o próximo período. Em tais condições, para a oposição, ter seu jornal ou revista próprios, é um meio, não para convencer o Partido, mas sim para chamar o mundo exterior contra o Partido.

(...) a Quarta Internacional não deve, nem pode admitir uma unidade puramente fictícia sob cuja cobertura duas organizações independentes se dirijam ao mundo exterior com diferentes teorias, diferentes programas, diferentes palavras-de-ordem e diferentes princípios organizativos. Em tais condições, uma cisão aberta seria mil vezes preferível a tal unidade hipócrita.

A oposição refere-se também ao fato de que, em certas épocas, tivemos dois grupos paralelos no mesmo país. Mas tais situações anormais foram admitidas temporariamente só em dois casos: quando a fisionomia política dos dois grupos ou de um deles, não era suficientemente clara e a Quarta Internacional precisava de tempo para poder opinar sobre o assunto; ou a coexistência de dois grupos era admitida no caso de uma divergência concreta, limitada, mas muito forte (entrada não PSOP⁽¹⁾ etc.). A situação nos Estados Unidos é absolutamente diferente. Tivemos um partido unido, com uma tradição séria, agora temos duas organizações, uma das quais, graças à sua composição social e à pressão externa, entrou, no período de um par de meses, em conflito irreconciliável com nossa teoria, nosso programa, nossa política e nossos métodos organizativos.

Se eles estão de acordo em trabalhar com vocês na base do centralismo democrático vocês podem esperar e convencer e ganhar os melhores elementos pela prática comum. (Eles têm o mesmo direito de esperar convencê-los). Mas como organização independente, com seu próprio jornal, só podem evoluir na direção de Burnham. Neste caso, os interesses da Quarta Internacional serão, pelo contrário, forçar a oposição a fazer sua própria experiência, de forma absolutamente independente, não só sem proteção de nossa bandeira, como também pelo contrário, com a nossa mais forte advertência às massas.

De um Arranhão, ao Perigo de Gangrena – Trotsky, (1940).

(...), mas a luta principal deve ser levada até o fim, quer dizer, até um sério esclarecimento das mais importantes questões colocadas. É necessário aproveitar assim a discussão, para elevar o nível teórico do partido. (...) Todo membro do partido deve se considerar um oficial do exército proletário.

(...) A discussão revelou que por detrás de todo conflito no interior do partido, entre uma tendência pequeno-burguesa e uma tendência proletária. A tendência pequeno-burguesa revela sua confusão no esforço em reduzir o programa do partido ao estreito limite das questões "concretas". A tendência

proletária, ao contrário, procura correlacionar todas as questões parciais numa unidade teórica. O que está em causa atualmente não é o quanto cada membro da maioria aplica conscientemente o método dialético. O importante é o fato de que a maioria em seu conjunto se orienta para um posicionamento proletário sobre os problemas, e precisamente por isso tende a assimilar a dialética, que é a "álgebra da revolução". Os oposicionistas — segundo me informam — recebem com gargalhadas a simples menção da palavra "dialética". Em vão. Este método sem valor não ajudará. A dialética do processo histórico castigou cruelmente mais de uma vez, quem zombou dela.

(...) o destino de toda uma geração revolucionária que, devido a uma conjuntura especial de condições históricas, cresceu à margem do movimento operário. Tive ocasião mais do que uma vez, de falar e escrever, no passado, sobre o perigo de que estes valiosos elementos se degenerem, apesar da sua dedicação à revolução. O que nos seus dias foi uma inevitável característica da adolescência, transformou-se em debilidade. A debilidade convida à doença. Se há um descuido, a doença pode ser fatal. Para escapar a este perigo é necessário abrir conscientemente um novo capítulo no desenvolvimento do partido. Os propagandistas e jornalistas da Quarta Internacional devem iniciar um novo capítulo em sua própria consciência. É necessário rearmar-se. É necessário fazer uma rotação sobre o próprio eixo: voltar as costas aos intelectuais pequeno-burgueses e olhar para os operários.

Seria difícil conceber um erro mais perigoso para o partido do que considerar como causa da sua crise atual o conservadorismo do seu setor operário, a procura de uma solução para a crise através do triunfo do bloco pequeno-burguês. Na realidade, a chave da atual crise consiste no conservadorismo dos elementos pequeno-burgueses que passaram por uma escola puramente propagandística, e não encontraram ainda uma trilha em direção ao caminho da luta de classes. A crise atual é a luta final destes elementos pela sua autoconservação. Como indivíduo, todo oposicionista pode encontrar, se assim desejar, firmemente, um lugar para si dentro do movimento revolucionário. Como fração estão condenados a morrer.

(...) Shachtman esqueceu um detalhe: a sua posição de classe. Daí os seus extraordinários ziguezigos, seus saltos e improvisos. Substitui a análise de classe por anedotas históricas desconexas, com o único propósito de ocultar a sua própria mudança, de camuflar a contradição entre o seu passado e o seu presente. (...)

É bem mais difícil corrigir os erros do que cometê-los. (...)

(...). Em 27 de maio de 1939, escrevi novamente sobre o caráter do *Socialist Appeal*, em relação à composição social do partido:

"Pelas atas, vejo que está tendo dificuldades com o *Socialist Appeal*. O jornal está muito bem feito sob o ponto de vista jornalístico; mas é um jornal para os operários e não um jornal operário..."

"Tal como é, o jornal está dividido entre vários escritores, cada um deles muito bom, mas de conjunto não permitem que os operários penetrem nas páginas do *Appeal*. Cada um deles fala para os operários (e fala muito bem), mas nenhum escuta os operários. Apesar do seu brilhantismo literário, o jornal tornou-se vítima, de certa forma, da rotina jornalística. Vocês não dão a menor importância à forma como vivem os operários, como lutam, como se batem com a polícia ou como tomam whisky. Isso é muito perigoso para o jornal, como instrumento revolucionário do partido. A tarefa não consiste em fazer um jornal através dos esforços conjuntos de um qualificado comitê de redação, mas sim em alentar os operários a se expressarem por si mesmos.

"É necessária, como condição de êxito, efetuar uma mudança valente e radical..."

"Naturalmente, não é só uma questão do jornal, mas sim de todo o curso da política. Continuo com a minha opinião de que têm muitos moços e moças pequeno-burgueses que são muito bons e dedicados ao partido, mas que não se dão conta, plenamente, de que o seu dever não é discutir entre eles, mas sim penetrar no meio dos operários. Repito a minha proposta: todo membro pequeno-burguês do partido que durante certo tempo, digamos três ou seis meses, não ganhe um operário para o partido, deve ser transferido para a categoria de simpatizante e, depois de outros três meses, expulso do partido. Em alguns casos poderia parecer injusto, mas o partido, no seu conjunto receberia um choque saudável, que muito necessita. É necessária uma mudança radical."

Ao propor medidas tão draconianas como a expulsão dos elementos pequeno-burgueses incapazes de se ligarem aos operários, não tinha em mente a "defesa" da fração de Cannon, mas sim salvar o partido da degeneração. (...)

A teoria dos Blocos

(...) Em busca de analogias históricas Shachtman foge de um exemplo que é realmente parecido com o seu atual bloco. Penso no chamado bloco de agosto de 1912. Eu participei ativamente neste bloco. De algum modo, dei-lhe nascimento. Politicamente, eu diferia dos mencheviques em todas as questões fundamentais. Também diferia dos bolcheviques ultra esquerdistas, dos membros do grupo "Vperiod". Na tendência política geral, encontrava-me muito mais próximo dos bolcheviques. Mas estava contra o "regime" leninista porque ainda não tinha aprendido a compreender que, a fim de realizar a meta revolucionária, é indispensável um partido centralizado, firmemente unido. E assim formei este bloco episódico, composto de elementos heterogêneos que estava dirigido contra a ala proletária do partido.

No bloco de agosto, os liquidadores tinham sua própria fração. Eu me mantive isolado, contava com quem pensasse como eu, mas não com uma fração. Muitos dos documentos foram escritos por mim, e iludindo diferenças de princípio, tinham por objetivo a criação de uma aparência de unanimidade a respeito

das "questões políticas concretas". Nem uma palavra sobre o passado! Lênin submeteu o bloco de agosto a uma crítica sem piedade, e os golpes mais rigorosos caíram sobre mim. Lênin demonstrou que principalmente por eu não ter concordado nem com os mencheviques nem com os membros do grupo "Vperiod", a minha política era aventureira. Isto foi severo, mas certo.

Como "circunstância atenuante", seja-me permitido mencionar o fato de que me tinha colocado como tarefa, não apoiar a fração direitista ou ultra esquerdistas contra os bolcheviques, mas sim unir o partido no seu conjunto. Os bolcheviques também foram convidados à conferência de agosto. Mas como Lênin se recusou, desde o início, a unir-se com os mencheviques (no que estava completamente certo) vi-me colocado num bloco artificial, com os mencheviques e os membros do grupo "Vperiod". A segunda circunstância atenuante é que o próprio fenômeno do bolchevismo, como verdadeiro partido revolucionário, desenvolvia-se então pela primeira vez; na prática da Segunda Internacional não existiam precedentes. Porém, não tento, por esse meio, absolver-me da menor culpa. Não obstante a concepção de revolução permanente, que revelava, indubitavelmente, a perspectiva correta, não me tinha libertado naquela época, especialmente na esfera organizativa, dos traços do revolucionário pequeno-burguês. Estava com a doença do conciliacionismo com o menchevismo, e de uma atitude desconfiada para com o centralismo leninista. Imediatamente depois da conferência de agosto, o bloco começou a desintegrar-se nos seus componentes. Ao fim de poucos meses, eu estava fora do bloco, não só em matéria de princípios, como também organizativamente.

Hoje dirijo a Shachtman a mesma crítica que Lênin me dirigiu há 27 anos: "O seu bloco não tem princípios". "Sua política é aventureira". De todo o coração, expresso a esperança de que destas acusações Shachtman extraia as mesmas conclusões que uma vez eu extrai.

(A EXPERIÊNCIA DO SWP (EUA) - J. CANNON)

14 - A Situação Interna e o Caráter do Partido^[3]

J. Cannon e M. Schachtman (1938)

O partido socialista dos trabalhadores é um partido revolucionário marxista com um programa definido, cujo objetivo é organizar os trabalhadores para a luta pelo poder e pela transformação da ordem social vigente. Todas as suas atividades, seus métodos e seu regime interno estão subordinados a este objetivo e servem a este fim.

Somente uma militância atuante e crítica é capaz de preparar e consolidar o partido para enfrentar seus desafios e resolver seus problemas, por meio da discussão coletiva e da experiência comum. Decorre disso, a necessidade de garantir a mais ampla democracia em suas fileiras.

A luta pelo poder organizada e liderada pelo partido revolucionário é a luta mais cruel e irreconciliável em toda a história. Uma organização pouco articulada, heterogênea, indisciplinada e sem treinamento é totalmente incapaz de realizar tarefas históricas, como as que o partido proletário e revolucionário enfrenta na atualidade. Isso é ainda mais importante tendo em vista a posição singularmente difícil de nosso partido e da extraordinária perseguição a que está sujeito. Daí segue a exigência incondicional de todos os seus militantes de que tenham completa disciplina em todas as atividades públicas e ações da organização.

Capacidade dirigente e direção centralizada são pré-requisitos indispensáveis para uma ação sustentada e disciplinada, especialmente para o partido que se propõe a liderar os esforços coletivos do proletariado em sua luta contra o capitalismo. Sem um comitê central firme e forte, com poder para agir pronta e eficazmente em nome do partido e para supervisionar, coordenar e dirigir todas as suas atividades, sem exceção, a própria ideia de um partido revolucionário é uma brincadeira sem sentido.

A partir dessas considerações e baseados na experiência da luta da classe trabalhadora em todo o mundo, no século passado, é que nós extraímos o princípio leninista de organização, a saber, o centralismo democrático. A mesma experiência tem demonstrado que não há garantias absolutas para a preservação do princípio do centralismo democrático e não existe nenhuma fórmula rígida a priori para assegurar a sua aplicação independente das circunstâncias. A partir de certas concepções fundamentais, o problema da aplicação do princípio do centralismo democrático, sob diferentes condições e estágios de desenvolvimento da luta, só pode ser resolvido em relação à situação concreta, no curso dos testes e experiências vividas no movimento, fundamentado na mais fecunda e saudável inter-relação dos órgãos dirigentes do partido com a sua base.

A direção do partido deve ser controlada por sua militância. Suas políticas devem ser passíveis de crítica, discussão e retificação pela base, através de regras e limites devidamente estabelecidos. Os próprios organismos e seus membros dirigentes estão sujeitos à suspensão ou substituição. Os membros do partido têm o direito de exigir e esperar a máxima responsabilidade dos seus líderes, justamente por causa da posição que ocupam no movimento. A seleção de camaradas para os postos de direção do partido envolve

uma responsabilidade extraordinária. A justificativa para esta posição deve ser provada, não uma vez, mas continuamente pelo próprio dirigente.

O dirigente tem a obrigação de dar o maior exemplo de responsabilidade, devoção sacrificio e completa identificação com o próprio partido em sua vida e na ação cotidiana. Deve demonstrar habilidade para defender as políticas do partido em seu interior, assim como fazer a defesa da linha do partido e de sua unidade perante a classe trabalhadora. A atividade partidária consequente, não interrompida ou interrompida por mudanças abruptas e desorientadoras, pressupõe não só a continuidade da tradição e o desenvolvimento sistemático da política do partido, mas também a continuidade da direção. (...)

A continuidade da direção não significa, no entanto, sua automática autoperpetuação. A renovação constante de seus membros por meio de adições e quando necessário substituições é a única garantia de que o partido não capitulará, de que não será sobrecarregado desnecessariamente, de que evitará a corrosão pelo conservadorismo e diletantismo, de que não será objeto de conflito entre os mais velhos e os mais novos, de que seus quadros antigos serão compostos por novos membros, de que os dirigentes do partido como um todo não se tornarão meros funcionários da burocracia, com uma vida distante da vida real do partido e das atividades da classe trabalhadora e da vida. Assim como a direção, a militância no partido possui uma série de direitos.

À militância do partido confere-se a maior liberdade de discussão, debate e crítica dentro das fileiras do partido, limitada apenas por decisões e disposições que são feitas pelo próprio partido ou por órgãos aos quais é atribuída tal função. Aos filiados ao partido confere-se a cada membro o direito de ser representado democraticamente em todas as assembleias políticas do partido (da Convenção Nacional à Internacional) e o direito de voto deliberativo na definição do programa, das políticas e da liderança do partido.

Assim como direitos, a militância também tem uma série de obrigações. O caráter teórico e político do partido é determinado pelo seu programa, o que forma as linhas que diferenciam o partido revolucionário de todos os demais partidos, grupos e tendências na classe trabalhadora. A primeira obrigação é a leal aceitação do programa do partido e participação em um de seus organismos. O partido exige de todos os membros a aceitação de sua disciplina e o exercício de sua atividade de acordo com o programa do partido, com as decisões adotadas nas convenções do partido e com as políticas formuladas e dirigidas pela direção. A adesão ao partido implica 100% de lealdade à organização, rejeição de todos os agentes de grupos hostis em suas fileiras e a intolerância de lealdades divididas em geral. A adesão ao partido exige um mínimo de atividade na organização, conforme estabelecido por sua própria regional e sob a direção do partido; necessita do cumprimento de todas as tarefas que o partido atribui a cada membro. Militar no partido revolucionário implica a obrigação de todos os seus membros de contribuir materialmente, de acordo com seus recursos, para manter a organização.

Disso resulta que o partido procura incluir em suas fileiras todos os trabalhadores revolucionários, que possuem consciência de classe e militantes que defendem seu programa e atuantes disciplinadamente na construção do movimento. (...)

O direito individual de cada membro, tal como estabelecido acima, não implica que a totalidade dos membros, ou seja, o próprio partido, não possua direitos. O partido como um todo tem o direito de exigir que o seu trabalho não seja perturbado e desorganizado e tem o direito de tomar todas as medidas que considere necessárias para assegurar o seu funcionamento regular e normal. Os direitos de qualquer membro individual são claramente secundários aos direitos dos membros do partido como um todo. A democracia do partido significa não somente a proteção mais escrupulosa dos direitos de uma determinada minoria, mas também a proteção da regra da maioria. O partido tem, portanto, o direito de organizar a discussão e de determinar as suas formas e limites.

Toda discussão dentro do partido não deve ser organizada como se o partido fosse um clube de discussão - que debate interminavelmente todas e quaisquer questões em qualquer momento, sem chegar a uma decisão que permita uma ação organizada - mas, sob o ponto de vista de que somos um partido disciplinado de ação revolucionária. O partido em geral não só tem o direito, portanto, de organizar a discussão de acordo com as exigências da situação, mas os organismos de base (inferiores) do partido devem ter o direito, no interesse da luta contra a ruptura e desorganização do trabalho do partido, de disciplinar os indivíduos irresponsáveis e, se necessário, expulsá-los das fileiras.

As decisões da convenção nacional do partido são obrigatorias para todos os seus membros, sem exceção, e estabelecem a discussão sobre todos os questionamentos referentes a uma decisão foi tomada. Qualquer membro do partido que viole as decisões da convenção ou que tente reavivar a discussão em relação a elas, sem a autorização formal do partido, coloca-se em oposição ao partido e pode perder o seu direito à adesão. Todos os organismos do partido estão autorizados e instruídos a tomar quaisquer medidas necessárias para fazer cumprir esta regra.

15 - A luta por um Partido Proletário

J. Cannon (1940)

(Este texto trata da luta contra a fração de Burnham, Schachtman e Abern, 1940)

Capítulo 1 – O que a discussão revelou

As lutas políticas em geral, incluindo sérias lutas fracionais em um partido, não ocorrem em um vácuo. São realizadas sob a pressão das forças sociais e refletem a luta de classes em algum grau. Esta lei é demonstrada do modo mais contundente no desenvolvimento da presente discussão no interior do nosso partido.

No momento presente, a pressão das forças de classes estranhas sobre a vanguarda proletária é excepcionalmente pesada. É o que devemos entender antes de qualquer coisa. Somente então podemos nos acercar de uma compreensão da atual crise do partido. É a mais profunda e severa crise que o nosso movimento já conheceu em escala internacional. A tensão sem precedentes nas fileiras aponta para um conflito de posições de princípios que são obviamente irreconciliáveis. Dois campos no partido lutam por diferentes programas, diferentes métodos e diferentes tradições.

O que levou o partido a esta situação em tão curto espaço de tempo?

(...). É necessário, para entender o significado real da crise, buscar causas mais profundas.

Não é difícil, para os que entendem a política como uma expressão da luta de classes – e é este o modo pelo qual os marxistas a entendem – encontrar a causa básica da crise no partido. A crise representa a reação, em nossas fileiras, à pressão externa. (...)

Dizemos, mais precisamente, que a crise é o resultado da pressão da opinião pública democrático-burguesa sobre um setor da direção partidária. É esta nossa análise da luta incontida entre as tendências proletária e pequeno-burguesa em nosso partido.

Definimos as facções em luta não por termos gerais e abstratos como “conservadora” e “progressista”. Julgamos as frações, não pelos traços psicológicos dos indivíduos, mas pelo programa que defendem. A discussão revelou não uma diferença de opinião acerca da aplicação do programa – tais diferenças ocorrem frequentemente e, normalmente, têm uma importância transitória – mas uma tentativa de contrapor um programa a outro. Eis o que dividiu o partido em dois campos. Estes termos, que utilizamos desde o começo da discussão para caracterizar as duas tendências no partido têm a função de ser, naturalmente, definições e não insultos. É necessário repetir esta consideração em cada debate entre marxistas e políticos pequeno-burgueses de todos os tipos; algo que eles não toleram é serem chamados pelo seu verdadeiro nome.

Os dirigentes da oposição consideram ultrajante, uma invenção maldosa de facção, colocar uma tabuleta de classe sobre a sua fração quando o seu único crime consiste no simples fato de que voltaram as costas para União soviética e negar-lhe defesa na luta contra o imperialismo mundial. Nossa definição, porém, deste tipo de atitude não é nova. (...)

No primeiro teste um pouco mais sério revelaram-se como “trotskistas de tempos de paz”.

Este desempenho vergonhoso, esta traição do marxismo, ocorreu na seção americana da IV Internacional antes mesmo da entrada formal do imperialismo americano na guerra. Na bíblia da oposição, seu documento sobre “A guerra e o conservadorismo burocrático”, somos certificados de que a crise do partido “foi provocada pela guerra”. Esta não é uma afirmação realmente precisa. Os EUA ainda não entraram formalmente em guerra e, até agora, temos apenas uma vaga indicação da pressão material e moral que pesará contra a vanguarda proletária sob condições de guerra. Não a guerra, mas apenas a sombra da guerra que se aproxima foi suficiente para provocar o louco estouro da boiada de Burnham, Schachtman e Abern.

Estes filósofos da retirada e da capitulação, atribuindo gratuitamente ao partido seu próprio pânico, expressam a opinião de que camaradas que leem seu documento sobre o regime do partido, “tiram dele conclusões cínicas, desencorajadas ou derrotistas”. E acrescentam: “o futuro é sombrio”. (...)

Na maioria proletária do partido não há um único traço de pessimismo. (...)

Burnham, em seu último documento a respeito de “Ciência e Estilo”, fala a língua do inimigo inspirado pelo ódio do movimento operário revolucionário e de todos os que permanecem fiéis a ele.

É isto que uns poucos meses de discussão política revelaram.

Capítulo 4 – A questão da organização

(...) O conflito fundamental entre as tendências proletária e pequeno-burguesa expressa-se a cada vez na questão da organização do partido. Nestes conflitos secundários, porém, não estão envolvidos apenas pequenos incidentes. (...) A disputa é mais profunda.

(...) Burnham preocupou-se, primeiro de tudo, com as “garantias democráticas” contra a degeneração do partido após a revolução. Estamos preocupados, antes de mais nada, em construir um partido que será capaz de liderar uma revolução. O conceito de Burnham de democracia partidária é a de um ateliê de discussões onde a conversa continua para sempre e nada é decidido com firmeza (...)

Nossa concepção de partido é radicalmente diferente. Para nós, o partido deve ser uma organização de combate que leva diante uma luta determinada pelo poder. O partido bolchevique que dirige a luta pelo poder não necessita apenas de democracia. Requer, também, um centralismo imperioso e disciplina de ferro na ação. Requer uma composição proletária em conformidade com o seu programa proletário. O partido bolchevique não pode ser dirigido por diletantes cujos interesses reais e vidas reais estão em outro mundo, estranho a este. Requer uma direção profissional ativa, composta de indivíduos selecionados e controlados democraticamente, que devotem toda a sua vida ao partido e que encontrem no partido e em suas atividades variadas em um ambiente proletário, satisfação pessoal completa.

(...) O revolucionário proletário é um homem disciplinado, uma vez que o partido não pode existir como uma organização de combate sem disciplina. Quando se encontra em minoria, submete-se à decisão do partido e leva adiante suas resoluções, enquanto aguarda novos acontecimentos para verificar as disputas ou novas oportunidades para discutir novamente.

(...) O intelectual pequeno-burguês, que quer ensinar e guiar o movimento operário sem participar nele, sente apenas laços frouxos com o partido e está sempre cheio de “queixas” contra ele. No momento em que seus pés são pisados ou em que ele é rejeitado, esquece tudo a respeito dos interesses do movimento e lembra apenas que seus sentimentos foram feridos; a revolução pode ser importante, mas a vaidade ferida do intelectual pequeno-burguês é mais importante. Ele é completamente a favor da disciplina quando está sentando a lei para os outros, mas tão logo se encontre em minoria, começa a lançar ultimatos e ameaça a maioria do partido com o rompimento.

(...) Questões de organização e métodos organizativos não são independentes das linhas políticas, mas subordinados a elas. Como regra, os métodos organizativos derivam-se da linha política. De fato, todo o significado da organização é o de realizar o programa político. Em última análise não há exceções a esta regra. Não é a organização - partido ou grupo - que cria o programa; antes, é o programa que cria a organização ou conquista e utiliza uma organização já existente. (...)

Capítulo 5 – Os Intelectuais e os proletários

(...) A questão em pauta é a atitude dos revolucionários proletários em relação aos membros cultos da classe pequeno-burguesa que bandearam para o movimento proletário. (...)

Nosso movimento, o movimento do socialismo científico, julga as coisas e as pessoas de um ponto de vista de classe. Nosso objetivo é a organização de um partido de vanguarda para liderar a luta do proletariado pelo poder e a reconstituição da sociedade sobre fundamentos socialistas. Esta é a nossa “ciência”. Julgamos todas as pessoas que vêm até nós de outra classe pela extensão da sua verdadeira identificação com a nossa classe e as contribuições que possam fazer que ajudem o proletariado em sua luta contra a classe capitalista. Este é o quadro no qual consideramos objetivamente o problema dos intelectuais no movimento. Se ao menos 99% dos intelectuais - para falar com o máximo conservadorismo - que se aproximam o movimento operário revolucionário se revelam mais um problema do que uma vantagem não é devido aos nossos preconceitos contra eles ou porque não os tratamos com devida consideração, mas porque não correspondem aos requerimentos que somente eles podem torná-los úteis para a nossa luta. (...)

Lénin, Trotsky, Plekhánov, Luxemburg - nenhum deles era proletário em sua origem social, mas vieram para o lado do proletariado e tornaram-se os maiores dos dirigentes proletários. Tiveram, no entanto, para fazê-lo, que desertar de sua própria classe e integrar-se à “classe revolucionária, à classe que mantém o futuro em suas mãos”. Fizeram esta mudança de lealdade de classe incondicionalmente e sem reservas. Somente deste modo puderam tornar-se os representantes genuínos da classe que adotaram e fundiram completamente com ela, eliminando toda sombra de conflito entre eles e os revolucionários de origem proletária. Não havia, nem poderia haver qualquer “problema” neste caso. (...)

O movimento operário revolucionário, consciente de que “tem o futuro em suas mãos” é autoconfiante, imperioso, exigente no grau mais alto. Repele todo flerte e lealdades pela metade. Reivindica de todos, especialmente dos dirigentes, “tudo ou nada”. (...)

Não é verdade que os militantes operários avançados sejam hostis à educação e preconceituosos contra as pessoas cultas. Exatamente o contrário. Têm um respeito exagerado por cada intelectual que se aproxima do movimento e uma apreciação exagerada de cada pequeno serviço que prestam. (...)

Capítulo 10 – “Conservadorismo”

(...) Se o conservadorismo for definido como uma tendência à frequente lerdeza em identificar oportunidades para seguir adiante e hesitação em aproveitar essas oportunidades – nesse sentido não é possível negar que nosso movimento como um todo, assim como seu “regime”, não estiveram livres de erros. Tais tendências são inerentes de todos os grupos que tem uma origem “sectária”, e que são obrigados pelas circunstâncias a viverem uma longa vida no isolamento. Muitas sessões da Quarta Internacional se tornaram vítimas desse problema, a ponto de se desintegrarem. (...).

De certo modo, o conservadorismo se expressou na tendência, a qual todos nós acabamos mais ou menos sucumbindo nos difíceis anos de isolamento, à atuação rotineira e desatenta, ao excesso de cautela, e a uma tendência a nos satisfazer com conquistas extremamente modestas. Não há dúvidas de que a atual maioria está corretamente sujeita a críticas sobre esse tema. (...)

Mas nossa teoria, o marxismo, é a única teoria revolucionária no mundo; não há nada de conservador nela. Podemos ser acusados de conservadorismo na política, isso é, na *aplicação* de nossos princípios teóricos? Não acredito que nosso passado pode justificar tal acusação. A essência da política é entender a realidade de uma dada situação, saber o que é possível e o que não é; e, acima de tudo, saber o que tem que ser feito – e fazê-lo. (...)

J.Cannon (1953)

Nota: Este discurso de James P. Cannon foi feito em uma plenária do Comitê Central do SWP, em 3 de novembro de 1953, depois do fim da luta contra a fração de Cochran-Clarke, internacionalmente vinculada a Michel Pablo.

Unificações e rupturas

Trotsky, em algum momento, disse que as unificações tanto quanto as rupturas são métodos para construir o partido revolucionário. Como a experiência tem demonstrado, essa é uma observação profundamente verdadeira. O partido que conquistou a vitória na Revolução Russa foi produto da ruptura com os mencheviques, em 1903, de várias unificações e rupturas pelo caminho, e da unificação final com Trotsky em 1917. A combinação entre rupturas e unificações produziu o vitorioso partido da Revolução Russa.(...)

No entanto, esta lei formulada por Trotsky, de que tanto as unificações quanto as rupturas são igualmente métodos de construção do partido, é verdadeira somente sob a condição de que a unificação e a ruptura devem ter motivos corretos. Caso não estejam adequadamente motivadas e adequadamente preparadas, podem produzir efeito prejudicial e desorganizador. Posso dar alguns exemplos disso.

A fusão da Oposição de Esquerda, dirigida por Nin na Espanha, com o grupo oportunista de Maurín, a partir da qual se formou o POUM, foi um dos fatores decisivos na derrota da Revolução Espanhola. A dissolução do programa trotskista, em nome da unificação um grupo oportunista, roubou do proletariado espanhol um programa claro e uma direção decidida, que poderiam ter sido o diferencial na Revolução Espanhola de 1936.

Por outro lado, as rupturas na organização trotskista francesa, antes da Segunda Guerra Mundial — houve várias, mas nenhuma com motivos apropriados — contribuíram para a desmoralização do partido. Nossa “sorte”¹ é que não temos levado a cabo falsas unificações ou falsas rupturas. Nunca tivemos uma ruptura que nos impediu de seguir em frente no dia seguinte, precisamente porque as rupturas foram corretamente preparadas e corretamente motivadas. (...)

Uma prova para direção

Uma luta de frações é uma prova para a direção. A luta entre frações é parte do processo de construção do partido revolucionário de massas; não toda a luta, mas uma parte dela. (...)

O quadro de direção

O problema do partido tem outro aspecto. O problema do partido é o problema da direção do partido. Penso, com certeza, que o problema do partido é um problema que a classe operária tem de resolver para que a luta contra o capitalismo possa ser definitivamente vitoriosa, da mesma maneira, penso que o problema do partido é o problema da direção do partido. (...)

Tipos de direção

O primeiro tipo de direção do partido, e talvez o pior que temos visto e conhecido, inclusive na IV Internacional, é a direção não planejada de talentosas estrelas individuais que atiram em sentidos opostos, desperdiçando suas energias em rivalidades pontuais, brigando por tolices, e incapazes de organizar uma coerente divisão de trabalho. Essa tem sido a trágica experiência de muitas seções da IV Internacional, em particular da seção francesa. Não sei como estão as coisas na França agora, mas sim sei que a seção francesa da IV Internacional não se converterá jamais em um partido de verdade até que aprenda disciplinar suas estrelas individuais e as faça trabalhar juntas.

Um segundo tipo de direção é a direção de uma camarilha. Em cada direção, há certa coordenação, certa organização e divisão do trabalho; e às vezes vai bem enquanto dura. Mas uma camarilha se mantém unida por associações pessoais — o que Trotsky, que odiava camarilhas, chamava “amiguismo” — e por esse mesmo fato contém um defeito fatal: pode ser destruída por disputas pessoais. Este é o destino inevitável de toda camarilha política. (...). Os grandes ventos e as ondas da luta de classes golpeiam inúmeras vezes esta pequena camarilha. Surgem divergências, desenvolvem-se dificuldades e frissons pessoais. (...) O partido não pode ser dirigido por uma camarilha, pelo menos, não por muito tempo.

Há um terceiro método de direção a respeito do qual só me dei conta, confesso francamente, depois de completar 60 anos. Trata-se da direção em base ao culto. Devo admitir que vivi sessenta anos neste mundo, antes de tropeçar no fato de que esse tipo de direção existe como se fosse “cultos políticos”. Comecei a esfregar os olhos quando vi como os johnsonistas funcionavam [os apoiadores de C.L.R. James, cujo nome no partido era Johnson] em nosso partido. Vi um culto ligado a uma só pessoa, uma espécie de Messias, e pensei: “Caralho, nunca se está velho demais para aprender algo novo”. (...). Para que um culto exista, não é suficiente que um dirigente tenha seguidores pessoais — todo dirigente tem em maior ou menor grau influência pessoal — senão que o dirigente do culto tenha de ser ele mesmo um cultista. (...). Não se pode confiar o partido da vanguarda operária a um culto ou a um líder cultista.

Há um quarto método de direção que tem sido muito comum. Tenho visto bastante em meu tempo: a direção de fração permanente. Isto é algo frente ao qual temos que levantar a guarda, porque acabamos de

¹ Nota da tradutora - no original: “buena fortuna”

passar por uma luta fracional muito severa e no curso dessa luta nos unimos estreitamente. É absolutamente necessário que a direção saiba claramente o que é uma fração temporal, quais são seus propósitos legítimos, quais são seus limites e os perigos de uma fração que se enrijece e permanece. .

Enrijecimento de frações

Não há coisa mais abominável no movimento político dos operários que uma fração permanente. Não há nada que desmoralize mais eficientemente a vida interna de um partido do que uma fração permanente. Alguém poderia dizer: a experiência de Lenin contradiz isso, por acaso ele não organizou uma fração em 1903, a fração bolchevique, e por acaso não permaneceu firmemente como fração até a revolução? Não, completamente. A fração de Lenin — que rompeu com os mencheviques em 1903, e depois negocou com eles em vários momentos, depois se unificou em um só partido, e, no entanto, permaneceu como fração — somente era uma fração em sua forma externa.

Em essência, o núcleo do Partido Bolchevique da Revolução de Outubro foi a fração bolchevique de Lenin. Era um partido. E a prova de que era um partido e não uma fração exclusiva de Lenin é que havia diferentes tendências dentro da fração bolchevique. Havia bolcheviques de direita e de esquerda. Algumas vezes, alguns deles polemizaram abertamente com Lenin. Os bolcheviques, inclusive, tiveram rupturas e reunificações entre eles mesmos. Lenin não considerou a fração bolchevique como algo para guardar para si mesmo durante toda sua vida, como uma corporação fechada.

Nos dias decisivos de 1917, quando publicou as Teses de Abril, mostrou que sua concepção era a de um partido que se unificaria com Trotsky, o que foi de uma extrema importância. Essa foi uma ação de partido. E alguns meses depois, quando Zinoviev e Kamenev, os colaboradores mais próximos de Lenin, se desviaram na insurreição, ele se juntou com Trotsky para esmagá-los. A fração de Lenin era na verdade um partido.

Em nosso partido, baseados em nossas experiências e estudos, temos trabalhado com um conceito de direção que é aquele no qual não há uma série de estrelas individuais sem coordenação; nem como uma camarilha; nem —por Deus— como um culto; nem como uma fração permanente. Nossa conceito de direção é conformar um quadro de direção.

É um plano consciente que vem sendo trabalhado durante anos e anos. Um quadro de direção, em nossa concepção, tem as seguintes características básicas: são pessoas que estão unidas, acima de tudo, pelo programa, não a respeito de cada questão particular que surge no cotidiano, mas sobre o programa básico do trotskismo. Esse é o começo.

A segunda característica é que o quadro de direção é uma seleção inclusiva e não exclusiva. Não há uma lista fixa de membros, mas conscientemente uma orientação de deixar a porta aberta, para incluir novas pessoas, para ampliar constantemente o quadro de direção em relação número e ao grau de influência, de forma flexível, a partir da assimilação e desenvolvimento de outros.

Nosso quadro tem outra característica: constrói o Comitê Nacional como uma representação amplamente democrática do partido. Não sei como se constrói a direção em outros partidos, mas o nosso não é dirigido exclusivamente por um grupo central de trabalho político, em Nova York. A direção, sempre enfatizamos, não é o Secretariado. Não é o Comitê Político. Não é o Comitê de Redação. É o Plenário. O Plenário inclui o Secretariado, o Comitê Político, o Comitê de Redação, além dos camaradas dirigentes de todos os distritos do partido.

Uma direção verdadeiramente representativa

Estes representantes distritais, como vocês sabem, não são designados em Nova York e promovidos mediante manobras especiais. Todos sabemos como fazer esse tipo de coisa e deliberadamente nos abstemos de fazê-la. Os dirigentes centrais, nas convenções dos partidos, nunca interferem nas deliberações das comissões de indicações. Os representantes distritais são escolhidos livremente pelos delegados de seus distritos e confirmados pela comissão de indicação. Realmente representam suas seções ou comitês locais, e quando se forma o plenário, observamos uma representação realmente democrática do partido. Esta é uma das razões pelas quais nossos plenários têm autoridade perante o partido.

Quando o plenário se reúne, podemos dizer que somos a direção porque realmente somos. É uma pequena convenção cada vez que temos uma plenária do Comitê Nacional. Isso é parte de nosso programa consciente para construir uma direção representativa e controlada democraticamente.

Uma terceira característica sobre o nosso conceito do quadro, a partir do qual trabalhamos o tempo todo, de maneira deliberada e consciente, é a cultivar a capacidade dos dirigentes trabalharem como uma equipe, para que não sejam estrelas individuais, não sejam “sabichões”, que se perdem em seus próprios problemas, mas pessoas que funcionem como uma máquina: que trabalham com outras, que reconhecem os méritos e respeitam as opiniões de outros, que reconhecem que não há ninguém que não seja importante, que percebam que todo aquele que está pelo programa e é enviado por sua seção ou comitê local ao Comitê Nacional tem algo a contribuir. A tarefa dos dirigentes centrais do partido é abrir a porta, averiguar o que cada um pode fazer, e ajudar em seu desenvolvimento para que possa ser melhor no futuro.

A capacidade de formar equipe é uma característica essencial de nosso conceito de quadro de direção, mas há outra: a divisão do trabalho. Não é necessário que um ou dois sabichões saibam tudo e façam tudo. É muito melhor, mais firme e mais seguro, se há uma ampla seleção de pessoas, que cada uma delas contribua com o que pode nas decisões, especialize-se na tarefa para qual foi designada e coordene seu trabalho com outras pessoas.

Devo dizer que estou muito satisfeito com a maneira com a qual o quadro de direção de nosso partido está evoluindo e vem se desenvolvendo desde o começo da luta aberta contra os revisionistas Pablo-Cochran. (...) O resultado é uma máquina poderosa, potencializada pelo trabalho coletivo produzido a partir da combinação dos méritos individuais. (...)

O conselho de Trotsky

Trotsky me aconselhava o tempo todo sobre os problemas da direção. Inclusive, em um passado não tão remoto, entre 1935 e 1936, na luta com os musteístas e os oehleristas, (...). Trotsky dizia que Lenin pegava um homem que tinha iniciativas para ação, com olfato para as oportunidades e tendência a se apressar, e o equilibrava com um homem um pouco mais cauteloso, de modo que o ajuste entre os dois produzia uma decisão balanceada, em benefício do partido.

Disse-me, por exemplo, em uma carta na qual me aconselhava a ser muito cauteloso, não fazer uma planilha exclusiva para o Comitê, não eliminar as pessoas que tinham falhas que eu não gostava como o vacilo, a tendência a conciliar e em geral a falta de decisão. Ele falou que Lenin costumava dizer que Kamenev era um vacilante por natureza, no momento de decidir sempre tendia a “abrandar”, a vacilar e a conciliar. De fato, Kamenev pertencia à fração dos bolcheviques conciliadores, entre 1907 e 1917, que tinha tendência a conciliar com os mencheviques, mas permaneceu no Partido Bolchevique.

E Lenin —como Trotsky me explicou— costumava dizer: necessitamos de Kamenev no Comitê Central, porque sua tendência a titubear e a conciliar é reflexo de certa tendência existente nas bases do partido e que devemos levá-la em conta. Quando Kamenev fala, sabemos que há um sentimento parecido e temos de considerá-lo. E, ainda que não aceitemos os titubeios e a “conciliação” de Kamenev, vamos devagar e a levamos em conta, pois queremos levar todo o partido conosco. Caso haja muitas objeções, paramos por um momento e dedicamos um pouco mais tempo para educar as bases do partido, para que possamos estar seguros de que nossas bases estarão sólidas. (...)

Dissolução da fração de maioria

Sendo esse o caso, qual é o dever desta fração agora? Vamos ficar juntos em memória dos “velhos tempos”, e formar uma espécie de “Grande Exército da República” [organização dos veteranos do Exército da União da Guerra Civil dos Estados Unidos]: os únicos que podem usar faixas de condecoraçãoⁱ, exigir privilégios especiais e honras? Não. O dever desta fração agora é dizer: “A tarefa acabou, a fração não é mais necessária e deve ser dissolvida no partido.” A direção do partido pertence, a partir de agora, ao conjunto dos quadros reunidos neste plenário. Todos os problemas, todas as questões em discussão, devem ser levados diretamente às seções do partido.

Quero começar esta nova etapa da vida partidária anunciando aqui, em nome da fração majoritária do Comitê Nacional, sua decisão unânime: a fração majoritária que foi formada para os propósitos da luta, tendo cumprido sua tarefa, dissolve-se no partido.

17 - Carta a Vincent Dunne – Cannon (1955)

(...) Tenho passado muito tempo estudando Engels. (...) Sessenta anos se passaram desde que Engels deixou de escrever. Até onde ele sabia, o partido alemão de Bebel, era suficientemente bom e geralmente tomado por base. Por outro lado, Lenin, em 1907, contentou-se em tomar o partido de Bebel como um modelo. Ele disse – em “Um passo à frente, dois passos atrás” – que ele “não estava criando uma variedade especial de tendência Bolchevique”, mas simplesmente adaptando “o ponto de vista da Social Democracia Revolucionária”, como representado na Segunda Internacional, às condições russas. Mas o Partido Social Democrata Alemão se provou inadequado para sua tarefa histórica e colapsou vergonhosamente frente ao desafio de 1914. Há alguma dúvida de que Engels escreveria alguma conclusão radical a partir disso tudo? Lenin, por sua vez, posteriormente, viu-se forçado a reconhecer que seu conceito de partido de vanguarda, que originalmente não era nada mais do que a versão russa do partido alemão, na realidade, era algo novo – o desenvolvimento e aplicação da teoria marxista do partido na época atual da luta pelo poder.

Esse conceito foi confirmado positivamente pela Revolução Russa e negativamente pela derrota nas revoluções de outros países, onde o formato antigo prevaleceu. O *Leitmotiv*ⁱⁱ (elo de ligação) da grande luta de Trotsky, em época posterior à Lenin, foi resumido e reformulado nas teses sobre a crise de direção contidas no Programa de Transição de 1938; foi precisamente uma contribuição leninista e uma extensão do marxismo na teoria e na prática do partido.

Se alguém quer somente um partido “grande”, apenas para ter um partido, então qualquer tipo de partido servirá; mas nada do que seja inferior ao partido Bolchevique será bom o suficiente para a guerra e para a revolução. Penso que esse é o veredicto conclusivo da experiência histórica. Mais do que isso, a construção de tal partido não pode ser adiada até que todos reconheçam essa necessidade. Esse projeto tem de começar por aqueles que já estão prontos, querem e podem construí-lo. Assim foi feito na Rússia, e até o momento ninguém descobriu um jeito melhor. (...)

Notas sobre os textos:

2 - Novo Curso – Trotsky

*O chamado a um “Novo Curso” foi uma política elaborada pela chamada troika de Stalin, Zinoviev e Kamenev, como resposta as insatisfações políticas no interior do partido, geradas pelos problemas políticos e econômicos suscitados pela NEP** em um momento em que havia se dado a derrota da Revolução Alemã. Ao mesmo tempo que foram levados a votar o “Novo Curso” desataram uma campanha de calúnias contra Trotsky e os principais dirigentes da Oposição de Esquerda. Trotsky, neste momento estava doente e impedido de intervir publicamente. Trotsky no final do ano de 1923 no *Pravda*, divulga uma série de artigos, que depois formam o livro *O Novo Curso* onde Trotsky analisa a natureza de um processo inicial de burocratização da URSS e já alerta para os perigos gerados em torno da relação do Partido com o aparato do Estado operário e sua política econômica, a questão do regime do partido e o caminho a seguir. Aqui Trotsky ainda não considerava a burocracia como contra-revolucionária. No momento de sua publicação, Trotsky agregou alguns capítulos dedicados em parte a responder as acusações que Stalin, Zinoviev e Kamenev haviam espalhado pelo partido através de seus secretários e amigos, como sua suposta subestimação aos camponeses, suas supostas diferenças com Lênin e seu desejo de romper a unidade do partido, etc.

** NEP: Em 1921, com a economia do país devastada, Lenin impulsiona a chamada Nova Política Econômica (NEP) que buscava (permitindo a venda dos excedentes agrícolas aos camponeses e a exploração da propriedade privada em pequena escala da indústria leve e o comércio no atacado), utilizar os mecanismos do mercado para revitalizar a economia soviética após a guerra. Estas medidas estavam acompanhadas do controle estatal da indústria pesada, do transporte, parte importante da indústria leve e um forte monopólio estatal do comércio exterior.

(As notas e tradução são de responsabilidade do editor do texto).

¹¹ Prólogo a edição grega de o novo curso. *Bulleten Opozitsi* Nº 33, março de 1933. Traduzido [do inglês] por Tom Scott. O novo curso, publicado em 1923, é o primeiro trabalho da Oposição de Esquerda.

4 - Questões do modo de vida.

(1) Em russo: “oblomovssina”: neologismo formado a partir do nome do herói do romance de Gontcharov — “Oblomov”, protótipo do preguiçoso consciente de o ser e incapaz de se corrigir.

6 - Devemos por um ponto final

¹¹ De um boletim interno, sem número, nem data, dos bolcheviques leninistas britânicos, 1934. Assinado por “G. Gourov” "

8 - Luxemburgo e a IV Internacional.

[3] A revolução de 1905 em Rússia fue o resultado del descontento provocado por a guerra ruso-japonesa e o despotismo zarista. Culminó em huelga geral em octubre e o zar a aplastó em dezembro. Véase 1905 de Trotsky (Random House, 1972 [Edición em español de Ruedo Ibérico]). No trabajo Huelga de masas, partido e sindicatos, Rosa Luxemburgo tratou de explicar las lecciones de los acontecimientos rusos a los operarios alemanes e aplicarlas a la luta de clases en Alemania. Véase Rosa Luxemburgo Speaks (Pathfinder Press, 1970) [Edición em español: Obras escogidas de Rosa Luxemburgo. Bogotá: Editorial Pluma. 1976, tomo 1].

[4] Cuando já era evidente que Alemania seria derrotada em a Primera Guerra Mundial, se produjo um motín naval que se transformó em movilización revolucionaria. O 8 de novembro de 1918 se proclamó a República Socialista Bávara em Munich. En Berlín surgieron soviets de operarios e soldados e una delegación socialdemócrata se presentó ante o canceller para exigir a entrega del gobierno a los operarios. Al dia siguiente cayó o imperio alemán. Hindenburg e o káiser Guillermo II huyeron a Holanda e em Berlín se instauró um governo provisional integrado por tres delegados del Partido Socialdemócrata e tres del Partido Socialdemócrata Independiente. Fue este o governo que asesino a os dirigentes revolucionarios e impidió que a revolución trascendiera da instauración de uma democracia liberal burguesa.

[5] A.L. Parvus (1869-1924): prominente propagandista e teórico marxista ruso que actuó em Alemania antes da Primera Guerra Mundial. Trotsky rompió relaciones com él em 1914 cuando se convirtió em destacado partidário del ala probélica da socialdemocracia alemã.

[9] Karl Liebknecht (1871-1919): socialdemócrata de izquierda e antimilitarista alemán. Fue o primero que votó contra o presupuesto de guerra não Reichstag em 1914. Encarcelado por sua actividad antibélica entre 1916 e 1918, fue uno de os dirigentes da insurrección de Berlín de 1919. Junto com Rosa Luxemburgo, fue asesinado por os soldados del gobierno em enero de 1919.

9 – O Estalinismo e Bolchevismo

Um dos representantes destacados desta corrente de pensamento é o francês B. Souvarine, autor de uma biografia de Stalin. O lado fático e documental de sua obra é produto de uma investigação prolongada e séria. Porém, a filosofia histórica deste autor brilha por sua vulgaridade. Busca a explicação dos contratempos históricos posteriores nas falhas intrínsecas do bolchevismo. Para ele não existem as pressões do verdadeiro processo histórico sobre o bolchevismo. Tai'ne, com sua teoria do "entorno", se encontra mais próximo de Marx que Souvarine (Nota de LT). (Hippolyte Tai'ne (1929-1893) - filósofo francês cujas teorias deterministas, segundo as quais o homem é produto da herança, do condicionamento histórico e do meio social, se converteram na base da escola naturalista.

10- Observações adicionais sobre o regime partidário

(2) Sol Lankin: membro fundador da Oposição de Esquerda dos EUA e guarda-costas de Trotsky em Coyoacán.

(3) Trotsky cita Lênin de memória. Ver o texto exato de Lênin nas suas Obras Completas.

11- A composição Social do Partido

A composição social do partido. Do arquivo de James P. Cannon. Com autorização de a Library of Social History. Carta a Cannon.

13- Em defesa do Marxismo

O referendo e o centralismo democrático

No decorrer desta luta fracial a minoria defendeu a proposta de um referendum sobre a questão da URSS. A maioria foi contrária a esta proposta. Trotsky aparece então para apoiar a proposta da maioria de rejeitar o referendum.

17 – carta a Vincente Dunne – Cannon

¹ Nota da tradutora – no original: “Cintillas”

¹ *Leitmotiv* (do alemão, motivo condutor ou motivo de ligação) é termo composto, expressão idiomática (...) para significar genericamente qualquer causa lógica conexiva entre dois ou mais entes quaisquer. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Leitmotiv>)

BLOCO 4 – CONCEPÇÃO E REGIME DE PARTIDO EM NAHUEL MORENO

1 - Uma pequena contextualização deste debate em Moreno

(de responsabilidade dos organizadores da apostila)

Nahuel Moreno (Hugo Miguel Bressano Capacete, 1924-1987). Defendia que nossas organizações deveriam ser :“mais operárias, mais marxistas e mais internacionalistas”.

Os textos selecionados para esta parte do seminário têm a ver em primeiro lugar com este direcionamento para a construção do partido na classe operária. Moreno tinha esta determinação desde 1943 quando escreveu o documento “*El Partido – Giro para o Movimento Operário*”, e começou sua atividade no movimento operário argentino, com a fundação do Grupo Obrero Marxista (GOM), intervindo na Greve dos Frigoríficos em 1945 e indo morar em Villa Pobladora.

Michel Pablo era o Secretário Geral da Quarta Internacional desde 1946. Usava, nos debates dentro da internacional, de método marcado por manobras burocráticas, com centralismo sobre as seções, interferência na composição das direções nacionais, suspensão de opositores, etc. Politicamente impactados com as expropriações no Leste Europeu, a partir de 1953 formalmente renunciou a construir seções em todos os países, realizando o “entrismo sui generis” dentro dos PCs e os “movimentos sociais”, mantendo só o secretariado internacional e uma publicação teórica. Vários setores romperam com a internacional, em função disso. Em 63 acontece a reunificação com o SWP e com o que restou dos pablistas na internacional (cujo principal dirigente era Mandel, na França), constituindo-se o SU (Secretariado Unificado). No entanto, os mandelistas, impressionados com as guerrilhas e a Revolução Cubana, capitulam totalmente a esta corrente, abandonam a classe operária e dedicam a uma política guerrilherista para a vanguarda do movimento.

Os textos “Partido Mandelista ou Partido Leninista”, “Teses para a fundação da Liga Internacional dos Trabalhadores” e “Escola de Quadros da Venezuela”, refletem elaborações programáticas no marco da discussão sobre a internacional e suas polêmicas internas. “Problemas de Organização” e “Conversando com Moreno” também refletem estas polêmicas mas já buscando sistematizar as questões concretas da construção do partido. E as “Teses para a Atualização para o programa de transição”, buscam, na forma propositiva, estabelecer uma precisão nas tarefas do movimento operário.

No ano de 1979, Moreno, a partir do PST da Colômbia, organiza a Brigada Simón Bolívar que vai combater na Nicarágua, contra a ditadura de Anastásio Somoza. A maioria do SU esta se adaptando as posições da direção sandinista, que constitui um governo com a burguesia, por isso apoia a repressão militar a Brigada feita pelos sandinistas. Moreno começa a construção de uma corrente internacional independente do SU: a Fração Bolchevique (FB), em 1981 busca uma unificação com a OCI francesa, que fracassa quando esta capitula a Frente Popular na França. Em 1982 constitui a Liga Internacional de Trabalhadores (LIT).

O curso revisionista das organizações do SU levou em 1982 ao SWP a renunciar abertamente ao trotskismo, declarando que a Teoria da Revolução Permanente era um empecilho para a construção de uma “Internacional Leninista de Massa” e em 1986 sair do SU e Mandel saudar a Gorbachov como um avanço, e apoiar a glasnost.

2 – Partido Mandelista ou Partido Leninista

Nahuel Moreno

O novo caráter de nossos partidos

(...)

Para os bolcheviques, as coisas são diferentes: o partido revolucionário tem de ganhar a hegemonia na classe operária e no movimento de massas. Isso se consegue trabalhando sobre eles, propondo-lhes que assumam a política que propomos. Somente quando isso ocorre é possível derrotar a burocacia. E somente desse modo o partido ganha seu direito histórico de ser considerado um partido revolucionário, vanguarda da classe operária na luta contra o capitalismo.

(...)

Onde entram as organizações reformistas?

(...)

Mandel-Germain acredita que nossa luta fundamental é contra a falsa e atrasada consciência da classe operária e das massas, o que é correto somente no sentido geral. (...) A falsa consciência expressa-se em instituições fortíssimas, objetivas – as grandes organizações reformistas. Elas captam e organizam

os trabalhadores, educam-nos nessa falsa consciência, imprimem jornais para torná-la conhecida, empregam métodos burocráticos próprios dos gângsteres para defendê-la. Nossa luta contra essas falsas consciências não é uma intervenção cirúrgica nem uma seção de psicanálise para extrair da mente de cada operário as idéias equivocadas. É uma luta de morte contra as organizações que as mantêm, contra a sua ideologia, contra os seus métodos e, fundamentalmente, contra a sua política.

(...) nossa relação com a classe operária é uma relação de superestrutura revolucionária com estrutura de classe.

(...) Por isso, nossos partidos não podem traçar uma política para a classe operária e para ganhar a sua vanguarda sem traçar uma política para os sindicatos, os partidos comunistas, os socialdemocratas, os comitês de fábrica. Não dizendo somente que não se pode ignorar as organizações reformistas e burocráticas, como também que temos de destruí-las.

(...) Mandel-Germain foram levados por suas tendências subjetivistas e fenomenológicas a esquecer que um dos nossos principais objetivos, senão o principal, é varrer as direções e partidos oportunistas da direção do movimento operário.

(...)

Consciência científica ou política?

Para Trotsky, por outro lado,...não se pode formular os interesses de classe de outro modo que não seja por meio de um programa, como tampouco se pode defender um programa sem criar um partido. (...) A classe, tomada em si, não é mais que terreno para exploração. O papel do proletariado começa no momento em que de classe social em si passa a classe política para si. Só é possível conseguir isso por meio de um partido. O partido é essa ferramenta histórica com a qual a classe adquire consciência. (...)

(...) Basta que setores da classe operária apóiem politicamente o partido marxista para que se elevem à consciência de classe. Basta que indivíduos ou setores da classe incorporem-se ao partido e aceitem seu programa e estatutos para que sejam a máxima expressão da consciência de classe.

A consciência de classe significa que os operários saibam que a sociedade sofre de um câncer, o regime capitalista e imperialista, e que o único remédio para esse câncer é o nosso programa e o nosso partido. Esse conhecimento, como assinalava Trotsky, pode e deve ser adquirido de forma massiva, e não individual, pelo movimento operário e de massas. O movimento operário e de massas adquire esse conhecimento confrontando, no transcurso de suas ações, as diferentes políticas que lhe propõem os diversos partidos que existem em seu meio.

Se existe um partido revolucionário que dá a política certa, isso é, a que responde aos interesses históricos e imediatos da classe operária em cada uma das lutas, o movimento operário e de massas o reconhecerá como seu partido e terá se elevado à consciência política de classe. Se esse partido não existe, o movimento não poderá fazê-lo.

e trotsky sobre a orientação dos partidos comunistas e trotskistas

(...) Como vemos, a Internacional Comunista coloca com clareza que o objetivo dos partidos revolucionários deve ser “organizar a luta das massas” (não da vanguarda); definir sempre (“a todo momento) os interesses de “toda a classe operária”, não de alguns grupos (o que é a vanguarda senão um “grupo” dentro do movimento operário?); e para isso deve “saber unir-se indissoluvelmente a toda a existência da classe operária” (não à existência parcial de um setor, mesmo que seja de vanguarda).

Nosso trabalho político sobre as massas e a vanguarda: propaganda e agitação

(...) O que caracteriza um partido leninista-trotskista é que sua atividade principal é a agitação sobre toda a população explorada, e não só sobre um setor dela, ainda que esse setor seja a classe operária. O que caracteriza o partido mandelista é que sua atividade principal é a agitação e as campanhas políticas principalmente sobre a vanguarda.

(...) Esquematizando, podemos dizer que toda a ciência e arte trotskistas sintetizam-se na capacidade de elaborar as palavras de ordem adequadas para cada momento da luta de classes. Isso é o mesmo que dizia Lenin: “Portanto, a atividade essencial de nosso partido, o palco de sua atividade deve consistir num trabalho que seja possível e necessário tanto nos períodos de explosões mais violentas como nos de calma absoluta, isto é, deve consistir em um trabalho de agitação política unificada para toda a Rússia, que ilumine todos os aspectos de vida e dirija-se às massas em geral.” [52]

[52] LENIN, Vladimir Ilich. Que fazer?. Coleção Pensamento Socialista. São Paulo: Editora Hucitec, 1979, p. 137.
(...)

Como se ganha a vanguarda

Nós opinamos o contrário: que devemos ganhar a vanguarda explicando-lhe pacientemente (fazendo propaganda sobre ela) nossa política para o movimento operário e de massas, e não com uma política específica para ela.

(...)

A dialética massas-vanguarda

(...) Resumamos todo esse problema. Os camaradas da maioria afirmam que nossa tarefa central é o trabalho sobre a “vanguarda de massas”. Nós afirmamos que essa tarefa central só se justifica num período de derrota histórica do movimento de massas ou quando um importante triunfo do movimento de massas, sob nossa direção, empurrar toda a vanguarda em direção às nossas posições. E que na situação, que tende a ser pré-revolucionária em nível mundial, nossa tarefa central é sobre o movimento de massas na grande maioria dos países.

Os camaradas da maioria afirmam que nossa tarefa central é agitar na vanguarda as palavras de ordem que, partindo de suas inquietações, levam à ação. Nós afirmamos que nossa agitação está reservada ao movimento de massas, para levá-lo à ação, com bandeiras corretas. E que nossa tarefa sobre a vanguarda é propagandística, devendo girar, fundamentalmente, ao redor da explicação dessas palavras de ordem.

(...) Nós somos totalmente favoráveis a que a vanguarda se unifique, cresça, fortaleça-se e tenha iniciativa. Contudo, não nos cansamos de dizer: “Companheiros, liguem-se ao movimento de massas, confiem nele, realizem ações de propaganda e agitação que sirvam para agitar a palavra de ordem precisa para cada momento de suas lutas; nós estaremos junto a vocês em todas e cada uma dessas ações. Porém, não estaremos com vocês se realizam ações físicas que tentam substituir a ação das massas; por melhores que sejam suas intenções, estaremos contra vocês se essas ações prejudicam as massas.

(...)

Com as “iniciativas revolucionárias” ou com o movimento de massas?

(...) Nossa relação com o movimento de massas tem que ser essencialmente orgânica e política, não pode ser emotiva e baseada na propaganda. Nós queremos grupos do partido nos organismos e nas lutas concretas, objetivas, do movimento de massas. Nós queremos que esses grupos partidários e seus militantes disputem a direção dos organismos de massas e das lutas, em nome do partido. É uma relação precisa e objetiva: lutas e organismos do movimento operário e de massas, por um lado; organismos partidários disputando a direção desses organismos e lutas, por outro.

(...)

Dois esquecimentos: os militantes profissionais e o centralismo democrático

(...)

Os militantes profissionais

O marxismo é materialista. Lenin também era. Para ele, a superação da consciência fragmentada do operário avançado era essencialmente um processo material, não intelectual. Era questão de dar tempo livre ao operário, para que este se capacitasse em todos os aspectos (tanto teórico quanto prático) como revolucionário profissional. (...)

Lenin, por ser materialista e dialético, não podia conceber que se superasse uma consciência derivada de uma situação material (a alienação do trabalho numa linha de montagem durante oito, onze ou quatorze horas diárias) por meio de cursos. Isso é, enquanto o operário dedicasse tantas horas a um trabalho que lhe era indiferente, dentro de uma cadeia de produção cujo mecanismo desconhecia, para elaborar um produto cujo destino final não lhe importava, sua consciência refletiria essas características de sua atividade. Seria uma consciência fragmentada, parcializada. Os cursos que lhe pudesse oferecer o partido – não os intelectuais como setor social, camarada Mandel! – poderiam aliviar o problema, mas não solucioná-lo. A única forma de resolver o problema seria modificar suas condições de vida material.

A solução altamente marxista que Lenin propõe para esse problema é sua teoria dos revolucionários profissionais. Essa teoria era para ele quase uma obsessão:

“Nós não devemos nos preocupar só com as reivindicações que a massa proponha, mas também que da massa de operários “destaquem-se”, em um número cada vez maior, esses revolucionários profissionais. Assim chegamos ao problema das relações entre a organização de revolucionários profissionais e o movimento puramente operário. [...] Todo agitador operário que tiver algum talento, que “prometa”, não deve trabalhar onze horas em sua fábrica. Devemos organizar-nos de modo que viva por conta do partido. [...] E saberemos fazê-lo precisamente porque as massas que despertam espontaneamente destacam também de seu seio mais e mais “revolucionários profissionais”. [...] Não compreendemos que é nosso dever ajudar a todo operário que se destaque por sua capacidade de se converter em agitador profissional... [...] O operário revolucionário, se quiser se preparar plenamente para seu trabalho, deve se converter também em revolucionário profissional.” [78]

[78] LENIN, Vladimir Illich. ¿Qué hacer?, op. cit., p. 177, 209, 179, 209, 208.

Esse “esquecimento” do camarada Mandel da transformação pelo partido dos operários em militantes profissionais de vanguarda não se limita ao plano teórico. Há a respeito uma estatística muito ilustrativa, que tem ligação com uma polêmica subjacente, ainda não formulada, entre os camaradas da maioria, o SWP e nosso partido. A estatística é a seguinte: de todos os militantes profissionais que tem nossa Internacional, entre 70% e 80%, pelo menos, pertencem à minoria. Além disso, se tomarmos as direções das duas seções numericamente mais fortes da IV Internacional – a francesa e o partido argentino –, veremos

que a proporção de camaradas que vivem ou viveram de uma profissão liberal na Liga Comunista é de vinte ou trinta para um, em relação aos camaradas do PST. Ou seja, tomado os cem dirigentes mais importantes da seção francesa e da direção do PST, para cada vinte ou trinta doutores e professores na seção há um no partido argentino. Concretamente, no nosso Comitê Central de 120 membros, há somente três com profissões liberais. Dos quase cem profissionais do partido, 80% foram dirigentes do movimento operário. O Comitê Executivo, a máxima direção de nosso partido, excetuando quatro companheiros, é formado por militantes profissionais que foram importantes dirigentes do movimento operário. Finalmente, há uma tradição em nosso partido – que o vertiginoso crescimento atual nos impede de aplicar ao pé da letra – que estipula que ninguém pode chegar à direção sem ter cumprido dois anos de atividade destacada como militante profissional no seio do movimento operário. Se compararmos outras seções da maioria com o SWP, veremos relações e situações parecidas.

Há um último aspecto do problema dos militantes profissionais. Eles devem ser a base de sustentação do partido. Isso é assim porque a atividade revolucionária exige atenção e aprendizagem totais, e não parciais. Um militante revolucionário integral, um quadro de direção do partido, de uma zona ou de uma frente importante, é aquele que pode resolver por seus próprios meios os problemas políticos (não “científicos”) que lhe sejam colocados em qualquer situação da luta de classes. (...) Seria absurdo exigir de um só quadro partidário que seja o melhor em todas essas tarefas, pois o trabalho de direção é um trabalho de equipe, em que se combinam as capacidades e experiências desigualmente desenvolvidas dos que a integram. Mas um quadro de direção deve ser capaz de dar uma primeira resposta, ainda que elementar, a essas tarefas.

É absolutamente impossível que a especialização como revolucionário integral, marxista, possa ser adquirida de outra forma que não tomando essa atividade como uma profissão de verdade. Para tal é preciso ser um militante profissional, um revolucionário “full time”. E esses militantes profissionais são, insistimos, a base fundamental na qual se assenta o partido. Por isso é imperdoável que o camarada Mandel tenha se “esquecido” deles.

centralismo democrático

Quando define o partido leninista de combate, Mandel omite o centralismo democrático. Um “esquecimento” não menos perigoso que o anterior. O centralismo democrático é uma forma organizativa essencial num partido bolchevique. Funcionar de acordo com esse princípio significa que, além de uma vida interna democrática, nossa organização precisa de uma direção centralizada, com poder executivo, e de uma disciplina interna rígida.

A disciplina interna estrita e centralizada é necessária por razões objetivas impostas pela própria luta de classes. Primeiro, pois só poderemos cumprir o objetivo máximo do partido (dirigir ou postular-nos à direção da luta das massas permanentemente até a tomada do poder e depois até a construção do socialismo) se formos um exército ferreamente organizado. Não podemos nos dar o luxo de presentear o inimigo com o menor relaxamento ou descoordenação de nossas forças. Em segundo lugar, existem os partidos contra-revolucionários e os grandes aparelhos burocráticos no seio do movimento operário, que também compõem o bloco inimigo. Não podemos reagir com desordem face a um inimigo organizado, nem sequer em nome da democracia. Diante de um ataque fascista a uma sede, não vamos fazer consultas prévias a todo o partido para decidir qual nossa resposta. Numa assembleia em que a burocacia tenta nos dividir, não esboçaremos posições diferentes, ainda que não tenhamos terminado de discutir internamente o tema em questão.

A necessidade de vida interna democrática tem a ver com a relação objetiva que o partido tem com o movimento de massas e com a dialética dessa relação. O partido precisa de democracia porque a elaboração de sua linha política é uma tarefa coletiva. Não é obra de um ou outro indivíduo particularmente inteligente ou preparado, mas do choque das opiniões de todos aqueles que militam no partido, cada qual refletindo o setor do movimento de massas sobre o qual atua. Uma vez elaborada, a linha deve ser confrontada com a realidade por meio da atividade militante de cada equipe, cada indivíduo e do partido como um todo. A atividade prática é o único canal através do qual podemos obter um “retorno” por parte do movimento de massas sobre que aspectos da linha votada são corretos e quais os incorretos. No momento de fazer o balanço da aplicação da linha, a discussão democrática permite que a linha seja retificada.

Sintetizando, a democracia é o aspecto do centralismo democrático que estabelece a relação do sujeito (partido revolucionário) com seu objeto (movimento de massas). É, portanto, a única garantia de uma elaboração objetiva (científica) calcada na realidade da luta de classes. Mas a fórmula “centralismo democrático” compõe-se de dois pólos que, no limite, são antagônicos: o mais absoluto centralismo significa que a direção resolve todos os problemas – desde teoria e caracterizações até os mais ínfimos detalhes táticos, passando pela linha política geral. Quando isso é levado à prática, a democracia desaparece. Simultaneamente, a mais absoluta democracia leva a que todos esses mesmos problemas resolvam-se através de discussões que só podem acontecer num permanente estado coletivo de deliberação. E, com isso, desaparece o centralismo. A proporção com que cada elemento contribui para essa combinação, a cada momento, não pode ser fixada de antemão. Isto não é uma receita nem uma fórmula aritmética. Não é possível estabelecer, por exemplo, que o partido seja constantemente 50% centralista e 50% democrático, ou algo parecido. Nossos partidos são organismos vivos, em processo permanente de construção, razão pela qual o centralismo democrático é uma fórmula algébrica. A combinação específica entre os elementos

centralista e democrático varia de acordo com o momento da construção partidária e, em cada momento, deve ser cuidadosamente redefinida.

Como fazer para encontrar essa correta proporção? Temos hoje em nossa Internacional uma discussão pendente com os camaradas Frank e Krivine. Eles são da opinião de que agora é preciso fortalecer o pólo centralista da fórmula, enquanto nós acreditamos ser necessário reforçar o pólo democrático.

Daremos um primeiro passo nessa discussão.

Uma das grandes virtudes da fórmula leninista é, justamente, seu caráter algébrico. Ou, em outras palavras, o fato de que submete sua própria quantificação aritmética às circunstâncias da luta de classes e do desenvolvimento do partido. Para conseguir precisá-la quantitativamente, será necessário levar em conta, como um dos elementos essenciais, o prestígio político da direção do partido diante da base. Esquematicamente, quanto maior prestígio, maior centralização.

Quanto maiores forem os acertos políticos da direção, maior será a confiança da base nessa direção. Quanto maior for a confiança, mais fortes serão a disciplina e a centralização. Inversamente, erros – ou acertos em menor escala – provocam desconfiança. E essa desconfiança atenta contra a disciplina e a centralização, quer o reconheçamos ou não. Em última instância, a fórmula do centralismo democrático é político-moral-organizativa. Não é uma fórmula isolada da luta de classes e do desenvolvimento do partido, mas intimamente ligada a ambos. Não se confunde com esses dois fatores, porque, mesmo nos piores momentos de uma direção, devemos nos esforçar conscientemente por manter o centralismo, do mesmo modo como devemos cuidar atentamente para que, mesmo em seus melhores momentos, continue havendo democracia. No entanto, ainda que não se confunda com os ziguezagues da luta de classes e do processo de construção partidária, a concretização aritmética da fórmula centralista democrática está, insistimos, fortemente influenciada por aqueles dois elementos.

Nós estamos construindo a arma revolucionária mais formidável que a história já conheceu: um partido mundial bolchevique. Justamente por isso, a tarefa é tão difícil e leva tanto tempo. Nesse processo de construção partidária, impõe-se, na etapa atual, fortalecer o pólo democrático. Não o centralista. Isso porque nossas direções, tanto as nacionais quanto a internacional, ainda não tiveram êxito suficiente como dirigentes do movimento de massas que as fizessem acumular grande prestígio diante da base de nossas seções. Somente o prestígio poderia fortalecer o pólo centralista e disciplinado. Enquanto tal prestígio não existir, o aspecto democrático deve predominar.

Isso não quer dizer que devemos abandonar todo o centralismo, toda a disciplina. Devemos continuar sendo centralistas e democráticos, mas dando ênfase ao fator democracia. A luta atual entre duas tendências, constituídas em frações claramente delimitadas, comprova que nossa análise se ajusta à realidade e às necessidades da IV Internacional. Tentar impor um forte centralismo em meio ao embate entre duas frações que divergem em aspectos fundamentais da política implicaria, fatalmente, na ruptura da Internacional, qualquer que fosse a fração que ganhasse a direção no próximo congresso.

(...)

O que é a IV internacional para Germain?

(...)

Até hoje, todo o movimento trotskista considerou, como considerava Trotsky, que a II Internacional foi uma “soma de partidos nacionais”, nunca um “partido internacional do proletariado mundial” do qual fazem parte os partidos e as seções nacionais, como interpreta Germain. O concreto é – e Camejo tem razão novamente – que o fato de fazer parte de um “único partido internacional do proletariado mundial” é um requisito indispensável para que qualquer partido nacional seja realmente um partido leninista de combate. O único partido mundial que existe, o único que pode chamar-se assim porque não é uma federação de partidos nacionais, é nossa IV Internacional.

As características essenciais dos partidos leninistas-trotskistas

Em meio a toda essa discussão sobre as características e o papel de nossos partidos, vemo-nos obrigados a referendar as seis características expostas por Camejo – que não repetiremos – e somar a elas outras quatro, tão essenciais quanto as primeiras para os partidos leninistas-trotskistas:

Primeira: Antes de traçar uma linha política para uma etapa – com estratégia, táticas, propaganda e agitação, programa e palavras de ordem –, o partido faz uma análise marxista, científica, das relações entre todas as classes e sua provável dinâmica. Essa análise deve se sintetizar em definições precisas sobre o caráter da etapa. O partido repudia a análise trabalhista que leva em conta fundamentalmente as relações internas ao movimento de massas para definir a etapa. Também rechaça a análise economicista, que pretende extrair dos processos internos à economia burguesa as características da etapa. Finalmente, o partido repudia a ausência de análise que advém da inversão do processo, quando se fixa primeiramente a estratégia ou quando as definições se baseiam no que quer ou pensa a vanguarda, para depois se inventar uma pseudo-análise que justifica a estratégia previamente traçada.

Para fazer uma análise marxista, o partido utiliza a ferramenta conceitual mais aperfeiçoada pelo marxismo – a lei do desenvolvimento desigual e combinado.

Segunda: A política do partido dirige-se a todo o movimento de massas, com todos os seus setores, ainda que reflita os interesses da classe operária e promova esta como caudilho da revolução. A atividade partidária concentra-se no movimento de massas e não na vanguarda. O objetivo é mobilizar as massas e

não a vanguarda (Camejo assinala essa característica, mas não enfatiza suficientemente que o partido se propõe a levar a classe operária ao papel de caudilho da revolução).

A política partidária tem uma teoria-programa, a da revolução permanente, que se resume numa frase: o objetivo do partido é mobilizar a classe operária e as massas de forma permanente até a sociedade socialista. E tem também um programa e um método, o programa de transição, que igualmente pode ser resumido numa frase: o partido deve levantar aquelas bandeiras que mobilizem as massas contra os exploradores, partindo das necessidades e consciência imediatas das massas, e ir aumentando tais reivindicações à medida que a própria mobilização eleve a consciência das massas e as faça criar novas necessidades, até culminar na palavras de ordem e na luta pela tomada do poder.

Terceira: Dentro do movimento operário e de massas, o objetivo do partido é transformar os elementos de vanguarda em militantes profissionais, como única maneira de transformá-los em revolucionários trotskistas completos, uma vez que o trabalho alienante impede-os de chegar a esse patamar. O objetivo na vanguarda tem a ver com outro objetivo muito mais geral: o partido deve ter como coluna vertebral os militantes profissionais, porque fazer a revolução deve ser e é uma atividade total, não um hobby, uma atividade de lazer ou intelectual.

Não há partido com dilettantes, amadores, membros das profissões liberais, mas com militantes profissionais surgidos majoritariamente do movimento de massas, principalmente do movimento operário.

Quarta: A construção de cada partido é parte da construção do partido mundial da revolução socialista. Tanto o partido nacional quanto o mundial constroem-se sob a vigência do centralismo democrático. É obrigatória a mais rígida disciplina partidária. Em primeiro lugar porque sua aspiração de dirigir as massas na luta contra os exploradores exige do partido que atue como um só homem, sem a menor vacilação. Em segundo lugar, porque tem que levar adiante uma batalha feroz contra os aparelhos burocráticos. Esta centralização, no entanto, deve existir simultaneamente a um funcionamento democrático, porque a elaboração democrática da linha política é a única garantia de que esta expresse as necessidades e o nível de consciência do movimento de massas e porque a discussão democrática dos resultados de aplicação da política é a única garantia de que esta será ratificada total ou parcialmente com a mesma objetividade.

A centralização deve existir simultaneamente às maiores garantias morais e de lealdade militante. Também está ligada ao prestígio político que a direção que a aplica já tenha conquistado, uma vez que o centralismo não é um juramento ou um compromisso meramente moral; tem consequência política. Por isso, quanto menor o prestígio da direção, maiores devem ser as garantias democráticas. A fórmula adquirirá diferentes conteúdos de acordo com as etapas da construção do partido leninista-trotskista nacional ou mundial e da consolidação de suas direções.

As dez características do partido leninista-trotskista podem ser resumidas numa só: a relação entre a mobilização das massas e da classe operária com o partido revolucionário. Os dois pólos essenciais do movimento são o movimento operário e de massas e, do outro lado, o partido. São os dois pólos que dividiram a esquerda europeia do início do século. Rosa Luxemburgo [86] e Trotsky consideraram que a mobilização das massas era onipotente. Lenin não chegou a acreditar que o partido fosse, mas alguns de seus discípulos assim pensaram. O mérito de Lenin foi compreender que um único polo – a mobilização da classe e das massas – era total e absolutamente insuficiente se não existisse simultaneamente o outro polo – o partido. [86] Socialista revolucionária de origem polonesa, Rosa Luxemburgo (1870-1919) combateu a liderança revisionista da socialdemocracia alemã, o principal partido da II Internacional. Foi assassinada, junto com Karl Liebknecht, pelo governo dirigido pela socialdemocracia.

3 – Teses para a atualização do Programa de Transição

Nahuel Moreno (1980)

(...)

TESE VI

A fundação da IV Internacional

A debilidade atual de nossa Internacional, assim como o fato de que as revoluções triunfantes têm sido dirigidas pela burocracia, tem levado a alguns setores revisionistas a colocar o problema de se foi correto ou não fundar a Quarta Internacional, dado que esta não tem sido necessária para expropriar a burguesia na terceira parte do globo. Deutscher e outros intelectuais colocaram este interrogante para terminar respondendo categoricamente que foi um grave erro de Trotsky haver fundado a Quarta Internacional. Nós sustentamos o contrário: a fundação de nossa Internacional foi o maior acerto de Trotsky y de nosso movimento mundial.

Nossa Internacional se funda no ponto mais baixo do retrocesso do movimento operário por razões profundas: é um fenômeno paralelo ao da defesa da URSS. Responde a uma mesma necessidade, mas mais importante ainda que defender a URSS: unir ferreamente a todos os marxistas revolucionários ao redor de um programa que sintetizasse todo o que foi aprendido pelo movimento marxista mundial desde o Manifesto

Comunista e especialmente desde a Revolução Russa. Para defender estas conquistas do marxismo, sintetizadas no trotskismo e seu programa, do ataque contra-revolucionário em toda a linha que levavam a cabo o stalinismo e os outros aparatos contra-revolucionários para apagá-las da memória histórica dos trabalhadores e sua vanguarda, era imprescindível construir uma férrea organização internacional por parte dos revolucionários.

Não haver fundado a Quarta Internacional significaria deixar a cada corrente trotskista do marxismo revolucionário da época atual jogada a sua própria sorte nacional, quer dizer levadas a responder a ofensiva revisionista e burocrática do stalinismo e da socialdemocracia de forma isolada, praticamente sem defesa. Por outro lado, a fundação da Quarta Internacional tinha um objetivo ofensivo: preparar um marco e um programa comum aos marxistas revolucionários do mundo para o inevitável ascenso revolucionário que se viria em curto prazo e que seria desviado ou traído por todas as direções burocráticas y pequeno-burguesas do movimento de massas. Só fundando a Quarta Internacional se podia responder a estas necessidades defensivas e ofensivas. Por outra parte, não ha nenhuma lei que diga que a Internacional deve ser fundada sobre um grande triunfo do movimento operário. Em última instancia este é o único argumento relativamente serio dos teóricos trotskizantes que são sépticos sobre o papel e a necessidade peremptória da Quarta Internacional. A única Internacional que se fundou baseada em um colossal triunfo foi a Terceira. Tanto a Primeira como a Segunda se fundaram no começo do ascenso e quando este recém se aprofundava.

A Quarta Internacional se fundou justamente quando se vislumbrava o termino do descenso e o começo do inevitável ascenso revolucionário. E ao haver podido fundá-la, ao haver podido dar um programa e uma organização a este ascenso revolucionário mundial e a essa inevitável traição das direções, indicava a maturidade nas filas trotskistas do fator consciente. Quer dizer, preparávamos a organização e o programa para disputar a direções do movimento de massas com os aparatos contra-revolucionários e superar assim a crise de direção com que se enfrentaria o ascenso revolucionário. O outro argumento mais ou menos discutível é o de que não foi necessária a Quarta Internacional para expropriar a burguesia em numerosos países. Mas esta crítica pretende atribuir a nossa Internacional objetivos limitados, tácticos e nacionais - expropriar a burguesia ou aos investimentos imperialistas em um só país -, quando os objetivos de nossa Internacional e as necessidades da classe operaria são muito mais amplos: derrotar ao imperialismo no mundo, liquidar as fronteiras nacionais, organizar em forma revolucionaria ao proletariado para que exerça o poder e siga mobilizando as massas de todo o mundo para começar a construir o socialismo.

Fundar a Quarta Internacional no ano de 1938 e defender a URSS da guerra contra-revolucionaria que se preparava contra ela, era imprescindível, como o indica o fato de que nem bem fundada já teve que suportar o primeiro ataque revisionista. Este ataque esteve a ponto de ganhar a um dos partidos mais fortes de nosso movimento: o Socialist Workers Party (SWP) dos Estados Unidos. Como una expressão mais do avanço da contrarrevolução no mundo surgiu uma tendência revisionista em nossa Internacional, os antidefensistas, que si não se houvesse encontrado com um marco comum de nossa Internacional recém-fundada e com Trotsky, podiam ter desagregado as fileiras trotskistas no mundo inteiro. Graças à fundação da Quarta Internacional pudemos manter intacto nosso programa de defesa da URSS derrotando a primeira grande corrente revisionista que surgiu dentro de nossas fileiras. Por tanto, a fundação de nossa Internacional com a formulação do Programa de Transição é o maior acerto de nosso movimento. Defendemos assim as duas maiores conquistas da etapa de vinte anos de derrotas: a URSS, e o único marxismo revolucionário existente, o trotskismo.

(...)

Tese XXXVIII

O caráter de nosso partido e de nossa Internacional

Todos os nossos partidos e nossa Internacional, em seu conjunto, reivindicam orgulhosos, como seu exemplo, a estrutura do Partido Bolchevique. Isso significa que consideramos que nosso partido, por um lado, deve ser formado por revolucionários profissionais, e por outro, que deve ter um regime centralista democrático. Reivindicamos mais do que nunca o centralismo como a obrigação número um de todo partido trotskista. Nesta época revolucionária, o trotskismo é perseguido implacavelmente, não somente pelo estado burguês, os partidos burgueses e os bandos fascistas, mas também pelos partidos oportunistas, os quais, com toda razão, nos consideram inimigos mortais. Além do mais, nossos partidos são construídos para levar a cabo a luta armada pela tomada do poder, a insurreição. Esse objetivo supremo só pode ser alcançado com uma rígida disciplina, cuja única garantia é o centralismo, e com uma dedicação que só os militantes profissionais podem ter.

Mas, ao mesmo tempo, dentro do partido tem de existir a mais absoluta democracia, que permita aproveitar a experiência do conjunto do partido e do movimento de massas, a única forma de elaborar a linha. Por outro lado, é a única forma de fazer um balanço certo, democrático, das linhas votadas.

Não pode haver democracia sem direitos para as tendências e frações. Mas esse é um direito excepcional, porque o surgimento de tendências e frações é uma desgraça para um partido centralizado e de ação. A discussão permanente em todos os órgãos partidários é a maior ferramenta de elaboração política para um partido trotskista. O partido deve viver discutindo sistematicamente. Tem de confrontar experiências individuais ou de organismos e setores de trabalho diversos, para que através do choque e da discussão surja uma linha correta, a melhor resultante. Mas essa virtude da discussão permanente se transforma no oposto quando um partido vive discutindo permanentemente a partir de grupos organizados

em frações e tendências, e mais ainda quando estas sobrevivem ao longo do tempo. Quando isso ocorre, as frações deixam de ser frações para se tomarem camarilhas. O partido deixa de atuar de forma unitária no movimento de massas e volta-se para dentro, fica paralisado, cria um ambiente parlamentar de polêmica permanente; e inevitavelmente deixa de atuar de forma unitária e passa a ter como atividade principal a discussão, isto é, deixa de atuar principalmente no movimento de massas. A discussão é um meio fundamental e decisivo para nossa atividade, mas somente um meio. A existência de frações e tendências permanentes transforma a discussão em um fim em si e não em um meio do centralismo e da ação unida frente ao movimento de massas.

Tão importante como os militantes profissionais; o centralismo democrático e a discussão permanente, é o caráter orgânico que deve ter todo partido trotskista bolchevique. Um partido trotskista não merece tal nome se adquire características de tendência, de grupo de propaganda ou de movimento. A classe operária só pode derrotar a burguesia se se organizar ferreamente. Essa necessidade da classe operária deve ser tomada e elevada à máxima potência por nosso partido. Tudo em nosso partido deve ser feito de forma orgânica e através de organismos; nada por fora destes. Isso nos permite distinguir bem quem os que são militantes daqueles que não o são. São militantes apenas aqueles que pertencem a um organismo do partido e estão submetidos a sua disciplina. Além disso, é imprescindível uma estrita hierarquização entre os organismos. Nossos partidos têm organismos de direção, de base e intermediários, numa dialética permanente de discussão e execução. Tudo aquilo que signifique passar por cima dos organismos - mesmo quando se apela à base em plenárias - é a negação da estrutura bolchevique. Tudo que seja mesclar os organismos existentes é democratismo e não estrutura bolchevique. O Secretariado, o Comitê Executivo, o Comitê Central, os comitês regionais e as células têm sua localização estrita dentro do partido.

Esse funcionamento através de organismos é a única garantia de que nossos partidos, ao adquirir influência de massas, manterão o regime interno bolchevique. Assim evitaremos o grave perigo de criar movimentos trotskistas com influência de massas que, chegado o momento da ação, se tomem anárquicos e incapazes de atuar com a centralização e a disciplina de um exército revolucionário, como exigem as circunstâncias da época.

(...)

Tese XLI

Chegou a hora de reconstruir a Quarta Internacional

Por outro lado, acreditamos mais do que nunca no centralismo democrático, baseado num programa revolucionário, o programa do trotskismo, o Programa de Transição. Não acreditamos num centralismo democrático para a revisão do trotskismo, ou em alguma variante de tipo federativo para estruturar uma frente sem princípios contra o trotskismo. É por isso que a conferência do Comitê Paritário inaugura o verdadeiro centralismo democrático na Quarta Internacional, perdido desde a crise provocada pelo revisionismo pablista em 1951. Não somente reivindicamos o Programa de Transição, mas também a organização bolchevique em escala mundial de nossa Internacional, como foi característica na vida de Trotsky e nos dez anos que se seguiram a seu assassinato.

4 – Teses de fundação da Liga Internacional dos Trabalhadores (IV Internacional)

Nahuel Moreno

(...)

IV

Essa situação, depois de mais de 60 anos em que o mundo entrou na maior era revolucionária de sua história, leva-nos diretamente ao problema dos problemas, o da direção revolucionária mundial.

A maior necessidade material, objetiva, da humanidade, a revolução socialista mundial, tem um correlato subjetivo, uma direção revolucionária mundial. Sem esta, aquela é impossível. Assim, a crise da humanidade se agrava dia após dia, sem solução.

Afirmamos que mais de seis décadas de revoluções e contra-revolução provam inapelavelmente que com direções burocráticas, sem direção revolucionária internacional, até os maiores triunfos do proletariado, os maiores avanços no caminho da revolução socialista mundial, se transformam em seus contrários, em derrotas catastróficas e em obstáculos no rumo da revolução permanente.

A necessidade absoluta, objetiva da revolução socialista mundial concretiza-se na necessidade absoluta subjetiva de uma direção revolucionária - não-burocrática - internacional.

(...)

VI

(...)

Mas, contraditoriamente, nesse marco, pelas condições particulares da Rússia (que não eram reformistas, mas revolucionárias, quer dizer, antecipavam nacionalmente o que depois seriam as

características gerais mundiais), foi se desenvolvendo um novo tipo de partido e de direção, o bolchevique. Um partido revolucionário de combate e uma direção revolucionária internacionalista.

O processo nacional e internacional que produziria a direção que tomou o poder em Outubro e fundou a Terceira Internacional foi uma complexa e trabalhosa elaboração que demorou cerca de meio século. Nela se resumiu uma vasta e longa experiência nacional e internacional: desde a Comuna de Paris e a posterior reorganização do movimento operário europeu (II Internacional) até as tentativas dos revolucionários pré-marxistas da Rússia, como os populistas. Mas entre tudo isso, o decisivo foi que essa direção tinha passado por revoluções. Parece óbvio, mas é necessário dizê-lo, porque freqüentemente se esquece: sem revoluções é impossível que se formem direções revolucionárias. (...)

Essa é, em nossa opinião, uma das principais conclusões que devemos extraír ao analisar o processo que deu origem ao primeiro ensaio de direção revolucionária internacional.

(...)

XIX

(...) Por último, afirmamos que sem exceção alguma todas as experiências de federalismo ou de trotskismo nacional terminaram na lata de lixo da história. Queremos, como é nosso costume, chamar as coisas pelo seu nome: federalismo é sinônimo de dissolução. Federalismo hoje é deixar só o SU revisionista como única direção trotskista internacional. Isto significa pura e simplesmente a liquidação. Em nenhum lugar do mundo o trotskismo conheceu até agora um partido federalista que não tenha se degenerado. Para nós, os caminhos de Lambert e Healy não são casualidades. Não é tampouco casual que o SWP, federalista durante toda a vida, seja o partido do SU mais corrompido por Castro.

Em síntese, tanto a experiência desta longa, difícil e demorada marcha por construir uma direção internacional revolucionária como o atual panorama mundial da luta de classes, ratificam a necessidade de contar com uma organização internacional regida pelo centralismo democrático e com um programa trotskista principista.

5 – Escola de Quadros da Venezuela

Nahuel Moreno (1982)

I - INTRODUÇÃO. O REVISIONISMO: PRINCÍPIOS E POLÍTICA

O Cone Sul, sobretudo Argentina, Chile, Bolívia e Peru caracteriza-se desde os anos 1940-45 pela agudeza das polêmicas marxistas. França também, já desde 1930. Isso provoca certos hábitos e costumes distintos. Por exemplo, onde as polêmicas foram fortes, utilizam-se qualificações muito fortes, como ocorria entre os exilados russos. Os russos eram piores, entretanto, porque estavam fora da Rússia. Isso azeda mais as disputas políticas.

Com Mandel há 30 anos que não faço outra coisa que polemizar e dizer-lhe que traiu, que é um dos cinco grandes traidores que o movimento operário produziu neste século porque traiu a revolução boliviana -e não me retifico-. Quero aclarar então com respeito a Mandel, como com respeito a Lambert, que saibam que estamos criticando duas grandes figuras, dois monumentos do trotskismo.

(...) há companheiros que, por falta de experiência, não compreendem esta dialética. Por exemplo, Trotsky queria, apreciava, admirava, considerava [Andréas] Nin parte intrínseca dele; entretanto dizia-lhe todos os dias que era um traidor. Porém era um qualificativo político.

(...) quero aclarar isso, porque sei que há companheiros que se preocupam com os qualificativos políticos. Digo isso, então, para localizar bem a polêmica. Tenho admiração por Mandel.

E no caso de Mandel, de Lambert, meu e de Stéphane Just, agrego uma coisa mais: é preciso perdoar-nos a todos. Somos a geração perdida do marxismo revolucionário (...) digo isso porque ouvirão muitos adjetivos fortes, aos que reivindico porque acredito que são científicos, porém que não tem nada a ver com o reconhecimento pessoal.

Porém recordo que, cada vez que discutiam comigo uma posição e ganhavam, ficava vermelho, por dentro sofria, porque haviam derrotado uma posição minha. Confesso-lhes isso.

Depois comprehendi que essa é uma característica da pequena burguesia, que confunde personalidade com os fatos e com as opiniões. Não é assim. A personalidade é um fenômeno que vai além das opiniões, ou antes. Pede haver uma personalidade incrível que de um golpe dê uma opinião extraordinária, acertada. Pode ser o oposto: que tenha uma opinião totalmente equivocada e, como personalidade, tomando a vida em seu conjunto, ser uma vida positiva.

Felizmente, Chueco Britos, meu amigo íntimo de toda a vida, um grande dirigente dos frigoríficos com quem lutávamos muito juntos, me deu a grande lição, a que me fez dar o salto qualitativo e transformar-me em um bolchevique. Estábamos discutindo fortemente um problema para a fábrica. Fazia meia hora que discutíamos. Ele tinha uma tática e eu outra. E de golpe Chueco Britos sorriu, um grande sorriso, contentíssimo, e me disse: "vou repetir em argentino: *Que boludo que soy! Tenés razón!*" (Que idiota sou eu! Você tem razão.) E estava contentíssimo.

Eu fiquei surpreso: Como me diz que tenho razão? Depois de meia hora de discussão me diz que é um idiota, e não bastasse com esse sorriso enorme. Pensei e entendi. Claro, o que mais queria Chueco Britos era derrotar a patronal, o frigorífico. Havia compreendido que o que eu dizia era uma ferramenta muito mais útil para derrotar a patronal que o que ele propunha. Ele se deu conta de que ia fazer besteira. E estava contente; mais alegria impossível.

(...) O marxismo tem três corpos, chamemo-nos assim. Um são os princípios, outro a estratégia e outro a tática.

(...) Há um conjunto de princípios que não se pode deixar de expressar e de defender nem por um só minuto. São princípios: por isso é o mais importante. Porque sempre, quando se faz toda discussão, se discute a tática, a situação concreta. Porém se há um trotskista que diz que um governo burguês é bom e pode adotar medidas positivas para a classe operária, para nós é um problema de princípios. Isso é a primeira coisa que se deve discutir, todo o resto é secundário.

(...) Os princípios são poucos, não muitos. Podemos enumerá-los, e é revisionista todo aquele que vai em linhas gerais contra os princípios..

(...) Toda corrente revisionista responde a forças sociais, porque alguém que não é revisionista pode discrepar com um, dos ou três princípios, porém não com quase todos. Se é com quase todos, se se trata de um fenômeno total, então é uma corrente que tende a ir embora do trotskismo. Sempre há forças sociais: os intelectuais, a aristocracia operária, etc.

(...) Vocês sabiam que, na UNEF [o sindicato estudantil francês], a OCI se opôs, e votou junto com os socialistas contra a retirada das tropas? Isso é traição, nem sequer revisionismo. Para que vocês saibam como nos movemos politicamente, se aí a LIT fosse forte, lutariam, pegaríam os porretes e cairíam de pau sobre esses canalhas. Como se pode estar contra a retirada das tropas do exército francês?! Isso é para chegar a tiros. São duas barricadas. Não pode haver nenhum trotskista que vote contra a retirada das tropas imperialistas das colônias negras. E isso também é de princípios.

(...) Aceitamos as ilusões, porém o eixo de nossa política não são as ilusões. Lenin dizia que nosso grande adversário, contra quem damos nosso grande combate é a mentalidade da classe operária. Saber ficar só, não capitar a essa mentalidade. Esse pretexto das ilusões é o argumento revisionista. Quando houve guerra mundial, todas as massas iam às ruas, iam à guerra, havia ilusões. Em troca, os marxistas ficavam sozinhos.

6 – Problemas de Organização

Nahuel Moreno (16 de Julho de 1984)

(...)

I - Teoria e História da Organização Operária-Revolucionária

A Importância da Organização

O problema da organização é dificílimo, muito complexo, porque encerra, em si mesmo, uma contradição que às vezes se torna aguda. Toda organização ou estrutura é conservadora, precisamente porque tende a evitar que o que existe desapareça, destrua-se. Porém, ao mesmo tempo, a classe operária dá para si ou necessita de organizações revolucionárias para lutar contra a burguesia e derrotá-la, isto é, destruir o sistema capitalista.

(...) O primeiro problema, o da organização das massas, é, em certo sentido, mais simples do que o segundo. O partido não pode inventar nem impor formas organizativas para as massas, elas próprias criam-nas. A grande arte do partido é a de descobrir quando aparecem os primeiros sintomas e agitá-los para que se generalizem. Ou, caso não apareçam, aconselhar pacientemente as massas quanto a alguma forma organizativa de acordo com a situação e a experiência histórica. (...)

O problema da organização do partido, ao contrário, está em nossas mãos. As massas podem fazer prodígios de heroísmo e forjar magníficas organizações revolucionárias para tomar o poder. Porém, se nós não acertarmos com a nossa própria forma organizativa que nos permita construir o estado maior dessas lutas e organizações, se não conseguirmos organizar firmemente, estruturar com laços de ferro nossa influência e a simpatia para com a nossa política e programa nas massas, nós e a revolução estaremos perdidos. Está ai o exemplo da Bolívia: sobra luta revolucionária; sobra organização das massas para tornar o poder, sobra programa... todavia falta o partido como estrutura orgânica com raízes firmemente implantadas no seio das massas revolucionárias. Este é o grande problema, de vida ou morte que é preciso resolver na Bolívia. E, também, ainda que partamos de uma situação qualitativamente superior do nosso partido e de um ritmo revolucionário mais lento da realidade objetiva, na Argentina.

(...)

A Mudança na Organização do Partido Socialista Revolucionário

Fabricou-se um fetichismo, sobretudo da parte do estalinismo, sobre a forma socialista revolucionária como sendo una, fixa e imutável: a organização através de pequenas células. Nós, os pobres

trotskistas, que sobrevivemos durante décadas isolados, vendo que passavam anos e nossa organização continuava pequena, fomos vítimas desse fetichismo. Ainda não acabamos de romper com ele. Continuamos acreditando que o socialismo revolucionário é uma forma de organização permanente, sempre igual a si mesma.

Na realidade é o oposto. O partido socialista revolucionário é duro programaticamente e nos princípios (...) Cada vez que há uma mudança na realidade objetiva, o partido muda suas palavras de ordem, suas políticas, suas táticas e suas estratégias... e também suas formas organizativas. Esta é a verdadeira essência da forma socialista revolucionária de organização: a mudança, a adaptação à realidade da luta de classes e às tarefas e objetivos que o partido dá para si, em cada etapa.

As mudanças na forma organizativa do partido são determinadas pela combinação de dois fatores fundamentais: a situação da luta de classes e a situação ou grau de desenvolvimento do próprio partido. É evidente que a estrutura organizativa do partido não pode ser igual em uma etapa de triunfo da contrarrevolução, sob um regime fascista ou semi-fascista, e em uma etapa revolucionária. Aquela seria ultra-clandestina, de pequenas células de ultra-vanguarda, onde só podem participar militantes provados previamente e firmemente captados pelo partido; esta seria aberta, legal, com reuniões amplas, se é necessário, onde participariam companheiros recém aproximados do partido, que completariam seu processo de captação dentro da estrutura orgânica do partido.

Mas, além destes exemplos amplos, dentro de uma mesma etapa, a estrutura do partido tenderá a adequar-se a outros processos de tipo objetivo, social. Não será a mesma forma organizativa se setores do movimento de massas vão rapidamente para a esquerda ou se, como ocorre freqüentemente na primeira etapa da revolução, isto não ocorre e as massas sofrem, massivamente, a embriaguês "democrática" e afluem para partidos reformistas. No primeiro caso, o partido deverá adotar uma forma organizativa adequada para organizar ao seu redor esses setores de massas; no segundo, em que pese a situação revolucionária, deverá manter a estrutura do chamado "partido de vanguarda", quer dizer, de militantes que, em maior ou menor medida, já definiram que dedicarão uma parte importante de sua vida para a militância revolucionária.

Para não estender muito, a estrutura partidária deverá adaptar-se as características nacionais e, mais especificamente, às das classes exploradas. Evidentemente, não pode ser a mesma para intervir no processo revolucionário na Nicarágua e na Argentina. Na Nicarágua praticamente não havia sindicatos sob Somoza. Os sindicatos apareceram massivamente depois de sua queda. A luta revolucionária desenvolveu-se através de uma combinação de guerra entre exércitos e insurreições urbanas organizadas geograficamente por bairros. Evidentemente, o socialismo revolucionário tinha que adaptar sua organização a estas características nacionais. Daí que, existindo um partido na Nicarágua, a Brigada Simón Bolívar deveria ter-se organizado em torno dos bairros populares.

Na Argentina é totalmente diferente. A clássica organização de massas são os sindicatos, há quase um século. Dentro deles, o organismo fundamental, nos últimos 40 anos, é a Comissão Interna e o corpo de delegados. O partido organiza-se em função disto: grupos por empresas para lutar pela direção desses organismos das massas.

Finalmente, o partido em circunstâncias que para nós são excepcionais, como é a participação nos processos eleitorais burgueses, às vezes deve adotar uma forma organizativa de tipo geográfico-barrial e até colocar em segundo plano, em certas ocasiões, a clássica inserção estrutural de seus organismos (por empresa ou lugar de estudo, além e por cima dos bairros).

Todavia, a questão organizativa torna-se qualitativamente mais complexa porque também incide sobre um segundo fator: o próprio partido. Uma vez que, ao colocarmos uma tarefa ou objetivo para uma etapa, não apenas respondemos às perguntas: o que ocorre na luta de classes? Mas também esta outra: com que partido, com qual material humano - direção, quadros médios e militantes - contamos para intervir nela?

Muito esquematicamente podemos assinalar três estágios no desenvolvimento de um partido: o primeiro núcleo fundador, muitas vezes de uns poucos indivíduos; o partido de propaganda que já realizou sua etapa de acumulação de quadros e conta com algumas centenas deles; o partido com influência de massas. Uma situação revolucionária desenvolvida, com setores rompendo pela esquerda com os aparatos reformistas e burocráticos, já nos coloca, objetivamente, a possibilidade de conquistar influência de massas, quer dizer, de arrastar, por sua política, setores de base do movimento de massas. Porém, obviamente, nossa estrutura organizativa não será a mesma se o partido é de uns poucos indivíduos daquele que já alcançou certa influência de massas. Neste último caso, é uma obrigação do partido golpear e estruturar seus organismos em todos os setores do movimento de massas (ainda que priorizando aquele que se perfila como vanguarda da revolução, por exemplo, a classe operária industrial na Argentina, os mineiros e fabris na Bolívia, etc.). Se, por outro lado, somos uns poucos companheiros, o intento de estruturarmo-nos em todos os setores é fatal, destrói o partido. Pelo contrário, trata-se de girar todos os companheiros para um só setor, para não dispersar forças e armar o partido, suas organizações e sua influência de massas nesse setor. Não se trata, em uma situação como a descrita, se somos um pequeno partido, de nos auto-definir como "grupo de propaganda" e não intervir com tudo na luta revolucionária. Trata-se, isto sim, de fazer a mesma tarefa que um grande partido faria sobre todo o movimento de massas só que sobre um setor deste, o mais favorável para um rápido desenvolvimento orgânico e para influência política do partido. Ainda que a tarefa seja a mesma, a forma organizativa é totalmente diferente. Porém, se acertarmos na tarefa política e não na forma organizativa corremos o risco de desaparecer.

Em outro plano, a forma organizativa do partido depende de algo tão simples como a existência ou não de quadros capazes de construir e dirigir os organismos. Este foi um grave problema para nós. Levamos anos e anos para solucionar. Tentamos todo tipo de formas organizativas - por sindicato, por fábrica, por bairro... - e a cada seis meses ou um ano desabavam. A chave nos deu um companheiro francês, de base, sem grande nível teórico, que possivelmente refletia a influência da tradição que deixou Trotsky quando viveu na França. Este camarada nos perguntou: quantos quadros capazes de dirigir organismos tínhamos. E aconselhou que não fizéssemos qualquer organismo - fosse uma célula, uma fração sindical, um grupo de bairro, ou de teatro ou o que fosse - se não tínhamos um quadro capaz de dirigí-lo. Se não tem direção um organismo fracassa, por mais perfeito que seja nos papéis. O problema dos quadros existentes é, pois, um problema decisivo - qualquer que seja a etapa da luta de classes que estejamos atravessando - para definir a forma organizativa do partido.

Nós, por exemplo, decidimos organizar o partido durante a campanha eleitoral em torno dos 600 locais que íamos abrir nos bairros operários periféricos. Pudemos planejar isto porque contávamos com uma quantidade similar ou maior de quadros médios, capazes de abrir e dirigir os locais. Se o partido tivesse tido que enfrentar a campanha eleitoral com apenas 50 quadros, teríamos que pensar outra forma organizativa. Possivelmente nos concentraríamos em uns poucos municípios, com grandes sedes centrais, ou outra vertente.

(...)

O Partido Bolchevique

Contra as previsões de Marx, a primeira revolução socialista não triunfou nos países imperialistas mais desenvolvidos e sim no mais atrasado deles, na Rússia Tzarista, com sua população esmagadoramente camponesa, que nunca conheceu a democracia burguesa, porém, também, com o proletariado mais concentrado do mundo. A necessidade de construir o partido para a revolução nessas condições objetivas, onde a norma era a clandestinidade absoluta, onde não havia sindicatos legais nem, muitos menos, eleições periódicas, explica o surgimento de um novo tipo de partido: o bolchevique. Será uma forma de organização inovadora, revolucionária, que podemos descrever em poucos traços fundamentais:

1. tinha uma estrutura que Lenin chamava "conspirativa", isto é, centralizada e disciplinada, apta para agir em toda situação da luta de classes, passar rapidamente da legalidade para a clandestinidade e vice-versa, adequada para centralizar, organicamente, todas as forças do movimento de massas para a tomada do poder pela via insurrecional;
2. não aceitava, em seu seio, todas as correntes e programas pelo simples fato de reivindicarem-se socialistas. Pelo contrário, estabelecia uma clara linha divisória entre os revolucionários e os reformistas. O partido era dos revolucionários, os reformistas que fizessem outro partido;
3. a atividade central do partido não era a eleitoral e sim a luta de classes. É o partido do trabalho diário, que intervém nas lutas de todos os dias da classe operária e das massas exploradas, acompanha-as, procura organizá-las e organiza, na classe e em suas lutas, o próprio partido. Está nos combates da classe, em todos, tanto nos grandes quanto nos pequenos. Sempre procura estar na frente deles, dirigi-los e organizá-los ou, no mínimo, intervir nos combates espontâneos que a classe faz.

Como se vê é uma forma organizativa diametralmente oposta àquela da social-democracia.

O Fim do Partido Único da Classe Operária

(...) A classe operária é mais homogênea do que a burguesia, a mais homogênea da sociedade. Porém, em que pese isto, não tem garantido a suficiente homogeneidade política de maneira a ter um só partido. Como toda classe, tem diferentes segmentos. Há aristocracias, operários médios e operários super-explorados, quase marginais. Há setores com trabalho temporário e outros que trabalham permanentemente. Os que são da indústria pesada, os da indústria leve, dos serviços e, também o proletariado agrícola. Tudo isto dá motivo para o surgimento de partidos distintos.

Também se dão, refletindo esta heterogeneidade estrutural, ainda que não de forma mecânica, diferentes graus de desenvolvimento da consciência na classe operária. Como disse Trotsky, em uma de suas brilhantes análises: há setores da classe operária que olham para trás e outros que olham para frente (e, nós acrescentamos, outros que não olham para qualquer lado).

Evidentemente, não podem estar no mesmo partido os operários com expectativas pequeno-burguesas, que ainda acreditam que se pode progredir individualmente nos limites do sistema capitalista, e que irão para algum partido burguês ou para algum tipo de partido reformista, com os operários que querem o socialismo, mas não percebem que para consegui-lo é preciso fazer uma revolução, que irão parar em algum partido de tipo social-democrata, com os operários que já são revolucionários e entrarão para o partido marxista revolucionário.

Por qualquer ângulo que se olhe, não há qualquer razão científica que explique ou justifique que deva existir um só partido para a classe operária.

(...)

II - Revolucionar a Organização Partidária

(...)

Estamos numa encruzilhada

A situação da luta de classes e a do próprio partido nos colocam numa encruzilhada. Há uma lei de ferro para os socialistas revolucionários: se não somos uma seita, toda grande oportunidade não aproveitada equivale a retrocesso e crise. É falso todo projeto evolutivo, de desenvolvimento gradual. Se seguimos o ritmo e a forma organizativa que temos, não iremos adiante “lentos, mas seguros”; vamos rápido e seguros para trás. E, o que é mais grave, não vamos responder a um problema de vida ou morte para a revolução na Argentina: ou nosso partido se transforma em partido de massas ou, novamente, se perderá esta grande oportunidade histórica revolucionária, que é a maior que já viveu nosso país. Se não respondermos construindo aqui e agora o grande partido da revolução, firmemente enraizado, soldado ao movimento de massas e à vanguarda operária, a alternativa será um novo golpe e um novo genocídio, muito piores que a ditadura que acabamos de derrotar.

Necessitamos, pois, uma urgente revolução partidária. Não em nossa política, que se demonstrou correta, mas em nossa atividade e organização. Desde que se abriu a etapa revolucionária, passamos por duas etapas na atividade e na organização partidárias: da legalidade com as eleições e a “de transição”. Agora, temos de entrar com tudo numa terceira etapa, a da nova situação revolucionária.

Encaramos a etapa eleitoral com um partido que, na clandestinidade, pelas razões que fossem – justificadas ou não – estava organizado essencialmente no centro das grandes cidades. E, dentro das grandes cidades, Buenos Aires, já que em outras, como Córdoba e Rosário, fomos muito perseguidos. Fez-se um partido quase portenho e, como era a época da *plata Dulce* (6), centrado nos sindicatos, como de bancários, onde era mais fácil conseguir trabalho porque era o setor que mais se desenvolvia.

(6) Período de alta econômica baseada no neoliberalismo. Seria mais ou menos o equivalente a algo como “nos tempos das vacas gordas”.

Quando nos demos conta de que acabou a ditadura, que veio uma etapa de amplas liberdades democráticas e as eleições eram inevitáveis, adotamos uma resolução organizativa transcendente, audaz, para adequar o partido à nova situação. Sem essa resolução, a análise não nos teria servido para nada. Ela [a resolução] foi: sair dos três locais pequenos, superclandestinos que tinha o partido e abrir 200 ou 300 sedes nos bairros mais operários, periféricos. Estas sedes passaram a ser a forma organizativa central do partido e nos deram um resultado extraordinário.

Quando entramos diretamente na campanha eleitoral, nos demos a tarefa de abrir 200 ou 300 sedes a mais, de qualquer maneira. O salto foi imenso. Crescemos tanto, se tornou tão forte o partido, que as sedes se abriram sem que pagássemos nenhum aluguel: os trabalhadores nos emprestavam, fazia-se arrecadações nos bairros etc. o ápice desse salto foi o ato do Luna Park. Chegamos a vender 60.000 jornais. Não sabemos se chegamos a ter 10, 15, 20 ou 22 mil militantes.

Para darmos essa forma organizativa, levamos em conta a realidade do país e do movimento operário e a situação do partido. Pudemos abrir as sedes porque no movimento operário havia um começo de ruptura de um setor com o peronismo que nos dava a matéria prima para fazê-lo. E também porque o partido contava com os quadros necessários. Recordemos que, ao final da campanha de abertura de sedes, praticamente cada uma delas estava sendo dirigida por um só companheiro: o quadro ou, para irmos nos familiarizando com a terminologia leninista, o “chefe” da sede.

Assim, entramos na segunda etapa, a da “transição” provocada pelas eleições. Parecia que um ou dois meses antes delas [das eleições] já havia começado nosso retrocesso. Na medida em que o peronismo e Alfonsín se consolidavam, iam aparecendo sintomas importantes de que nenhum fragmento da massa viria até nós, ao mesmo tempo que os que tinham vindo começavam a nos abandonar. Houve grandes dúvidas no partido. Quase todos os quadros opinavam que não estávamos perdendo. Uns poucos militantes assinalavam que cada vez menos companheiros vinham às reuniões das sedes. Porém essas hipóteses, disso se tratava, não eram suficientes para decidir uma nova mudança organizativa. Havia de se levar em conta que é muito perigoso mudar as formas organizativas de um dia para o outro, sem suficiente precisão das caracterizações, de forma irresponsável, quando seguíamos submersos na campanha eleitoral. Imaginemos o que teria acontecido ao partido se tivéssemos nos lançado a fechar sedes antes das eleições.

A derrota eleitoral mostrou com clareza dois fenômenos que não tínhamos detectado claramente nas semanas anteriores: não conseguimos reter em torno do partido nenhum setor de massas e, como reflexo disso, perdíamos centenas e milhares de militantes. Podemos discutir se perdemos uns poucos milhares ou mais de 10.000. O certo, porém, é que as sedes se esvaziaram numa velocidade supersônica.

Por este duplo fenômeno, objetivo e subjetivo, mudamos nossa forma organizativa a partir de 30 de outubro. Na totalidade do movimento de massas, reinava a embriaguez “democrática”, as expectativas no novo regime e no governo. E já tínhamos ficado reduzidos a uma quantidade de militantes organizados que, na melhor das hipóteses, aproximava-se de uns poucos milhares. Analisamos que tínhamos ficado (ou voltado) na categoria de “partido de vanguarda”. Demo-nos uma forma organizativa de retrocesso. Fomos a sedes amplas. Reunimos os companheiros para aguentar melhor a tempestade. Demo-nos como tarefa fundamental a consolidação do partido através da politização.

Agora, entramos numa terceira etapa. Cremos que a tempestade já terminou. Há descontentamento com o governo, que se revelou débil e com sérios sintomas de crise. Estouram as greves. Surge uma nova direção operária em nível de local de trabalho ou setor. Parece que voltam a nós os setores que influenciamos durante a campanha eleitoral. É provável que estejam surgindo novos setores – ainda

minoritários – do movimento operário e de massas que estejam rompendo com o peronismo, que aprofunda sua crise ou comece a retroceder rapidamente de sua curta primavera alfonsinista. O novo: começamos a ganhar para o partido o melhor da classe operária. E saímos de nosso retrocesso com cerca de 1.500 quadros.

Não podemos continuar encerrados nas sedes. Temos de voltar a sair com tudo novamente para repetir, num plano muito mais elevado, a formidável experiência que foi abrir as sedes, fazer o ato em Luna Park e vender os 60.000 jornais. Temos de repetir, corrigida e ampliada, essa etapa que reivindicamos como a mais brilhante e colossal da história de nosso partido. Onde estivemos a milímetros de nos convertermos num partido com influência de massas.

É muito comum que os grandes movimentos, condenados à morte, façam sua última demonstração de força antes de desaparecerem do processo histórico. E é muito provável que a recente eleição tenha sido o último ou penúltimo ato do peronismo e do radicalismo como movimentos de massas.

É uma oportunidade como não tivemos outra. Estamos na etapa em que podemos e devemos multiplicar a venda do jornal em novas empresas, bairros, colégios e faculdades. Como a sombra ao corpo, por trás do periódico, devem seguir os organismos partidários nesses lugares onde colocamos. Antes, eram os jornais e as sedes nos bairros. Agora, temos pela frente os jornais e construir grupos do partido e da juventude em milhares de fábricas, oficinas, colégios, universidades e bairros operários e populares.

Os Grupos do Partido

Estamos, então, frente a uma tarefa parecida, em certo sentido, com a abertura de sedes. Quando as abrimos, fizemos a partir de uma profunda análise sócio-cultural da classe operária.

(...) Fizemos o oposto: fomos onde estavam os operários, onde vivem, onde nos sábados à tarde ou nos domingos podiam conversar conosco sem que isso significasse um sacrifício adicional. A circunstância de que a atividade central era eleitoral foi a segunda razão de peso para que adotássemos a forma organizativa das sedes.

Agora temos que fazer o mesmo. Irmos onde estão os trabalhadores. Agora não se trata de abrir sedes nos bairros, ainda que, seguramente, também faremos. Trata-se de organizar os operários, fundamentalmente, onde eles lutam e onde surge a nova direção: nas empresas.

(...) Antes que na direção resolvêssemos por esta orientação, já havia alguns companheiros que tinham começado a discuti-la e aprová-la. Em Somisa de San Nicolás, por exemplo, o partido tinha 80 ou 100 trabalhadores muito firmes, que cotizavam alto, faziam as tarefas que propúnhamos e alguns eram delegados. Porém, cada vez vinham menos à reunião na sede. O segredo era que estavam trabalhando até 16 horas por dia e se sentiam esgotados pelo trabalho.

Quantos militantes tínhamos em Somiza? Havia dois critérios: se os organizávamos na fábrica eram várias dezenas. Se a reunião era na sede participavam seis ou sete.

(...) Tratava-se de um fenômeno mundial: o aumento brutal da exploração capitalista. Entendemos o que se passava com nossos 80 ou 100 companheiros de Somisa: não vinham à sede porque estavam destroçados e embrutecidos pelo trabalho e não tinham tempo nem vontade para vir. Em seguida, nos colocamos de acordo: teria que se fazer as reuniões na fábrica, nem mesmo na saída. (...) Se, em uma fábrica, os companheiros reúnem-se todos os dias 15 ou 20 minutos, na semana temos uma muito boa reunião de duas horas e meia ou três horas.

Ali discutirão os problemas do estabelecimento ou do sindicato, assim como todos os problemas da luta de classes e da política nacional ou internacional.

(...)

Se construímos estes grupos, estamos fazendo urna verdadeira organização humana. Isto significa que nem tudo será igual, mas, pelo contrário, muito diverso. Nenhum grupo se parecerá com outro, como em uma escola, onde nenhuma série é igual a outra, nem qualquer aluno é igual a outro. (...) Se todos os grupos vendem a mesma média de jornais, cotizam a mesma quantidade de dinheiro, têm a mesma inserção ou influência sindical, etc., está acontecendo algo muito raro. Todos são iguais. Se, pelo contrário, há profundas diferenças, temos um partido vivo, que começa a ser de massas e que reflete o processo mutante e diverso de nossa classe.

O único que temos que pedir para os novos grupos é que trabalhem para o partido, ainda que seja um pouquinho todos os dias. Daí surge nossa definição do que é, nesta etapa, o militante partidário, muito parecido com a que fazia a III Internacional:

"Em geral, todo militante do Partido deve ser incorporado a um pequeno grupo de trabalho com vistas ao trabalho político cotidiano. (...) As organizações do Partido estreitam seus laços com os diferentes agrupamentos e membros através do trabalho cotidiano comum. (...) Em geral, para ser membro do Partido... é necessário... cumprir também com as formalidades da inscrição: primeiro, eventualmente, como aspirante, de pois como militante. É necessário pagar regularmente as cotizações estabelecidas, a assinatura do jornal do Partido, etc. Porém, o mais importante, é a participação de cada militante no trabalho político cotidiano".

O Jornal

A grande ferramenta para a construção do partido e dos novos grupos é o jornal. Daí, já termos dado a partida para nossa "saída para fora" propondo-nos um salto na colocação do jornal.
(...)

Os Quadros ou "Chefes"

Como já assinalamos não há organismo ou grupo do partido que possa existir se não está nele o companheiro que seja capaz de armá-lo e dirigi-lo. Esse companheiro é o que chamamos "quadro" ou "chefe". Concretamente, alcançaremos organizar tantos grupos do partido quantos chefes em condições de fazer a tarefa o partido tenha ou ganhe.

(...)

Hierarquizar a Estrutura Partidária

Do que disse até agora surge claramente a diferença entre um quadro e um militante de base. Uns militam muito, arrebentam-se pelo partido em qualquer tarefa que seja e/ou cumprem um lugar destacado na luta de classes ou em alguma tarefa específica partidária. Outros são companheiros que fazem sua atividade cotidiana em seu local de trabalho, estudo ou bairro, vendem alguns jornais e cotizam para o partido, mas não dedicam seu tempo livre ao partido, nem se destacam em alguma atividade. Muitos dos militantes de base, com o tempo, acabam sendo quadros. Também ganharemos quadros já feitos porque se formaram em outras organizações ou porque a própria luta de classes formou-os. De qualquer maneira, à medida que o partido cresça e se torne de massas, teremos mais e mais militantes de base, muitíssimo mais do que quadros.

Quadros e militantes de base têm, em certo sentido, os mesmos direitos. Todos têm organismos do partido nos quais discutem e votam; todos têm o mesmo voto para eleger delegados aos congressos do partido, etc. Porém, isso não significa que o partido não hierarquize os militantes. Para nós não é o mesmo o companheiro que se sacrifica totalmente ao partido e aquele que não o faz.

O quadro tem necessidades diferentes daquelas do militante de base. O quadro não busca no partido apenas as respostas políticas para a luta de classes, busca também respostas internas de todo tipo: linha organizativa, cursos teóricos, etc. Se, por exemplo, no processo de saída para fora, ganhamos num bairro um companheiro que vende três a quatro jornais semanais e está disposto a cotizar, ele é um militante de base. Porém, se esse companheiro começa a reunir dois ou três dos leitores do jornal e consegue que todos vendam 15 ou 20 jornais, está se tornando quadro. Imediatamente virá nos solicitar orientação de todo tipo: como organizar as reuniões? Que temas discutir? Como preparar um informe internacional, nacional ou de atividades? Que atividade dar aos companheiros que reúne? O companheiro já começou a dirigir.

Destes dois elementos, o grau de dedicação ao partido e as necessidades que ele coloca, surge a hierarquização do partido. Um quadro tem mais hierarquia do que um militante de base. Da mesma maneira, um dirigente regional tem mais hierarquia do que um quadro de base, já que atua e trata de orientar o conjunto dos quadros e militantes de uma região e ele coloca problemas superiores: elaborar uma política para toda a regional, em suas frentes sindicais, de bairros e estudantis; acompanhar de conjunto as relações com os partidos políticos da zona; garantir os cursos e escolas; ter e garantir um plano de conjunto de finanças; ter um aparato; etc. E aquela que é a sua tarefa mais importante: formar quadros.

Da mesma maneira, mais acima, onde estão os companheiros mais hierarquizados, estão os dirigentes nacionais. E, mais hierarquizados ainda: os internacionais. Esta hierarquização é parecida, em certo sentido, porém oposta, em outro, àquela do exército. No exército burguês sobe-se, burocraticamente, na hierarquia e por decisão da hierarquia máxima: o comandante em chefe. Ninguém cai na hierarquia, a não ser por alguma ação desonrosa ou algo semelhante. No partido não há hierarquias permanentes. Qualquer um cai se não rende e qualquer um sobe se rende. Um militante está mais ou menos hierarquitizado segundo seu rendimento para o partido e para a luta de classes em cada momento. Porém, além disso, a hierarquização se faz democraticamente. É a base do partido, não a direção, que elege os delegados aos congressos. E nos congressos esses delegados elegem a direção.

A hierarquia dos militantes ganha-se pelo esforço e pela capacidade individual, porém concretiza-se através dos organismos do partido. O que está hierarquitizado no partido são os seus organismos: o Comitê Central é o organismo dos dirigentes nacionais; a direção regional das regiões, etc.

(...)

A Grande Tarefa da Direção: Localizar, dar Iniciativa e Motivar os Quadros e Militantes

(...) Como vemos, esta tarefa, a de organizar localizando, dando iniciativa e motivando os companheiros, é o oposto aos métodos administrativos que muitas vezes utilizamos. Para o administrador cada companheiro é um número e o mesmo se passa com cada jornal colocado. Resulta em um informe: temos tantos quadros, tantos militantes, tantos grupos e vendemos tantos jornais... Tá acabado. Para o verdadeiro organizador, cada quadro, grupo, militante e leitor do jornal é um ser humano ou um organismo humano e, por isso mesmo, diferentes uns dos outros, ao contrário dos números não são todos iguais.

Apenas formando-nos e ajudando a formar todos os quadros com este critério poderemos avançar para construir um partido de massas.

7 – Conversando com Moreno

Nahuel Moreno

Capítulo II - O Partido Revolucionário

(...) Vamos agora a um problema teórico muito importante. Marx sustentou, em sua época, que à classe operária devia corresponder um só partido. Depois, viu-se que no proletariado existem diferentes setores, com seus correspondentes partidos. Não se pode negar que esses partidos contam com bases sociais muito sólidas: por exemplo, a socialdemocracia, os partidos da II Internacional, baseiam-se na aristocracia operária.

Nós, os trotskistas, pensamos que o proletariado necessita de uma direção revolucionária em escala mundial, que hoje em dia não tem. Para isso, é necessário construir o partido. É a expressão moderna da direção de uma classe ou de um setor de classe.

(...) De tudo isso parece depreender-se que a unidade orgânica da esquerda é impossível.

Unidade num só partido não pode haver. Por enquanto, não. Talvez possa se dar depois da tomada do poder, quando toda a classe alcançar um nível de vida semelhante. Por isso, insisto que durante uma etapa histórica, sim, existiu essa unidade, mas que o surgimento do imperialismo e do proletariado dos países atrasados nos leva a descartar a hipótese de Marx para nossa época e a reconhecer leis novas, geradas pelo desenvolvimento do capitalismo mundial.

Que setor de classe representa o trotskismo?

Eu estou convencido de que o trotskismo reflete, politicamente, o setor mais explorado do proletariado, mas sempre procura mobilizar o conjunto dos trabalhadores, inclusive seus setores mais atrasados ou os mais aristocráticos. Por isso, dizemos que o trotskismo é a consciência das necessidades históricas da classe operária em seu conjunto, não de tal ou qual setor.

(...) O trotskismo foi, durante anos, um fenômeno marginal. De certo modo, ainda é.

(...) Por que somos marginais? Por várias razões. Uma, muito importante, é que a classe operária dos países adiantadas deste pósguerra deixa de ser o principal protagonista histórico, papel que tinha cumprido desde aproximadamente a década de 1970 ou 1980 do século passado até a Segunda Guerra Mundial.

(...) Devido a esse fenômeno, o trotskismo não tem base social em que se apoiar. O programa do trotskismo é o da classe operária mobilizada. Se não há mobilização operária, o trotskismo não tem onde se apoiar.

Esta é uma razão, mas existe outra. Ao começar a guerra o trotskismo tinha uma direção muito jovem, sem experiência no movimento de massas. (...) Essa direção tentou de alguma maneira fortalecer, desenvolver o trotskismo numa etapa, a partir de 1947, em que os operários não lutavam sistematicamente, mas sua própria inexperiência e falta de clareza política a levaram a procurar atalhos nas tarefas de construir o partido.

(...) E qual é o papel do trotskismo nos países onde a classe operária não é preponderante?

Esse é um problema secundário. A classe operária pode dirigir o processo ainda que seja minoritária. Eu discordo dessas análises sociológicas objetivistas que tenho lido ultimamente, segundo as quais a classe operária não pode dirigir o processo histórico mundial por ser minoritária ou porque seu número está diminuindo. O proletariado russo era uma pequena minoria da população, no entanto, dirigiu a Revolução de Outubro.

Eu me refiro ao caráter de classe. Nós tentamos dirigir o proletariado, jamais nos distanciamos dele. Isto não é declamação, é uma política internacional de classe que se depreende de uma análise teórica profunda. Não há blefe político que valha. De nada adianta mentir, dizer ao campesinato que somos camponeses, com o objetivo de fazer a revolução operária. Se a classe operária não nos seguir, não chegaremos a lugar nenhum. Iremos nos burocratizar, capitular ao campesinato. É inconcebível fazer a revolução proletária sem o proletariado.

Ao longo de minha vida política, depois, por exemplo, de ver com simpatia o regime que surgiu da Revolução Cubana, cheguei à conclusão de que é necessário continuar com a política revolucionária de classe, ainda que, para nós, isso signifique adiar a chegada ao poder em vinte ou trinta anos, ou o que seja. Nós aspiramos que seja a classe operária a que verdadeiramente chegue ao poder, por isso queremos dirigí-la.

(...) Por conseguinte, a tarefa dos trotskistas é penetrar gradualmente no movimento operário e construir seu partido...

Para mim, nenhuma construção é gradual, na natureza ou no que seja. Há, sim, certas etapas na construção do partido. Uma é a teórica, de elaboração do programa e análise da realidade. É muito complexa, porque sem uma análise e sem uma organização mundial não podem haver análises nacionais

corretas. Também há uma etapa de penetração no movimento operário. Podem existir mediações: por exemplo, durante um período, o partido milita no movimento estudantil a fim de ganhar setores da esquerda para as posições trotskistas. Mas o objetivo a curto prazo - dois, três, quatro anos - é ir ao proletariado. Uma organização trotskista que não esteja cheia de militantes operários vive em crise permanente, mesmo que seja formada por companheiros muito inteligentes e capazes. É o caso de alguns de nossos partidos, em que há companheiros, inclusive brilhantes, mas jovens e sem formação na luta de classes.

(...)

Capítulo III - O Partido Mundial

Ao longo de sua vida política, você tem dedicado enormes esforços à construção de uma organização revolucionária mundial...

Eu diria melhor, que a maior parte de minha militância política esteve, e continua estando, voltada ao partido mundial, à construção da IV Internacional.

O partido mundial é a prioridade número um do movimento operário, porque existem uma economia e uma política mundiais, às quais estão subordinadas as realidades nacionais. (...)

A existência de uma política mundial é característica do capitalismo e, já que se trata de derrubá-lo, precisa-se de um instrumento de acordo com essa realidade e com essa tarefa.

(...) Hoje em dia, nós, internacionalistas, somos uma ínfima minoria no movimento de massas mundial. Nós, trotskistas, somos os únicos que reivindicamos a necessidade indispensável de contar com uma organização sindical e uma organização política internacional, um partido mundial centralizado.

(...) Melhor dizendo, são necessárias duas Internacionais intimamente ligadas: uma sindical e outra política.

Agora, devem os acrescentar que isso não nega as especificidades nacionais. Nós nos opomos a que a direção internacional ordene aos partidos nacionais como têm de atuar, que política devem aplicar...

(...) A Internacional, como nós a concebemos, se caracteriza pela existência de profundas diferenças, justamente porque é mundial. Não pode ser de outra maneira, numa reunião de delegados de países diferentes, que refletem diferentes culturas, tradições, inclusive idiomas. A unanimidade, nessas circunstâncias, é impossível.

(...) Você diz, então, que a Internacional cumpre principalmente um papel de elaboração política. Pode ou deve e direção da Internacional intervir na vida dos partidos nacionais?

Não somente de elaboração política, mas também de organização de campanhas internacionais, como a solidariedade com as grandes lutas operárias - desde a guerrilha salvadorenha até a greve mineira inglesa e a luta antiburocrática do Solidariedade na Polônia -, ou a política de unidade das massas dos países dependentes contra o pagamento da dívida externa.

Para responder à sua pergunta, considero que nesta etapa a Internacional não deve intervir nos partidos nacionais. Talvez mais adiante seja diferente, quando existir uma grande Internacional, com uma direção muito prestigiada e cujos par tidos tenham o poder em vários países.

No momento, deve intervir, e com toda energia, nas discussões políticas, mas seria um erro muito perigoso que a direção internacional mudasse a direção de um partido ou impusesse uma política nacional. O nacional é um aspecto específico do internacional, mas conserva um grau de autonomia muito grande.

Capítulo VI - Militância e Vida Cotidiana

Dizem que o partido leninista, com sua estrutura centralizada, sua disciplina quase militar, se extinguiu. Na Europa, sobretudo, grandes setores da esquerda se opõem a esse tipo de estrutura partidária. O que você diria aos que opinam dessa maneira?

Antes de mais nada, que não devem confundir par tido leninista com a caricatura que o stalinismo fez dele. Essas correntes que você menciona refletem a repugnância que os partidos stalinistas provocam: engoliram o conto de que o stalinismo é a continuação do leninismo, quando na realidade é exatamente o contrário. (...)

(...) No partido de Lenin, sempre reinou uma ampla democracia, sobretudo nos organismos de base. Os operários se sentiam à vontade nele, e com plena liberdade para discutir e criticar. Não passava pela cabeça de ninguém que um militante pudesse ser reprimido ou obrigado a autocriticar-se por suas posições políticas. Havia discussões, às vezes muito fortes, mas fraternais, sem repressão.

(...) No Partido Bolchevique, combinava-se a disciplina, ou seja, que todo o par tido participava ativamente da luta de classes com a mesma política, com uma autêntica democracia interna. A história o demonstra: nenhuma das grandes resoluções foi tomada por unanimidade, e me refiro a decisões tão importantes como a tomada do poder.

(...) Alguns nos viam, de fora, como um bloco monolítico...

Sim, ou como homens mecânicos. Comentaram-me que numa faculdade, quando chegam nossos companheiros, os militantes de outras tendências fazem gestos como imitando uns robôs. Isso não me assusta. É somente uma caricatura de uma virtude nossa, que é transparecer como um só homem ao redor das palavras de ordem votadas. Querem dar a entender que entre nós, dentro do partido, não existem relações fraternais e grande discussão.

A fraternidade, a confiança, é outro elemento fundamental. É a argamassa que une o partido. Essa confiança entre os revolucionários não pode existir sem democracia, o que nos une a todos é que cada um sente que os demais são seus camaradas de luta.

Por que é tão importante o funcionamento disciplinado em bloco?

Isso já foi demonstrado pela história. A disciplina, a centralização, os militantes que se entregam por inteiro ao partido, são características que se podem aceitar ou rechaçar, amar ou odiar, mas não houve uma só revolução que não tenha sido dirigida por um organismo desse tipo. Um organismo frouxo, não disciplinado, não jacobino, não pode tomar o poder. Nesse sentido, podemos dizer que o partido é democrático na discussão e funciona como um exército na ação.

Questionar o centralismo é questionar a própria eficiência. Se um anarquista me diz que rechaça qualquer forma de centralização, eu respondo que respeito sua opinião, mas que a discussão se dá em dois níveis: um, o que é que se quer; o outro, se a história falou em favor do centralismo ou da anarquia quanto à eficiência. Nenhuma revolução deste século triunfou sem um alto grau de disciplina e centralismo. É lógico, porque se trata de enfrentar o Estado com seu exército, sua política, todo seu aparato.

(...) O que você responderia aos que dizem que o militante perde sua individualidade?

Que acontece o contrário. Desenvolve-se a criatividade individual, com um controle social que é o partido. A sociedade burguesa também exerce um controle, mas procura o efeito oposto: se um indivíduo é um operário, só interessa à burguesia que ele passe a vida produzindo latinhas, por exemplo. Para o Partido Bolchevique, o indivíduo é sagrado, e sempre procura a maneira de ajudá-lo a se desenvolver. E a que se desenvolva justamente nas atividades mais nobres do ser humano: escrever, falar, organizar, lutar.

(...) O partido não se mete na vida íntima de ninguém. Salvo, claro, que se ponha em jogo sua segurança. Se alguém considera que furar uma greve ou revelar questões internas da organização à polícia são assuntos pessoais, o par tido tem o dever de se defender. Ninguém está impedido de estudar ou viajar, o partido só exige que o militante milite disciplinadamente e cumpra os compromissos que assume. Nesse marco, todos nos alegramos enormemente de que um companheiro tenha êxito em suas atividades pessoais, sejam de estudo, esportivas ou de qualquer tipo.

Há um fato que chamou a atenção de observadores fraternais, que assistem às reuniões do MAS ou de seus partidos irmãos em outros países: o ambiente de risadas e alegria que reina nas nossas reuniões (...)

(...) Passando a outro aspecto da vida partidária, você pode comentar algo sobre a moral proletária, ou moral partidária?

Não são a mesma coisa. A moral proletária tem a ver com a atividade sindical: acatar as decisões das assembleias, participar das greves, ser solidário com as lutas em outras empresas, ser bom companheiro, não ser pelego ou dedo-duro da patronal. A moral proletária procura a coesão da classe na luta e na vida cotidiana, isto é, que a classe operária se reconheça a si mesma e seja solidária.

A moral partidária responde às necessidades do partido. É muito mais restrita. Faz parte da moral operária, mas tem exigências mais amplas e específicas.

(...) Há companheiros que vivem por conta do partido, não é?

Sim, são companheiros que estão sempre à disposição do partido, têm que viajar, atender politicamente às diversas zonais, ajudá-las no seu desenvolvimento. Pode ser um companheiro de grande experiência política ou sindical, que o partido envia para apoiar uma direção regional quando se produz um fato de grande importância na luta de classes, uma grande greve ou um "Cordobazo". A imprensa partidária também necessita de companheiros com dedicação exclusiva. Há outros, que não são dirigentes mas que cumprem tarefas indispensáveis: o partido não pode resolver problemas de seu funcionamento sem advogado, contador, companheiros que cumprem tarefas de secretaria, enfim, o que chamamos de aparato do partido.

Nota do editor: Córdoba é uma importante cidade argentina (centro industrial e estudantil) em que ocorreu uma insurreição operária e popular no ano de 1969, conhecida como "Cordobazo". Moreno utiliza o termo como sinônimo de rebelião popular.

(...) De onde saem os recursos para isso?

Basicamente das cotizações dos próprios militantes. Um dos primeiros ensinamentos que aprende um companheiro que se aproxima de nós é que este é um partido operário e se mantém graças a isso. Para nós é uma questão moral e política de primeira grandeza, esta cotização mensal. É como a cota sindical, todos os operários a pagam, só que em nosso caso, o montante é voluntário, há companheiros que tem mais recursos que outros, e podem cotizar mais...

(...) Bom, vamos à última pergunta. Que balanço você faria de sua vida como militante? E não se ofenda, todos sabemos que lhe restam muitos anos ainda.

Você me pede um balanço pessoal?

Sim

Bem, desde que Trotsky escreveu seu lindo testamento, é um lugar comum para os trotskistas dizerem: "se voltasse a viver, faria exatamente o mesmo, mas retificando alguns erros". Eu reivindico plenamente ter sido durante toda a minha vida um militante profissional, dedicado integralmente ao partido e à revolução. Agora, creio que cometemos muito mais erros que Trotsky e os bolcheviques. Quando digo que o nosso foi um trotskismo bárbaro, é porque acredito de verdade, não estou fazendo demagogia. Nós nos formamos sozinhos, sem ajuda de uma verdadeira Internacional. Então, ao fazer o balanço, sem pena e com muito pouca glória, vejo uma enorme quantidade de erros, alguns deles muito graves, inclusive ridículos. (...) Se não tivéssemos cometido uma infinidade de erros como esse, estou convencido de que hoje estaríamos muito melhor do que estamos.

Outro erro muito grave foi ter tido tantos militantes profissionais no partido. Se pudesse voltar atrás, acho que deveríamos evitar isso, e que muitos dos companheiros que foram profissionais pagos pelo partido deveriam ter ido trabalhar e inserir-se na sociedade. A profissionalização gera tendências a viver fechado, a se marginalizar da sociedade.

Mas meu problema mais grave é o de equipe de direção: como cuidá-lo, fazer todos os sacrifícios necessários para que os dirigentes tenham boas relações entre eles. Durante um longo período, não entendi esse problema. Quando por fim o comprehendi, graças à direção do Socialist Workers Party e a Joe Hansen, em especial, já era tarde.

Alguns companheiros da velha guarda sustentam que a ruptura da velha equipe de direção, com Bengoechea, Lagar, Fucitto e outros, a melhor que o partido já teve em toda a sua história, era inevitável devido à influência política do castrismo. Esse fator existiu, mas eu vejo que se agregaram elementos do tipo subjetivo, com a minha colaboração. Preferi discutir e exercer a verdade em abstrato, em vez de ter todo o cuidado possível para manter essa equipe. Talvez não seja assim, mas eu morrerei com essa dúvida e essa pena.

Agradecimentos:

Queremos aqui registrar que, para a organização deste caderno, foi fundamental a ajuda de vários companheiros e companheiras que trabalharam na organização e tradução dos textos. Não citamos ninguém para não correr o risco de esquecer alguém e cometer uma injustiça. Mas registramos aqui nosso agradecimento a todos e todas.
